

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC
CENTRO DE HUMANIDADES – CH
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA – DH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH
MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL – MHS

BATALHAS DA MEMÓRIA:
a escrita militante de Rodolfo Teófilo

Isac Ferreira do Vale Neto

Fortaleza/2006

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC
CENTRO DE HUMANIDADES – CH
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA – DH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH
MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL – MHS

**BATALHAS DA MEMÓRIA:
a escrita militante de Rodolfo Teófilo**

Isac Ferreira do Vale Neto

Dissertação destinada ao exame de obtenção do grau de mestre de acordo com o Programa de Pós-Graduação em História, Mestrado em História Social, da Universidade Federal do Ceará – UFC, sob a orientação do Prof. Dr. Francisco Régis Lopes Ramos.

Fortaleza/2006

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em História Social, da Universidade Federal do Ceará, como requisito necessário para a obtenção do título de Mestre em História Social.

Aprovada em ___/___/___

Isac Ferreira do Vale Neto

Prof. Dr. Francisco Régis Lopes Ramos
(Orientador)

Profa. Dra. Adelaide Gonçalves

Profa. Dra. Giselle Martins Venancio

Resumo

Esta pesquisa tratou de interpretar as relações historicamente constituídas entre o farmacêutico, letrado e benemérito cearense Rodolfo Teófilo (1853-1932) e sua produção escrita. Acompanhando a historicidade da biografia de Rodolfo Teófilo busquei compreender como ele se utilizou de seus livros como lugar de memória para defender sua posição de intelectual e benemérito diante de seus contemporâneos e especialmente perante a posteridade. Ao interpretar suas obras busquei ainda analisar suas concepções sobre o fazer historiográfico, bem como as características autobiográficas presentes em seus livros.

Abstract

This research has the purpose to interpret the historically constituted relations between the literate, pharmacist and illustrious Rodolfo Teófilo (1853-1932) and his written production. Following the history of Rodolfo Teófilo's biography I tried to understand how he used his books as a place of memory to defend his intellectual and illustrious position in front of his contemporaries and especially the posterity. In an attempt to understand his works I also analyzed the author's conceptions about the historical making as well as the self-biographical features presented in his books.

Por esse motivo é que o tempo pareceu não ser nada mais do que uma distensão. Mas distensão de que não saberia dizê-lo exatamente; talvez uma distensão da própria alma.

Santo Agostinho

AGRADECIMENTOS

Uma dissertação é um ponto de chegada de um longo processo de leituras, pesquisas, reflexões e escrita, um percurso intelectual marcado quase sempre por dificuldades e angústias. Em um tipo de experiência como essa, foram inúmeras as pessoas que contribuíram das mais variadas formas para o êxito da dissertação.

Neste processo saliento duas pessoas que foram fundamentais. Primeiramente não posso prescindir de agradecer ao pesquisador Antonio Luiz Filho, não só pela revisão final do meu texto, mas por sua disposição (abnegada) em aceitar orientar um jovem recém-graduado em História para a seleção do mestrado, seu acompanhamento desde a produção do projeto até a seleção final, um convívio que foi intelectualmente enriquecedor. Sem ele provavelmente não chegaria até aqui.

Régis Lopes foi outro personagem decisivo, não somente como orientador, mas como amigo, tornando-se um referencial intelectual e pedagógico tanto em minha vida acadêmica como profissional. Seu esmero, paciência, erudição e inteligência marcaram minha experiência de orientando. Sem ele com certeza não chegaria até aqui.

Agradeço a Regina Jucá, sempre zelosa e atenciosa na realização de seus serviços na Secretaria da Pós-Graduação em História Social. Professores e colegas da academia, com quem passei agradáveis momentos de convívio intelectual, especialmente Eduardo e Rodrigo, companheiros mais próximos e partícipes de tantas ansiedades e alegrias.

Sou grato também a Kênia Rios, pelo acompanhamento na seleção do mestrado e pelas sugestões e empréstimos de materiais já na pós-graduação. Minha estima para as professoras Adelaide Gonçalves e Giselle Venancio pela participação em minha banca de defesa da dissertação.

Agradeço a vários profissionais com quem convivi em minhas pesquisas e cuja diligência e disponibilidade tornaram menos tortuosa minha tarefa: Madalena (Academia Cearense de Letras), seu Jerônimo e Gertrudes (Biblioteca Pública) e professor André Frota (Arquivo Público). Sou grato também à professora Jácer Pessoa pela tradução do resumo desta pesquisa.

Fora da esfera profissional, não poderia omitir as pessoas mais próximas que foram basilares em todo o processo envolvido na produção da dissertação. Elas apoiaram, tranqüilizaram e incentivaram, muitas vezes em momentos de dificuldades e incertezas. Neste ínterim sou incomensuravelmente grato ao meu amigo e “irmão” Domingos Sávio cujas conversas e conselhos sempre lúcidos foram de grande importância. Agradeço também a Mariano Júnior, Rogério Mendes e Wagner Oliveira, pessoas cujo convívio estreito e amizade me serviram de apoio em meio a tantos percalços vividos neste processo. Eciliano Alves e José Leite têm minha gratidão pela compreensão com que lidaram frente às contingências que perpassaram minha vida profissional nos últimos meses.

À minha família: Dona Socorro, Sulamita, Júnior, Caleb, Abner e especialmente Barak, meu sobrinho e alegria cotidiana.

Todo meu carinho e agradecimento a Evilângela, cujo carinho, paciência, incentivo e amor tantas vezes me fizeram seguir em meio a tantas dificuldades.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1. O INTELLECTUAL DAS SECAS	13
1.1 . 1877: a “seca-tipo”	13
1.2 . A fome de memória	35
1.3 . O cronista dos infortúnios do Ceará	50
2. A CONSTRUÇÃO DO BENEMÉRITO	71
2.1. Trilhas e atalhos da “saúde pública”	71
2.2. Vacinação e varíola (1904)	89
2.3. Vacinação e varíola (1910)	112
3. A PRODUÇÃO DA MEMÓRIA EXEMPLAR	130
3.1. Em torno da benemerência	130
3.2. O nascimento e o destino traçado	158
3.3. Homenagens, aniversários e estátuas	175
CONSIDERAÇÕES FINAIS	210
FONTES E BIBLIOGRAFIA	212

INTRODUÇÃO

Interessei-me por Rodolfo Teófilo a partir de uma pesquisa na graduação em História (UECE) a respeito das epidemias que acometeram a população cearense na segunda metade do século XIX, a saber: febre amarela (1850), cólera (1862) e principalmente a varíola (1878). Ao tentar debruçar-me sobre a situação da saúde pública em meio às epidemias, iniciei o contato com as obras de Rodolfo Teófilo, conferindo às mesmas o caráter de “fontes”. Posteriormente, já na pós-graduação, pude perceber como esta escrita possuía uma força política e ao mesmo tempo uma pretensão de “efeito de verdade” sobre a auto-imagem que ele desejava legar ao futuro.

É conhecida a atuação de Rodolfo Teófilo como benemérito e cidadão cearense nos períodos finais do século XIX e iniciais do século XX, sobretudo em seu envolvimento nas lutas abolicionistas, contra as epidemias, nas denúncias aos descasos governamentais e na sua cruzada pela vacinação da população cearense contra a varíola. A vida de Teófilo é considerada por vários historiadores como uma constante militância contra os abusos do poder constituído e em defesa do que poderíamos chamar de cidadania.¹

Por outro lado, menos conhecida é a sua extensa produção literária (28 livros), que engloba escritos sobre ciência, história política e saúde pública, sob diversas formas: prosa, romance e poesia. Frequentemente sua biografia é explicada por sua personalidade altruísta, abnegada e humanitária, ou mesmo pela figura do farmacêutico, homem ligado aos saberes higienistas e representante típico de setores médios emergentes na capital cearense.² Tal

¹ Cf. os textos de Régis Lopes e Adelaide Gonçalves nas edições fac-similares de *O caixeiro* (2002) e *Violência* (2005), cujas principais idéias são retomadas neste trabalho, conforme veremos adiante.

² Refiro-me principalmente a: SOMBRA, Waldy. *Rodolfo Teófilo, varão benemérito da pátria*. Fortaleza: Prefeitura Municipal de Maracanaú, 1997; LIRA NETO. *O poder e a peste. A vida de Rodolfo Teófilo*. Fortaleza: Demócrito Rocha, 1999; PORTO, Eymard. *Babaquara, chefetes e cabroeira*. Fortaleza do início do século XX. Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto, 1993.

interpretação tende a ser simplificadora, pois acaba postulando a uniformidade da personalidade biográfica, ignorando o caráter não-linear e fragmentário que envolve as províncias de significação de um indivíduo, desprezando assim as contradições e dificuldades presentes na construção de uma identidade social.³

Neste trabalho procuro levantar questões que ajudem a compreensão da relação entre Rodolfo Teófilo e seus livros: um movimento interpretativo balizado pela historicidade de sua própria escrita, considerada como indício do lugar social do autor e das experiências sociais vivenciadas pelo mesmo no momento em que escreve.

Neste aspecto, este trabalho privilegiará a construção (ou reconstituição) biográfica de Rodolfo Teófilo para, a partir dela, interpretar questões subjacentes à sua própria escrita, tais como: sua relação com a oralidade, memória e história, assim como seu uso como uma forma de controle do tempo.

É praticamente consensual a emergência do tema biográfico, quer no mercado editorial, quer na academia.⁴ Tal demanda surge como um desafio teórico e metodológico para os historiadores, que sentem cada vez mais a necessidade de debater o tema, cuja riqueza traz à tona várias questões: reconstituição de diferentes “atmosferas” sociais nas quais o biografado (inter)age; fuga das interpretações lineares coerentes sobre a identidade e os atos biográficos; o uso da narrativa; limitações cronológicas da pesquisa histórica e a

³ Aspectos que os biógrafos tendem a suprimir, criando o que Bourdieu chamou de “ilusão biográfica”. Conferir: BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). *Uso e abuso da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

⁴ “No campo mais específico do conhecimento acadêmico, o ‘retorno’ da biografia está ligado à chamada crise da ‘história científica’. Durante muito tempo, sob a tripla influência de Marx, Durkheim e Braudel, o biográfico, e de uma forma geral, o acontecimento, foi visto como a superfície da história, o epifenômeno de estruturas socioeconômicas profundas e impessoais, de uma consciência social externa ao indivíduo e do processo de longa duração não redutíveis a existências individuais. Hoje, pelo contrário, com o descrédito das totalizações, dos modelos explicativos genéricos e das idéias de sujeito universal e de sentido da/na história, ressurge o interesse pelas trajetórias individuais. Porém falar em ‘retorno’ ou ‘volta’ da biografia – bem como da narrativa e do político – parece ser equivocado, pois, como afirma Le Goff, ‘Cada um desses gêneros históricos (ou quase) volta com uma problemática renovada’”. (SCHMIDT, Benito Bisso. *Biografia histórica e o “retorno” do gênero e a noção de contexto* In: GUAZELLI, César Augusto B. (Org). *Questões de teoria e metodologia da história*. Porto Alegre: Editora da Universidade – UFRGS, 2000. p. 123).

contradição entre as liberdades dos indivíduos diante dos sistemas normativos que as tolhem. Destarte, a biografia histórica pode fornecer valiosos índices de determinada dinâmica social e / ou cultural, aumentando e reduzindo a escala de observação que pode ampliar o individual dentro de um coletivo dinâmico e interacional.

Além disso, é notório que a tarefa de construir uma biografia histórica não se furta à tradicional obrigação do historiador de contrapor a fragmentação das fontes à sua própria subjetividade:

Nesse sentido, é preciso conceber que mesmo os significados de comportamentos individuais são socialmente atribuídos e historicamente dados. Ao reconstruir a história de uma vida é preciso, pois, ter-se o cuidado para não se atribuir significados externos. Da mesma maneira, é preciso manter-se atento para não se perder em uma busca de origens ou na atribuição de causalidade aos acontecimentos. Não deve haver lugar para a teleologia.⁵

Michel de Certeau, ao dissertar sobre as técnicas do historiador na construção de seu objeto de pesquisa, salienta que, ao contrário de partir das “raridades” do passado para formular sínteses, o historiador parte de um sistema presente (formalizador) capaz de dar um lugar aos indícios construídos por seu trabalho, uma perspectiva marcante na historiografia contemporânea e que envolve a legitimidade da biografia histórica.

O historiador não é mais o homem capaz de constituir um império. Não visa mais o paraíso de uma história global. Circula *em torno* das racionalidades adquiridas. Trabalha nas margens. Deste ponto de vista se transforma num vagabundo. Numa sociedade devotada à generalização, dotada de poderosos meios centralizadores, ele se dirige para as marcas das grandes regiões exploradas (...). A própria biografia assume o papel de uma distância e de uma margem *proporcionadas* às construções globais. A pesquisa se dá objetos que

⁵ XAVIER, Regina Célia Lima. O desafio do trabalho biográfico. In: GUAZELLI, op. cit. p. 165.

têm a forma de sua prática: eles lhe fornecem o meio de *fazer aparecer diferenças* relativas às continuidades ou às unidades das quais parte a análise.⁶

Consciente da riqueza de possibilidades e da natureza recente dos debates sobre biografia, Giovanni Levi elaborou uma tipologia sobre abordagens biográficas que adotarei, a saber: prosográfica e modal; biografia e casos extremos; biografia e contexto; e, por fim, biografia e hermenêutica. No caso deste trabalho, a última abordagem (biografia e hermenêutica) forneceu a base para a interpretação da vida de Rodolfo Teófilo.⁷ Esta escolha teórica orientou uma primeira abordagem que tenta construir interpretações sobre sua vida, inserida na ambiência social onde se locomovia Teófilo.

Este trabalho inspira-se na perspectiva hermenêutica, que tende a tratar o material biográfico dentro de um viés discursivo que valoriza uma abordagem mais problematizadora, enfatizando o ato interpretativo em si; afinal, como ressalta Gadamer: “O sentido da investigação hermenêutica é revelar o milagre da compreensão, e não a misteriosa comunicação entre as almas. Compreender é o participar de uma perspectiva comum”.⁸ Uma “fusão de horizontes”, poder-se-ia dizer.

Neste sentido, a interpretação de determinados episódios da vida de Rodolfo Teófilo foi diretamente influenciada pela consideração de que, no ato de interpretação, o objeto de pesquisa e o sujeito tomam parte em um todo, o que permite o uso controlado da chamadas “antecipações hermenêuticas” ou “imaginação produtiva”, também conhecidos como “saltos de compreensão”. Estes funcionariam como um modo de preencher lacunas interpretativas dentro do

⁶ CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, p. 87 [grifos no original].

⁷ LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA e AMADO, op. cit. p. 175. Levi refere-se à abordagem prosográfica como aquela que utiliza as biografias individuais como ilustração de comportamentos estatisticamente comprovados, onde o indivíduo encerra todas as características de um grupo. No uso das biografias de casos extremos, as exceções biográficas acabam delineando as margens do campo social e facilitam a visualização de seu centro (o caso mais famoso na historiografia recente talvez seja o do moleiro Menocchio, realizado por Carlo Ginzburg).

⁸ GADAMER, Hans-Georg. *O problema da consciência histórica*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 59.

projeto hermenêutico, conduzido pelas possibilidades levantadas pela interrogação. Deste modo a pesquisa pode se corrigir, numa atitude que deve mostrar ao pesquisador o quanto sua “consciência histórica” é presa àquilo que Gadamer chamou de “pertencimento”; ou seja, os preconceitos oriundos de nosso vínculo a uma determinada “tradição”:

Compreender é operar uma mediação entre o presente e o passado, é devolver em si mesmo toda a série contínua de perspectivas na qual o passado se apresenta e se dirige a nós. Nesse sentido radical e universal, a tomada de consciência histórica não é o abandono da eterna tarefa da filosofia, mas a via que nos foi dada para chegarmos à verdade sempre buscada. E vejo na relação de toda compreensão com a linguagem a maneira pela qual se revela a consciência da produtividade histórica.⁹

Procuro neste trabalho valer-me da hermenêutica como forma de construir interpretações que relacionem documentos, depoimentos e a própria escrita auto-referente de Teófilo, capaz de engendrar problemáticas históricas.

Neste sentido, torna-se fundamental a problematização das características da escrita de Rodolfo Teófilo. Para o objetivo aqui proposto, interpretar a relação de Teófilo com sua escrita faz sentido se percebemos como ele mesmo procurava dotá-la de certos atributos e como esta escrita se relacionava com o universo social que a circundava. Como já frisado, é preciso investigar variados aspectos referentes às relações escrita-tempo-memória, bem como o caráter de “escrita de si”.

Nas obras de Rodolfo Teófilo, as memórias são pródigas, quase sempre relacionadas com suas vivências na vida social, cultural e política da capital cearense no final do século XIX e começo do XX. Esta experiência social de Teófilo fornece, a partir da lembrança, a matéria-prima de muitos de seus escritos. Nessas obras as memórias de Rodolfo Teófilo versam sobre os mais variados assuntos: política, costumes, saúde pública e literatura, adensando e unindo sua biografia à própria produção escrita.

⁹ Ibid. p. 71.

Neste ponto, reiterar-se, é necessário desnaturalizar as obras de Rodolfo Teófilo e sua atuação, percebendo a relação entre suas memórias e a sua produção escrita. Afinal, a memória quando escrita acaba escolhendo um suporte que a dota de certa perenidade.¹⁰

Recriando o vivido (o passado), a memória tornada escrita (o presente) agora evoca o leitor (o futuro). A busca deste leitor é a necessidade de uma interlocução, de onde se torna possível questionar sobre a intencionalidade destes escritos deixados. Em outros termos: Qual a relação historicamente constituída entre o farmacêutico e sua escrita? Que tipo de função o autor procura atribuir aos seus escritos? Qual a autoridade suas memórias escritas reivindicam? O que Rodolfo Teófilo quer que o futuro pense dele?¹¹

Estes questionamentos apontam para problemáticas elaboradas a partir da análise das memórias presentes nos escritos do referido autor. Apesar de relativamente dispersas em vários livros, as memórias de Rodolfo Teófilo podem ser consideradas como relatos fragmentários de ocasiões distintas que se costumam em retalhos para construir um discurso que aponta para algumas características identificáveis.

Primeiramente, o caráter militante desta memória escrita, na qual a força da letra não só perenizaria o relato, mas o dotaria de poder, de capacidade de transformação social.

¹⁰ “Menos a memória é vivida do interior, mais ela tem necessidade de suportes exteriores e de referências tangíveis de uma existência que só vive através delas”. (NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, 1993. p. 14).

¹¹ É interessante notar a condição peculiar da escrita de Rodolfo Teófilo, que constrói a partir de suas memórias uma escrita da história; situação que, ao contrário de insistir em uma clivagem radical entre história e memória, termina esmaecendo um pouco as fronteiras entre ambas, afinal como salienta Nora: “Na mistura, é a memória quem dita e a história que escreve. É por isso que dois domínios merecem que nos detenhamos, os acontecimentos e os livros de história, porque não sendo mistos de memória e história, mas os instrumentos por excelência da memória em história, permitem delimitar nitidamente o domínio. Toda grande obra histórica e o próprio gênero histórico não são uma forma de lugar de memória? Todo grande acontecimento e a própria noção de acontecimento não são, por definição, lugares de memória? As duas questões exigem uma resposta precisa”. (Ibid. p. 24).

Esta capacidade transformadora estaria relacionada, como veremos adiante, principalmente à sua veracidade factual, conferindo-lhe não só credibilidade, mas também uma dimensão “exemplar”.

Além do rigor factual, esta memória transformada em escrita assumia a forma de crítica, de denúncia, realçando a dimensão política da ética e justiça. Em um meio social que negava e se opunha à realização plena destes ideais, Teófilo potencializa através da palavra escrita sua atuação de “mosqueteiro intelectual” ou “homem de ação-escritor”, característica de boa parte dos intelectuais daquele período, como assevera Régis Lopes:

O seu procedimento metodológico não se sustentava simplesmente na fundamentação teórica que pregava o resgate do passado “tal como aconteceu”. O mais importante era uma determinada ética da justiça, de mãos dadas com a estética cortante da denúncia sem delongas. A história era moralizante na medida em que cabia ao historiador o compromisso com a “descrição da verdade” e a construção de um futuro em uma direção previamente traçada, conforme os ideais de evolução racional da humanidade.

Era preciso escrever e publicar. Assim o vivido ganharia estatuto de vivido relatado, e, portanto, com poder de contar e fazer história. Esse poder da escrita era uma grande mitologia vivida por Rodolpho Theóphilo e muitos escritores de sua época. Fazia parte do jogo.¹²

Para Adelaide Gonçalves, Teófilo foi:

Um escritor que jamais se furtou a esgrimir as palavras, esculpir os argumentos com a paciência de sábio [...] Nele se combinam, à perfeição, a força do argumento e da defesa apaixonada de suas convicções. De sua escrita testemunhal resulta uma história sob o signo do compromisso; sem concessões ao tomlouvaminheiro, esquivo aos adjetivos vazios, guardou distância da ante-sala do poder político.

¹² LOPES, Régis. Rodolpho Theóphilo no Museu do Ceará. In: TEÓFILO, Rodolfo. *O caixeiro* (Reminiscências). Apresentação de Adelaide Gonçalves e Eurípedes Funes. Ed. fac-sim. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2003. p. 11.

A palavra em Rodolfo Teófilo é poderosa arma da crítica, ela própria vacina contra a corrupção do tempo e das armadilhas da política como negócio.¹³

Por outro lado, ao considerar a forte evocação da memória feita por Rodolfo Teófilo para legitimar seus livros, indaguei-me sobre as possibilidades de estes livros-memórias poderem ser índices de uma “escrita de si”.

A historiadora Ângela de Castro Gomes salienta o crescente interesse acadêmico sobre esta temática, relacionada ao modo como as sociedades ocidentais passaram a conceber práticas culturais de valorização do indivíduo, no sentido moderno do termo. Práticas que passam a estabelecer paralelos entre a vida individual e a história, revelando uma maneira peculiar de os indivíduos se relacionarem com os documentos, com o tempo e, sobretudo, com a memória de outrem.

Rodolfo Teófilo não foi mero espectador dos fatos que presenciara, sua escrita afirma que ele mesmo tomava parte ativa nos acontecimentos, de modo que seus livros procuram construir um protagonismo em episódios ligados a secas, epidemias e outros problemas de saúde pública. Essa construção era ligada ao status que ele mesmo atribuía aos seus escritos e que, principalmente, esperava que as pessoas fossem atribuir.

É interessante perceber como Teófilo é descrito em seus próprios livros, como aparece e em que condições históricas esta produção de memórias constrói seu próprio protagonismo dentro dos eventos narrados. Além disso, deve ser salientado o modo como sua escrita era “comprimida” entre um passado (que já não era), o presente (lugar de sua produção e de suas disputas mais imediatas) e o futuro (temporalidade sobre a qual Teófilo buscava um mínimo controle no que diz respeito à imagem de si que desejava legar à posteridade).

Como toda escrita de si, os livros de Teófilo são marcados pelo excesso de protagonismo e pela evocação do valor de “sinceridade” como verdade. Diante

¹³ GONÇALVES, Adelaide. Rodolpho Theóphilo: o protesto da palavra. In: TEÓFILO, Rodolfo. *Violência*. Ed. fac-sim. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2005. p. vi-vii.

disso não pretendo obviamente “descobrir” realmente a “verdade” ou mesmo constatar a sinceridade daquele que escreve, mas antes perceber que:

De um lado, haveria a postulação de que o texto é uma “representação” de seu autor que o teria construído como forma de materializar uma identidade que quer consolidar; de outro, o entendimento de que o autor é uma “invenção” do próprio texto, sendo sua sinceridade/subjetividade um produto da narrativa que elabora. Uma dicotomia que tem sido apontada como um falso paradoxo, mas que pode ser útil para entender a própria dinâmica da escrita de si [...] Defende-se que a escrita de si é, ao mesmo tempo, constitutiva da identidade de seu autor e do texto que se criam, simultaneamente, através dessa modalidade de “produção do eu”.

Tal abordagem converge com a idéia de se entender a escrita de si como tendo “editores” e não autores propriamente ditos. É como se a escrita de si fosse um trabalho de ordenar, rearranjar e significar o trajeto de uma vida no suporte do texto, criando-se através dele um autor e uma narrativa.¹⁴

No primeiro capítulo deste trabalho procuro delinear um perfil biográfico de Rodolfo Teófilo, sobretudo através da interpretação de seus escritos e memórias, interpretação esta vinculada à investigação e busca das tensões que Rodolfo Teófilo vivia e sobre as quais escrevia, ou seja, tanto de seu passado evocado como do presente no qual ele rememora e escreve. Portanto, interpretar sua produção escrita é estar atento à relação entre a “posição” de Rodolfo Teófilo no campo intelectual e social e sua “trajetória” dentro destes campos: um movimento dinâmico no qual se ressalta a co-dependência entre ambos (“trajetória” e “posição”).

Situo o esforço de Teófilo em construir sua imagem de intelectual, inserindo-se neste campo, onde sua escrita passa a relacionar-se com a defesa de sua posição e a busca de hegemonia na arena intelectual da época, mediante uma escrita auto-referente, e por isso mesmo magistral. Rodolfo Teófilo publicaria 28 livros buscando consolidar sua posição de intelectual, uma luta por vezes

¹⁴ GOMES, Ângela de Castro. *Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo*. In: _____ (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004. p. 16.

renhida envolvendo valores e disputas por reconhecimento, acentuando as particularidades desse "mercado de bens simbólicos", característico do "campo intelectual", conforme salienta Pierre Bourdieu:

O sistema de produção e circulação de bens simbólicos define-se como o sistema de relações objetivas entre diferentes instâncias definidas pela função que cumprem na divisão do trabalho de produção, de reprodução e de difusão de bens simbólicos. O campo de produção propriamente dito deriva sua estrutura específica da oposição – mais ou menos marcada conforme as esferas da vida intelectual e artística – que se estabelece entre, de um lado, o *campo da produção erudita* enquanto sistema que produz bens culturais (e os instrumentos para apropriações destes bens) objetivamente destinados (ao menos a curto prazo) a um público de produtores de bens culturais, que também produzem para os produtores de bens culturais e, de outro, o *campo da indústria cultural* [...]

O campo da produção erudita tende a produzir ele mesmo suas normas de produção e os critérios de avaliação de seus produtos, e obedece à lei fundamental da concorrência pelo reconhecimento propriamente cultural de seus pares que são, ao mesmo tempo, clientes privilegiados e concorrentes. É a partir deste princípio que se pode compreender não somente as relações entre o campo de produção erudita e o "grande público" e a representação que os intelectuais ou os artistas possuem desta relação, mas também o funcionamento do campo, a lógica de suas transformações, a estrutura das obras que produz e a lógica de sua sucessão.¹⁵

No segundo capítulo específico o modo como Teófilo se vale de sua escrita para construir a imagem de homem ligado aos saberes higienistas e médicos, como homem da saúde pública, enfim. Saliento, também, os modos pelos quais ele procurou defender seu lugar social no campo dos saberes médicos, especialmente diante dos constantes ataques que sofria, e que ele mesmo revelava temer que fossem aceitos como verdade no futuro.

¹⁵ BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004. p. 105.

Neste mesmo capítulo coloco em diálogo os escritos de Teófilo com outras fontes, oficiais ou não, a respeito das temáticas ligadas aos processos de enfermidades e cura, vivenciados pela população cearense. Tento situar o lugar social de um farmacêutico nos quadros da saúde pública cearense, bem como tento interpretar a situação deste campo, sobretudo em épocas de epidemias.

No terceiro capítulo discuto como as relações entre memória, escrita e história estão presentes nas obras de Rodolfo Teófilo, relações que acabam situando a escrita de Teófilo como histórica e hagiográfica (pois remete a uma forma escriturária que produz credibilidade e ação por ser fidedigna e exemplar). Ao mesmo tempo discuto a produção de “massas de memória” sobre Rodolfo Teófilo, identificando seus principais centros produtores, bem como os efeitos de verdade pretendidos pelos mesmos.

CAPÍTULO 1:

O INTELLECTUAL DAS SECAS

1.1. 1877: A “SECA TIPO”

O movimento abolicionista do Ceará logrou êxito precoce em relação a seus congêneres no restante do Império, afinal os “carbonários” cearenses conseguiram a primazia em relação ao fim da escravidão na província, destacando-se neste processo a *Sociedade Cearense Libertadora*, que passaria a disputar com o *Centro Abolicionista* os méritos naquele evento que sinalizaria para a sociedade a aptidão moral dos cearenses ao progresso, entendido nos moldes do pensamento positivo. Neste sentido, o jornal *O Libertador* – um dos mais importantes periódicos abolicionistas do Ceará – constituiu-se no principal instrumento de mobilização da opinião pública cearense a respeito da questão do trabalho cativo. No dia 28 de maio de 1884 o referido jornal publicava um longo anúncio que ocupava quase um quarto de página:

Descrição completa do terrível flagelo da seca com todos os seus horrores, assassinatos, roubos, salteadores, pestes, crimes, fatos horrendos de antropofagia, mortes pela fome, vítimas de morcegos, crianças devoradas vivas por urubus, enfim, uma narrativa completa e minuciosa dos fatos que se deram durante três longos anos de calamidade.

As gravuras representam retirantes, verdadeiros esqueletos animados no estado de inanição em que chegaram à capital. As estampas de fino colorido são cópias fiéis das plantas de que os famintos se alimentavam. Entre elas a letal mucunã.

Tratava-se do anúncio de um livro, cuja autoria era de um dos mais destacados abolicionistas cearenses: Rodolfo Teófilo. Através das páginas deste jornal Teófilo pôde ganhar notoriedade como um benemérito e também usar o periódico como um espaço de exercícios literários, uma vez que nele publicara alguns poemas de cunho abolicionista, que precederam sua afirmação no campo intelectual cearense e brasileiro, com o *História da seca do Ceará (1877-1880)*,¹⁶ o qual era anunciado à venda ao custo de cinco mil-réis.

O movimento abolicionista cearense foi de fundamental importância também para as letras cearenses, uma vez que proporcionava “campos de experimentação subjetiva” (como os periódicos) nos quais vários intelectuais como Antônio Bezerra de Menezes, Barbosa de Freitas, Oliveira Paiva, Justiniano de Serpa, entre outros, exercitavam suas penas e produziam suas leituras da realidade social.¹⁷

Rodolfo Teófilo havia nascido em 5 de maio de 1853, filho de pais cearenses. Por uma contingência sua mãe dera à luz na Bahia, fato que lhe causou certos dissabores até o fim de seus dias.

Rodolfo teve uma infância marcada pela orfandade precoce e pelo empobrecimento material familiar, circunstâncias que o conduziram ainda na adolescência para a carreira de caixeiro.

Contudo, em meio às dificuldades de seu trabalho, Teófilo acabou conseguindo preparar-se para o Curso de Farmácia em Salvador, no qual foi diplomado em 1875. Dois anos depois, já casado, se estabelece na capital cearense (coincidentalmente em um dos mais difíceis períodos da história da

¹⁶ TEÓFILO, Rodolfo. *História da seca do Ceará (1877-1880)*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922.

¹⁷ Cf. CARDOSO, Gleudson Passos. *A República das letras cearenses: literatura, imprensa e política (1873-1904)*. Dissertação de mestrado em História – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2000.

província, assolada por uma violenta seca), onde passa a exercer a profissão. Ao início da década de 1880 envolve-se no movimento abolicionista cearense, no qual, segundo o já citado *O Libertador*, passa a ter atuação destacada.

Em 1883, data da publicação de sua primeira obra, Rodolfo Teófilo era um profissional estabelecido, portador de um diploma de nível superior e respeitado na cidade. Contava também com sua fama de benemérito abolicionista, chancelada pelo próprio governo imperial que lhe concedeu a importante comenda do “Oficialato da Rosa”, em homenagem aos relevantes serviços prestados “à humanidade”.¹⁸ Neste mesmo ano Teófilo fez publicar seu primeiro livro, *História da seca do Ceará*, arriscando assim sua estréia formal no universo intelectual da província.

A publicidade para a venda de sua obra deu-se sobretudo através da imprensa. Teófilo estava duplamente familiarizado com este veículo, afinal ele mesmo escrevia para o jornal *O Libertador*, bem como anunciava com frequência os produtos farmacêuticos de seu fabrico em outros periódicos.¹⁹ Demonstrava ter familiaridade e tino para anúncios em jornais, visto que já usara esse expediente para divulgar seus preparos farmacêuticos. Em julho de 1883, nas páginas do jornal *O Cearense*, ele divulgava “pílulas” de seu fabrico como remédio “infalível par sezões”. O anúncio era amparado por vários testemunhos a respeito da eficiência do medicamento. Entre os depoimentos, figurava o do médico Dr. Pedro Borges, que se juntava ao coro daqueles que “até conhecerem as pílulas de Teófilo não conheciam o fim de seus males”. Igualmente conhecidos eram os xaropes de iodeto de potássio e cascas de laranja, bem como o xarope de urucu, que prometia a “cura infalível da asma” e cuja longevidade no mercado atingiria as primeiras duas décadas do século seguinte.

O cenário cultural no qual Teófilo desejava se inserir encontrava-se consideravelmente modificado. A partir da década de 1870 o universo intelectual cearense conheceria uma sensível inflexão marcada pela propagação de idéias

¹⁸ Criada em 1829 pelo imperador D. Pedro I, esta ordem servia para premiar militares e civis (nacionais ou estrangeiros) que se destacassem na fidelidade ao imperador ou nos serviços em prol do Estado. O imperador D. Pedro II chegou a agraciar com esta ordem 14.284 cidadãos.

¹⁹ Como no caso do jornal *O Cearense* (entre 1877-1883) e posteriormente *A República* (1900-1901) e *Jornal do Ceará* (1906-1907).

ligadas ao positivismo, naturalismo e evolucionismo. Este pulular de idéias engendraria o chamado “movimento filosófico de 1873-75”, cujo corolário imediato resultou na criação da Academia Francesa, e influenciaria também o movimento abolicionista cearense.

Esse influxo do pensamento filosófico europeu trouxe desdobramentos na vida intelectual da capital cearense, na qual se multiplicavam jornais e revistas, conforme veremos adiante. Encetando disputas partidárias ou filosóficas (dependendo do periódico), os jornais na década de 1870 passariam a fazer parte do cenário intelectual da cidade, muitos deles possuindo formato precário e circulação efêmera.²⁰

A multiplicação desses periódicos acentuou-se no decorrer dos anos 1880, sobretudo durante a transição para a República. De acordo com Gleudson Passos Cardoso,²¹ progressivamente os jornais “partidários” passariam a disputar espaço com uma imprensa mais voltada para assuntos literários, científicos e de variedades. Este crescimento das atividades literárias e jornalísticas acabaria contribuindo para a absorção dos intelectuais locais e o incremento das atividades tipográficas na cidade, que em meados da década de 1870 possuía vinte mil habitantes, seis jornais (quatro diários), sete tipografias, algumas livrarias e uma biblioteca pública²² – incrementos culturais que devem ser situados dentro das mudanças econômicas e estruturais da capital cearense durante o final do século XIX.²³

²⁰ Cf. FERNANDES, Ana Carla Sabino. *A imprensa em pauta: entre as contendas e paixões partidárias dos jornais Cearense, Pedro II e Constituição na segunda metade do século XIX*. Dissertação de mestrado em História – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.

²¹ CARDOSO, op. cit.

²² Pedro Paulo Montenegro apud GONÇALVES, Adelaide; SILVA, Jorge E. (Orgs). *A imprensa libertária no Ceará (1908-1922)*. São Paulo: Imaginário, 2000. p. 16.

²³ Com efeito, capitaneando os recursos tributários da província e favorecida pelos lucros auferidos com a exportação de algodão para a Europa, a capital cearense conhece um período de reordenamento urbano, levando à valorização dos terrenos centrais da cidade, o chamado perímetro urbano, onde provavelmente residiam os setores sociais letrados e capazes de constituírem um mercado consumidor e produtor de demanda para os livros e jornais que circulavam na cidade. Gleudson Passos Cardoso, de posse de dados referentes a algumas das principais ruas desse perímetro urbano, observou que em 1887, dos 1.283 moradores, 636 eram alfabetizados, ou seja, um percentual de 49% do total. Em que pese o caráter parcial dos dados, seu cotejo é bastante para uma visualização do possível público leitor da capital cearense no período (CARDOSO, op. cit. p. 41). Estes dados podem ajudar a relativizar uma visão excessivamente otimista sobre o que teria sido a situação intelectual da capital cearense no

Voltemos ao livro de Teófilo. Ele conhecia bem as potencialidades da imprensa para o êxito da divulgação de sua obra, reforçando-as pelo sensacionalismo usado em seu anúncio, cuja ênfase recai nos episódios mais dantescos e pitorescos da seca ocorrida em 1877.

Que motivos levaram Teófilo a escolher essa temática para formalizar sua aparição no universo intelectual cearense? Que jogos de força estavam presentes no campo intelectual no momento da produção desta obra? Que lugar ele atribui à mesma? Como ele buscava capitalizar dividendos simbólicos a partir desse lugar atribuído à sua própria escrita?

A situação do campo intelectual nacional naquele momento sinalizava para a busca de um conhecimento legítimo e verdadeiro da realidade nacional, com suas potencialidades e problemas, cabendo aos intelectuais e cientistas a elaboração de uma linguagem e de um conhecimento preciso para diagnosticar a situação do país.²⁴

período, pois, no dizer de Alcântara Nogueira: “Fortaleza nesse tempo, talvez não possuísse trinta mil habitantes, e reduzidos eram os que, realmente, estavam em condições de participar dos embates intelectuais. Havia, por outro lado, cegas e desordenadas lutas intestinas de uma burguesia – pequena e média – ávida de interesses lucrativos, sem ideologia e espelhada em partidos políticos fragmentados [...] Não era de se admirar, assim, que tudo isso se refletisse no campo intelectual propriamente dito. Vejam-se, objetivamente alguns aspectos que revelam o pouco e o precário então existentes. Só em 1849 foi que Fortaleza conheceu uma espécie de livraria [...] Ainda neste mesmo ano teve início o funcionamento do Liceu do Ceará [sic] – primeiro estabelecimento secundário da Província [...] 1869 é o ano do começo do funcionamento da Biblioteca Pública da Província [sic] [...]”. (NOGUEIRA, Alcântara. *O pensamento cearense na segunda metade do século XIX* (em torno do centenário da morte de Rocha Lima). Fortaleza: Instituto Brasileiro de Filosofia – Seção do Ceará; Sociedade Cearense de Geografia e História; Casa de Juvenal Galeno, 1978. p. 25-26). Diversamente das duas últimas informações cronológicas prestadas por Alcântara Nogueira, sobre as quais comete erro, sabe-se que o Liceu do Ceará data de 1845 e a Biblioteca Pública Provincial, de 1867. (Cf. STUART, Guilherme. *Datas e fatos para a história do Ceará*. [1896]. Ed. fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, t. 2, 2001).

²⁴ Conforme Sevcenko: “Essa predisposição temática e política já era um testemunho eficiente por si só da postura social assumida em conjunto pelo grupo. Revelava a sua afinidade profunda com a irradiação insólita das energias econômicas e culturais que procediam da Europa em escala crescente ao longo dos últimos três decênios do século XIX, bem como de sua adesão à luta política pela redefinição, em função de uma perspectiva urbana, das estruturas fundamentais do país, com a decorrente abertura à plena integração e participação dos grupos sociais adventícios. E mais, eles tendiam a considerar-se não só como agentes dessa corrente transformadora, mas como a própria condição precípua do seu desencadeamento e realização. Bem por isso, o caráter mais marcante dessas gerações de pensadores e artistas suscitou o florescimento de um ilimitado utilitarismo intelectual tendente ao paroxismo de só atribuir validade às formas de criação e reprodução cultural que se instrumentalizassem como fatores de mudança social”. (SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 80-81).

Os intelectuais deveriam estar a postos para produzir em função da realização de obras capazes de contribuir para a “regeneração nacional”. No caso do “Nordeste” e especificamente do Ceará, obter um conhecimento seguro sobre a realidade era conhecer a problemática das secas.

Rodolfo Teófilo não só “estreava” com um livro sobre as secas cearenses, como posteriormente buscaria apropriar-se desta temática: uma forma de atender a demanda do campo e garantir de modo categórico sua autoridade e hegemonia nesta área.

Contudo, Rodolfo Teófilo teria que enfrentar as tensões típicas do campo intelectual, envolvendo a produção de um discurso ortodoxo e que mobilizasse de modo eficiente as instâncias de consagração e favoravelmente assegurasse uma posição estratégica dentro deste mesmo campo.

Esta disputa por legitimidade intelectual acabou mobilizando a militância de Teófilo através de sua escrita. Podemos citar inicialmente suas polêmicas a respeito das secas no Ceará, envolvendo “sábios da corte” – em especial o barão de Capanema: uma batalha que afetava diretamente os méritos de Rodolfo Teófilo enquanto homem da ciência e que seria decisiva no estabelecimento de uma posição estratégica para si no seio da comunidade letrada.

Como o próprio Teófilo costumava enfatizar, parte de sua trajetória intelectual relacionava-se diretamente com a história das secas, enquanto fenômeno climático cujo impacto social “criou nele o escritor”, fornecendo inclusive “modelos” para a produção de seus romances. De seus 28 livros, a grande maioria versa diretamente sobre as secas em solo cearense ou faz dela um cenário para o desenvolvimento de suas narrativas.

Além disso, suas obras procuravam alcançar um estatuto de legitimidade produzido a partir da experiência do próprio autor com o fenômeno das secas: afinal o auto-intitulado “cronista dos infortúnios do Ceará” passara pela

experiência da terrível seca de 1877-79, ou a “seca-tipo”, como ele certa vez referiu.²⁵

Apesar do impacto desta seca, ela não havia sido a primeira a assolar as plagas cearenses. A província cearense já havia passado por várias e terríveis estiagens durante o século XIX; as secas de 1825, 1832 e 1845 entrariam na crônica local devido aos estragos e prejuízos trazidos à população e à economia do Ceará. Portanto, na medida em que o século XIX avançava, tornava-se cada vez mais freqüente a mobilização de políticos, administradores e homens de ciência de um modo geral em torno da temática das secas – um movimento que alcançaria o apogeu durante a referida grande seca de 1877-1880. A estiagem tornar-se-ia peça-chave no processo de aglutinação de discursos (úteis para a atração de recursos governamentais) das então chamadas “províncias do Norte” e que encontrariam ressonância nas outras províncias, iniciando a cristalização discursiva e imagética daquilo que Durval Muniz chamou de “A invenção do Nordeste”, entendida, sobretudo, enquanto porção árida e seca da região Norte.²⁶

Poderíamos enumerar várias obras escritas no período e que evidenciam a demanda social do campo intelectual por este tipo de temática, basilar para pensar o futuro da nação brasileira. Tais obras tinham como objetivo geral detectar as causas do problema e formas de minorar seus efeitos, tornando-os menos nefastos e onerosos para os cofres públicos. Entre os intelectuais que publicavam sobre a temática podemos citar Viriato Ribeiro, Beaurepaire de Rohan, senador Pompeu, Tristão de Alencar Araripe, André Ribeiro, Castro Carreira, Raja Gabaglia, entre outros.²⁷

²⁵ TEÓFILO, Rodolfo. *A seca de 1915*. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922. p. 43. De modo constante Teófilo reiterava em seus livros o fato de que participara diretamente dos eventos que narrara, construindo uma larga experiência na convivência com as secas.

²⁶ ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

²⁷ Os estudos do geógrafo Raja Gabaglia baseavam-se em sua experiência no Ceará, quando era membro da famosa Comissão Científica de Exploração que esteve nas plagas cearenses em 1859-1861. Suas análises enfatizaram a construção de canais e a importância do porto de Fortaleza no auxílio ao combate dos efeitos dos períodos de estiagem prolongada. Para maiores detalhes, cf. ALVES, Joaquim. *História das secas (séculos XVII e XIX)*. [1953]. Ed. fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2003.

Portanto, Rodolfo Teófilo procurava inserir-se neste seleto rol de intelectuais que versavam sobre o tema – uma verdadeira arena marcada por disputas e exclusões mútuas.

Neste sentido, Teófilo aproveitaria uma condição peculiar para demarcar uma significativa distância entre si e a maioria de seus concorrentes, afinal sua escrita possuía um diferencial: ela se baseava na experiência direta de seu autor.

Dedicado à memória de seu pai, Marcos Teófilo, o livro *História das secas do Ceará* inicia detalhando vários dados geográficos, econômicos e políticos da província cearense. Posteriormente Teófilo adentra as narrativas que cercaram a seca dos anos de 1877 a 1880. O livro é finalizado com a polemização de Rodolfo com os chamados “sábios da corte” a respeito da natureza das secas.²⁸ A pretensão da obra é a de se constituir como a fonte histórica de referência na lida com as secas.

Seu livro acaba sendo um registro interessante de vários aspectos culturais da população cearense no período, em assuntos que vão desde hábitos alimentares, terapêutica oficial e crenças populares, práticas religiosas etc. O livro é defendido pelo próprio Rodolfo como sendo, além de uma preciosa fonte documental, uma obra de militância da memória, entendida como capacidade de lembrar para agir.

Neste sentido, a obra de Teófilo pode ser compreendida como partícipe de uma tradição ilustrada presente na formação e no *habitus* da intelectualidade brasileira desde o século XVIII. De acordo com Maria Odila Dias, esta tradição inscreve-se na Ilustração europeia, para quem a figura do sábio-cientista deveria produzir não um conhecimento puro, especulativo e metafísico, mas um saber prático capaz de proporcionar a felicidade aos indivíduos e à sociedade, pois:

Traço de continuidade ainda mais significativo a unir os cientistas práticos dos fins do século XVIII à geração dos românticos brasileiros e penetrar pelo século XIX afora foi a sobrevivência de uma inclinação pragmática, que se

²⁸ Posteriormente tratarei de interpretar os possíveis significados simbólicos da querela de Rodolfo Teófilo com estes homens de “notório saber”, como o famoso barão de Capanema.

expressiu no culto às ciências e aos conhecimentos úteis, dedicando-se à busca consciente e pragmática, dos instrumentos da nova nacionalidade.²⁹

Esta tendência de caráter pragmático impregnava boa parte dos homens de letras do século XIX, cuja tradição intelectual é devedora do pensamento das Luzes. Além disso, outra herança iluminista é a do homem letrado como aquele capaz de constituir um saber abrangente cujo espírito enciclopedista o impedia de circunscrever-se a uma só área do conhecimento, uma tendência perceptível na variada gama das obras de Rodolfo Teófilo.³⁰

Neste primeiro livro, *História da seca do Ceará*, publicado em 1883, com trinta anos de idade, Teófilo inicia a argumentação que apareceria em praticamente todos os seus futuros livros sobre as secas: o presente deveria entabular um diálogo com o passado, diálogo pautado pela preocupação com o futuro, de modo a evitar piores conseqüências para o Ceará. Afinal, para o Teófilo, o descaso com a memória acarretaria efeitos nefastos.

Ao comentar o impacto da grande seca de 1877 em toda uma geração de cearenses, Teófilo afirma: “Longe iam na memória de todos as cenas horríveis de 1845”, referindo-se à última seca, “o maldito legado do povo cearense”. Após algumas décadas, tanto a população quanto o governo “mal se guardavam as recordações da horrível calamidade”, fato que para o farmacêutico era responsável pela “habitual incúria” do governo diante da seca.³¹

Teófilo fazia questão de afirmar que tal esquecimento seguido de efeitos penosos atingia tanto autoridades como pessoas comuns, como no caso dos “criadores, sempre esquecidos dos prejuízos de quase todos os anos”,

²⁹ DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *A interiorização da metrópole e outros estudos*. São Paulo: Alameda, 2005. p. 117. Tal concepção era comum aos estudiosos de História natural encarregados de encetar esse controle científico da natureza, marca de civilização e lastro para o progresso social.

³⁰ De acordo com Roger Chartier, na França do final do século XVIII, a atividade intelectual estaria vinculada a certos tipos de ocupações profissionais que requeriam certo grau de saber e talento, como advogados, médicos, farmacêuticos e professores. Contudo, ao contrário destes homens de letras, Rodolfo Teófilo não sobrevivia de sua escrita, portanto estava livre das instabilidades e dissabores da dependência dos mecenatos particulares. (Cf. CHARTIER, Roger. *O homem de letras*. In: *O homem iluminista*. Lisboa: Editorial Presença, 1991).

³¹ TEÓFILO, Rodolfo. *História da seca do Ceará*. p. 71. Teófilo afirmou ainda que o ano de 1878 seria “amaldiçoado por uma geração inteira deixando ao povo cearense dolorosas recordações”.

tornando-se assim inaptos pra enfrentar os efeitos das secas e confiando na “Providência” para o sustento de seus rebanhos.³²

Embora Rodolfo Teófilo não estabeleça nenhuma filiação intelectual direta (mesmo porque esse tipo de atitude poderia ofuscar seus méritos), é perceptível a influência predominante de um desses intelectuais sobre sua escrita: trata-se do senador Thomaz Pompeu de Sousa Brasil, nomeadamente através das obras *Ensaio estatístico da província do Ceará* (dois volumes), publicada em 1863 e 1864, assim como sua *Memória sobre o clima e secas do Ceará*, publicada em 1877.³³

Estes livros, em especial a *Memória*, devem ter exercido grande impacto sobre Rodolfo; esta última havia sido publicada pouco tempo depois do seu estabelecimento em Fortaleza e fora também divulgada através de uma seqüência de artigos no jornal *O Cearense* (periódico do qual Teófilo era anunciante durante o ano de 1877). Nela percebi uma forma similar de estruturar os dados obtidos. Várias idéias defendidas pelo senador Pompeu apareceriam posteriormente em obras de Rodolfo Teófilo.

Os livros de Pompeu possuíam uma forte orientação científica para os padrões da época, sendo pioneiros na análise detalhada das condições de clima e pluviosidade do Ceará como índices de referência sobre as secas. Mesmo admitindo a influência da vegetação nas ocorrências das secas, o senador responsabilizava diretamente as correntes aéreas pela ocorrência das estiagens, defendia a açudagem e a construção de estradas – abordagem assumida posteriormente por Teófilo em seus livros.

Além disso, Pompeu abordava um problema que seria retomado por Teófilo: a questão da necessidade de uma memória exemplar sobre as secas, enfatizando que: “Infelizmente está em nossa índole que só na ocasião do mal são lembradas certas medidas; passado ele, volta-se ao indiferentismo costumado; os

³² Ibid. p. 72.

³³ Nascido em 1818, Thomaz Pompeu de Sousa Brasil tornar-se-ia o maior chefe político do Partido Liberal no Ceará, primeiramente como deputado, alcançando o Senado em 1864. Além de sua destacada atuação política nos cenários local e nacional, Pompeu conseguiria alcançar notoriedade como cientista e combativo jornalista, através das páginas do periódico maçônico *Fraternidade* sendo o fundador do jornal liberal *O Cearense*. Faleceu em 1877. (Cf. STUDART, Guilherme. *Dicionário biobibliográfico cearense*. Fortaleza: Tipo-litografia a vapor, 1915. p. 486).

32 anos, de 1845 a 1877, iludiram os cearenses, fizeram-nos esquecer de repetição de seca”.³⁴

Portanto, em seu primeiro livro Rodolfo Teófilo procura somar à força da escrita outros dois componentes: a verdade e o rigor; provavelmente como forma de ganhar credibilidade e dividendos simbólicos em sua estréia no mundo do livro, produzindo uma obra através do “sagrado dever de historiar os fatos com toda a imparcialidade”, que “nos impõe o dever e o critério”.³⁵ Seja como for, a estas duas características seria acrescida mais uma: a sinceridade – tudo isso seria reivindicado por Rodolfo Teófilo para seus escritos até o fim de sua vida.

Rodolfo Teófilo realizou exaustiva pesquisa documental para produzir um livro funcional, pela pretensa precisão de seus dados e pela veracidade de sua narrativa Além disso, o livro funcionaria como um manifesto contra várias inverdades ditas sobre a natureza da calamidade trazida pela seca à província.

A cada página Rodolfo constrói (através de sua presença testemunhal diante dos fatos) uma imagem de si para seus leitores: a do cronista das secas do Ceará, construção esta que se tornaria um dos traços de sua escrita, na qual ele, como poucas pessoas, possuiria autoridade e competência para compreender o Ceará e seu povo.

Além de detalhar estatisticamente a província cearense, Teófilo adere à explicação do senador Pompeu sobre o papel dos ventos na origem das secas, defendendo igualmente a construção de açudes.

Vinte e um anos depois, em 1904, ele tornava a bradar contra o olvidar do passado, que acabava por prejudicar ainda mais a população cearense. Ao referir-se à seca de 1877-79, afirma que o governo “esquecia” de premunir o povo com a vacinação antivariólica.

O esquecimento acabara contribuindo para a eclosão da epidemia de varíola, classificada por Teófilo como a maior da história da humanidade. Tal

³⁴ Thomaz Pompeu de Sousa Brasil apud ALVES, op. cit. p. 174.

³⁵ TEÓFILO, *História da seca do Ceará*, p. 214, 389. Convém salientar a preocupação pragmática do senador Pompeu em relação a seus estudos científicos, a qual também evidencia a filiação do senador à tradição ilustrada dos sábios brasileiros, conforme referi anteriormente.

“falta” de memória parecia ser contumaz: apenas dez anos após a grande seca de 1877, o farmacêutico testemunhava que:

Os poderes públicos e particulares em breve esqueceram os lutosos dias da seca e da peste e não se premuniram contra aqueles flagelos, retendo a maior quantidade possível das águas pluviais e vacinando com vacina antivariólica os que nascessem.³⁶

Rodolfo Teófilo tornava a enfatizar que o esquecimento prejudicava, a ponto de impedir que as medidas de prevenção necessárias fossem tomadas. Tal ênfase no papel didático e magistral de uma memória materializada na escrita permaneceria constante em seus livros sobre esta e outras temáticas.

É neste aspecto que a escrita de Rodolfo Teófilo se coloca também contra a ingerência dos poderes públicos e contra a deformação da memória para a posteridade, afinal a província cearense fora acusada no Senado de receber desnecessariamente ajuda governamental – uma leviandade que Teófilo busca desmentir, sobrando farpas para o senador e escritor José de Alencar.³⁷

Sobre seu livro *História da seca do Ceará*, Rodolfo Teófilo afirma que este tipo de obra seria uma necessidade para os cearenses, acostumados a esquecer as lições do passado:

A tradição sobre tão calamitoso tempo para a província do Ceará deve por certo assombrar as gerações futuras [...] A geração que nos suceder terá de meditar sobre tamanha desgraça, procurará desviar-se do peso que nos esmagou.³⁸

³⁶ TEÓFILO, Rodolfo. *Varíola e vacinação no Ceará*. [1904]. Ed. fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997. p. 45.

³⁷ Teófilo criticou o fato de o senador José de Alencar ter afirmado em tribuna pública que a estação invernososa em sua terra natal não ocorreria antes do mês de junho. Tal afirmativa teria contribuído para o retardo no envio de ajuda ao Ceará e indiretamente para a morte de centenas de pessoas. Para Rodolfo Teófilo a atitude de José de Alencar teria explicação na má-fé ou na ignorância. (Cf. TEÓFILO, *História da seca do Ceará*).

³⁸ *Ibid.* p. 138.

Para Rodolfo Teófilo, uma tragédia como a seca de 1877 não poderia passar incólume sobre a memória das gerações vindouras. Se os contemporâneos olvidavam facilmente, esta não deveria ser a postura das gerações seguintes, pois deveriam refletir sobre a calamidade. Mas, por outro lado, de que forma esta tradição poderia se perpetuar, dado a facilidade do cearense em esquecer o passado, acarretando a imprevidência? O próprio Rodolfo Teófilo responderia, afirmando que:

O que poderia auxiliar energeticamente o homem no sentido de atenuar os efeitos da seca, o que poderia orientá-lo nas providências a tomar, era a história das secas anteriores e esta infelizmente não havia ficado. Quanto a mais recente e da qual ainda existiam contemporâneos, sabia-se de um ou outro fato que eles conservavam na memória, o tempo havia apagado a parte mais importante, isto é, o que dizia respeito às medidas tomadas pelo governo.³⁹

Pelo trecho citado percebe-se que Teófilo procura criticar a memória oral a respeito da seca de 1845, que, não obstante pertencer a um passado recente, encontrava-se preservada de modo imperfeito, donde emergia a necessidade de substituir este tipo de memória por um mecanismo de lembrança mais adequado, ou seja, um estudo histórico mais balizado e que possuísse no papel um instrumento de perenidade. Seus livros sobre as secas reivindicavam justamente este valor de memória.

Tal esquecimento seria comprovadamente criminoso, pois “o governo não deve esquecer-se de que a falta de estudos prévios que trouxe a cifra de 59.791 falecidos na cidade de Fortaleza”, fato que poderia ter sido evitado “se tivessem feito estudos durante as secas de 1825 e 1845”.⁴⁰

A escrita de Teófilo sobre as secas é uma fonte de estudo e de exercício de memória, ajudando a combater o esquecimento do passado e a imprevidência, reiterando a importância do lembrar, pois “as dores de ontem

³⁹ Ibid. p. 284.

⁴⁰ Ibid. p. 357.

reproduzidas nos dias de hoje, os sofrimentos das gerações passadas incutidos no espírito das gerações presentes, parece que amoldaram-no [o cearense] para as lutas”. Este fato ajudaria (segundo Rodolfo) a compreender a força psicológica do sertanejo diante das secas, pois o mesmo fica “desde criança ouvindo contar de seus progenitores os horrores das secas e o modo de escapar à fome”.⁴¹ Deste modo, Teófilo considera as narrativas sobre as secas como instrumento para luta e resistência contra os efeitos das estiagens, valorizando assim sua própria escrita.

Neste sentido, o fazer historiográfico de Teófilo encontra-se impregnado daquilo que Manoel Salgado analisou como “cultura histórica oitocentista”, na qual a afirmação do projeto rankeano de apresentar aos vivos os fatos pretéritos imbricava o alinhamento das pretensões científicas da disciplina com os interesses nacionais:

Desta forma, esta cultura histórica atrelava inevitavelmente passado, presente e futuro, remetendo-nos para o passado como lugar por excelência de definição de um sentido original, razão explicativa da própria existência do presente. Por este procedimento que veio a se consagrar após longa e acirrada disputa pela significação do passado, o presente estaria de certa maneira contido no passado de forma prefigurada. [...]

A história como disciplina partilha de um esforço próprio da cultura da lembrança, acionada pelas organizações humanas com o sentido de planejarem e esperarem o futuro, construindo sentidos e significações que são ao mesmo tempo elementos importantes para a coesão social no presente.⁴²

Deixando de ser tão somente “modelar”, o passado passa a adquirir uma feição explicativa pautada pelos rigores do cientificismo do século XIX; ciência e civismo unidos no projeto identitário que visava construir o cidadão

⁴¹ Ibid. p. 352.

⁴² GUIMARÃES, Manoel Salgado. A cultura histórica oitocentista: a constituição de uma história disciplinar. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.) *História cultural: experiências de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da Universidade – UFRGS, 2003.

nacional, uma tarefa que impunha a “civilização” das emoções e a domesticação das ansiedades trazidas pelo relato da experiência dos que não mais viviam.

Imerso nessa cultura histórica, Rodolfo Teófilo valer-se-ia de sua escrita para criticar a atitude do Instituto Politécnico, onde os chamados “sábios da corte” discutiram longamente⁴³ sobre a natureza das secas e os modos de debelar seus efeitos. Deste modo, Rodolfo Teófilo criticava não apenas um governo atávico, mas um pretense conhecimento que, além de apresentar problemas teóricos, tinha sido incapaz de encaminhar de modo pragmático qualquer ação concreta no auxílio ao Ceará, como afirma Joaquim Alves:

Os mais notáveis homens de ciência do Brasil reuniram-se nas duas sessões do Instituto Politécnico, presididas pelo genro do Imperador, mas poucos dentre eles conheciam as condições climáticas da região flagelada pelas secas, as possibilidades econômicas que a mesma oferecia nos bons tempos de inverno [...] Das sugestões apresentadas nenhuma foi planejada e executada. A história segundo a qual o Imperador estaria disposto a vender a última gema de sua coroa, *contanto que não morresse um só cearense de fome*, não passou realmente de uma lenda, pois decorridos dez anos, em 1888, nova calamidade flagelou o Nordeste seco e as obras planejadas não haviam sido iniciadas. Só o Açude Cedro no município de Quixadá, cujos estudos datavam de 1884, fora começado.⁴⁴

Tais críticas realizadas por Joaquim Alves nos anos 1950 já tinham sido feitas por Rodolfo Teófilo em sua obra inaugural sobre as secas. Além de dotá-lo de um estatuto de fonte fiel de reflexão histórica e de exercício de memória, Teófilo usaria este livro como instrumento de demarcação simbólica diante de outros produtores de saberes sobre as secas cearenses, de modo que, ao criticar

⁴³ As sessões do Instituto Politécnico de 9, 18, 23 e 30 de outubro de 1878 contaram, nos debates presididos pelo conde d’Eu, com a participação nomes como Alves Câmara, André Rebouças (que, entre outras medidas, sugeriu o uso de aparelhos para destilar a água do mar), Carlos Luz, Beaurepaire de Rohan, conde de Roswadoski, visconde de Barbacena, entre outros. As discussões por vezes estancavam: membros importantes como Guilherme Capanema estavam ausentes; outros, como Carlos Luz, recusavam-se a discutir o assunto dada a complexidade do tema. Estes e outros contratempos teriam sido responsáveis pelo caráter pouco prático das sessões.

⁴⁴ ALVES, op. cit. p. 203.

o Instituto Politécnico, colocava-o nas antípodas do verdadeiro conhecimento das secas.

Ao polemizar com os chamados “sábios da corte”, ele constrói a imagem do historiador-cientista cuja fidelidade com que trata os fatos e a própria experiência seriam suficientes para dar a suas obras um estatuto superior diante das demais obras sobre as secas, mesmo porque respeitáveis intelectuais como o barão de Capanema⁴⁵ também versavam sobre o assunto, escrevendo na imprensa ou publicando livros.

Gustavo Capanema era um intelectual conceituado e reconhecido cuja circulação social entre seus pares era feita no grande centro intelectual do país, o Rio de Janeiro. Além disso, possuía a chancela do respeitado Instituto Politécnico, tendo participado de vários empreendimentos e viagens de caráter científico, visitando inclusive as plagas cearenses acompanhando a famosa Comissão Científica presente na província entre 1859 e 1861.

Enquanto isso, Rodolfo Teófilo, falando de uma província “colateral”, procurava demarcar seu lugar social de intelectual no cenário local e quiçá nacional. Mesmo sendo um farmacêutico, filantropo e benemérito, carecia ainda de instrumentos de legitimação cultural; portanto ressaltou a importância desta tomada de posição de Teófilo diante de Capanema e de outros sábios da corte.⁴⁶

Capanema, ao contrário de Rodolfo Teófilo, era um crítico da açudagem (capaz de alterar a salubridade e provocar epidemias, dizia ele) e defensor da frugalidade dos hábitos para prevenir os efeitos das secas, acreditando que de

⁴⁵ Com efeito, Capanema publicou no final do século XIX um trabalho intitulado *Apontamentos sobre as secas do Ceará*, na forma de folhetos em 1901 (mesmo ano em que Teófilo lança seu livro *Secas do Ceará*), transcrito pela *Revista da Academia Cearense* em 1904. (Cf. *Os zigzagues do Dr. Capanema: ciência, cultura e política no século XIX. Estudo introdutório e notas de Maria Sylvia Porto Alegre*. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006).

⁴⁶ “A forma de relações que as diferentes categorias de produtores de bens simbólicos mantêm com os demais produtores, com as diferentes significações possíveis em um dado estado do campo cultural, e ademais com sua própria obra, depende diretamente da posição que ocupam no interior do sistema de produção e circulação de bens simbólicos e, ao mesmo tempo, da posição que ocupam na hierarquia propriamente cultural dos graus de consagração, tal posição implicando numa derivação objetiva de sua prática e de seus produtos dela derivados. Para além de sua vontade e da consciência que possa ter a respeito, tal definição se lhes impõe como um fato e passa a comandar sua ideologia e sua prática a tal ponto que sua eficácia se manifesta, sobretudo nas condutas inspiradas pelo esforço de transgredi-la”. (BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004. p. 154).

janeiro a abril a natural abundância das colheitas forneceria víveres para suportar a estiagem, defendendo assim que os cearenses poderiam suportar as secas através do acúmulo de cereais e da correta alimentação do gado.

Teófilo procura refutar as opiniões equivocadas de pessoas que “desconheciam o Ceará e seus problemas” e que propunham medidas inexecutáveis e caras, pois para discutir a respeito do tema era preciso “muito estudo e critério, e o Sr. Capanema não o encarou seriamente, o que provaremos”.⁴⁷

Menciono, portanto, um tema recorrente em suas obras, afinal ele rebatia as opiniões de Capanema a partir do “conhecimento dos fatos”, e não em teorias baseadas em “livros estrangeiros”; convidando para que se argumentassem “com fatos”, pois, mesmo admitindo a sabedoria de Capanema, este não possuía experiência no assunto:

Depois da exposição fiel da vida da quase totalidade dos habitantes da província, supomos que ninguém lembrará mais de afirmar que durante a seca, o Ceará pode viver independente dos socorros públicos, à custa das sobras de cereais dos anos regulares.⁴⁸

A escrita de Rodolfo colocava-se na defesa da verdade, contra as injúrias sofridas pelo Ceará. Ele se proclama na defesa da memória do povo cearense, evocada como um grande diferencial de sua escrita dentro das tensões e embates do campo intelectual.⁴⁹

⁴⁷ TEÓFILO, *História da seca do Ceará*. p. 422.

⁴⁸ Ibid. p. 423 Teófilo referia-se possivelmente à defesa da memória do povo cearense diante das acusações do senador Costa Pinto, que afirmou ter o Ceará estoque de cereais, inclusive realizando a venda de víveres para outras províncias enquanto solicita ajuda governamental. Teófilo reiterava que seu livro publicara documentos que desmentiam formalmente tal acusação.

⁴⁹ “A explicitação e a redefinição incessante dos princípios implicitamente envolvidos nas obras, provocando o confronto com os juízos a respeito da própria obra ou com as obras dos demais produtores, acabam por determinar uma transformação decisiva na relação que o produtor mantém com sua obra e para além de sua obra. Nestas condições quase todas as obras trazem a marca do sistema de posições em relação às quais se define a sua originalidade, e contêm indicações acerca do modo com que o autor pensou a novidade de seu empreendimento, ou seja, daquilo que o distinguia em seu entender de seus contemporâneos e de seus antecessores”. (BOURDIEU, op. cit. p. 112). Embora o livro fosse fruto da memória das pesquisas de Teófilo durante a seca de 1877-1880, a escrita desta rememoração deu pouco espaço para a protagonismo de Teófilo em

Rodolfo Teófilo, portanto, conseguiria através de seu primeiro livro estreitar na vida literária nacional, demarcar seu lugar social enquanto conhecedor-escritor dos problemas do Ceará, alcunhado por ele de “terra das secas”. Acabou ganhando o reconhecimento de parte da crítica e de importantes instâncias de consagração simbólica, como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro⁵⁰ – encarregado de elaborar a história da nação, serviria especialmente como uma importante forma de chancela para a ascensão intelectual, de que Rodolfo posteriormente se valeria para legitimar o lugar social de sua escrita.⁵¹

Estava feita a estréia formal de Teófilo no mundo letrado de Fortaleza no final do século XIX, materializando mediante a escrita não uma mera “descrição” do mundo, mas uma “ordem” construtora paralela ao mundo; consubstanciando a singularidade do livro, afinal:

O livro sempre visou instaurar uma ordem; fosse a ordem de sua decifração, a ordem no interior da qual ele deve ser compreendido ou, ainda, a ordem desejada pela autoridade que o encomendou ou permitiu a sua publicação [...]

meio aos fatos narrados – fato possivelmente relacionado com sua necessidade de dotar sua obra de um caráter neutro e imparcial, perfeitamente de acordo com os cânones da ciência histórica daquele período. Posteriormente tratarei sobre possíveis concepções do fazer historiográfico para Rodolfo Teófilo.

⁵⁰ Rodolfo Teófilo foi admitido em uma época na qual o IHGB passara a adotar a seleção de seus membros mediante uma obra escrita que atestasse a capacidade intelectual do futuro filiado, e não somente seu capital social. Ao mesmo tempo, o Instituto passava a deter o monopólio do reconhecimento e legitimação do historiador no Brasil, veiculando a concepção ciceroniana da história como a mestra da vida (*historia magistra vitae*) – história, tribunal e magistério ao mesmo tempo, concepções estas presentes em toda a obra de Rodolfo Teófilo sobre as secas. (Cf. SILVA, Ítala Byanca Morais da. *Tristão de Alencar Araripe e a história do Ceará*. Fortaleza. Museu do Ceará; Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006).

⁵¹ A hierarquia do IHGB (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro), por sua vez, teria a seguinte composição e subdivisão dos sócios: “(1) *efetivos*, para os quais era exigida a residência na Capital Federal e apresentação de trabalho sobre história, geografia ou etnografia do Brasil, abonando a capacidade literária do autor; (2) *correspondentes*, a quem era requerida ou a mesma condição de idoneidade intelectual dos primeiros ou a oferta de ‘presente de valor’ que se destinasse ao museu do Instituto; (3) *honorários*, que teriam como condição, além da ‘idade propecta’, o ‘consumado saber’ e ‘distinta representação’; (4) *beneméritos*, os sócios efetivos que por serviços relevantes viriam a se tornar merecedores da tal distinção, ou pessoas que teriam feito doações de importância superior a 2:000\$ em dinheiro ou outros objetos de valor; (5) por fim, o título de presidente honorário, só conferido ao chefe de Estado e aos chefes de outras nações”. (SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 104). Em alguns de seus livros Rodolfo Teófilo informa de modo destacado (seja na capa ou frontispício) seu pertencimento ao IHGB. Embora também fizesse parte do Instituto Histórico do Ceará a partir de 1912, Teófilo jamais usou este título como uma forma de legitimação intelectual.

Os livros são objetos cujas formas comandam, se não a imposição de um sentido ao texto que carregam, ao menos os usos que podem ser investidos e as apropriações às quais são suscetíveis. As obras, os discursos, só existem quando se tornam realidades físicas, inscritas sobre as páginas de um livro [...] No caso do livro, elas constituem uma ordem singular, totalmente distinta de outros registros de transmissão tanto de obras canônicas quanto de textos vulgares. Daí então a atenção dispensada, mesmo que discreta, aos dispositivos técnicos, visuais e físicos que organizam a leitura do escrito quando ele se torna um livro.⁵²

Até aqui, procurei interpretar as grandes polêmicas que envolveram a atuação e os escritos de Rodolfo Teófilo, sobretudo nos anos iniciais que sucederam sua irrupção no cenário intelectual local e nacional. Uma posição ainda carente de reconhecimento pelos pares intelectuais e pelas “instâncias de consagração”, conforme veremos adiante. Deste modo, creio que a repercussão da primeira obra foi esperada ansiosamente pelo farmacêutico-aspirante a literato. A crítica não tardaria: entre os dias 23 e 26 de abril de 1884, o periódico *O Cearense* fez publicar uma extensa resenha:

O Sr. Rodolfo Teófilo nos deu um livro verdadeiro [...] Narra com naturalidade e sem afetação [...] Abundam páginas descritivas desta espécie de nuvem carregada de dores e lamentos que de 1877 a 1880 pesou sobre a face do solo cearense [...] Estamos do lado do Sr. Rodolfo Teófilo quando lamenta o modo calunioso por que foi tratado o povo cearense em massa.

Para o crítico, o caráter veraz do livro é realçado, ao mesmo tempo em que sua militância em defesa da justiça e da memória sobre a honra do povo cearense é enaltecida, através de narrativas imparciais:

No Ceará, onde a paixão política domina todas as coisas a ponto de não ser raro escrever uma obra sobre qualquer assunto na aparência indiferente – com o único feito de ferir um vulto presente [...] é notável o aparecimento de

⁵² CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros*. Brasília: Ed. UnB, 1999. p. 8.

um livro que faz acreditar ter procurado afastar-se da exaltação comum. Os fatos narrados com certa firmeza por ordem cronológica, os horrores e os opróbrios que destes resultam, ficam mais ao critério dedutivo do leitor do que é ofício preconcebido pelo historiador.

Além disso, a resenha confirmava a especificidade da obra, que conjugava a observação direta dos fatos narrados, sempre mediados pelo crivo da imparcialidade: “O autor presenciou a calamidade e pode calcular as proporções do mal imprevisto, é criterioso quando afirma que nenhuma das medidas parciais evitaria o que sofreu o Ceará”. O artigo é finalizado apontando o que seria o único erro de seu livro: as acusações feitas por Rodolfo Teófilo a respeito do roubo de gêneros alimentícios, a partir de informações fornecidas pelos próprios comissários que organizavam os abarracamentos. Sobre esta denúncia o articulista revoltou-se: “Vaga como foi feita não aproveita a História da Província e dá asas à calúnia do exterior [...] Foi o erro mais grave que até aqui encontramos na *História das secas do Ceará*”.

Os ventos demonstravam-se benfazejos a Teófilo, pois, além do ingresso no IHGB (na categoria de sócio-correspondente), esta resenha elogiosa no espaço de um dos mais importantes noticiosos do Ceará seria uma forma de reconhecimento dos méritos da sua obra de estréia.⁵³

Em 1895, ao rebater as críticas de Adolfo Caminha a seu romance *A fome*, Rodolfo Teófilo se valia do prestígio alcançado por sua obra para alfinetar o desafeto:

⁵³ “O chamado livro de estréia, antes de mais nada, necessita do reconhecimento dos agentes e agências pertencentes ao campo, os quais legitimam um determinado livro de estréia enquanto tal. Daí já é possível deduzir que nem sempre o primeiro livro de um autor é reconhecido como sua estréia literária e, segundo, ainda que a publicação seja um ato imprescindível, ela por si só não é suficiente para classificar, avaliar e qualificar o produto do trabalho de um autor [...] Além da demanda social, é preciso levar em conta também a interação social que o autor estabelece com outros agentes do campo em questão, qual sua rede de relações e o capital social já adquirido por meio de uma intrincada rede de contatos, negociações e trocas efetuadas no espaço sócio-literário. Num certo sentido, o livro de ‘estréia’ necessita de uma ‘aceitação social prévia’. Isto é, para que seja publicado, o livro passa por instâncias próprias do campo que agem como uma espécie de ‘filtro’ que autoriza ou não a sua edição”. (PASSIANI, Enio. *Na trilha do Jeca*: Monteiro Lobato e a formação do campo literário brasileiro. Bauru: Edusc, 2003. p. 156).

Concluindo, peço a Adolfo Caminha para ler a *História da seca do Ceará* de 1877-1880 – essa tragédia tremenda que teve por teatro a sua terra e minha, pois encontrará nela um farto manancial de fatos extraordinários, todos devidamente documentados.⁵⁴

O próprio Rodolfo Teófilo relembriaria em 1924, portanto cerca de quarenta anos depois, o impacto positivo de sua estréia no mundo intelectual brasileiro, na qual a imprensa do Rio, tradicionalmente mordaz com autores nortistas, teria recebido seu livro “sem pedradas”. Pelas memórias de Teófilo pode-se perceber como, a partir de seu primeiro livro, ele passava a construir um caráter veraz e preciso de uma espécie de escrita “autorizada” sobre as secas, a ponto de admoestar o já consagrado escritor Euclides da Cunha, que teria feito alusões escritas pouco precisas sobre as secas no Ceará:

Estranhei a ignorância e escrevi ao Euclides enviando-lhe tudo que pude obter sobre as secas. Ofereci-lhe um livro raro, hoje o diário doloroso do grande flagelo de 1877 a 1880.⁵⁵

Rodolfo garante que a leitura de sua obra “devia tê-lo impressionado”, pois algum tempo depois “Euclides da Cunha me respondeu desculpando-se e ficamos amigos”. Estes testemunhos de Teófilo estão presentes no livro de crítica literária *Os meus zoilos* (1924), obra escrita como forma de defesa da sua posição diante de várias críticas e detrações. Em que pese a necessidade de confirmar seu próprio prestígio no meio intelectual brasileiro, nitidamente presente no trecho citado, percebe-se como Rodolfo Teófilo continuava evocando sua obra de estréia.

Como já foi comentado, Rodolfo Teófilo manteria em seus livros uma certa ênfase na temática das secas: fossem eles romances, relatos históricos, memórias, obras didáticas ou científicas. Teófilo criou a “topografia” específica para suas obras, demarcando cada vez mais sua posição no campo intelectual.

⁵⁴ TEÓFILO, Rodolfo. *Os meus zoilos*. Fortaleza: Tipografia de Carlos Jataí, 1924. p. 90.

⁵⁵ Ibid. p. 8. O livro a que Teófilo se refere, como já sabido, é *História da seca do Ceará*, que conhecera em 1922 uma segunda edição, reforçando ainda mais a percepção do êxito da obra para Rodolfo Teófilo.

1.2. A FOME DE MEMÓRIA

Ainda colhendo os dividendos simbólicos de sua bem-sucedida estréia escriturária, Rodolfo Teófilo dividia tempo e energia entre a vida de intelectual, suas atividades abolicionistas e de farmacêutico. Os anúncios em jornais⁵⁶ revelam que durante o início da década de 1880 sua farmácia prosperava. Em 1883, por exemplo, ele adquiriu do Sr. Seixas Correia uma propriedade na Pajuçara (que posteriormente seria chamada pelo escritor de Alto da Bonança, seu retiro predileto), ao mesmo tempo em que diversificava ainda mais suas atividades, dedicando-se também ao magistério (Escola Normal e Liceu) e a experiências de caráter científico nas áreas de climatologia e mineralogia.

Sua atuação na carreira de professor levou ao investimento na realização de obras de caráter didático, como a *Monografia da mucunã* (1888), *Ciências naturais em contos* (1889), *Curso elementar de História natural* (1889) e *Botânica elementar* (publicado originalmente em 1889 e revisto e ampliado com o auxílio de Garcia Redondo em 1907). Estes livros, apesar de várias críticas, conheceram um relativo sucesso, sendo adotados em escolas locais (como a Escola Normal) e aprovados pelo Serviço de Instrução Pública de São Paulo.⁵⁷

⁵⁶ Rodolfo Teófilo produzia uma variada gama de preparos farmacêuticos, muitos dos quais durante décadas foram anunciados em jornais da capital cearense. Tal longevidade atesta a popularidade destes medicamentos e dos referidos anúncios; entre os mais conhecidos figuravam os xaropes de iodeto de potássio e cascas de laranja (usados na cura de reumatismos), o xarope de urucu (que prometia “cura infalível” para a asma), além de elixires para sífilis e males intestinais.

⁵⁷ Nestas obras Teófilo realiza um investimento intelectual na área do magistério, alcançando relativo êxito, pois as obras como *Ciências naturais em contos* e *Botânica elementar* seriam usadas na educação pública cearense e cotejadas para a educação pública paulista. O *Curso elementar de História Natural* fez parte da exposição de Chicago em 1893. A respeito da *Monografia da mucunã* Teófilo seguia demarcando sua autoridade sobre a temática das secas, afinal seus estudos incidiam sobre uma planta largamente utilizada pelos retirantes como alimentação em época de secas. De acordo com Teófilo, essa planta, apesar de possuir propriedades tóxicas, sob tratamento adequado poderia ser uma forte aliada do governo para lidar com o problema da fome durante as estiagens. O livro inicialmente despertou a atenção dos poderes públicos, que publicaram a obra no *Diário Oficial*. O livro é finalizado assim pelo próprio Teófilo: “Convencido de que prestei à ciência um serviço estudando esta leguminosa e que a análise pode vir a ser proveitosa às populações famintas do norte do Brasil nas grandes secas, escrevi esta monografia que apresento à apreciação dos poderes competentes e espero que pela importância do assunto

Portanto, estes anos, se não foram os mais produtivos da vida intelectual de Teófilo, com certeza foram os mais intensos profissionalmente. Dividindo-se entre as atividades farmacêuticas, do magistério e das letras, ele conseguiu uma diversificação de ocupações que teria lhe permitido possuir meios mais eficientes para garantir dividendos materiais e prover seu sustento – um aspecto importante para a compreensão do cenário intelectual cearense, afinal, como afirma Caterina Saboya de Oliveira:

No Ceará e, mais marcadamente, em Fortaleza, o fim da Campanha Abolicionista e a mudança na estrutura econômica fazem desaparecer a possibilidade de associação de intelectuais em sociedades de caráter cultural-econômico que possibilitassem a edição de livros e revistas. Sem terem conhecido uma condição social de estabilidade que se equiparasse à dos intelectuais do Império, nossos escritores viam-se, sobretudo, como “categoria social isolada” em um meio em que se processava a estagnação econômica. Daí o êxodo, ou “expatriamento”, na expressão de um “expatriado”, Antônio Sales, para a capital do país. A vida intelectual ficaria circunscrita sobretudo a instituições oficiais.⁵⁸

O caso de Teófilo mostra o quanto a cidade de Fortaleza passara a verificar um aumento constante do que poderíamos chamar de “classes médias” ou “profissões liberais” cujo cabedal educacional e a penetração das idéias científicas ajudariam a construir representações e discursos nos quais esses setores sociais pudessem reafirmar suas idéias e valores.⁵⁹

seja ela tomada na consideração que julgo merecer” (apud SOMBRA, Waldy. *Rodolfo Teófilo, varão benemérito da pátria*. Fortaleza: Prefeitura Municipal de Maracanaú, 1997. p. 246).

⁵⁸ OLIVEIRA, Caterina Maria de Saboya. *Fortaleza: seis romances, seis visões*. Fortaleza: EUFC, 2000. p. 41.

⁵⁹ “O crescimento da cidade de Fortaleza e das profissões liberais deu espaço para uma nova forma de poder que tinha por base o saber. Os novos serviços burocráticos necessários à complexidade do viver urbano acabavam por criar uma camada social cuja distinção e poder se davam pelo domínio formal e acadêmico que garantia, além de cargos no aparelho estatal, educação e refinamento para viver nos espaços de sociabilidade urbana”. (ALENCAR, Manuel Carlos Fonseca de. *Adolfo Caminha e Rodolfo Teófilo: a cidade e o campo na literatura naturalista cearense*. Dissertação de mestrado em História – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2002. p. 35). Para maiores detalhes acerca dos papéis desempenhados por estas camadas médias em

Como componente desses setores médios, Rodolfo Teófilo provavelmente possuía neste momento de sua vida uma razoável condição financeira oriunda de suas atividades como farmacêutico e professor. Sem passar por privações e percalços materiais mais sérios, ele pôde investir em uma forma escriturária inédita: o romance. Intitulado *A fome*, a obra veio a público em 1890 e apresentava os dramas e tragédias vivenciados pelos retirantes durante a seca de 1877-1880.⁶⁰

Acredito que este investimento literário de Rodolfo Teófilo pode ser interpretado como mais uma vontade de memória sobre sua vivência na seca de 1877. Afinal, sua experiência neste evento já havia rendido um monumental livro-documento: *História da seca do Ceará*. Desta feita, suas reminiscências sofreriam um tratamento estético diferenciado, para produzir a perpetuação de suas próprias memórias sob a forma de um romance.

O tratamento literário de grandes transformações históricas foi uma situação comum entre os escritores do final do século XIX que percebiam o fluxo de mudanças que se abatia sobre a sociedade e usavam a literatura como instrumento de pensamento sobre essas mudanças. História e literatura emergiam como fruto de processos homólogos e engendrando entre si relações de intercâmbio e/ou confrontação.⁶¹

Fortaleza durante esse período, cf. TINHORÃO, José Ramos. *A província e o naturalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966; e OLIVEIRA, op. cit.

⁶⁰ Novamente Teófilo utiliza a imprensa para anunciar a venda de seu livro. No anúncio, além do preço de três mil-réis, a publicação de uma nota elogiosa da *Gazeta do Norte* sobre a obra. Convém salientar que neste ano o Ceará passava por uma nova estiagem. Essa “*Métis*” de Rodolfo Teófilo em relação à escrita e publicação seria uma constante em sua vida intelectual.

⁶¹ Neste intrincado jogo, destacava-se a historicidade do escritor, pois, como salienta Sevchenko: “Os escritores se encontravam numa situação particularmente estratégica para abarcar toda a gama de conflitos que permeavam a sociedade. Postos à revelia do processo de tomada de decisões, enfeitados pelas elites política e social, desprezados até mesmo no seu labor intelectual, eles sentiram ao mesmo tempo as agruras da necessidade e o arbítrio dos poderosos. Sua identificação com as camadas marginalizadas da população foi por isso mesmo imediata, sendo pelo grito de desespero e resistência desses condenados ingênitos que um e outro procuraram afinar seu clamor crítico. Sua formação cultural e filiação a uma linhagem de intelectuais voltados para a participação pública os predisponha para posições de liderança e o anseio ao planejamento e gestão social [...] Como críticos da elite, eles eram portadores de planos alternativos para a sua revalidação, enquanto agente eficaz do corpo social maior, democraticamente organizado. [...] O ponto de intersecção mais sensível entre história, literatura e sociedade está concentrado evidentemente na figura do escritor. Eis porque uma análise que pretenda abranger esses três níveis deve se voltar com mais atenção para a situação particular do literato no interior do meio social e para as características que se incorporam no exercício de seu papel em cada período”.

Portanto, a inserção de intelectuais na tarefa de participar da regeneração das instituições nacionais não prescindia do uso da linguagem literária. Pelo contrário, ela mesma passa a ser alçada a uma posição singular dentro das atribuições dos “mosqueteiros-intelectuais”.⁶²

Com efeito, os intelectuais cearenses se lançavam à problematização das questões locais, valendo-se de suas práticas letradas, quase sempre influenciadas pelo pensamento cientificista. Sob esta ambiência, própria das condições internas do campo intelectual, é que Rodolfo Teófilo resolve perpetuar suas memórias sobre a seca de 1877 na senda da criação literária.

Destarte, em 1890, ao publicar seu primeiro romance *A fome*, Rodolfo Teófilo inaugurava um investimento intelectual de caráter estético. Doravante sua escrita não seria avaliada somente pela precisão e veracidade, mas por critérios de imaginação e criatividade artística.⁶³

A obra ambienta-se na famosa seca de 1877-1880, narrando as tragédias cotidianas dos retirantes que emigravam para a capital cearense em busca de auxílio governamental, detendo-se em histórias paralelas relacionadas com uma dessas famílias, a do retirante Manuel de Freitas, protagonista do romance.

Teófilo usa de boa parte das informações presentes em sua *História da seca do Ceará*, narrando detalhes climáticos e topográficos da província cearense na época, bem como hábitos e crenças da população. O tom da obra é crítico (censuras à escravidão, à incúria governamental, ao vício dos jogos etc.). A

(SEVCENKO, op. cit. p. 244). De acordo com Alcântara Nogueira, o filósofo Rocha Lima, contemporâneo de Teófilo e uma possível referência intelectual sua, considerava que o romance seria a suprema forma de expressão literária, pois era “o único que pode vulgarizar o complexo de idéias adquiridas, discutir as múltiplas e variadas formas de vida social, analisar os seus últimos elementos e em seus infinitos desenvolvimentos, as paixões, os interesses etc.”. (apud Nogueira, op. cit. p. 49).

⁶²“Destá feita, o significado pelo qual os intelectuais estudados elegeram a literatura como objeto de compreensão do real, capaz de fornecer o sentido epistemológico do conhecimento, tem a ver com o papel que o século XIX atribuiu à criação literária, bem como à filologia e a Historiografia Literária. Tanto a ficção como o estudo da literatura foram os meios de ação político-intelectual que ajudaram os grupos letrados a produzirem sentimentos identitários e ensaiarem a organização da língua oficial”. (CARDOSO, op. cit. p. 125).

⁶³ “Com respeito mais especificamente à literatura, a seca foi um dos fatores preponderantes, determinando os perfis dos personagens e a trama de praticamente todos os romances, de forma que o naturalismo é comumente chamado ‘literatura da seca’”. (ALENCAR, op. cit. p. 120).

linguagem oscila entre a rudeza e a formalidade científica (descrição de patologias, cenas de sexo ou de sinistros). Assim como em sua obra de estréia, sobram elogios para o clero (personificado na figura do padre Clemente), reticências quanto ao saber médico e farpas para os sábios da corte.

Sabemos do sucesso deste romance de Rodolfo Teófilo através da pena de seu principal detrator, o escritor Adolfo Caminha. Nascido em 1867 no Ceará, Caminha segue carreira militar até envolver-se em um escândalo conjugal envolvendo um oficial do Exército, sendo demitido da Armada. Passa a intensificar as atividades literárias, figurando entre os fundadores da Padaria Espiritual, adotando o nome de guerra de Felix Guanabarino. Contudo, acaba saindo da agremiação e fixando residência no Rio de Janeiro. Na Capital Federal passa a dedicar-se às atividades jornalísticas e literárias, escrevendo artigos na *Gazeta de Notícias* (um dos jornais de maior circulação na cidade) entre novembro de 1893 a julho de 1894. Tais artigos forneceriam a base do único livro de crítica literária do autor: *Cartas literárias* (1895).⁶⁴

Nesta obra percebe-se o ressentimento de um escritor que se considerava uma espécie de “pária” duplamente injustiçado. Vilipendiado por uma sociedade hipócrita que condenava moralmente o escândalo em que se envolveu e desprezado por uma crítica literária encomiástica orientada por filiações pessoais e políticas.⁶⁵

As resenhas que me interessam são aquelas em que Caminha desqualifica o sucesso de vários escritores perante a crítica (à revelia de seu próprio ostracismo intelectual), elegendo como alvo central Rodolfo Teófilo e seu livro romance inaugural: *A fome* (1890).

Em 1893 Caminha escreve um artigo, no citado periódico carioca, intitulado *A fome*:

⁶⁴ CAMINHA, Adolfo. *Cartas literárias*. Fortaleza: EUFC, 1999.

⁶⁵ Conforme observou Caterina de Saboya Oliveira, Caminha designava esta penetração de critérios políticos no reconhecimento literário de “protetorado de Midas”, no qual escritores “nulos” e os “mediócras” conseguiriam alcançar notoriedade mediante a sujeição política e abandono de seus próprios ideais. Nas antípodas deste movimento ele situava o escritor talentoso, cuja coerência intelectual e artística o impedia de aderir a jogos políticos e, portanto, condenado a ser lembrado (?) como “obscuro”. (Cf. OLIVEIRA, op. cit.).

Há um bom quarto de hora que tenho suspensa a pena, em atitude circunspeta e religiosa de quem espera uma revelação divina, sem saber o que dizer do novo livro do Sr. Rodolfo Teófilo; e a minha dificuldade e o meu embaraço, a minha incerteza sobe do ponto, ao cogitar eu no modo lisonjeiro com que foi acolhida essa obra, na opinião da imprensa a melhor do autor.

Efetivamente, *A fome* foi recebida com palmas estrondosas e flores de alambicada retórica provinciana, não sei se em consideração ao autor ou se em reverência ao editor.

Uma obra de súbito quilate, disse *una voice* a imprensa, uma obra de incontestável merecimento literário!

Eu contesto.⁶⁶

Caminha acabaria acusando a obra de ser “sem estilo” e “faltosa à verdade”, um livro feito por alguém que presenciara os eventos inspiradores da trama, mas que vai perdendo a cada página seu interesse, quando “Esmaecem as tintas, a imaginação toma lugar à verdade, a linguagem afrouxa-se de maneira sensível, nota-se o esforço na urdidura dos fatos”; encaminhando-se a um final moralista inverossímil.

Adolfo Caminha esclarece, contudo, que embora fosse notadamente “um cidadão muitíssimo trabalhador”, “ativíssimo fabricante de vinho de caju”, “bom cidadão”, “extremamente amoroso para com sua terra natal”, Rodolfo Teófilo seria falto de “largueza de vista, orientação e bom gosto”, carências que o impediriam de conseguir um “lugar proeminente na literatura nacional”.

O corolário da crítica era óbvio: se por um lado Teófilo poderia ter a certeza de seu lugar social de benemérito e cidadão laborioso, por outro lado ele não deveria ter motivos para reconhecer-se (ou ser reconhecido) nos meios intelectual e artístico.

Para Caminha, o mesmo assunto das secas (o qual Rodolfo Teófilo parecia querer converter em sua especialidade) renderia nas penas de um José de Alencar ou de um Aluísio de Azevedo “páginas admiráveis de estilo e verdade”,

⁶⁶ CAMINHA, op. cit. p. 113.

enquanto na escrita de Rodolfo Teófilo produziram tão somente “páginas sem estilo, sem verdade às vezes, e eu diria sem interesse”.

Outro ponto fundamental da crítica está no uso da linguagem científica colocada na narrativa e até mesmo na boca de personagens (muitos dos quais eram retirantes):

Muito bem; quando o leitor quiser saber dessas coisas, que afinal não podem ser compreendidas por toda a gente, vai à verdadeira fonte. Claude Bernard ensina isso maravilhosamente. São outros os intuitos do romancista moderno. Por que não escreve o autor d’*A fome* tratados de fisiologia e de ciências naturais? Se sua vocação é ciência pura, valia mais a pena enriquecer a bibliografia nacional com obras de ciência [...].

O romance é um dos gêneros mais difíceis em literatura. Modernamente o romancista precisa ser um observador perspicaz, um artista consciencioso e um homem ilustrado [...].

Escrever um romance não é somente acumular fatos inverossímeis e sem lógica.⁶⁷

Nos meses seguintes à publicação da crítica de Caminha, Teófilo se dedicou a preparar uma réplica, criticando sua obra principal, *A normalista*. Efetivamente sua posição havia sido ameaçada por um concorrente, que veiculava críticas profundas a partir da Capital Federal, onde possivelmente encontrariam uma certa ressonância. O contra-ataque veio a público no jornal *O Pão*, durante os meses de julho a outubro de 1895.

Entendo que esta polêmica adquiriu foros de uma disputa pela hegemonia de uma produção literária ortodoxamente naturalista: como veremos a seguir, ambos desqualificavam as pretensões de verdade na obra de seu concorrente.

Teófilo afirmou que não aceitaria a crítica de inverdade presente em sua *A fome*, visto que ele baseara sua escrita em uma minuciosa pesquisa empírica:

⁶⁷ CAMINHA, op. cit. p. 117.

De todas as injustiças que o Sr. Caminha faz a *A fome* a que mais me doeu e me revoltou mesmo foi a falta de verdade nas cenas que descrevo.

Tenho consciência do contrário; percorri abarracamentos, ouvi com grande atenção e piedade as narrativas dos infelizes famintos e assim julguei ter fotografado no meu livro, não todos os episódios dessa angustiosa época, porém os que julguei mais extraordinários sob o ponto de vista das misérias humanas.⁶⁸

Aproveitando o ensejo, Teófilo parte para o ataque e pontua vários anacronismos e erros histórico-científicos presentes na obra de Caminha, invertendo suas acusações: era *A normalista*, e não *A fome*, que faltava com a verdade.

Afirma que *A normalista*, de Adolfo Caminha, fracassou ao querer “iniciar a escola realista cearense”, pois seu “naturalismo moderno não exprimia a verdade, faltava a cor local, que o esboço era imperfeito e a ação defeituosa”, sacrificando a verdade em nome de “arranjos romanescos”, produzindo cenas psicologicamente inviáveis ou sociologicamente equivocadas.

Rodolfo Teófilo não abre mão do uso do linguajar científico presente em sua obra, afirmando que “os conhecimentos de patologia” seriam “indispensáveis a um escritor”, residindo aí uma grave lacuna da formação de Caminha, carente também de “orientação e preparo científico”:

O autor d’*A normalista* deve estudar um pouco de História Natural, coisa que todo homem deve conhecer e mais do que todos os escritores que se dedicam ao estudo do coração humano, da natureza e verá que Deus criou tudo com uma perfeição admirável, uma harmonia sublime.⁶⁹

⁶⁸ Apud OLIVEIRA, op. cit. p. 97.

⁶⁹ TEÓFILO, *Os meus zoilos*, p. 69. Na referida obra Teófilo assevera que as críticas foram publicadas enquanto Caminha era vivo, na época através do periódico *O Pão*, como já mencionado.

Rodolfo Teófilo inverte as acusações: o uso do linguajar científico era imprescindível para um escritor, sob pena de escrever cenas irreais (e portanto falsas) comprometendo uma obra que se queria naturalista, e arremata: “Recolha-se e medite o autor de *A normalista*, e convença-se de que escreveu um mau livro em todos os sentidos”.⁷⁰

Rodolfo Teófilo continuaria sua defesa, respondendo a referências de Caminha às suas atividades profissionais:

Talvez meu crítico supusesse que eu me molestava, dizendo ser eu fabricante de vinho de caju, se assim pensou, enganou-se, a minha vaidade não chega à empáfia balofa; tenho muita honra em ser industrial, em harmonizar o útil ao agradável. Nas horas vagas, faço literatura, escrevo sonetos, contos e por desfastio aponto as parvoíces literárias de romancistas pulhas.⁷¹

Prosseguindo, Teófilo aproveita para demarcar novamente seu lugar:

Adolfo Caminha não conhece a seca, o maior mal que pode flagelar um povo. [...] Sei que aquele livro (*A fome*) tem grandes defeitos, divagações que prejudicam o entrecho, mas as cenas são verdadeiras e não falsas como diz Caminha. [...] Não foi a ambição de glórias, de renome que me fez escrever a história da seca, mas a necessidade de deixar escritas informações desse tempo aos pósteros [...] A minha envergadura é pequena para dar-me a recantos onde estão Alencar, Álvares, Guerra Junqueira e sei que eles escrevendo a seca davam páginas de melhor estilo, de mais arte, porém de mais verdade não. Talvez os arroubos de gênio fizessem sacrificar a verdade à arte.⁷²

⁷⁰ Apud OLIVEIRA, p. 99. Posteriormente, em 1924, Teófilo publicaria novamente a polêmica travada com Caminha nas páginas de seu livro de crítica literária, *os meus zoilos*, aproveitando para substituir o termo “mau livro” por “falso livro”.

⁷¹ TEÓFILO, *Os meus zoilos*, p. 75

⁷² Ibid. p. 79, 80, 87. Sobre o abuso de termos científicos Teófilo afirmou: “Não duvido que a leitura cotidiana de ciência tenha feito incorrer nessa falta, mas não a ponto de sacrificar as cenas que descrevo, a estética do quadro que pinto, que reproduzo do natural”.

Rodolfo Teófilo admite certa parte das críticas à sua obra, mas apenas no tocante aos quesitos estético-formais. Sua pretensão a uma escrita verdadeira capaz de legitimar sua posição e autoridade em relação à literatura realista cearense e ao conhecimento da realidade trazida pelas secas é firmemente mantida, uma posição da qual ele não arredaria pé. Anos depois, em 1922, escreveria que:

Na seca de 1877, a seca-tipo, eu precisava conhecer *de visu*, um abarracamento de retirantes, precisava de modelos para o romance *A fome* – que publiquei depois. Estudei demoradamente a calamidade e a psicologia do faminto. A observação dos fenômenos me convenceu de que a miséria tudo dilui de bom na alma humana [...] As cenas que descrevo n’*A fome* são cópias fiéis do original.⁷³

A troca de acusações entre Adolfo Caminha e Rodolfo Teófilo, bem como o teor das mesmas, faz mais sentido se for situada dentro de uma disputa pela hegemonia no campo intelectual cearense no que diz respeito à literatura naturalista-realista. Uma querela que passava necessariamente pela desqualificação das temáticas e linguagens utilizadas pelo concorrente.⁷⁴

⁷³ TEÓFILO, Rodolfo. *A seca de 1915*. p. 47. Neste sentido é interessante frisar que Eduardo Campos em 1981 observou que inúmeras narrativas contidas n’*A fome* estavam baseadas quase que na íntegra em relatos de jornais da época: “Nossa intenção, percebível, foi tão só mostrar a fidelidade do vigoroso autor de *A fome* às ocorrências mais destacadas que, no Ceará sofrido de 1877 a 1878, sensibilizando a opinião pública, estiveram em primeiro lugar nas páginas de seus principais jornais”. (CAMPOS, Eduardo. A autenticidade do romance *A fome*, de Rodolfo Teófilo. *Revista Cultura-MEC*, Brasília, a. 10, n. 37, 1981. p. 51). Este caráter veraz e “reprodutor” da realidade provavelmente foi o responsável pelo subtítulo “Cenas da seca no Ceará” usado na primeira edição da obra (1890), enquanto na segunda edição, anos depois, a palavra “romance” substituía a classificação anterior.

⁷⁴ Este florescimento da literatura realista-naturalista estava intimamente ligado a transformações sociais e econômicas que alteravam as estruturas produtivas do país: “O romantismo representou bem um modelo de sociedade estável mantido sob um sistema homogêneo de autoridade, como o do II Reinado no Brasil [...] O substrato material desta sociedade era um sistema econômico letárgico, que mantinha os pólos, agentes e circulação de riquezas, estáveis por períodos suficientemente longos de forma a consagrar uma imagem consolidada da sua sociedade e de sua elite [...] Já o realismo e o naturalismo representam a sociedade multifragmentada, em que, havendo rompido o sistema de hegemonia de uma elite uniforme, vários grupos sociais se vêem encorajados a conceber a sociedade a partir de sua perspectiva particular [...] Pensamento e sentimento passam para segundo plano, num mundo de valores indefinidos, em que o indefinido é o maior valor [...] O indivíduo perde a sua estabilidade passando os grupos sociais e as coletividades à altura como principal valor de referência. Enquanto o romantismo, firmado sobre o

O momento intelectual do Brasil apontava nos idos dos anos 1870 a concomitância do realismo e do romantismo, sendo que este cada vez mais dava sinais de esgotamento diante da nova proposta da literatura que assinalava sua adesão aos imperativos da ciência e do progresso.⁷⁵

A literatura passava a ser considerada um instrumento de conhecimento da realidade nacional, voltada para as necessidades pragmáticas de regeneração da vida do país. O naturalismo colocava-se como a melhor opção para apreensão desta realidade. Tal pretensão não era inteiramente inédita, afinal o próprio romantismo também anelava pela construção de um caráter nacional. A partir de suas práticas literárias, os escritores naturalistas cerravam fileiras para atacar a “superficialidade” romântica em retratar a vida social do país:

Segundo eles, o Romantismo era um pensamento idealista e conservador, contrário às novas idéias do século, que exigia uma visão mais realista e positiva. Na verdade o Romantismo se apresentava como a estética oficial do Império, estando intimamente ligado ao poder. Desta forma, uma nova mentalidade teria que insurgir-se contra aquela que tinha sido a base ideológica do poder monárquico. Não é de se espantar que foi no Nordeste, sobretudo no Recife e no Ceará, onde despontou essa tendência crítica que mais tarde daria forma ao naturalismo brasileiro.⁷⁶

herói individual, baseava na duração da sua vida a divisão do tempo; para o realismo, fruto de processos de transformação, o tempo abrange a dimensão da história”. (SEVCENKO, op. cit. p. 227).

⁷⁵ “Religião, linguagem, história, direito, política, literatura passavam a subordinar os novos métodos de estudos, ao mesmo tempo em que se popularizava a ciência, rechaçavam-se o mistério e o sobrenatural e afirmava-se o relativismo das coisas do homem e do universo. A poesia, que devia ajustar-se a novas afirmações, já apresentava algumas mudanças: os últimos românticos já em descrédito, ainda byronianos e lamartinianos; posições novas sempre harmônicas – revolução, socialismo, positivismo, romantismo transformado ‘ao lado da metafísica idealista de alguns’ [...] Vemos em síntese uma efervescência gerada pela convergência de idéias novas do campo da ciência e da filosofia, refletidas de fora para dentro, estimulando seguidores jovens, ainda presos a raízes românticas, sem originalidade, embora ansiosos de novidades [...] Todos eles traziam os ouvidos impregnados de ressonâncias discursivas e sonoras do condoreirismo. Naquela ‘confusão de gerações’, eles são numerosos”. (CASTELLO, José Aderaldo. *A literatura brasileira*. Origens e unidades. Vol. 1. São Paulo: Edusp, 2004. p. 284, 286).

⁷⁶ ALENCAR, op. cit. p. 27.

Nesse embate, os escritores naturalistas criariam uma série de premissas que ao mesmo tempo definiam as características da escola e que seriam fundantes de uma sensibilidade regionalista, um olhar específico para ver a realidade nacional e doravante regional (o que os naturalistas chamavam freqüentemente de “cor local”). Este regionalismo literário encetou obras que se vinculavam às tradições lingüísticas populares cujas narrativas construía representações do Brasil, dentro de uma ambientação rural de suas temáticas.⁷⁷

É precisamente sobre a posse e o uso destas características que Teófilo e Caminha se digladiavam. Afinal, o que os próprios naturalistas esperavam de suas obras?

Uma obra com pretensões naturalistas partia do pressuposto da existência de uma analogia entre sociedade e natureza, ambas guiadas em sentido positivo, pela força inexorável das leis, mostrando o quanto o naturalismo era herdeiro da tradição cientificista (representada no Ceará, inicialmente, pela Academia Francesa). Destarte, a apreensão destas interconexões entre “natureza” e “sociedade” só seria exequível a partir da observação atenta desta sociedade, na qual o próprio escritor estaria sujeito às pressões mesológicas das quais não poderia escapar.

Como o próprio Teófilo argumentara, não era fortuita a utilização da linguagem científica em seus livros. Ele mesmo admitiria que seu anseio em produzir páginas “verdadeiras” acabaria trazendo um comprometimento estético de suas obras. Pior para a estética, afinal conforme Teófilo, se esse fosse o preço a ser pago para a realização de uma obra “verdadeira”, assim seria. Essa deficiência estética, como visto, foi usada por Caminha em suas críticas.

⁷⁷ “Sabemos que ainda nos limites do século XIX, reconhecidas as formulações teóricas de escritores de então, chamava-se a atenção para o típico e a cor local, falava-se em sertanismo e caipirismo. Sobretudo, enfatizava-se a preocupação de fidelidade ao conhecimento da paisagem descrita, desde a paisagem física aos hábitos, costumes, alimentação, vestuário, moradia, seja em pleno sertão, em fazendas, seja no meio urbano-rural. Passando pelos estilos romântico e realista e naturalista, as poéticas e as teorias, que os presidiram, atuaram especificamente em termos de tratamento temático sobre a tessitura romanesca, marcando a visão do destino das figuras centrais da narrativa. Os componentes propriamente descritos para reorganizar o universo físico e social, ou até dados tomados de fatos e aos acontecimentos do presente ou da tradição, obedeciam a uma espécie de realismo interno, quer dizer, próprio da nossa narrativa, em virtude da preocupação quase documental de aspectos de um Brasil diversificado e ao mesmo tempo unitário”. (CASTELLO, op. cit. p. 436).

A polêmica entre Teófilo e Caminha (ambos escrevendo sob a égide da “ortodoxia” naturalista) confirmava a disputa simbólica típica desse campo intelectual, uma disputa capaz de gerar distinções e hierarquias que envolveriam os dois intelectuais.

A despeito de suas características naturalistas, obras de Rodolfo Teófilo como *A fome*, *Violação* e outras acabam chamando a atenção pela presença de cenas de necrofilia, autofagia, mutilação etc. e que foram qualificadas pela crítica como excessivamente tétricas e mórbidas. Acredito que esta opção de Teófilo tradicionalmente explicada a partir de sua filiação aos cânones naturalistas possa também ser interpretada por outros fatores.

Gostaria de retomar as diversas observações das críticas a respeito das obras de Teófilo feitas por seus contemporâneos, sobretudo no que diz respeito à linguagem das mesmas. A maior parte das detratações aos livros de Teófilo incidiam sobre seu estilo frouxo e rude, bem como pela opção por narrativas de episódios de caráter mórbido, como neste trecho de seu romance de estréia:

Apodrecia ali o cadáver de um homem, cujo rosto já estava medonho pela decomposição. A pele cianótica se estilhaçava na putrefação, que fazia a cara disforme e horripilante. A fisionomia mais horrída tornava o nariz, que diluído em uma amálgama de pus e vermes, caía sobre a boca, já sem lábios, e não mais cobria os dentes alvos e sãos. Os olhos arregalados a saltar das órbitas, num olhar de morto, sem luz e consciência pareciam fitar o fazendeiro. O cadáver estava vestido de camisa e calça de algodão. O hábito, entretanto, na altura do ventre estava rasgado, e rasgado também estava o abdômen pelo cão, a cevar-se dos intestinos e vísceras do morto.⁷⁸

Acredito que um dos principais intuitos desta opção formal e estilística seria o de sensibilizar o leitor mediante uma descrição impactante, produzindo nele a sensação de revolta e sentimento de justiça. Interpretada deste modo, a escrita de Teófilo aproxima-se daquilo que Thomas Laqueur denominou de “narrativa humanitária”.

⁷⁸ TEÓFILO, Rodolfo. *A fome*. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2002. p. 58.

Para Laqueur, no século XIX o romance de pendor humanitário em geral consistia em um gênero que envolve discussões sobre a relação entre os fatos do mundo, as ficções e o contato de ambos com os leitores.

Neste sentido esta narrativa seria um “empreendimento estético” que primava antes de qualquer coisa pela “confiança no detalhe enquanto signo da verdade” capaz de gerar o que denominou de “ações mitigatórias”.

Enquanto instrumento desta mediação, o romance procurava estabelecer vínculos entre os leitores (os que ajudariam) e os sujeitos (os que sofrem), ou seja, de acordo com Laqueur, seria uma obra humanitária que, pautando-se pela entronização do detalhe (enquanto signo de verdade) buscaria descrever “Um sofrimento específico e oferece[r] um modelo para a ação social”.⁷⁹ Destarte, há na narrativa humanitária a tentativa de se criar um elo entre leitor e personagem a partir da descrição detalhista do corpo que sofre:

A narrativa humanitária fundamenta-se no corpo pessoal, não apenas como o *locus* da dor, mas também como elo comum entre os que sofrem e os que ajudariam, e como objeto do discurso científico através do qual se estabelecem as ligações causais entre um infortúnio, uma vítima e um benfeitor [...] Nas narrativas humanitárias dos séculos XVIII e XIX, ao contrário, o corpo individual vivo ou morto adquiriu um poder próprio. Na verdade um cadáver, ainda mais que a carne vivificada, permitiu que a imaginação penetrasse a vida de um outro [...]

Alguém ou algo fez alguma coisa que provocou dor, sofrimento ou morte, que podiam, sob determinadas circunstâncias, ter sido evitados ou mitigados.⁸⁰

⁷⁹ “A capacidade que esses tipos de narrativa têm de provocar compaixão é óbvia [...] Leitor e personagem são ligados por um corpo comum e uma natureza orgânica comum. Aqui estão os desenlaces de vidas/histórias nas quais acreditamos e que nos tocam”. (LAQUEUR, Thomas. *Corpos, detalhes e a narrativa humanitária*. In: HUNT, Lynn (Org.). *A nova história cultural*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 245-246.

⁸⁰ *Ibid.* p. 240, 241, 246.

Portanto, é sob estes aspectos que interpreto a composição de várias cenas detalhadamente “mórbidas” que Rodolfo Teófilo por vezes se esforça para inserir em suas narrativas, como aquelas presentes na saga do retirante Freitas e sua família, bem como em outros de seus romances.⁸¹ É o que se percebe em outra passagem do romance citado:

Rarefeito o véu negro, percebe o fazendeiro o corpo de uma criança. Os morcegos agarrados sugavam o sangue, embora de cheios já não pudessem voar.

Freitas toma a criança nos braços com uma piedade paternal. [...] Manuel de Freitas arrancava um a um e ia-os estrangulando entre os dedos. [...] O último se enchia, indiferente à matança dos companheiros, agarrado no lábio inferior da menina. Freitas segurava-o, mas ele resiste, agarrando-se mais à carne, que chupava. O fazendeiro emprega com mais força aperta-o a ponto de quebrar-lhe todos os ossos, e o sangue esguichar por todos os poros, mas o quiróptero nas convulsões da morte cravou ainda mais os dentes no lábio da criança. Freitas procura arrancá-lo e o cadáver cede, porém trazendo quase todo o beijo da menina.⁸²

Findava o século XIX, Rodolfo Teófilo era um profissional farmacêutico e professor bem estabelecido com uma razoável condição financeira (em 1896 era um dos poucos usuários de linha telefônica em Fortaleza, sob o número 88⁸³), reconhecido como benemérito local e nacional pelo Império brasileiro. Procurara e alcançara considerável reconhecimento social através da vida intelectual, defendendo, mediante a escrita, sua posição de homem da ciência (perante o

⁸¹ “Embora o romance não seja a forma primeira, nem prototípica da narrativa humanitária, seus criadores têm consciência única do poder de suas estratégias literárias. Ao ‘negar seu próprio modo de produção enquanto meras ficções’, como disse um crítico, e ao empregar uma grande variedade de técnicas miméticas (a afirmação, por parte do narrador, de que está simplesmente relatando o que se passou no mundo exterior, o uso do passado imediato, o acúmulo de pormenores circunstanciais etc), o romance cria uma ‘experiência viva’ que adquire autoridade pelo fato de ser, aparentemente, um relato da ‘experiência real’”. (Ibid p. 244).

⁸² TEÓFILO, *A fome*. p. 58. Ainda de acordo com Thomas Laqueur, o surgimento da narrativa humanitária relaciona-se ao crescente uso de minuciosos relatórios judiciais e de autópsia, cuja riqueza de detalhes influenciaria a produção de romances nos mesmos moldes, conforme sugerem as passagens citadas acima.

⁸³ *A República*, Fortaleza, 28/12/1896.

barão de Capanema) e de letras (perante Adolfo Caminha), dividindo-se entre atividades profissionais e intelectuais.

1.3. O CRONISTA DOS INFORTÚNIOS DO CEARÁ

Ao desembarcar em Recife no final do ano de 1872 para começar os preparatórios do Curso de Farmácia, Rodolfo Teófilo iniciaria sua incursão pelo mundo acadêmico. Buscava o “triunfo através do livro”, como referiu certa vez.

Tudo indica que Teófilo entraria em contato com uma atmosfera acadêmica modificada. Desde o início da década de 1870 uma espécie de renovação intelectual atingia em cheio centros como Recife e Salvador; para onde posteriormente Rodolfo rumaria a fim de iniciar o Curso de Farmácia.

Neste período a sociedade brasileira vinha sentindo os efeitos de várias transformações em sua estrutura econômica e política, na qual a aceleração da economia urbano-industrial, ancorada na utilização do trabalho livre, se colocava em choque com um Brasil escravocrata rural e, portanto, arcaico. Tomavam vulto aspirações por um país que certas elites pensavam como potencialmente urbano-industrial e sobretudo civilizado.

Neste aspecto, a miscelânea de conceitos comumente chamada de cientificismo alcançava grande popularidade em certos setores intelectuais, que enxergavam na adesão incondicional aos ditames da ciência ou da “sociocracia positivista” o instrumento para a superação da inferioridade da nação brasileira rumo ao estágio da civilização.⁸⁴

Certamente Rodolfo Teófilo, enquanto estudante em Recife e Salvador, receberia influências deste influxo de pensamentos que se propagava pelo país. Sendo um leitor voraz confesso, é possível que ele tenha, ainda na capital pernambucana, tomado contato com as idéias evolucionistas da Escola do Recife, sobretudo as de seu maior mentor, Sílvio Romero; aliás, o próprio Romero

⁸⁴ Contudo, como salienta Schwarcz, esta popularização inicialmente pode ser interpretada mais como uma “auto-representação” de um Brasil que se queria científico, afinal: “O que se valoriza nesse momento, porém, não era tanto o avanço científico, entendido enquanto incentivo a pesquisas originais, e sim uma certa ética científica, uma ‘cientificidade difusa’ e indiscriminada. Tanto que se consumiram mais manuais e livros de divulgação científica do que obras e relatórios originais. A ciência penetra primeiro como ‘moda’ e só muito depois como prática e produção”. (SCHWARCZ, op. cit., p. 30).

considerava que a chegada do ano de 1870 representava uma nova era na história das idéias no Brasil:

Até 1868 o catolicismo reinante não tinha sofrido nessas plagas o mais leve abalo, a filosofia espiritualista a mais insignificante oposição; a autoridade das instituições monárquicas o menor ataque sério por qualquer classe do povo, a instituição servil e os direitos tradicionais do feudalismo a mais individual oposição, o romantismo com seus dons enganosos e encantadores cismares a mais apagada desavença...

De repente um movimento subterrâneo que vinha de longe, a instabilidade de todas as coisas se mostrou e o sofrimento do império aparece com toda a sua nitidez... Na política é um mundo inteiro que vacila. Nas regiões do pensamento teórico o travamento da peleja foi mais formidável, porque o atraso era horroroso. Um bando de idéias novas esvoaçava sobre nós de todos os pontos do horizonte...⁸⁵

Na capital pernambucana o ex-caixeiro por certo tomara contato com os princípios do materialismo-mecanicista, do positivismo e evolucionismo, familiarizando-se com nomes como Comte, Littré, Kant, Darwin, Renan, Spencer, Buckle, entre outros. Tais influências intelectuais atinaram em Rodolfo Teófilo o despertar para o senso das realidades nacionais, tensionadas entre os discursos oficiais e a realidade material e intelectual observada pelos letrados brasileiros. Nesses centros intelectuais Teófilo sintonizaria seu pensamento aos princípios do hackelianismo e spencerianismo, em detrimento do positivismo comtiano.⁸⁶

Aprovado nos preparatórios, parte para a Bahia, onde se matricula no Curso de Farmácia, preterindo o Curso de Medicina, mais longo e dispendioso. Embora Rodolfo Teófilo pouco tenha escrito a respeito deste período na faculdade, podemos supor que tenha sido um período marcadamente inovador para um ex-caixeiro como ele.

⁸⁵ Apud SCHWARCZ, op. cit. p. 27.

⁸⁶ "São os positivistas os maiores inimigos da vacina. [...] Ser positivista já é uma obcecação". (TEÓFILO, *Varíola e vacinação no Ceará*, p. 241, 242).

Ainda que Teófilo continuasse a passar por limitações financeiras (a pensão paga pelo governo havia sido suspensa por engano, levando-o a realizar um concurso para aluno pensionista do Hospital Militar da Bahia, no qual logrou êxito e garantiu os proventos necessários para concluir a faculdade), o impacto intelectual provavelmente foi intenso, afinal ele tomaria contato de um modo mais sistemático e aprofundado com várias das teorias científicas em voga e que mais tarde ajudariam a compor sua obra escrita.

A Faculdade de Farmácia onde Rodolfo estudava era atrelada à Faculdade de Medicina da Bahia e possivelmente sofria de problemas idênticos: falta de material didático, rarefação de professores, exames pouco exigentes, tensões e violência entre professores e alunos, entre outros. Contudo, em seus esforços de institucionalização, a Faculdade de Medicina construía, ao lado de sua congênera carioca, uma representação do médico enquanto missionário, cuja capacidade de intervenção e cura seria imprescindível para o futuro civilizado do Brasil. Estas faculdades dispunham de uma imprensa médica capaz de articular valores identitários, teorias e práticas desse novo tipo de profissional.

É muito provável que Teófilo tenha conhecido *A Gazeta Médica da Bahia*, publicada inicialmente no ano de 1866. Acreditamos que este periódico, ao lado da própria experiência social de Rodolfo nas epidemias ao lado do pai, tenha sido de grande importância na sua formação intelectual e, sobretudo, em suas concepções acerca da saúde pública. Com efeito, *A Gazeta* possuía um quadro temático no qual durante o decorrer dos anos o tradicional assunto de “medicina interna” ocupava o segundo lugar em quantidade de artigos, perdendo somente para os artigos referentes à saúde pública, que contemplava temas como epidemiologia e saneamento.⁸⁷

Além disso, durante a faculdade Teófilo teria como um de seus ícones acadêmicos a figura do professor da Faculdade de Medicina Nina Rodrigues – intelectual conceituado para quem os “males da mestiçagem” brasileira constituíam-se no grande entrave para o desenvolvimento da civilização nos

⁸⁷ SHWARCZ, op. cit. p. 204

trópicos; um discurso que era ruidosamente incorporado pela imprensa médica baiana, como na referida *Gazeta Médica da Bahia*, afinal:

As epidemias não eram apenas epidemias, já que pareciam revelar o longo caminho que nos distanciava da “perfectibilidade”, ou mesmo a “fraqueza biológica” que imperava no país. Na gazeta, a associação entre doença e mestiçagem era demonstrada não só por meio de relatos médicos e estatísticos. Como também por imagens e fotos, que expunham, de forma muitas vezes cruel, a grande incidência de moléstias contagiosas na população mestiça brasileira.⁸⁸

Como já foi argumentado, o crescimento material de Fortaleza encetou uma certa efervescência intelectual, na qual os letrados lançavam-se ao debate sobre a realidade nacional e local, construindo discursos e estratégias de legitimação de suas práticas e leituras do real – uma tendência que se tornara urgente em meio às incertezas e ansiedades trazidas pela transição da Monarquia para a República.

Teófilo tomaria parte de alguns grêmios, como o Club Literário (em 1886, período em que escreve no periódico *A Quinzena*) e o Centro Literário (1894), afinal necessitava consolidar sua imagem de intelectual e fazer parte daquilo que Bourdieu chamou de “instâncias de consagração”, com destaque para academias e salões literários.⁸⁹

A primeira entidade era composta basicamente por intelectuais ligados à Sociedade Cearense libertadora e à extinta Academia Francesa, propagandeava um discurso cientificista e evolucionista no qual as adaptações dos cearenses às condições mesológicas garantiriam o progresso e a evolução social do Ceará.

⁸⁸ Id. Teófilo teria a chance de verificar na prática os corolários das teorias raciais aprendidas na Bahia por conta de sua campanha de vacinação em Fortaleza a partir do início do século XX.

⁸⁹ “Destarte, o processo de autonomização da produção intelectual e artística é correlato à constituição de uma categoria socialmente distinta de artistas e intelectuais profissionais, cada vez mais inclinados a levar em conta exclusivamente as regras firmadas pela tradição propriamente intelectual ou artística herdada de seus predecessores, e que lhes fornecem um ponto de partida ou um ponto de ruptura, e cada vez mais propensos a liberar seus produtos de toda e qualquer dependência social, seja das censuras morais e programas estéticos de uma Igreja empenhada em proselitismo, seja dos controles acadêmicos e das encomendas de um poder político propenso a tomar a arte como um instrumento de propaganda”. (BOURDIEU, op. cit. p. 101).

Neste grêmio (cujas influências sobre a obra de Teófilo foram pouco discutidas pela historiografia) Rodolfo Teófilo provavelmente discutia idéias com outros membros, tais como Guilherme Studart, Oliveira Paiva, Justiniano de Serpa, Juvenal Galeno, Antônio Bezerra de Menezes, entre outros. Além disso, acredito que a atuação no Club Literário teria reforçado em Teófilo suas convicções científicas, contribuindo para aprimorar seu léxico naturalista, dando-lhe uma percepção da situação do campo intelectual em relação à emergência da temática regional, que tanto marcaria sua subsequente produção intelectual.⁹⁰

Já o Centro literário, fundado em 1894, desenvolvia um discurso mais próximo da entronização do nacionalismo republicano, um dos motivos que indispunham tal agremiação com a Padaria Espiritual, fundada em 1892.⁹¹

Contudo, seria com a participação na Padaria Espiritual, quando de sua reorganização em 1894 (ou segunda fase do movimento, como querem alguns), que Rodolfo Teófilo ganharia uma notoriedade intelectual maior. Afinal, boa parte de sua produção literária de orientação realista-naturalista foi desenvolvida no período em que presidia a referida agremiação.⁹² De maneira geral, neste período suas obras foram recebidas de modo dividido pela crítica, que alternava elogios e pesadas críticas à capacidade literária do autor.

Sob a liderança de Rodolfo Teófilo (1896-1898), considera-se que a Padaria Espiritual abandonaria sua fase mais “boêmia” por um período marcado pela produtividade literária e estratégias de mobilização de opinião pública local,

⁹⁰ “Na verdade, em vias literárias, *A Quinzena* trouxe textos que comportam uma carga concisa daquilo que se entendeu por regionalismo literário. Esse regionalismo, por sua vez, compreende-se que estava previsto na construção de um protótipo modelar cearense como sendo um sujeito inovador, que se ampliou numa coesa organicidade intelectual abarcando várias áreas do conhecimento. Necessariamente, na literatura, os contos naturalistas de Rodolfo Teófilo intitulados “História Natural” deram uma idéia de como esse modelo estava sendo elaborado na produção literária de *A Quinzena*. O conto “O Cafeeiro”, por exemplo, mostra as características naturais de uma região onde se cultivava o café no Ceará, que teve o mérito (e a imortalização poética do autor) de ser a primeira a abolir os escravos do Brasil. Em sua narrativa, o progresso social fazia-se acompanhando o curso do processo natural”. (CARDOSO, op. cit. p. 95).

⁹¹ “Enquanto as agremiações como o Centro Literário e Academia Cearense procuravam disseminar a ideologia do progresso, seja relacionada ao regime republicano ou ao conhecimento científico-tecnológico, a Padaria Espiritual optou por interpretar a realidade nacional de acordo com a realidade popular que compunha a nação brasileira. Em geral, a Padaria elegera os modos de vida dos habitantes dos sertões e vilarejos como definidores do caráter nacional”. (CARDOSO, op. cit. p. 23).

⁹² Podemos identificar durante este período as seguintes obras literárias: *Os brilhantes* (1895), *Maria Rita* (1897) e *Violação* (1898).

bem como a repercussão de suas discussões intelectuais em âmbito nacional reagindo a leituras generalizantes da realidade brasileira promovidas por intelectuais cariocas. A mudança nos rumos da agremiação foi assim analisada por Gleudson Passos Cardoso:

Mas se na primeira fase a Padaria Espiritual teceu críticas sobre o cotidiano de Fortaleza com pilhéria e boemia, nas suas práticas letradas expressavam na sua máquina discursiva a preocupação com empreendimentos maiores relacionados ao cenário nacional. A ser mencionada a avidez de manter contato com personalidades de outras capitais, na atribuição de sócios correspondentes que estampavam numa coluna especial as suas remetências, além de homenagear na coluna “medalhas” diversos literatos e intelectuais. Pela iniciativa de Antônio Sales a Padaria passou a criar uma teia de contatos na República das Letras Nacionais a fim de tornar ressonante a sua produção literária, sua leitura social, sobretudo, as preocupações que possuía em relação às emergências da nova ordem política.⁹³

Como ficou evidenciado, nesse ínterim coube ao “padeiro” Antônio Sales o papel-chave na execução destas estratégias. Contudo, na qualidade de “padeiro-mor”, Rodolfo Teófilo estaria na linha de frente em relação às disputas intelectuais da Padaria Espiritual e às suas próprias.

Uma das estratégias do grupo era a polemização através dos jornais e a divulgação de suas atividades. O jornal *A República*, por exemplo, divulgava várias notas sobre reuniões da agremiação.

A leitura destas notas nos fornece indícios a respeito do cotidiano da agremiação enquanto espaço de sociabilidade intelectual.⁹⁴ De acordo com elas,

⁹³ CARDOSO, op. cit. p. 166.

⁹⁴ Entendido como espaço constituidor de um certo tipo de “rede organizacional” ou “microcosmo” de relações afetivas e sociais. Tais sociabilidades novamente aproximam os letrados do século XIX com os homens de letras iluministas, pois, conforme Roger Chartier: “A condição do homem de letras é incompatível com o retiro, a solidão, o afastamento da capital da república das letras. Pressupõe, pelo contrário, a convivência em que assentam as pequenas sociedades onde os letrados adoram conversar e discutir. [...] A condição do homem de letras é definida pelo fato de pertencer às diferentes instituições e formas de socialização das sociedades de letrados, mas também pelos discursos múltiplos e contradições que a objetivam”. (CHARTIER, O homem de letras, p. 129, 143).

as reuniões ocorriam na casa de Rodolfo Teófilo. Em uma sala ornada com o pavilhão da Padaria Espiritual⁹⁵ onde as “fornadas” se davam em meio a discussões e análises sobre textos dos “padeiros”, aceitação e destituição de membros, solenidades de lançamento de livros, leitura de peças literárias, recitações ao som de violino e degustação de bebidas e iguarias.

Rodolfo Teófilo lembraria posteriormente desses momentos como talvez “os melhores” de sua vida, marcando de tal forma sua memória, que em 1919 ele qualificava as lembranças desta época como “lenitivos aos desenganos da velhice”, evocando uma memória quase involuntária na qual a corporificação de seus companheiros de Padaria Espiritual se tornava “uma ilusão quase perfeita”, como se os mesmos “pudessem se erguer do sepulcro para a mim vir”.⁹⁶

Na qualidade de chefe da mais importante agremiação literária do Ceará, valendo-se assim de uma importante forma de consagração simbólica, Teófilo acostumar-se-ia a lidar com elogios e críticas não somente a suas obras, mas também às posturas tomadas pela Padaria Espiritual. Por exemplo, em agosto de 1896 o jornal *A República* criticava severamente o número 37 d’*O Pão* (periódico da Padaria Espiritual)⁹⁷ como “pessimista e ofensivo ao civismo do Brasil” devido à entrega da ilha de Trindade ao Brasil, afirmando inclusive que muitos leitores teriam devolvido o referido periódico.⁹⁸

Por alguns meses *A República* não veiculou nenhuma das tradicionais notas da Padaria espiritual em suas páginas. A quizila pareceu arrefecer por ocasião de uma celebração à memória do grande compositor e maestro Carlos Gomes, em um esforço conjunto do Centro Literário e da Padaria Espiritual, que agora dava mostras de algum “civismo”. Ocorrida no dia 16 de outubro no prédio

⁹⁵ O símbolo da agremiação era representado por uma caneta-pena entrecruzada por uma espiga de trigo; entre as duas, um estandarte com a legenda “amor e trabalho”, lema que Rodolfo Teófilo adotaria durante sua cruzada humanitária pela erradicação da varíola em Fortaleza e cidades do interior cearense. Atualmente a bandeira da instituição faz parte do acervo do Museu do Ceará.

⁹⁶ TEÓFILO, Rodolfo. *Cenas e tipos*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1919. p. 23. Nessas páginas nota-se a emoção de Teófilo ao lembrar o período em que liderava a agremiação, ao mesmo tempo em que elogia de modo tácito sua própria capacidade de rememorar.

⁹⁷ Durante a primeira fase, o periódico saía aos domingos, alcançando seis publicações, ao custo de 60 réis cada. Em 1895 mais 23 edições (quinzenais) foram feitas (500 réis cada); sofrendo uma interrupção, após sete meses *O Pão* voltaria a circular em agosto de 1896, com mais cinco exemplares. (Cf. CARDOSO, op. cit.)

⁹⁸ *A República*, Fortaleza, 17/08/1896. p. 3.

da Assembléia Legislativa, a cerimônia contava com a presença de Nogueira Accioly, José Lino da Justa, Quintino Cunha, entre outros. Como orador da Padaria Espiritual, Waldemiro Cavalcante tomou a palavra. O jornal, que descreveu a solenidade, não mencionou a presença de Rodolfo Teófilo no evento.⁹⁹

Destarte, todas as críticas sofridas por Teófilo em seu esforço de hegemonia no cenário intelectual local estimularam-no à produção escrita. No decorrer dos anos 1890 ele intensificaria sua inserção no campo intelectual mediante a publicação de outros romances: *Os brilhantes* (1895), *Maria Rita* (1897), da novela *Violação* (1898) e *O paroara* (1899).¹⁰⁰ A produção destes livros parece corresponder a uma estratégia de Rodolfo Teófilo em consolidar definitivamente sua posição dentro das letras cearenses, produzindo aquilo que anos depois ele mesmo chamaria de “literatura nativista” – obras encarregadas de falar do Ceará, de sua gente e de seus problemas, em especial o seu “mal congênito”: as secas.

Em *Os brilhantes* Teófilo descreve a ação e a psicologia de grupos de cangaceiros que agiam no interior cearense no século XIX. Em *Maria Rita* o escritor narra uma história de amor ambientada no Ceará colonial. Já *O paroara* conta as desventuras de cearenses emigrados pela seca para os seringais amazônicos. *Violação* é uma novela que entranha memória e ficção para narrar, em seu clímax, o estupro do cadáver de uma bela donzela por parte de uma dupla de coveiros celerados, durante uma epidemia de cólera.¹⁰¹ À revelia das críticas

⁹⁹ Ao que parece Rodolfo Teófilo não demonstrava muita familiaridade ou habilidade na lida com a oralidade; afinal, além da fama de soturno e carrancudo, dado a poucas palavras, em diversos episódios ele evitou manifestações de fala espontânea, como na cerimônia da libertação dos cativos em Pacatuba ou nos eventos que marcaram a deposição da oligarquia Accioly em 1912. Portanto, Teófilo construía sua militância não através de uma tribuna inflamada, mas através da tinta e do papel.

¹⁰⁰ A última obra em questão, *O paroara*, teria arrancado elogios do jornal francês *Le Figaro*, na pena de seu redator André Deaunier. Quase 25 anos depois Teófilo comentaria o fato em tom de desabafo: “Fiquei mais conhecido em um mês, depois do artigo do literato francês, do que em trinta anos de letras no Brasil”. (TEÓFILO, *Os meus zoilos*. p. 6).

¹⁰¹ A especificidade desta obra reside no fato de fundamentar-se se parcialmente nas memórias do próprio Teófilo durante a sua infância em Maranguape, quando testemunhara os horrores trazidos pelo cólera-morbo em 1862 no Ceará; uma forma de garantir a veracidade da obra, baseada em “cenas por mim estereotipadas”, escrevera Teófilo. Esta obra é particularmente interessante para a presente pesquisa, por ser reivindicada por Teófilo com sendo biográfica. Acredito que Rodolfo

feitas a estas obras, Teófilo aproveitava para demarcar-lhes o lugar dentro das letras cearenses. Em 1924 ele escreveria que “O Ceará tem sua história e seus romances de costumes. É o estado do Brasil que melhor pode ser conhecido através de seus livros. A sua literatura é nativista”. Para confirmar sua assertiva cita nomes de escritores como Juvenal Galeno, Domingos Olímpio, Antônio Sales e Gustavo Barroso, e na seqüência afirma sem modéstia que aos “romances citados reúnem-se *A fome, O paroara, Maria Rita, Os brilhantes, Violação*. Pertencendo à nova escola, da qual os primeiros publicados e escritos pelo autor destas linhas”.¹⁰²

Portanto, a produção literária de Teófilo nos anos 1890 continuaria a desenvolver-se dentro da sensibilidade regionalista criada pelo naturalismo, no qual a temática das secas continuava a mobilizar interesses dentro do campo político e intelectual brasileiro.

Por um lado o “Centro-Sul” (especialmente São Paulo) experimentava um processo de modernização econômica calcada na urbanização, industrialização e trabalho livre, ao mesmo tempo em que o “Norte” seguia em crise econômica acentuada, afundando-se ainda mais em uma situação de submissão política, contraste esse que servia de mote para a produção de uma literatura cujo grande desafio seria:

Visualizar a nação em toda a sua complexidade, os vários discursos, tanto do Norte como do Sul, partem para a análise do próprio espaço de onde são emitidos. Buscam a parte para compreender o todo, já que se vê a nação como um organismo composto por diversas partes, que deviam ser individualizadas e identificadas. A busca da nação leva à descoberta da região com um novo perfil [...] Cada discurso regional terá um diagnóstico das causas

Teófilo assim a tenha feito no intuito de lhe conferir um estatuto de verdade. Lembremos que poucos anos antes ele sofrera os pesados ataques de Caminha, que acusava justamente a falta de verdade na sua escrita.

¹⁰² Ibid. p. 8. Embora escrito em um momento em que sua posição no campo intelectual estava consolidada após décadas de atividades literárias, tal afirmativa pode sugerir a existência de um esforço prévio de Teófilo para consolidar sua hegemonia na produção de uma espécie de “escrita autorizada” sobre o Ceará.

e das soluções para as distâncias encontradas entre todas as diferentes áreas do país.¹⁰³

Entrementes o século XX irrompeu com uma nova e terrível estiagem.

A seca retornava às terras cearenses naquele ano de 1900. Trazendo todo um cortejo de mazelas que iam desde os retirantes A vaguear pelas ruas da capital cearense até mortíferas moléstias de caráter epidêmico. As dimensões de uma tragédia anunciada causaram alarme em Fortaleza. Além da aglomeração de pessoas, a cidade vivia a expectativa da irrupção da peste bubônica, ou “mal-levantino”, como se referiam os jornais. O jornal *A República* publicava uma série de artigos do engenheiro Lassance Cunha sobre a calamidade. Rodolfo Teófilo aproveitou para exercitar sua pena e novamente debruçar-se sobre o assunto, que se tornara sua especialidade. Em 1901 seu “concorrente”, o barão de Capanema, fazia publicar através da Imprensa Nacional no Rio de Janeiro seu famoso opúsculo *A seca do Norte* (na verdade, sobre o Ceará) evidenciando uma nova disputa sobre a temática. Neste mesmo ano Teófilo traz a público uma nova obra: *Secas do Ceará* (segunda metade do século XIX):

Este livro é uma narrativa resumida e fiel de todas as secas que assolaram o Ceará na segunda metade do século XIX, das quais fui testemunha ocular. Outros poderiam escrevê-lo com mais arte mais proficiência; ninguém, posso afirmar, seria mais sincero.

Ele tinha necessidade de aparecer como um grito de alarma às gerações vindouras, e também como um protesto firmado em fatos, todos autenticados contra a indiferença dos poderes públicos aos sofrimentos, às míseras condições da região flagelada pelas secas.¹⁰⁴

Pelo trecho nota-se como Teófilo se coloca de modo privilegiado em relação a seus concorrentes, ressaltando sua presença testemunhal, capaz de

¹⁰³ ALBUQUERQUE JR., op. cit. p. 41.

¹⁰⁴ TEÓFILO, Rodolfo. *Secas do Ceará* (segunda metade do século XIX). Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922. p. 9.

garantir a veracidade dos fatos narrados e por conseqüência seu poder de peleja contra os erros e a incúria governamentais.

Este *Secas do Ceará* foi escrito em um momento crucial da vida de Teófilo, no qual ele passou a dedicar-se com próprias expensas à vacinação domiciliar antivariólica em Fortaleza, a fim de erradicar a doença. Somado a este fato, algumas críticas feitas ao governo na mencionada obra acabaram trazendo para ele uma forte indisposição com a presidência do estado, conforme veremos adiante.

É interessante notar que Rodolfo Teófilo dirige sua escrita preferencialmente para o leitor do futuro, afirmando assim o poder de memória que acreditava terem seus livros, pois “escrever e discutir fatos contemporâneos é tarefa árdua e espinhosa”. Esperava, portanto, que seus livros chegassem à posteridade: “Se assim acontecer, terei prestado a esta minha muito amada terra um serviço com a publicação destas páginas grandemente verdadeiras”.¹⁰⁵

A obra relembra a grande seca de 1877-1880, enfatizando a falta de ingerência dos poderes públicos, a inocuidade dos sábios da corte e o esquecimento de todos diante das recorrentes estiagens. Teófilo aproveita ainda para confirmar a irrupção da peste bubônica em Fortaleza (não obstante exames e relatórios médicos negarem esse diagnóstico) e descrever o triste cotidiano dos retirantes abarracados. A obra finaliza com um apelo aos políticos, pregando a supressão de sectarismos em nome do “bem do Ceará”, pois: “A política nos tem sido nefasta em todas as secas historiadas. Envolve-se na direção dos socorros públicos somente para desorganizá-la”. Frequentemente Teófilo retoma o apelo, lembrando que “as secas voltam de tempos em tempos”.¹⁰⁶

O livro traz como apêndice um cuidadoso estudo sobre o cultivo do cacauieiro, segundo Teófilo uma excelente alternativa para a economia cearense e um meio eficaz de minorar os prejuízos do Ceará em período de secas.

¹⁰⁵ Ibid. p. 10.

¹⁰⁶ Ibid. p. 239.

A convicção sobre a verdade e funcionalidade deste livro era tamanha, que Rodolfo Teófilo remeteu um importante político brasileiro um exemplar de *Secas do Ceará*. Em meio à polêmica sobre a vacina anti-varólica assim escreveu:

Levando a conta de ignorância o abandono em que os governos republicanos deixavam os Estados do Norte flagelados pelas secas, mas ignorância da casta de calamidade – a seca, quando publiquei o meu último livro *Secas do Ceará* (segunda metade do século XIX) enviei ao Sr. Rodrigues Alves, então presidente de São Paulo e prestes a ser presidente da República, um exemplar acompanhado de uma carta em que rogava o obséquio de lê-lo.

Depois de algumas considerações no sentido de despertar no futuro governo a atenção para a região flagelada assim concluía:

É bem possível que, por desgraça nossa, a seca volte antes de vossa excelência terminar o seu mandato. E prevendo isto, é aterrorizado ante à idéia da indiferença do Governo Federal, que venho trazer a V. Exc. a dolorosa história deste povo herói, mas grandemente infeliz. Lendo-a, estou certo, V. Exc. meditará sobre os nossos males e procurará remediá-los [...]

As minhas palavras não foram ouvidas pelo sr. Presidente da República.

Resta-me a consolação de ter procurado levar ao espírito daquele alto magistrado uma noção nítida dos flagelos das secas.¹⁰⁷

Para Rodolfo Teófilo, a precisão e a funcionalidade de seus livros eram tão importantes que deveriam ser lidos pelos governantes, para produzirem esclarecimento, orientação e ação. Não seria a última vez que Teófilo mandaria obras suas a políticos importantes, tampouco seria a última vez que suas obras seriam ignoradas.¹⁰⁸

Por ocasião da posse de Epitácio Pessoa, Rodolfo Teófilo escreve uma carta em tom encomiástico, saudando a posição política do presidente da

¹⁰⁷ TEÓFILO, *Varíola e vacinação no Ceará*. p. 196.

¹⁰⁸ Teófilo teria, através de amigos ligados à política, conseguido um encontro com o presidente Washington Luís em 1929, quando lhe entregou uma dezena de seus livros como doação.

República diante do problema das secas nordestinas. Com efeito, Pessoa priorizou o combate às secas através de um amplo programa de obras, que preconizava a construção de açudes, a perfuração de poços, a irrigação e a ampliação das estradas de rodagem, de ferro e portos para criar centros produtivos e evitar o êxodo sertanejo.

A carta de Teófilo a que nos referimos (publicada em 1932, nas páginas de seu último livro, *Coberta de tacos*) elogia a firmeza e a disposição de Pessoa em ajudar o Nordeste e afirma em tom sugestivo:

O documento de maior valor que tendes para justificar o vosso ato magnânimo, mandando executar as obras do Nordeste, ato que revela muita sabedoria, previdência e justiça, é a história das secas.

Quem, lendo e meditando no trágico drama da fome, no abandono em que nos deixaram os governos durante decênios e decênios não bendirá a vossa nobre ação, o alcance da vossa previdência, a reparação da vossa justiça?

Desde moço entreguei-me ao estudo desses flagelos. Fui testemunha ocular das calamidades de 1877, 1878, 1879, 1888, 1898, 1900, 1915 e 1919; de todas elas me ocupei em livros que publiquei.¹⁰⁹

O interesse pelas secas continuaria no século XX, contudo o regionalismo produzido naquele momento buscava superar a sensibilidade naturalista sobre o tema (ainda que herdasse dela, muitas representações), de modo que aflorava cada vez mais uma consciência mais profunda de que era preciso superar a ignorância em relação ao Nordeste.¹¹⁰

¹⁰⁹ TEÓFILO, Rodolfo. *Coberta de tacos*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1932. p. 52.

¹¹⁰ De acordo com Durval Muniz Albuquerque Jr., desde o período imperial as províncias brasileiras tomavam conhecimento sobre aquela região “árida” basicamente através dos jornais (sempre alardeando as calamidades) e através dos discursos dos políticos no Senado (sempre confirmando ou negando a natureza e os efeitos das secas). (Cf. ALBUQUERQUE JR., op. cit.).

A carta redigida por Teófilo e a sua produção de livros sobre as secas no século XX (quatro novas obras sobre a temática) enquadrava-se nesse novo movimento de interesse pelas secas e pela região Nordeste – terminologia aliás adotada sobretudo a partir da década de 1920:

Determinadas práticas diferenciadoras dos diversos espaços são trazidas à luz, para dar materialidade a cada região. A escolha de elementos como o cangaço, o messianismo, o coronelismo, para temas definidores do Nordeste, se faz em meio a uma multiplicidade de outros fatos, que, no entanto, não são iluminados como matérias capazes de dar uma cara à região. A escolha, porém, não é aleatória. Ela é dirigida pelos interesses em jogo, tanto no interior da região em que se forma, como na sua relação com outras regiões. [...] Essas figuras, signos, temas que são destacados para preencher a imagem da região, impõe-se como verdades pela repetição, o que lhes dá a consistência interna e faz com que tal arquivo de imagens e textos possa ser agenciado e vir a compor discursos que partem de paradigmas teóricos os mais diferenciados.¹¹¹

Portanto, Teófilo sabia o quanto aquele momento político era especial para o Nordeste. Com o mandatário maior do país sendo um filho da região, Teófilo dirige-se ao presidente da República colocando-se como pessoa qualificada para escrever a respeito das secas e capaz de produzir obras que servissem como orientação das políticas públicas de combate às mesmas. Em praticamente todas as obras ele revela expectativas sobre os usos de sua escrita, deixando transparecer mágoas, desapontamento e indignação perante os que desprezaram sua produção letrada.

¹¹¹ Ibid. p. 49.

Além de seus livros *Secas do Ceará* (1901) e *Varíola e vacinação no Ceará* (1904), Rodolfo Teófilo publicaria *A seca de 1915* (1922) e *A seca de 1919* (1922); esse livros engrossariam a lista das obras do autor sobre a temática.¹¹²

De acordo com seu livro *A seca de 1915*, a estiagem que atingiu o Ceará naquele ano poderia ser classificada como um “repiquete de seca”, se comparada às estiagens de 1878 e 1900. Apesar da “fraca” intensidade, a seca não prescindiu de arrastar uma grande multidão às ruas da capital. Essas levas de miseráveis encontrariam, entretanto, vários setores da população dispostos a defender a adoção de medidas segregacionistas que se corporificaram na construção dos chamados “campos de concentração” – abarracamentos cercados que impediam a circulação dos retirantes pela cidade.

Nas páginas deste livro sobram críticas ao governo e à população, ambos atávicos e imprevidentes, bem como severas críticas ao tratamento dispensado aos retirantes nos “currais do governo”, termo freqüentemente usado pelos sertanejos para designar os campos de concentração.

Porém, o que mais interessa para os objetivos dessa dissertação é o modo como Teófilo se lembra dessa seca, especificamente o modo como ele se coloca dentro da calamidade. Rodolfo afirma que, por várias vezes, teria entrevistado abarracados, observando as condições de vida dos famintos. Baseando-se em sua própria experiência, ele afirma ter procurado Benjamim Barroso, então presidente do estado, alertando-o que tal tipo de aglomeração de retirantes teria conseqüências fatais, sem conseguir entretanto apoio do chefe do Executivo.

Temos aqui um ponto crucial da escrita de Rodolfo Teófilo. Ele não aparece mais somente como um narrador fiel, que testemunha imparcialmente os fatos presenciados; ele age e se locomove dentro dos episódios narrados em seu livro.

¹¹² “O discurso da seca, traçando ‘quadros de horrores’, vai ser um dos responsáveis pela progressiva unificação dos interesses regionais e um detonador de práticas políticas e econômicas que envolvem todos ‘os Estados sujeitos a este fenômeno climático’. [...] Este discurso da seca vai traçando assim uma zona de solidariedade entre todos aqueles que se colocam como porta-vozes deste espaço sofredor”. (Ibid. p. 59).

A maior parte da obra versa sobre a continuação de sua empreitada para erradicar a varíola da província, empreendendo à sombra de um cajueiro a vacinação gratuita dos retirantes. Neste sentido, o livro dedicado à seca de 1915 pode ser considerado um dos mais importantes de Teófilo no tocante à construção de sua imagem de benemérito homem da saúde pública brasileira, conforme veremos no capítulo a seguir.

Embora dividindo espaço com a temática da saúde pública, Teófilo demarcava ainda mais seu lugar de “intelectual das secas”, afirmando a especificidade de sua escrita, pois era a única capaz de sugerir soluções viáveis, uma vez que “combater as secas é combater seus efeitos”: “A estrada de ferro é o veículo da esmola, e o açude é fator de trabalho, do progresso, e, portanto é o antídoto da seca”. Além disso, ele aproveitara para alfinetar mais uma vez seus concorrentes ao afirmar que “os sábios do Brasil em matéria de seca, sabem menos do que o nosso sertanejo”, afinal “a terra das secas é verdadeiramente o Ceará”.¹¹³

Durante o difícil ano de 1915 Rodolfo Teófilo escrevia o livro *A sedição de Juazeiro*, no qual afirmou sua convicção em relação ao papel na história do Ceará: “Coube-me a tarefa de ser o cronista dos infortúnios do Ceará nesse meio século. Tive de contar a fome de todas as secas naquele período”.

Apesar dos vários trabalhos publicados sobre as secas, o esforço de Rodolfo Teófilo em ser reconhecido como uma autoridade na temática não gerou o efeito por ele desejado. Seu livro *A seca de 1919* (publicado em 1922) é um testemunho do fracasso desse projeto e de um derradeiro esforço nesse sentido, visto que é sua última obra sobre o tema.

O livro revela um escritor que, à revelia de possuir uma sólida experiência e uma escrita abalizada, sente-se desprezado. *A seca de 1919* segue com as admoestações sobre a imprevidência geral do cearense: “em todas as secas que tenho assistido e não são poucas”. Essa incúria atingia principalmente as autoridades, que freqüentemente desprezavam seus conselhos e idéias, como o seu estudo sobre o aproveitamento da mandioca: “Poucos leram o que escrevi e

¹¹³ TEÓFILO, *A seca de 1915*. p. 118

ninguém ao menos aproveitou minhas idéias [...] nem governo, nem particulares”. Em seguida, ele expõe sua decepção: “Grande é a tortura de um homem de espírito mais ou menos esclarecido em um meio ignorante e imprevidente”. Nem mesmo quando Teófilo comprovava suas idéias através de experiências, houve aplicação prática: “Exasperou-me a indiferença dessa gente com seus nervos de sapo, a sua indiferença da coisa, desprezava os sábios conselhos da experiência”.¹¹⁴

Não obstante tal desabafo, o livro é marcado pelo esforço de Teófilo em reafirmar a especificidade de sua própria escrita, evidenciando que, talvez, ele pretendesse ser reconhecido para além do campo intelectual. No decorrer do livro coloca cada vez mais sua vasta experiência testemunhal nos diversos episódios das secas em solo cearense, de onde emergia a autoridade de sua escrita, afirmando que: “O Ceará mais do qualquer outro estado tem a obrigação de viver na mais rigorosa economia. Devem limitar-se as suas despesas ao necessário. Isso é o que devia ser, mas infelizmente não é”.

As assertivas de Rodolfo Teófilo deveriam ser recebidas com algum tipo de reverência pelo leitor, contrariando o desprezo do qual se ressentia o autor, afinal: “O Ceará é uma terra excepcional; eu muitas vezes tenho feito ver suas incongruências, quem pretende estudar o Ceará aplicando leis gerais, passará por grandes decepções”.¹¹⁵

Após décadas de vivências e escritas em épocas de secas, Rodolfo possuía o respaldo intelectual para emitir juízos seguros sobre a natureza das calamidades: “O tempo provará que a seca não é devido a falta de focos de evaporação. Os grandes açudes vêm aí. Nesse tempo o território do estado será em parte coberto por extensa massa de água e, no entanto as secas não se acabarão”. Nesta sua última grande obra sobre as secas, Teófilo referenda-se constantemente: “Quarenta e tantos anos de observações diárias fizeram-me crer que a causa das secas é única e simplesmente a direção dos ventos”; afinal: “Assisti às secas de 1878, 1879, 1888, 1898, 1900, 1915 e 1919”. Semelhante

¹¹⁴ TEÓFILO, Rodolfo. *A seca de 1919*. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922. p. 14, 16.

¹¹⁵ *Ibid.* p. 49 (grifo meu).

experiência permitia a Rodolfo pronunciar, em tons proféticos, o futuro do Ceará após a construção de grandes açudes:

Nesse tempo o Ceará será um dos estados mais prósperos do Brasil, os que o condenaram ao despovoamento, hão de pasmar diante de sua prosperidade. [...] Acredito mesmo em um futuro próspero, mas remoto, para esta terra, cuja salubridade do clima é grande e a resistência de seus homens é fenomenal.¹¹⁶

O decorrer dos anos 1920 presencia a continuidade da produção escrita de Teófilo (embora se considere que o auge de sua produtividade escrita tivesse se dado entre os anos de 1915 e 1922). Contudo, ele não mais escreveria páginas consagradas exclusivamente à temática das secas, realizando apenas alusões pontuais em algumas obras. Seus últimos livros, escritos na velhice, versavam especialmente sobre suas próprias memórias. Este abandono temático se fez sentir em sua produção literária, como atesta a trama apresentada em seu livro *O reino de Kiato* (1922). Este livro (na verdade uma utopia¹¹⁷) possui como protagonista um médico norte-americano (Dr. Peterson) que acidentalmente entrara em contato com um país perfeito, dotado de moderna tecnologia, leis severas e um projeto eugênico que garantiam à população daquele reino uma vida sem crimes, doenças ou pobreza. O fato de Teófilo ter publicado este livro pela editora de Monteiro Lobato¹¹⁸ reflete a significativa posição alcançada por ele dentro do campo literário naquele momento, ainda que ao custo de abandonar a literatura regionalista-naturalista que o consagrara.

¹¹⁶ Ibid. p. 57, 72.

¹¹⁷ “A imagem do paraíso perdido é forte para as mitologias e para as religiões. A modernidade quis secularizar a idéia ao inventar suas utopias políticas, sobretudo no século XIX, com a vitória da burguesia se ampliando pelo mundo ocidental e descortinando sonhos imperialistas grandiosos. As utopias representam contrapontos, formas de resistência, denúncias, tentativas de equilibrar a sociedade. A modernidade pensou no paraíso perdido no passado, inspirou-se nele, mas foi em busca do futuro, de projetos civilizatórios construídos sob a iluminação da ciência, e fortaleceu o discurso de ruptura”. (REZENDE, Antonio Paulo. Freyre: as travessias de um diário e as expectativas da volta. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004. p. 84).

¹¹⁸ Sobre o impacto da atuação editorial de Lobato dentro do campo literário nacional, bem como sob os efeitos de “grife” dada aos escritores que eram publicados por sua editora, cf. PASSIANI, op. cit. capítulo 3.

Em seu último livro, *Coberta de tacos*, publicado em 1932, é que Teófilo tornaria a escrever sobre “a agricultura”. Em tom profético voltava a admoestar os camponeses para que fossem previdentes e vaticinando sobre a futura prosperidade da terra cearense:

Chorei as vossas desventuras; mas nos vossos dias de prosperidade me irritou a vossa imprevidência.

Identifiquei-me convosco desde a minha mocidade; ninguém vos amou tanto quanto eu; os meus livros são todos cearenses, são páginas flagrantes do vosso viver [...] Camponeses, meus irmãos, é tempo de vos emendardes de vosso erros, de corrigir-vos do vosso grande defeito a imprevidência para que não vos chameis de viciosos e desbriados [...] Em um futuro que está próximo, quando os Orós fizerem o Jaguaribe correr perene e fertilizando milhares e milhares de hectares de solo ubérrimo, provareis aos nossos irmãos do Sul a vossa capacidade de trabalho, a vossa resistência.

Sereis opulentos porque possuíis as melhores terras do mundo para a cultura do algodão, cuja fibra é a melhor que se conhece [...]

Em nome de vossos brios, de vossa dignidade de simples, sejais previdentes para que não vos chameis de desbriados.¹¹⁹

Estas seriam as últimas linhas deixadas por Rodolfo Teófilo sobre o cearense na sua lida com as secas. Após quase cinqüenta anos de uma produção escrita sobre o tema, Teófilo, já velho e enfermo (ele teria confidenciado naquele mesmo ano que suas pernas estariam “pedindo cova”), abandonara a linguagem tradicionalmente científica, impaciente e censora, por outra, de um tom paternal. Décadas de escrita sobre as secas agora lhe davam uma espécie de serenidade, uma confiança na autoridade de sua experiência. Ao fim da vida, o auto-intitulado “cronista dos infortúnios do Ceará” tinha lutado para assegurar seu lugar como “intelectual das secas”. Esta empreitada fora uma das mais importantes da vida de Rodolfo Teófilo. Ao lado dela, ele consagrara muitas e muitas páginas para

¹¹⁹ TEÓFILO, *Coberta de tacos*. p .7-11.

defender a memória de seus feitos dentro da saúde pública do Ceará. É desta peleja que trato no capítulo a seguir.

CAPÍTULO 2: A CONSTRUÇÃO DO BENEMÉRITO

2.1. Trilhas e atalhos da “saúde pública”

Assim como as demais atividades liberais, a profissão de farmacêutico¹²⁰ crescia em Fortaleza no terceiro quarto do século XIX, evidenciada com a emergência dos chamados setores médios na vida social e econômica da cidade. Com seu diploma Teófilo se instalara na cidade por volta de 1877 (em plena seca), conforme os reclames do jornal *O Cearense* no dia 1º de março daquele ano: “O farmacêutico Rodolfo Teófilo abriu sua farmácia na rua da Palma 80”.¹²¹

Pelo que várias fontes indicam, a profissão conferia um determinado poder a seu detentor, pois se tratava de uma pessoa portadora de um diploma de nível superior, cuja distinção era ainda mais acentuada diante de um universo cultural marcado pelo iletramento. Possivelmente tratava-se de uma atividade (ao lado dos boticários não diplomados) que passava de pai para filho. É o que sugere, em suas memórias, o farmacêutico cearense Figueiredo Filho, cujo pai e também o tio dominavam o mister; portanto já na infância, afirmava Figueiredo,

¹²⁰ A profissão de farmacêutico (assim como a de boticário) era fiscalizada pela Junta de Higiene Pública, criada em 1850, que também era responsável pela saúde nos portos e pela vacinação.

¹²¹ *A República*, Fortaleza, 01/03/1877. p. 3.

“Eu já sabia fazer mercado de sene, maná, pedra lipes, S. Germano, sal amargo e outros medicamentos populares”.¹²² O mesmo farmacêutico relembra:

Meu pai conhecia os sofrimentos e decepções da profissão. Sonhava encaminhar-me para a carreira médica. Melhor posição na sociedade. Achava a vida de farmácia muito modesta e trabalhosa e pouco compensadora para seu filho mais velho [...] Desde há muito passou a lenda da solidez dos estabelecimentos farmacêuticos – “O boticário planta um pé de laranjeira, abre uma cacimba no quintal e acabou-se o tempo ruim”. Nunca houve essa idade de ouro da farmácia. Esta sempre foi estreitamente vinculada à vida comercial.¹²³

Por outro lado, farmacêuticos e médicos não eram os únicos a propagar o domínio da cura médica. Outros discursos também asseguravam o fim de moléstias e a partir de instrumentais próprios, revelando a existência de outras experiências coletivas na província cearense no que diz respeito às enfermidades e suas modalidades de cura.¹²⁴ Portanto, médicos e farmacêuticos ressentiam-se contra a atuação de curandeiros, rezadeiras, curiosos, práticos, entre outros, cujas atividades possuíam larga aceitação e ameaçavam as pretensões dos conhecimentos considerados seguros e científicos.¹²⁵

¹²² FIGUEIREDO FILHO, J. de. *Meu mundo é uma farmácia*. Fortaleza: Casa de José de Alencar – UFC, 1996. p. 14. O jornal *O Cearense*, em julho de 1862, trazia o depoimento de José de Lima Freire, que exercia a profissão em Aquiraz, garantindo que principiara na farmácia aos 13 anos de idade. O próprio Rodolfo Teófilo possivelmente teve seu primeiro contato com o mundo das manipulações durante sua adolescência, exercendo a profissão de caixeiro, quando mediante um livro de Chernoviz (emprestado pelo farmacêutico Carlos Miranda) elaborou uma tinta para marcar sacos de algodão. (Cf. TEÓFILO, Rodolfo. *O caixeiro* (Reminiscências) [1927]. Apresentação de Adelaide Gonçalves e Eurípedes Funes. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2003).

¹²³ FIGUEIREDO FILHO, op. cit. p. 43, 45. Esta posição social do farmacêutico ajuda a compreender o desejo de projeção por parte de Rodolfo Teófilo, bem como sua ligação com os setores comerciais da cidade, por ocasião do movimento contra a oligarquia Accioly em 1912.

¹²⁴ BARBOSA, Francisco Carlos Jacinto. *Caminhos da cura: a experiência dos moradores de Fortaleza com a saúde e a doença (1850-1880)*. Tese de doutorado em História – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2002. Este trabalho foi de grande importância para a compreensão da própria polêmica no seio da medicina da época entre as virtudes curativas da homeopatia e alopátia, bem como das diversas experiências que perpassavam a vida da população cearense no que diz respeito à vivência da doença e da cura.

¹²⁵ Os *Relatórios de presidente de província* sugerem que a partir da virada do século XIX teria ocorrido uma tentativa maior de controlar a ação dos chamados “práticos” – pessoas que exerciam

Apesar deste lugar social um tanto “ambíguo”, existia um grande espaço para a atuação dos farmacêuticos na esfera da saúde pública cearense, como lembrou em suas memórias Figueiredo Filho: “Meu pai era prático e licenciado. Como hábito de todos de sua profissão, invadia o terreno médico nos misteres da arte de curar”.¹²⁶

Além disso, a presença de farmacêuticos era bem-vinda nas cidades do interior, onde a escassa quantidade de médicos valorizava ainda mais as habilidades da profissão, que geralmente compunha as comissões sanitárias do governo em períodos de insalubridade e epidemias.¹²⁷

Atribuo a existência deste “espaço” de atuação principalmente à situação de precariedade da saúde pública, contribuindo de certa forma para vincular a figura do farmacêutico à esfera dos discursos oficiais de cura – consideração importante para compreender a inserção de Teófilo (um farmacêutico) na realização de uma campanha para a vacinação antivariólica.

Com efeito, a implantação de um serviço de saúde pública (entendida aqui como serviços voltados para a manutenção da saúde dos moradores de uma determinada área ou região), baseado nos preceitos da medicina moderna, era precária desde os tempos coloniais, situação reforçada pelo próprio fato de que a metrópole portuguesa, via de regra, mantinha-se alheia a vários progressos nas áreas da medicina em seu tempo. O Império brasileiro pouco alteraria a configuração desses serviços públicos, pois delegava às províncias a responsabilidade pelas chamadas “políticas de assistência pública” e às Câmaras Municipais, a observação de preceitos que garantissem as condições de salubridade em cada localidade.¹²⁸ As atribuições dos poderes locais sofreriam

atividades farmacêuticas sem um diploma de nível superior. A Inspeção de Saúde Pública priorizava os profissionais diplomados para abrir estabelecimentos pela província; somente na ausência destes é que os “práticos” estariam autorizados a exercer atividades.

¹²⁶ FIGUEIREDO FILHO, op. cit. p. 14. O pai de Figueiredo começou a “praticar” em 1888, obtendo a licença em 1896.

¹²⁷ Como atestam alguns *Relatórios de presidente de província*, bem como várias comissões sanitárias, a exemplo das de Ipu (1877) e Sobral (1855, 1856, 1873).

¹²⁸ “Por decreto, no ano de 1830 a responsabilidade com os serviços de saúde pública é transferida do poder central para as Câmaras Municipais, abolindo-se assim a função de físico e cirurgião. A partir de então caberia ao médico da Câmara e seus auxiliares o cuidado com a salubridade, a inspeção da botica, alimentos e bebidas e a fiscalização do exercício da profissão. Criou-se ainda o cargo de cirurgião vacinador, a quem se atribuía o dever de providenciar a vacinação. Enquanto

poucas alterações com o advento da República, pois o novo governo conferia um grau de autonomia ainda maior para os estados na execução das medidas em prol da saúde pública.

No Ceará, a exemplo da maior parte do país, os serviços de saúde pública eram marcados por práticas de caráter “preventivo” ou “emergencial” (geralmente durante as epidemias) nas quais a tônica era a omissão dos poderes públicos e a falta de investimentos.

A este quadro, ou em decorrência dele, a saúde pública no Ceará passava por inúmeras dificuldades, todas repetidamente relatadas em documentos oficiais ou noticiadas no “calor da hora” por vários jornais do período. A partir destas fontes pude elencar o rosário de dificuldades que as autoridades governamentais desfiavam, bem como os modos pelos quais tais problemas eram vivenciados por vários setores da população – situações que afloravam em seu paroxismo sobretudo durante as grandes epidemias.

Gerenciando a precariedade, os membros da saúde pública cearense lidavam com a ausência de recursos materiais e humanos. Em diversos relatórios das comissões sanitárias era uníssona a reclamação da falta de médicos, e até mesmo coveiros para os enterramentos:

Faltam médicos, boticários, faltam os remédios apropriados [...] hospitais e sustento dos pobres, falta-nos força, apenas tendo 5 praças [...] e eu não posso contar com a Guarda Nacional [...] que além de já ser difícil encontrar-se não tem receio de um castigo que os obrigue ao serviço.¹²⁹

Além da escassez de profissionais diplomados, por vezes os próprios médicos ressentiam-se da frugalidade dos rendimentos e das penuriosas condições de trabalho a que se submetiam. Em Icó, em 1856, o conhecido médico Pedro Théberge escreveu uma carta à Câmara local solicitando um aumento em seus proventos, sob pena de procurar outra cidade para clinicar e obter

isso, o governo imperial assumia a responsabilidade pela saúde dos portos. Data de 1849 a criação das Comissões de Higiene Pública Provinciais que passaram a ser subordinadas a uma Junta Central de Higiene”. (BARBOSA, op. cit. p. 16).

¹²⁹ *Atas da Câmara Municipal* (daqui por diante ACM) de Sobral, 06/03/1856.

“oferecimentos mais vantajosos”; além disso, asseverava que a vila do Icó era povoada por “pobres e desvalidos”, onde “Encarregando-me de cuidar de uma população tão aviltada e em geral tão miserável”, um lugar onde a penúria da Câmara Municipal não lhe permite “tomar as medidas preventivas”. Em resposta, o presidente da província alega que os dois contos de réis pagos a Théberge já eram exorbitantes e recusa o aumento.¹³⁰ Em 1879, na cidade de Aracati, o médico Pereira Pacheco solicita “em consideração a meu pesado trabalho” um aumento; tal pedido terminou com a dispensa do cirurgião, deixando “uma população indigente de milhares e milhares de pessoas sem médico”.¹³¹

Em Sobral, durante o ano de 1873, o Dr. Francisco de Paula Pessoa Filho aceitara a muito custo exercer o cargo de clínico na cidade, sendo contratado em seu auxílio para debelar uma epidemia local o Dr. Helvécio da Silva Monte. Este logo entrou em atritos com as autoridades da cidade, alegando “excesso de trabalho”. Meses depois a relação seguia tensa; em ofício endereçado ao Dr. Helvécio, a Câmara solicitava que os recibos expedidos pelo médico discriminassem o nome do enfermo, para efeitos de controle estatístico. Helvécio respondeu alegando que em cerca de três horas atendia mais de “duzentos doentes”, o que dificultava o cumprimento da burocracia. Dias depois a Câmara lhe comunicava: “somos constrangidos a dispensar os serviços de vossa senhoria”.

Não tardou para que o outro médico, Dr. Paula Pessoa, entrasse em confronto com as autoridades locais por motivos semelhantes. Segundo a Câmara, o clínico seria “iludido” por pessoas que, não obstante abastadas, recebiam benefícios públicos, atestando que o médico não tinha conhecimento para “verificar a miséria de alguém”; sozinho e pressionado, o Dr. Pessoa demitiu-se, sendo criticado por “compadecer-se de ver-se só, devia antes compadecer dos pobres doentes que abandona”.¹³²

Os atritos entre médicos contratados e as autoridades não eram os únicos; por vezes as farpas sobravam entre médicos e seus pacientes. É o que

¹³⁰ ACM Icó, 1856.

¹³¹ ACM Aracati, 1873.

¹³² ACM Sobral, 1873.

sugerem os *Relatórios da comissão sanitária de Russas*: em 19 de agosto de 1856 a Câmara local solicita a contratação de outro médico devido a um fato inusitado: o Dr. João de S. N. Pinto passara a ser acusado repetidamente pelos doentes de ser “sobremaneira falto de docilidade e caridade [...] e que se acha [...] intrigado com a maior parte dos habitantes, motivo por que o médico não inspira aquela confiança que deve caracterizar sua [ilegível] a quem se vai confiar a vida”. Seguiu no relatório uma lista com cerca de vinte nomes de pessoas que teriam sofrido tais maus-tratos.

Dois meses depois a história do médico continuava rendendo. Maria Joana de Ambrósio, habitante da vila, declarou em ata oficial que:

Hoje entrou pela porta de trás de manhã cedo o cirurgião João S.N.P. em minha casa acompanhado de mais dois homens, e exigiu de mim que declarasse se durante minha moléstia ele cirurgião me havia tratado com caridade [...] todas as vezes que era chamado; assustada com a aparição repentina de três homens em minha casa; entrados por uma porta que não de costume, respondi-lhe que ele havia me tratado a princípio com as maneiras mais ásperas, porém agora, até ontem tinha vindo a minha casa sem ser chamado e que havia me tratado melhor, sendo certo que atropelou meu marido João Nunes para pagar-lhe trinta e dois mil réis por seis visitas que me fez [...]

Declaro que o referido cirurgião mandou escrever parte das declarações que fiz, e mais todas.¹³³

As tensões e conflitos entre médicos e pacientes raramente chegavam a ponto do caso narrado no parágrafo anterior. Contudo, as fontes sugerem que tais conflitos eram latentes, emergindo na resistência popular diversas formas de medicalização impostas pelas autoridades. Com efeito, as fontes oficiais são pródigas em reclamar da ignorância da população em relação aos preceitos médicos. Nesse tipo de documentação há indícios sobre as várias experiências que os habitantes do Ceará desenvolviam com os processos de cura e em

¹³³ ACM Russas, 1856.

relação a seus próprios corpos – sabedoria e vivências que logo ganhavam a pecha de “ignorância”: atitudes de rebeldia que freqüentemente tomavam a forma da negação das terapêuticas oficiais.¹³⁴

Entre esses comportamentos populares, ressalto um, que perpassa toda a história da saúde pública no Ceará durante o período abordado (o próprio Rodolfo Teófilo enfrentaria esse desafio, conforme veremos adiante), afinal poucos temas eram tão recorrentes nos relatórios oficiais:

Apesar disso, porém, não posso deixar de lamentar eu um prejuízo por demais grosseiro se haja arraigado às crenças da maior parte da população, a ponto de ser causa da permanência constante de uma horrível epidemia, e do sacrifício de um grande número de vidas. Quero referir-me à geral relutância contra a inoculação da vacina.¹³⁵

Em 1875 novo relatório voltava a responsabilizar o comportamento da população pobre como maior estorvo às pretensões do serviço de saúde pública, pois:

O esquecimento da boa higiene parte das classes pobres, que, sobre não procurarem em tempo o auxílio da medicina, quando atacados, não se garantem das intempéries e moram, ou em casebres de palha, mal cobertos, em que facilmente penetram o ar frio da noite e a chuva; ou em pequenas casas mal construídas, porém tão baixas que lhes faltam as condições próprias para o arejamento e ventilação; juntando a estas circunstâncias já de si decisivas, o pouco asseio, a acumulação de matérias excrementícias e

¹³⁴ “A recorrência aos médicos, ao mesmo tempo em que se buscam outros caminhos para a cura, evidencia uma atitude popular, muitas vezes complexa: a negligência quanto ao tratamento médico, as fugas do hospital, que, apesar de poucas em número são freqüentes nas estatísticas da clínica médica, a indiferença quanto às normas de higiene e limpeza das residências e ruas, a refração quanto à vacinação, assim como as práticas curativas, sinalizam para uma cultura popular, sobre a qual as referências são sutis e na maioria das vezes indiretas e vagas” (BARBOSA, op. cit. p. 23).

¹³⁵ *Relatório da Inspeção de Higiene*, 1869.

esterquilínios nos quintais e carência das mais comuns necessidades da vida.¹³⁶

Outra forma de resistência à medicalização oficial era a atitude da população, quando acometida de moléstias, de esconder a doença das autoridades ou mesmo procurar evitar a qualquer custo algum tipo de contato físico com os enfermos.

Em Aracati, durante o ano de 1856, a população sofria com surtos de febres renitentes e a comissão sanitária da cidade parecia espantada ante a indiferença quase brutal dos moradores em relação à doença e aos procedimentos médicos diante dela:

A ponto de negar qualquer auxílio aos doentes, evitando-os de todas as formas e negando-se aos enterramentos dos mortos, como aconteceu com o cadáver de um tal de Marreca que já deu pasto para urubus, insepulto por oito dias e foi enterrado afinal por sua mulher e além do que o Dr. Bussons que encontrou a viúva dele ardendo em febre, rodeada de três filhos vivos e um morto, comendo uma melancia [...]¹³⁷

Em meio ao horror causado pelo comportamento dos populares, os responsáveis pelos socorros públicos da cidade garantiam que a atuação do Dr. Bussons teria contribuído para apagar as “impressões dolorosas” dos fatos narrados, pois com sua atuação o médico espanhol teria conseguido “Arrancar às garras da morte esses doentes que ele trata e reanimou a população, que já não mais evita os doentes”.

Embora o relatório oficial garantisse que a população passara a confiar no serviço médico, em 1878, na mesma cidade de Aracati, outro relatório parece

¹³⁶ *Relatório da inspetoria de Higiene*, 1875. Em Fortaleza, no ano de 1933, durante mais uma seca a população abarracada compulsoriamente nos chamados “campos de concentração” relutava em ceder seus corpos ao tratamento médico, preferindo o uso de saberes e práticas terapêuticas tradicionais como remédios caseiros e “rezas”, corporificando atitudes de negação que envolviam também a recusa da vacina. (Cf. RIOS, Kênia de Sousa. *Campos de concentração no Ceará: isolamento e poder na seca de 1932*. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2001).

¹³⁷ ACM Aracati, 24/03/1856.

desmentir tal êxito. Com a varíola grassando intensamente, o médico José Maria Teixeira narrava as dificuldades para recolher os variolosos para tratamento, chegando a organizar uma equipe de 25 homens para descobrir e recolher os enfermos. Aparentemente a medida não deu certo, a relutância popular diante da vacina levou o médico a improvisar uma estratégia para realizar seus intentos, desta feita “Mandava dar quatro litros de farinha a quem descobrisse um varioloso”. Os efeitos da “recompensa” provavelmente ficaram aquém do esperado, levando o referido médico a adotar outra atitude:

Procurei por todos os meios praticar a vacinação e revacinação. Assim mediante um litro de farinha que era dado a cada vacinado consegui praticar a inoculação em cerca de duas mil pessoas [...] Com este simples meio, vinha o povo, aos sábados alegre e satisfeito receber em seu corpo o preservativo da varíola.¹³⁸

O sucesso da medicalização da população da cidade só fora obtido no momento em que o serviço médico tocou na “corda” paternalista que perpassava as relações sociais entre Estado e população, abrindo desta forma espaço para estabelecimento de um campo de negociação.

Durante a epidemia de varíola ocorrida em 1878 Fortaleza seria ocupada por milhares de retirantes oriundos de diversos pontos da província. A aglomeração fez da capital cearense uma espécie de “caixa de ressonância” das práticas populares comuns em todo o território cearense. Dentre tais práticas, apareciam: a questão da distância entre população e seus excrementos, a fuga da medicalização oficial (sobretudo da vacina) e novamente o ocultamento da doença perante as autoridades: “Acontecendo, pois, que por ignorância quase todos os que são acometidos do mal se ocultam e pelos meios a seu alcance frustram as precauções higiênicas que se tomam para obstar os estragos da peste”. Este fato levou o presidente da Comissão de Socorros Públicos de Fortaleza a solicitar a aprovação de medida para remunerar um “prefeito” e treze

¹³⁸ ACM Aracati, 1878.

“vigias” com a quantia de “dois mil-réis por cada varioloso que a dita companhia recolher ao lazareto”.¹³⁹

Em 1901 o próprio Rodolfo Teófilo indignara-se contra as autoridades sanitárias, omissas diante de certas práticas populares:

Os variolosos morriam e apodreciam nas praças públicas. Hei de lembrar-me sempre com horror da cena que se passou na praça Senador Castro Carreira [...]

Um dos doentes de varíola confluyente foi retirado, já agonizando, e abandonado sobre uma das dunas a sotavento da cidade para lá se acabar bem longe dos desalmados vizinhos que o conduziram.

Avisada a polícia e as autoridades sanitárias, pouca importância deram ao caso. Se não fossem os particulares da rua próxima, por medo da fedentina do cadáver mais do que por obra de misericórdia, mandarem sepultar o morto, os urubus o comeriam, se mostrando assim ativos agentes da Higiene Pública do Ceará.¹⁴⁰

A situação de precariedade da saúde pública no Ceará ganhava uma visibilidade imensa em meio às epidemias. Em todo o século XIX elas se constituíram no maior desafio aos serviços voltados para a promoção da saúde coletiva no Ceará. Algumas epidemias ceifaram milhares de vidas exigindo do governo grande tenacidade para agir, seja para prevenir as pestes ou remediar seus estragos.

O século XIX, por exemplo, foi marcado por vários fenômenos epidêmicos, alguns de curta duração e intensidade (além de outros que se tornaram endêmicos). Destaca-se a irrupção de três grandes epidemias: febre amarela (1851), cólera (1862) e varíola (1878), as duas últimas vivenciadas por

¹³⁹ *Atas da Comissão de Socorros Públicos Fortaleza, 10/08/1878.* A lei foi aprovada pelo presidente José Júlio Barros, que justificou a medida: “a população adventícia pronunciou-se contra a vacinação e a maior parte dos indigentes usava de todos os meios imagináveis para impedir ou frustrar a inoculação, que entendia ser antes a causa do mal do que seu salutar preservativo”. (*Relatório de presidente de província, 01/11/1878*).

¹⁴⁰ TEÓFILO, Rodolfo. *Varíola e vacinação no Ceará*. [1904]. Ed. fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997. p. 58.

Rodolfo Teófilo e sobre as quais ele deixaria várias páginas que sugerem a riqueza da temática para a problematização histórica.¹⁴¹

Como já foi pontuado, a inserção de Teófilo no âmbito das práticas voltadas para a saúde das pessoas não era incomum, dada sua posição de farmacêutico; porém esse espaço não era aberto tão-somente aos diplomados nas artes da manipulação. Existia uma demanda por outros saberes a respeito da cura, o que evidenciava uma procura por terapêuticas diferentes das oficiais, de onde emerge a pluralidade de experiências e de atores sociais, sobretudo em meio às epidemias.

Sobre esses atores sociais o termo presente na documentação é bastante ambíguo. Sob a pecha de “*curiosos*”, jornais, documentação oficial e o próprio Teófilo parecem designar personagens sociais heterogêneos como curandeiros e estudiosos informais, cuja semelhança básica era o exercício não-autorizado (ou oficial) das artes de curar.

Em 1856 a população do Ceará estava deveras assustada com a possibilidade de uma invasão do cólera, que já causava estragos na vizinha província pernambucana. Nesse mesmo ano, na cidade de Canindé, o chefe da Comissão de Socorros Públicos solicita ao presidente da província o engajamento formal do “curioso em medicina Zacarias Pereira da Costa”, que “tem sido feliz em

¹⁴¹ Em um interessante artigo, Jacques Revel e Jean-Pierre Peter fecundam questões a respeito das relações entre corpo e doença para além do domínio biológico e natural, propondo um estudo das epidemias (arquétipo da doença) não apenas natural, mas antropocêntrico e interligado à História Social. Os autores revelam a riqueza das epidemias para além de sua dimensão biológica, tratando-se de uma experiência social e cultural cuja emergência e especificidade histórica é capaz de articular a um só tempo os mecanismos administrativos de uma cidade, seus produtos religiosos e a imagem que a cidade e seus atores históricos têm de si mesmos. (PETER, Jean-Pierre; REVEL Jacques. O corpo doente e sua história. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Orgs.). *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995).

Reflexão semelhante nos trouxe André Burguière ao enfatizar o papel da Antropologia Histórica na compreensão dos fenômenos epidêmicos, relacionando-os a contextos socioeconômicos, reiterando que a reconstituição destes fenômenos passa pela análise das formas como se organizam as normas culturais de uma sociedade para digerir as injunções naturais e enfrentá-las. Portanto, perceber o impacto das epidemias como experiências coletivas e perceber como elas expunham de modo dramático a fragilidade da saúde pública é um modo de buscar compreender o campo da saúde pública no qual Rodolfo Teófilo agia e buscava criar uma memória. (Cf. BURGUIÈRE, André. Antropologia histórica. In: LE GOFF, Jacques. *A história nova*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998).

suas curas pelo sistema homeopático, com o qual sistema se acham os habitantes desta vila bastante animados”.¹⁴²

Em fevereiro daquele mesmo ano, na vila do Crato, a Comissão de Socorros vê-se em dificuldades para contratar médicos com o propósito de enfrentar a invasão da doença, optando então por contratar um tal de “Manuel”, que “aqui aplica a arte de curar”. O curandeiro aceitou a oferta, desde que um médico fosse contratado para ajudá-lo. Dois meses depois, ainda sem médico, a comissão entra em contato com “um curioso que se tem aplicado ao estudo e tratamento daquela moléstia”.¹⁴³

Os *Relatórios de presidente de província* indicam que a contratação destas pessoas não seria algo tão raro. Em 1862 o presidente da província autorizara a contratação de “uma pessoa curiosa” para atender enfermos de cólera em Saboeiro, alegando que o mesmo teria “habilitações para curar”. Às vésperas da violenta epidemia de varíola de 1878, o presidente da província Caetano Estelita solicita a autorização para contratar “pessoas entendidas para a aplicação dos medicamentos”, numa lista que incluía, entre outros, um farmacêutico e um “curandeiro”.¹⁴⁴

Contudo, a relação entre as autoridades e os indivíduos que detinham esses saberes não era tão harmônica. Até onde se pode deduzir pela documentação, se os esculápios por vezes utilizavam-se desses sujeitos em meio à escassez de médicos, por outro lado constantemente efetuavam críticas ao envolvimento desse tipo de indivíduos nos assuntos da saúde pública, demarcando o território para o exercício do saber oficial.

Em 1871, em seus relatórios, o inspetor de Higiene Castro e Silva reclama da alta taxa de mortalidade na província, atribuindo-a, dentre outros fatores, à “Aluvião de ousados curandeiros” atuantes no Ceará. Cinco anos depois, outro inspetor, Domingues Silva, investe contra o amadorismo dos serviços higienistas do Ceará, reclamando: “vejo-me forçado a recorrer aos

¹⁴² ACM Canindé, 1856 (APEC).

¹⁴³ ACM Crato, 1856 (APEC).

¹⁴⁴ *Relatório de presidente de província*, set. 1877 (APEC).

deficientes esclarecimentos, ministrados por pessoas de boa vontade, mas incompetentes e sem conhecimentos médicos”.¹⁴⁵

Esse discurso censor encetado pelas elites era materializado nas páginas dos relatórios oficiais e por vezes dos jornais também. Em 1876 um artigo intitulado “charlatanismo” ocupava um grande espaço no periódico *O Cearense*:

Esta indústria vai se propagando espantosamente ente nós, cumpre, portanto, que o poder competente tome as mais enérgicas providências no sentido de cortar o mal pela raiz. Os curandeiros surgem por toda a parte e vão impunemente exercendo sua perigosa profissão.

Em Maranguape acha-se irremediavelmente perdida uma pobre senhora a quem um dos curandeiros aplicara uma alta dose de barbatimão; nesta capital também tem estado bastante doente uma pessoa distinta da nossa sociedade dizem-nos que em conseqüência de um bárbaro remédio de que lhe mandou usar um outro curandeiro de Maranguape, atual deputado provincial.

Não é pequeno o número de vítimas que tem feito essa sua de mesmeiros. Chamamos para isso toda atenção do ilustrado sr. dr. Inspetor de Saúde Pública.¹⁴⁶

O articulista permaneceu anônimo. Embora seja possível interpretar o tom de suas acusações como o de alguém diretamente prejudicado pelos “maus serviços” desses “curandeiros” ou ainda como um instrumento de ataque a algum desafeto político, acredito que sua denúncia coaduna-se com outras feitas pelas autoridades sanitárias. De acordo com o artigo, seria notório o crescimento dessa “profissão perigosa”, que sem nenhuma regulamentação fazia várias vítimas. Chama atenção de que o referido “curandeiro” seria um deputado provincial, evidenciando que tais práticas provavelmente não ficassem restritas a camadas populares.

Como foi visto, a penetração de indivíduos detentores de saberes não-oficiais na seara da saúde pública parecia ser comum – uma relação marcada ora

¹⁴⁵ *Relatórios de presidente de província*, jun. 1871, maio 1875 (APEC).

¹⁴⁶ *O Cearense*, Fortaleza, 16/07/1876. p. 2.

pelo uso desses serviços em tempo de epidemias, ora pela indiferença ou mesmo censura diante dos mesmos.

Se considerarmos a documentação, era razoável a quantidade de pessoas que nas mais variadas localidades do Ceará exerciam tais práticas. Existia certamente uma demanda para este tipo de prática e em várias classes sociais, como sugere um curioso anúncio de 1865:

Manoel Dias padecendo da doença chamada de “catarro de bexiga” – e desenganado de encontrar recurso na velha medicina alopática, oferece 200\$000 a quem lhe oferecer algum remédio que o cure desta doença. Convencido de que muitos têm padecido desta enfermidade, é possível que alguém saiba de algum remédio descoberto no nosso reino vegetal, com que se tenha curado, ou lhe conste ter sido proveitoso a alguém que padecesse desta doença.¹⁴⁷

Em 1862 as expectativas e temores se concretizaram: o cólera finalmente visitara o Ceará, deixando em poucos meses, populações inteiras apavoradas e um saldo de cerca de onze mil mortos.

Uma das narrativas que mais me chamou a atenção está no *Relatório da Comissão de Socorros Públicos* de Ipu, em 03/05/1862:

Assim, receando a cada instante o aparecimento do cólera entre nós e ainda mais que ele nos encontre entregues aos nossos próprios recursos, ou sem recurso algum; a comissão de socorros públicos se dirige a V. Exc. pedindo providências prontas e imediatas para que não pereçamos todos.¹⁴⁸

Na seqüência do texto é solicitada a vinda de um médico o mais rápido possível, afinal “Os mortos não precisam de socorros”. O desespero do relato prosseguia:

¹⁴⁷ *O Cearense*, Fortaleza, 13/06/1865. p. 4. No século XIX o saber médico concentrava-se nas cidades, enquanto no meio rural era comum recorrer-se à medicina popular e a manuais, especialmente o do médico Chernoviz, situação esta que favorecia o desenvolvimento daquilo que a terapêutica oficial chamava de “charlatanismo”.

¹⁴⁸ *ACM Ipu*, 18/05/1862.

Será sem dúvida conveniente contratar por preço módico algum curandeiro, que administre os remédios mais conhecidos enquanto não tivermos um médico que mais convenientemente registrar nos progressos do mal no caso do aparecimento e para outras quaisquer necessidades.¹⁴⁹

Dezoito dias após a redação do documento o cólera estava a vinte léguas da cidade e a ajuda solicitada ao governo não chegara. Esta situação deve ter causado extrema comoção na vila do Ipu, como atestava um novo relatório:

É que também os ipuenses temem que o cólera para eles leva a morte horrível e inevitável [...] O que fazemos se formos acometidos? O que será da infeliz população desta vila, e mais povoados da comarca se o cólera invadir nossas casas? [...] Sem um médico que combata o mal; sem um curioso que supra a falta de médicos ao menos momentaneamente, sem medicamentos [...] ¹⁵⁰

O rosário de desgraças continuava sendo desfiado: os estoques de medicamentos da vila estavam deteriorados e só havia um padre para prestar socorros espirituais, sem cemitério e

Sobretudo sem dinheiro e sem recursos, distante daqueles portos que poderiam oferecer algum, e ocupados por uma população pouco ativa e desorganizada [...] nós tememos que o aparecimento do cólera seja a destruição de nós todos.¹⁵¹

Relatos como esses ajudam a compreender a pluralidade de experiências diante dos fenômenos epidêmicos, bem como convidam à reflexão sobre o sofrimento humano como objeto da história. Este desafio foi posto à comunidade dos historiadores por Arlette Farge, ao admoestar seus pares a perceber a dor como “um modo de estar no mundo que varia conforme o tempo e

¹⁴⁹ Id.

¹⁵⁰ ACM Ipu, 21/05/1862.

¹⁵¹ Id.

as circunstâncias”, revelando que a dor individual revela os vínculos culturais e políticos tecidos com a sociedade.

Neste sentido, uma possibilidade de investigação deste sofrimento reside na documentação aqui utilizada sobre as epidemias. Portanto, diante deste desafio específico, o historiador não deve se furtar a debruçar-se sobre as mais variadas fontes a respeito da dor humana, pois:

Pode colocar-se uma questão a partir da escrita do historiador que regista a dor: é-nos efetivamente lícito pensar que, no domínio tão interior e tão íntimo da infelicidade só a literatura é capaz de dar, com suas palavras e sua linguagem, verdadeiro estatuto ao sofrimento. Apenas penso que a emoção, a dor, a infelicidade são sentimentos que o historiador deve também interpretar e o relato literário, por mais sublime que seja, não colmata a ausência do historiador nesse domínio.¹⁵²

Rodolfo Teófilo se valeu de sua experiência durante a epidemia de cólera em 1862 para escrever em 1898 a já citada novela *Violação*, uma obra na qual entre outras coisas descreve os sentimentos de terror e pânico coletivo na cidade de Maranguape – possivelmente a mais atingida da província e que tinha como médico seu pai, Marcos Teófilo.

A obra segue narrando a comoção e os sentimentos que acometeram a população desesperada; ao lado da tragédia pública, Teófilo detêm-se nos dramas privados vividos por sua família, enaltecendo seu próprio heroísmo (então na época com nove anos de idade) diante da peste. Após essas descrições, o livro alcança o clímax, ao narrar o estupro de um cadáver por uma dupla de coveiros.

Não seria a primeira e nem a última epidemia vivenciada por Teófilo. Em 1878, já atuando como farmacêutico na capital cearense, ele assistira *de visu*

¹⁵² FARGE, Arlette. Do sofrimento. *Lugares para a história*. Lisboa: Teorema, 1999. “Se considerarmos certas formas de sofrimento e os seus modos de expressão como acontecimentos históricos podemos refletir sobre suas conseqüências: uma epidemia, por exemplo, pode acarretar medidas de natureza social e política, bem como desencadear movimentos religiosos de grande envergadura”. (Ibid. p. 25).

ao cortejo de males trazidos pela seca e pela irrupção da varíola, segundo ele na “maior epidemia da história da humanidade”.¹⁵³ Contudo, ele pouco tomaria parte nos eventos ocorridos em meio à emigração dos retirantes e as medidas para a debelação da peste.¹⁵⁴

Se, por um lado, a atuação de Rodolfo Teófilo na epidemia de 1878 tinha sido praticamente nula, por outro lado ele usaria a força da letra para perpetuar sua memória sobre o acontecimento, como já vimos, mediante a publicação da sua monumental *História da seca do Ceará* (1883).

¹⁵³ Com efeito, em pouco mais de oito meses 150 mil pessoas foram atingidas na província, ceifando aproximadamente um terço dos enfermos (cf. Barbosa, op. cit.).

¹⁵⁴ Contudo, Teófilo construiria uma sólida experiência clínica enquanto farmacêutico devido sua atuação na esfera da saúde individual de seus clientes e durante as várias epidemias que testemunhara e nas quais socorrera centenas de pessoas. Tal experiência influenciaria sua escrita historiográfica, indo ao encontro das reflexões trazidas por Stephen Bann, para quem a escrita histórica desenvolveu no século XIX uma profissionalização da qual partilhara conhecimentos de alguns campos, como Direito, Teologia e Medicina. Esta última, de acordo com Bann, doara a Clio sobretudo sua ênfase na semiologia para construção de diagnósticos: “Analogia fundamental entre medicina profissionalizada e a história situando-se, antes de tudo, nesse fluxo irreversível de conhecimento diagnóstico – com o historiador diagnosticando por assim dizer, a doença do corpo político – mas também, no tipo particular de relacionamento que ambas nutrem por suas auxiliares”. (BANN, Stephen. *As invenções da história: ensaios sobre a representação do passado*. São Paulo: Edunesp, 1994. p. 32).

2.2. VACINAÇÃO E VARÍOLA (1904)

Em julho de 1900 Rodolfo Teófilo embarcava com a família rumo à Bahia, onde matricularia seu sobrinho Raul Teófilo no Curso de Farmácia. Tal ocasião foi lembrada com júbilo pelo jornal governista *A República*: “Os nossos votos são para que Rodolfo Teófilo e sua família sejam conduzidos ao ponto de destino por galenos e prósperos ventos”.¹⁵⁵

Os reclames do jornal insinuam que, mesmo mantendo-se tradicionalmente apartidário, o farmacêutico, romancista e benemérito parecia ter boas relações com os membros do governo, como se pode inferir através de um anúncio anterior feito pelo jornal. No início de maio daquele ano uma nota em alusão ao natalício do escritor, no qual a folha oficial o parabenizava por seu “caráter e conduta irrepreensíveis”, que fazia amigos em todas as classes sociais pela “bondade de seu coração e pela lealdade que mantêm em suas relações sociais”. A nota segue alcunhando o farmacêutico de “inteligente industrial” e “primoroso romancista”, que com sua “inteligência plácida e retraída” encheria de orgulho o Ceará, alguém que só encontrava a realização plena no “culto da caridade e da família, [no qual] ninguém o excede e raros o imitarão”.¹⁵⁶

Já na Bahia Teófilo passa a ter notícias da violenta seca que assolava o Ceará nos últimos meses de 1900. Nas palavras do próprio Rodolfo, isso lhe teria despertado profundos sentimentos humanitários e patrióticos:

Convencido de que nada podia o meu esforço no sentido de chamar o governo da União ao cumprimento de seus deveres e não querendo ser um inativo diante dos sofrimentos de meus patrícios, tive a idéia de, regressando ao Ceará, levar-lhes um alívio a seus males, a vacina antivariólica.¹⁵⁷

¹⁵⁵ *A República*, Fortaleza, 03/07/1900. p. 3.

¹⁵⁶ *A República*, Fortaleza, 05/05/1900. p. 1.

¹⁵⁷ TEÓFILO, *Varíola e vacinação no Ceará*. p. 70.

Rodolfo decidira realizar por conta própria a vacinação da população fortalezense a fim de erradicar a varíola (agora endêmica) na cidade; para tanto, assistiu a sessões de vacinação animal em Salvador e, considerando-se habilitado, retornou ao Ceará pra iniciar o serviço de profilaxia.

Como já foi discutido, a “intromissão” de indivíduos detentores de algum tipo de conhecimento terapêutico na esfera da saúde pública era relativamente comum, sendo um expediente usado pelas próprias autoridades, revelando o caráter assistencialista e pouco profissional destes serviços. Um reforço a esta argumentação de que o governo Accioly não teria se indisposto com Rodolfo Teófilo devido à vacinação por ele empreendida, reside no fato de que o periódico governista *A República* acolheu com ânimo a iniciativa de Teófilo, como fica claro neste trecho em fevereiro de 1901:

O sr. Rodolfo Teófilo acaba de obter entre nós com os melhores resultados a vacina animal.

Mais de cem pessoas tem sido vacinadas com a linfa cultivada em vitelas e em todas tem sido excelente o resultado como temos sido testemunhas.

A ocasião para a propagação de tão bom profilático não podia ser mais oportuna, pois a varíola está grassando com intensidade nos subúrbios desta capital já em algumas de suas ruas centrais.¹⁵⁸

Além dessa chamada encomiástica, *A República* publicava notas diárias, fornecendo informações sobre local e horários em que Teófilo realizava a vacinação, aproveitando para elogiar o farmacêutico por entregar-se à faina de vacinar uma população tão infensa ao preservativo, conclamando ao comparecimento de todos à residência do farmacêutico, pois:

Agora não podem se desculpar a falta da vacina. O sr. Rodolfo Teófilo a tem excelente e está à disposição do público desta capital todos os dias de 1 às 4 horas da tarde em sua casa no Boulevard Visconde de Cauípe n. 4.¹⁵⁹

¹⁵⁸ *A República*, Fortaleza, 05/02/1901. p. 2.

O próprio Rodolfo se valia das páginas do periódico governista para divulgar o êxito de suas sessões de vacinação, enviar tabelas com mapas detalhando a evolução da campanha e publicar artigos. Em um deles, publicado no início de outubro, Teófilo afirma que a varíola estava praticamente extinta da zona oeste da cidade, mas que os resultados seriam ainda melhores se o governo efetivasse a vacina obrigatória, pois “com um pouco de paciência e retórica temos conseguido muito, mas tudo por aquele meio é absolutamente impossível. O governo venha em nosso auxílio que levaremos a cabo nossa missão”.¹⁶⁰

O apelo de Rodolfo foi mal recebido pelo governo, que percebeu no mesmo uma possível acusação de omissão, dando início a uma pequena rusga, como fica claro na réplica do jornal, publicada no dia seguinte:

Pode-se inferir nos termos transcritos que os poderes públicos do Estado se têm quedado indiferentes ante um mal que tantas vítimas tem feito, nem só nesta capital como em diversas localidades do interior [...]

Ninguém pode de boa-fé negar os bons serviços prestados pelo ilustre Rodolfo Teófilo à população desta cidade, propagando a vacina sem nenhuma retribuição; mas por igual não será justo contestar a ação benéfica dos poderes públicos neste como em outros assuntos.¹⁶¹

Mesmo após esse incidente, as autoridades governamentais continuariam a apoiar a empreitada de Teófilo, pois os anúncios sobre a vacinação feita pelo farmacêutico duraram ainda quase dois meses, quando finalmente cessaram, precisamente ao final de novembro de 1901.

Deste momento em diante teria início a ruptura definitiva e o início das hostilidades entre o governo do estado e Rodolfo Teófilo. Porém, ao contrário do que se pode pensar, o motivo que desencadeou o que Teófilo chamaria de “guerra aberta” não havia sido a campanha de vacinação por ele empreendida,

¹⁵⁹ *A República*, Fortaleza, 16/03/1901. p. 3.

¹⁶⁰ *A República*, Fortaleza, 15/03/1901. p. 2.

¹⁶¹ *A República*, Fortaleza, 02/10/1901. p. 3. Além disso, a nora afirmava que o governo poderia “obrigar a população a vacinar-se”.

mas a publicação de seu livro *Secas do Ceará* (segunda metade do século XIX), no fim do ano de 1901.

Conforme foi abordado, esta obra se inseria dentro do esforço de Teófilo em colocar-se como uma espécie de “autoridade” sobre as secas em terras cearenses; o que não o impediu de discorrer sobre outros temas como a saúde pública. Nesta obra Teófilo critica várias administrações estaduais (especialmente o governo Accioly), acusando-as de ineficiência, corrupção e omissão.¹⁶²

A resposta governista foi rápida. Nas páginas d'*A República*, durante praticamente um mês Teófilo e seu livro sofreriam severas críticas. Os ataques iniciaram-se em 29 de novembro de 1901: um longo artigo, assinado por “Brilhante e Paroara”¹⁶³, qualifica a obra como produto de “um cérebro imaginoso”, cuja leitura, não obstante expectativas contrárias, foi de uma “decepção completa”, sendo comparada a uma espécie de “ópera bufa”.

De acordo com o artigo, as poucas verdades do livro foram comprometidas pelo uso de uma linguagem “horripelmente defeituosa e apaixonada”. Após acusar a leviandade de Teófilo em suas diversas acusações caluniosas, arremata:

Se o enfezado escritor é assim tão pouco generoso com os que já não vivem, não era de se esperar que fosse mais gentil e justo com aqueles que ainda podem lhe fazer sombra neste vale de lágrimas, onde só o Sr. Rodolfo Teófilo devia ser grande, inteligente e adulado.¹⁶⁴

Estava iniciada uma guerra das letras, colocando em jogo o estatuto da memória de Rodolfo Teófilo para a posteridade. Cada acusação feita deveria ser refutada, e cada passo de sua trajetória obstinada deveria ser evocado. Nesta

¹⁶² Neste livro Teófilo pontua, entre as acusações, a improbidade administrativa na construção de obras públicas como a linha telegráfica entre Aracati e Fortaleza e a omissão a exemplo do fechamento do Lazareto da Lagoa Funda, o único da cidade.

¹⁶³ A(s) alcunhas do(s) articulista(s) ironicamente leva(m) os títulos de duas obras de Teófilo. Esse expediente da escrita anônima era largamente usado nas publicações políticas da capital cearense, e particularmente repudiado por Teófilo.

¹⁶⁴ *A República*, Fortaleza, 29/11/1901. p. 2, 3.

peleja, a força da letra e do papel se converteria em um poderoso instrumento de militância pela verdade e pela justiça, servindo assim como arma nessas batalhas pela memória.

O periódico governista não poupava Teófilo e seu livro pelos próximos trinta dias. Em suas páginas as críticas tornavam-se cada vez mais severas, qualificando sua nova obra de “mistifório de lugares comuns”, cheio de inverdades e contradições que “Desacreditam o trabalho do Sr. Rodolfo Teófilo”.¹⁶⁵ Além disso:

Causa espanto como o sr. Rodolfo Teófilo esquece seus deveres de imparcialidade impostos pela tarefa que impôs de fazer a história de nossas secas, se deixou obcecar pelas paixões subalternas que tanto desdizem da índole de obras tais: a inveja e o despeito.¹⁶⁶

O jornal encontrava espaço em cada edição para continuar os ataques, acusando “o ilustre baiano” de falsear fatos apenas para poder criticar a Accioly, sendo assim ora “omisso”, ora “leviano”, um “fraco cronologista”, alguém cuja “memória ficou prejudicada pela viveza da imaginação”, sempre “infel” em seu trabalho repleto de “inverdades, incoerências e contradições” no qual é nítido “todo o desprezo que vota à verdade histórica”.¹⁶⁷ Rodolfo Teófilo chega a ser chamado de “inimigo nato dos poderes públicos”: “Que valor podem ter os conceitos de tão leviano historiador?”.¹⁶⁸ Criticando a qualidade das informações expostas em seu livro, a folha oficial conclama Rodolfo Teófilo a abandonar a história, “ciência ingrata e difícil”, e dedicar-se à literatura, onde ele poderia exercer sua imaginação.

O fato de ter sido declarado inimigo e crítico do governo faria que Teófilo e sua campanha de vacinação fossem progressivamente adotadas como bandeira da oposição política à oligarquia Accioly. Esta adesão se relacionava a um movimento encabeçado pelas camadas médias de Fortaleza, entre as quais

¹⁶⁵ *A República*, Fortaleza, 30/11/1901. p. 4.

¹⁶⁶ *A República*, Fortaleza, 03/12/1901. p. 2.

¹⁶⁷ *A República*, Fortaleza, 06, 07/12/1901. p. 3.

¹⁶⁸ *A República*, Fortaleza, 12/12/1901. p. 2.

Teófilo possuía excelente circulação social devido seu passado de caixeiro e suas atividades como farmacêutico e pequeno industrial do ramo de bebidas refrigerantes (a cajuína), exercidas no seio da vida urbana da cidade.

Para os referidos setores comerciais, era grande a insatisfação com a oligarquia Accioly,¹⁶⁹ uma situação que degradingolava rapidamente a partir dos primeiros anos do século XX, especialmente porque tais setores urbanos comerciais, alijados de quaisquer prerrogativas para uma participação política mais efetiva nos rumos do estado, passariam a suportar também uma política fiscal opressiva que asfixiava o comércio estadual e interestadual, em detrimento do favorecimento ao comércio de exportação.¹⁷⁰

Entretanto, este descontentamento não encontrava vias de manifestação que não fossem peremptoriamente reprimidas, muitas vezes por meio da violência física. Portanto, na ausência de canais para expressão dessa oposição política, predominava a atividade panfletária através de diversos jornais e pasquins que de forma virulenta atacavam os abusos e desmandos governamentais. Nesta situação a campanha de vacinação de Rodolfo Teófilo (que já censurara a oligarquia Accioly através de seus escritos) rapidamente se converteria, como já dito, numa bandeira da oposição das camadas médias.

Os ataques a Teófilo e sua campanha vacinatória continuaram nos anos seguintes, contudo o farmacêutico ganharia aliados importantes no embate que se iniciava junto ao governo estadual. Fundado em março de 1904 por Waldemiro Cavalcanti e João Brígido (dissidentes da oligarquia aciolina), o *Jornal do Ceará* possuía entre seus redatores “festejados intelectuais” como Agapito dos Santos e Rodolfo Teófilo. Neste periódico Teófilo escreveria vários artigos e

¹⁶⁹ O advento da República veio confirmar a autonomia dos interesses locais, resguardados pelo federalismo que possibilitava o controle político da “máquina eleitoral” por certos grupos (tradicionalmente chamados de oligarquias), que em cada estado se perpetuavam no poder mediante práticas clientelistas envolvendo elementos locais (coronelismo) e acordos políticos em nível nacional com a União (a chamada Política dos Governadores). Este predomínio político se materializava nas sucessivas vitórias eleitorais obtidas por estas oligarquias, legalizadas doravante no poder mediante os pleitos. No caso do Ceará, a oligarquia Accioly consegue manter-se hegemônica no cenário político cearense de 1895 a 1912, quando uma violenta revolta popular, encabeçada por setores médios, depõe e exila o oligarca Nogueira Accioly. (Cf. PORTO, Eymard. *Babaquara, chefetes e cabroeira*. Fortaleza do início do século XX. Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto, 1993).

¹⁷⁰ Cf. PORTO, op. cit.

contava episódios ligados à vacinação iniciada por ele, e que a cada página de sua pena adquiria foros de uma cruzada.

A escrita de Teófilo no jornal seguia incisiva, afinal era o estatuto de seus livros e de sua própria memória que se encontrava ameaçado. Essa premissa acabou colocando Teófilo em uma situação inusitada: enquanto historiador ele primava pela veracidade e precisão de suas narrativas, valendo-se ora de sua presença testemunhal, ora do uso meticuloso de documentos governamentais, contudo ele mesmo testemunhara que esses documentos que tantas vezes foram usados por ele para garantir a “verdade” a seus livros poderiam ser, na realidade, falsos.

O início desta constatação se deu pela negação oficial da presença da peste bubônica na capital cearense durante a seca de 1900. Assim escreveu Teófilo:

Pelo registro civil de óbitos não se saberá nunca que a peste bubônica grassou no Ceará. Quem consultar o obituário desse tempo não encontrará uma só morte por causa daquele mal, mas inúmeras ocasionadas por linfadenite malárica, adenite infecciosa, febre pernicioso, com que se combinou chamar a peste bubônica.

Quisemos saber ao certo o número de vítimas feito em Fortaleza pelo mal levantino, mas como se os assentamentos eram falsos?

Com relação à bubônica, com que fim adulteravam assim os fatos, se deixava nos arquivos públicos tamanha falsidade?¹⁷¹

As palavras de Teófilo devolviam ao governo as acusações de mentira. Mais uma vez ele se coloca como o representante da verdade, agora não mais somente a escrita da verdade sobre as secas, mas a escrita da verdade sobre as epidemias no Ceará, afinal ele mesmo garantira que, não obstante a manipulação de informações feitas pelas autoridades, ele já tinha escrito “a história da peste

¹⁷¹ *Jornal do Ceará*, Fortaleza, 23/03/1904. p. 2.

bubônica no Ceará”, ainda que “pelas ramas”,¹⁷² conseguindo dar “alguma idéia” do que a doença representou, “Para que a falsidade deixada nos Arquivos Públicos nos quadros nosológicos não fique sem protesto”.¹⁷³

Nas páginas do *Jornal do Ceará* Teófilo relembria aos leitores os argumentos cuidadosamente observados por ele e que lhe davam crédito para assegurar a existência da “peste negra” entre os cearenses, naquela estiagem de 1900. Letras que possuíam o poder da verdade, que as dotariam de funcionalidade, gerando ação e transformação social:

Não deixemos aos pósteros mais uma calamidade que seria perfeitamente evitada se nos compenetrássemos em nossos deveres e mais ainda de nossas responsabilidades. Não lhes deixemos mais uma tortura [...] A geração vindoura, estejamos certos, não nos perdoará este grande crime perpetrado pela nossa ignorância contra sua vida. Nós seremos malditos por este atentado.¹⁷⁴

Convicto da interdependência entre as temporalidades históricas, Teófilo assume o compromisso com o futuro a partir do conhecimento das lições do passado e do engajamento social assumido no presente, pacto este que poderia ser reclamado e defendido pela força da escrita, da sua escrita.

Além de divulgar dados estatísticos sobre a vacinação, as páginas do *Jornal do Ceará* serviam também para que a memória sobre Rodolfo Teófilo como benemérito fosse reforçada. Diversos artigos e editoriais glorificavam sua atuação, afirmando que sua benemerência remontava à seca de 1877, apesar do esforço de “invejosos” em “conspurcar a auréola de sua frente”.¹⁷⁵

¹⁷² Teófilo referia-se ao recém-publicado *Secas do Ceará*, no qual refaz o trajeto da doença em meio à seca que assolava o estado em 1900. Partindo diretamente do próprio testemunho e de outras evidências, nega os laudos oficiais feitos por uma comissão vinda do Pará – responsável pelo diagnóstico de adenite malárica. Tal laudo foi contestado por Teófilo, que insinua o resultado como um fator usado para não se interditar os portos cearenses pela quarentena, sobretudo em um período crítico de seca.

¹⁷³ *Jornal do Ceará*, Fortaleza, 20/03/1904. p. 3.

¹⁷⁴ *Jornal do Ceará*, Fortaleza, 08/04/1904. p. 4.

¹⁷⁵ *Jornal do Ceará*, Fortaleza, 06/05/1904. p. 2.

O periódico oposicionista garantia que, graças aos esforços de Rodolfo Teófilo, a varíola estava extinta de Fortaleza, além do que a sua atuação seria decisiva também no que diz respeito à preparação da população para uma lei que decretasse a vacinação obrigatória.

Mesmo contando com o jornal para defesa pessoal, seja pela própria pena ou de outrem, Teófilo pretendia dotar de perenidade a memória de seus próprios feitos através de outro instrumento; para tanto, a história vivida precisava novamente converter-se em história contada, desejo de memória que estaria mais bem materializado em um livro.

É neste sentido que interpreto a publicação de *Varíola e vacinação no Ceará* (1904), no qual narra detalhadamente o desenrolar dos primeiros anos de sua campanha vacinatória (1901-1904).

Este livro viria a público, nas palavras de Teófilo, para fazer a “propaganda da vacina”. Em suas páginas é fácil perceber o quanto tal propaganda confundia-se com o protagonismo do próprio Rodolfo nos eventos que narrava. A distribuição gratuita deste livro (na época em forma de brochura) inseria-se numa estratégia de Teófilo para, entre outras coisas, divulgar seus feitos – uma necessidade diante dos ataques que ele recebeu e continuaria recebendo.

Esta obra relembra a trajetória da varíola nas terras cearenses, dedicando longas páginas à epidemia de 1878 (a maior da história da humanidade, segundo o autor) até transformar-se em uma endemia, predominando na periferia de Fortaleza. Outra parte da obra explica a história da vacina antivariólica na Europa e no Brasil, aproveitando para disparar críticas contra os descasos governamentais e reivindicar a vacina obrigatória.

Considero este livro um dos mais poderosos libelos pela memória de Rodolfo Teófilo, pois permeando quase todas as narrativas ele aparece com destaque, superando estoicamente as adversidades encontradas. Suas linhas revelam uma “escrita de si”, na qual a vaidade do farmacêutico emerge lado a lado com as reivindicações altruístas reclamadas por ele como fonte de motivação nesta campanha.

O livro relata a urgência da vacina do Ceará, onde as secas eram constantes, sempre tendo a varíola como companheira inseparável. Após culpar o governo Accioly pela disseminação endêmica da varíola nos subúrbios da capital cearense, defende em várias partes do livro uma lei de vacinação obrigatória. Diante do avanço da doença em Fortaleza, Teófilo decide montar seu vacinogênio e iniciar a vacinação domiciliar, encetando uma campanha que ele narra detalhadamente. Além de enumerar as dificuldades como a indiferença da população, a falta de apoio e as difamações do governo, ele destaca como desenvolveu estratégias para obter êxito em sua empresa.

Após perceber que a procura pela sua vacina estava baixa, ele resolve iniciar suas estratégias:

Publicava notícias apontando os estragos e intensidade da epidemia, casos sem conta de varíola hemorrágica. O certo é que nos dias subseqüentes a tais publicações alarmantes, tinha eu a casa cheia de pessoas a vacinar.¹⁷⁶

Contudo, Rodolfo Teófilo afirma que, à revelia de seus esforços, a população da periferia da cidade não comparecia à vacinação. Neste momento ele parte para um dos momentos que mais consagrariam sua trajetória de benemérito: vai ao encontro da massa mestiça e pobre que habitava em seus casebres nos subúrbios, as chamada “areias”.

O livro tornou conhecidos os episódios envolvendo Teófilo nas “areias”: mal-estar diante da comovente miséria da população, hostilidade dos moradores etc., todos minuciosamente narrados por ele.

Rodolfo conta que o pagamento de mil-réis tirados do próprio bolso passou a demolir qualquer resistência à vacina, uma situação que, como veremos, seria usada pela população pobre para auferir alguma vantagem. O fato é que o cotidiano nas “areias” e em outras áreas suburbanas da cidade, afirmava, cansavam seu “corpo” e sua “alma”.

¹⁷⁶ TEÓFILO, *Varíola e vacinação no Ceará*. p. 100.

Rodolfo Teófilo encontraria, também, grande resistência ao tentar a vacinação no bairro do Matadouro, uma situação que soube contornar com sagacidade; segundo ele, a própria “psicologia” do povo lhe daria a resposta: “O nosso povo é bastante inteligente se bem que muitíssimo ignorante. Tem pendor especial para o maravilhoso. Eu começava a compreendê-lo”.

Diante da relutância do povo que o repelia, afirmando que “a vacina que queria era a de Deus”, o farmacêutico improvisou algumas lendas.

Teófilo gasta cerca de cinco páginas contando como convenceu a população do bairro, a partir da narrativa da lenda de um santo anacoreta chamado Jenner,¹⁷⁷ envolvendo personagens como monarcas, pombas, cordeiros coloridos, anjos etc. O processo de obtenção da vacina era explicado à população a partir de elementos fantásticos e sobrenaturais, culminando na obtenção da vacina com “o espinho da laranjeira em que foi crucificado o mártir São Sebastião, advogado da peste”, devendo as pessoas ser marcadas por esse espinho, pois a “peste respeitará a todos com este sinal”. Nota-se que Teófilo recorre a temas bastante populares, como a evocação do êxodo bíblico e a São Sebastião, cuja devoção era comum no Ceará em tempos de epidemias.¹⁷⁸

As procissões em honra aos santos eram freqüentes, bem organizadas, geralmente faustosas e impressionantes aos sentidos. Em 1857 os jornais convocavam a população ao comparecimento para a procissão de São Sebastião, a fim de pedir a Deus que interrompesse a terrível epidemia que grassava na província:

Domingo próximo seguinte, pelas 4 da tarde sairá da capela de S. Bernardo em procissão, o glorioso mártir, S. Sebastião, para o lugar onde se fará a edificação da capela do mesmo santo. Pede-se por isso aos fiéis que concorram a acompanhar a dita procissão para que por intercessão do mesmo milagroso mártir, sejamos salvos da peste da bexiga.¹⁷⁹

¹⁷⁷ Alusão ao inglês Edward Jenner, cientista inglês descobridor da vacina antivariólica em 1796.

¹⁷⁸ TEÓFILO, *Variola e vacinação no Ceará*. p. 124-128.

¹⁷⁹ *O Commercial*, Fortaleza, 19/09/1857. p. 3 .Estas procissões podem ser analisadas como um evento que faz parte de uma linguagem urbana, que ao mesmo tempo traduzia a ordem social da

A edificação de um templo dedicado a S. Sebastião¹⁸⁰ e numerosas novenas são indicadores de sua influência na cultura religiosa cearense e nas sensibilidades populares referentes à doença e seus processos de cura. Como nos conta o cronista João Nogueira, na Fortaleza do século XIX era comum invocar “São Bento contra animais peçonhentos” e “São Sebastião para afastar a peste”.¹⁸¹

Estas preces, novenas e procissões podem oferecer indícios a respeito das experiências populares na lida com as epidemias, fornecendo um conjunto de representações que eram muito mais familiares às vivências populares diante das pestes do que a medicalização oficial. Portanto, as narrativas de Teófilo sugerem que ele teria percebido essa “veia” mística presente na cultura popular no que diz respeito à cura das doenças, valendo-se dela para efetuar sua vacinação.

Além desse expediente, ele afirma que chegava a ameaçar de prisão e multa a população e expunha suas próprias marcas de vacinação. Seu livro *Varíola e vacinação* apresentava, ainda, diversas sugestões de estratégias para propagar a vacinação, como a pregação dos padres a favor da vacina, a inoculação na pia batismal, vacinação obrigatória nos portos e a realização de um congresso que reunisse todos as comissões vacinadoras do estado.

cidade e a representava diante de si mesma e de Deus, conforme salienta Delumeau: “Remédio para toda a cidade, a procissão é uma súplica de toda a cidade [...] uma súplica contra um tal perigo. Só tem possibilidade de ser escutada pelo Céu, se se prolonga a fim de certamente forçar a atenção e a compaixão de um juiz encolerizado”. (DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente (1300-1800)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 321).

¹⁸⁰ Um detalhe interessante é a devoção popular a S. Sebastião (cujo culto remonta ao século VIII da era cristã), que, ao lado de S. Roque, detém o status de santo antipestilento por excelência. Este santo, geralmente apresentado pela iconografia com o corpo desfigurado e transpassado por setas (símbolos cristãos da cólera divina), faz lembrar um antigo princípio da magia: suscitar o contrário (cura) pela invocação do semelhante.

¹⁸¹ NOGUEIRA, João. *Fortaleza velha: crônicas*. 2. ed. Fortaleza: EUFC; Prefeitura Municipal de Fortaleza, 1980. p. 87. De acordo com Câmara Cascudo, ele “é o santo defensor das moléstias contagiosas, invocado nas epidemias, nas guerras e na escassez de víveres. Os devotos de S. Sebastião não morrem de fome, de peste nem de guerra”. (CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 11. ed. São Paulo: Global, 2001. p. 625).

Igualmente curioso: em meio à epidemia de cólera, em 1862, Maranguape resolveu adotar S. Sebastião como segundo padroeiro da cidade. Atualmente oito municípios cearenses têm o santo como padroeiro.

O empenho de Teófilo nesse empreendimento está bastante relacionado a uma vontade de memória pessoal. Como já foi visto, Rodolfo alegava razões patrióticas para o início da campanha, contudo uma outra motivação aparece recorrentemente em sua escrita: a vaidade pessoal, tema com o qual ele desenvolve uma relação ambígua.

De acordo com seus livros, o próprio governo parecia perceber tal traço em sua personalidade, pois inicialmente “garantiu-me, para me tocar a vaidade, proclamar-me um benemérito se conseguisse pela vacinação extinguir a varíola em Fortaleza”, promessa que pouco lhe afetou, como ele mesmo asseverou.¹⁸²

A vaidade era uma característica valorizada tanto por ele como por seus detratores. Diante da recusa da população pobre em receber sua vacina, ele assim lamentou:

A indiferença do público pelos meus serviços e o modo hostil com que recebia-me o povo, magoavam-me ou antes revoltavam-me, e, se não caí na fraqueza de abandonar a minha idéia foi porque lutei muito contra as tentações de meu amor-próprio tão profundamente ferido.¹⁸³

Rodolfo, por sua vez, usava as páginas do livro para reforçar perante a opinião pública suas motivações altruístas:

Quando entreguei-me de corpo e alma a esse trabalho não foi pensando em recompensa de governo e nem de particulares.

Estou sobejamente pago do que tenho feito, porque diz-me a consciência ter eu prestado um serviço à minha amada terra.¹⁸⁴

¹⁸² TEÓFILO, *Varíola e vacinação no Ceará*. p. 73

¹⁸³ *Ibid.* p. 120 (grifo meu).

¹⁸⁴ *Ibid.* p. 143.

Ele louva o poder da iniciativa particular na cidade, considerando-a como responsável pela erradicação da varíola em Fortaleza. Porém, tanto nesta obra como em outras Teófilo usa este termo, mas apropria-se dele, personalizando em si mesmo o êxito obtido pela referida "iniciativa particular", afinal, após dois anos de trabalho:

A varíola desaparecera completamente de Fortaleza, devido à vacinação nos domicílios, que em tão boa hora iniciei. Este serviço foi, como já disse, fatigante, exaustivo, pela repugnância do povo à vacina; mas sinto-me feliz de ter tido ânimo para vencer os desfalecimentos de meu espírito, de ter tido a coragem precisa para não esmorecer no meio do caminho.¹⁸⁵

Embora afirmasse que a "iniciativa particular" era a responsável pelo êxito da campanha vacinadora, Teófilo escrevera diante das críticas que: "Tolerava que me insultassem, que me caluniassem, mas que não deslustrassem nem de leve a minha obra de beneficência".¹⁸⁶

Teófilo cita a "iniciativa particular" para em seguida colocar-se como responsável único pelo êxito da campanha.

Tais ataques à "sua obra" culminaram na grave acusação de que sua vacina teria causado a morte de uma criança em 1903. O próprio Rodolfo transcreveu o ataque, publicado no pasquim *O Tempo*, em 22 de novembro daquele ano:

A linfa do Sr. Rodolfo Teófilo é mesmo maravilhosa. De uma criança, sabemos nós, que tendo sido vacinada pela manhã à tarde já era como os anjos. Não resistiu a inocente criaturinha, ao frouxo que a linfa lhe produziu.¹⁸⁷

Diante do episódio Rodolfo Teófilo considerou sua propaganda pela vacinação "ferida de morte". Tinha consciência da propagação oral da escrita: "O vulgo não lê, mas ouve ler, o que é pior ainda". Ele conta que a refração à vacina

¹⁸⁵ Ibid. p. 190 (grifo meu).

¹⁸⁶ Ibid. p. 212 (grifo meu).

¹⁸⁷ Apud TEÓFILO, *Varíola e vacinação no Ceará*. p. 213.

aumentou, gerando-lhe profundo desalento e vontade de desistir, pensamentos logo superados pela agudeza de seu caráter:

Voltei para casa no firme propósito de abandonar aquele serviço.

Foi forte a tentação.

Refleti e vi que era fraqueza de ânimo deixar em caminho aquela obra só por ter a maledicência atirado-me os seus botes.

Era o cúmulo da vaidade pretender louvores até dos maus!

Envergonhei-me de minha fraqueza e cheio de fé, coragem e paciência, continuei a minha via-sacra.¹⁸⁸

São freqüentes as passagens do livro onde Teófilo suprime alusões à iniciativa particular em favor de suas próprias atitudes e sentimentos. Ele revela que estava cansado, mas satisfeito com seus resultados. No início de 1904 organizara a Liga Cearense contra a Variola, contando com a colaboração de particulares nas localidades do interior para efetuar a vacinação. Nessa oportunidade remeteu uma circular aos comissários da liga, para que os nomes deles figurassem “entre aqueles que, dedicando uma parte de seu tempo ao bem público, têm trabalhado na salutar propaganda da vacinação em nosso estado”.¹⁸⁹

Em 1904 o governo federal promulga a lei que implementa a vacinação antivariólica, medida que gerou profundas reflexões em Teófilo, reveladas em seu livro, chamando para si (e não para a iniciativa particular) a responsabilidade dos resultados da campanha:

A lei promulgada ultimamente, tornando a vacina obrigatória, veio desobrigar-me do serviço de vacinação no Ceará. [...]

O governo parece-me encontrará grandes obstáculos na execução da lei obrigando à vacinação [...]

Talvez seja o Ceará o único estado da União onde a nova lei encontre menos oposição. O cearense é progressista por índole. Quatro anos de propaganda aqui bastaram para o povo se convencer da utilidade da vacina.

¹⁸⁸ Ibid. p. 216 (grifo meu).

¹⁸⁹ Ibid. p. 225.

Eu já disse quanto me custou a vacinação domiciliária nos primeiros tempos. Hoje já me procuram para vacinar e quando chego aos domicílios não sou repellido [...]

É grande a satisfação que sinto em premunir da varíola esses deserdados da fortuna e dos governos [...]

Entrego o estado do Ceará à comissão vacinadora federal expurgado da varíola, sem um óbito por esta peste em pessoa residente em Fortaleza há 31 meses, como se vê na certidão abaixo publicada.

Que o governo do Brasil consiga com relação à varíola o que conseguiu o governo da Alemanha.¹⁹⁰

A publicação de *Varíola e vacinação no Ceará* serviu para defender a propaganda de Teófilo e de sua vacina, além de criticar os desmandos e a politicagem reinante na esfera pública.

Nos anos seguintes à sua demissão do Liceu (1905), Rodolfo Teófilo teve uma queda nos rendimentos e provavelmente passou por algum tipo de privação financeira, afinal continuava às suas próprias expensas as atividades de produção da vacina. Tal situação teria feito que ele voltasse a investir com mais afinco em suas atividades de industrial.

Entre os anos de 1905 e 1910 ele aumentaria consideravelmente a quantidade de reclames comerciais envolvendo seus produtos, anunciando-os nas páginas do *Jornal do Ceará*, onde divulgava também seus livros. O periódico anunciava vários de seus preparos farmacêuticos como “xarope anti-reumático”, “peitoral de angico”, “vinho de jurubeba”, “nervino Teófilo”, o “elixir de Santo Inácio”, além da famosa “cajuína”.

Rodolfo Teófilo também republicou no ano de 1907 (em parceria com Garcia Redondo) *Botânica elementar*, originalmente editada em 1889; desta feita a nova edição seria adotada pelo Conselho de Instrução Pública de São Paulo.

Através do *Jornal do Ceará* ele seguia publicando artigos e dados estatísticos sobre sua campanha de prevenção à varíola, uma vez que a famosa lei da vacinação por aqui não passaria de letra morta.

¹⁹⁰ Ibid. p. 243.

Contudo, os opositores de Teófilo pareciam ter finalmente descoberto um ponto vulnerável para ataque. A folha governista *A República* intensificara seus ataques sempre aludindo ao episódio da morte da criança, ocorrida em 1903, supondo que na melhor das hipóteses a vacina de Teófilo teria contribuído para debilitar suas defesas imunológicas, a ponto de a menina ter contraído a meningite de que veio a falecer.

Rodolfo Teófilo continuava usando as páginas do *Jornal do Ceará* para defender seus atos e em março de 1905 sua pena voltaria a correr sob a forma de um longo artigo intitulado “Os inimigos da vacina”. O artigo criticava a maldosa insinuação dos governistas sobre o episódio da morte da criança (que vacinada por Teófilo acabou morrendo de meningite): uma “notícia estúpida e perversa ao mesmo tempo”. Polemizando com as autoridades higienistas, propõe que o governo apure sua responsabilidade “sem dó nem piedade”.¹⁹¹

Ao mesmo tempo, entre os anos de 1905 e 1910, setores da oposição ao governo de Nogueira Accioly adotaram como nunca a temática da saúde pública para efetuar críticas ao oligarca. Prova disso foi a proliferação de artigos sobre o assunto, que sugerem o quanto o problema da saúde pública serviu como “caixa de ressonância” para canalizar “feixes” de insatisfações de variados setores sociais contra o governo Accioly. Isso ajuda a compreender o recrudescimento das investidas contra Rodolfo Teófilo neste período.

Contudo, a partir de 1906 as acusações e os ataques a Teófilo não partiriam mais de anônimos ou de pseudônimos, e sim da maior autoridade da saúde pública do estado, o inspetor de Higiene Pública Meton de Alencar.¹⁹² Incomodado com a campanha de vacinação empreendida por Teófilo, Meton de Alencar a interpretava como uma crítica a seu departamento, afetando seus méritos à frente da instituição. A maior parte das acusações de Meton seria transcrita por Teófilo e publicada em livro, conforme será visto adiante.

¹⁹¹ *Jornal do Ceará*, Fortaleza, 13, 16/03/1905. p. 3.

¹⁹² No cargo desde abril de 1903, Meton de Alencar beneficiava-se da filiação paterna, afinal seu pai, Meton de Franca Alencar, era um conceituado médico e responsável pela saúde pública em Fortaleza, por ocasião da epidemia de varíola em 1878. (Cf. STUDART, Guilherme. *Dicionário biobibliográfico cearense*. Vol. 2. Fortaleza: Tipo-litografia a vapor, 1913. p. 383).

Enquanto isso, o caso da morte da criança continuava sendo explorado pelos opositores de Teófilo, trazendo-lhe inconvenientes e constrangimentos, até que em 1907, nas páginas do *Jornal do Ceará*, Teófilo publicou um documento que acreditava desfazer qualquer equívoco sobre sua responsabilidade no episódio: um relatório do Instituto Manguinhos¹⁹³ sobre sua vacina. Assinado pelo Dr. Figueiredo de Vasconcelos, descartava a existência de qualquer elemento patológico nas vacinas, além de atestar a eficiência das linfas, cujo teste decorreu com “o melhor resultado possível”. Era a vez de Teófilo contra-atacar publicando na íntegra o referido relatório. O lado governista retrucaria através d’*A República*:

Supõe o Sr. Rodolfo Teófilo, com o retorno que lhe fora enviado pelo distinto colega Dr. Figueiredo de Vasconcelos sobre a sua linfa vacínica, poder fugir do remorso que o atormenta pela possibilidade de haver contribuído com sua vacina impura ou vacinação séptica para a morte de uma criancinha em pleno vigor de saúde.¹⁹⁴

O jornal afirma ainda que o mesmo relatório atestava a não-homogeneidade e a presença de mofo em um tubo enviado, acusando Teófilo de não usar microscópio para poder confirmar a inocuidade da vacina. O fato é que, nos anos seguintes, embora de posse do relatório, os ataques a Rodolfo Teófilo continuariam nas páginas do jornal *A República*, sempre arrematando contra a incompetência de Teófilo como vacinador, industrial e escritor.

No dia 19 de julho de 1910 um artigo intitulado “Entrelinhas” vociferava:

É um homem realmente extraordinário esse Sr. Rodolfo Teófilo.

Tem visto realizados plenamente todos seus sonhos de ambição.

Mau estudante, sem valor próprio, atrasado e bronco tem conseguido à custa de charlatanice e de peditórios, passar (fora do Ceará, é verdade) como literato, vacinador perito e... excelente fabricante de vinho de caju.

¹⁹³ De acordo com Schwarcz, sediado na Capital Federal o Instituto, na época dirigido pela batuta de Oswaldo Cruz, tornava-se a maior referência em termos de pesquisa médica e epidemiológica do Brasil. (Cf. SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 25, 226).

¹⁹⁴ *A República*, Fortaleza, 25/09/1907. p. 1.

Ora, toda gente nesta terra deve saber que tudo isso é uma fábula.

Como literato o Sr. Rodolfo Teófilo é uma vacuidade. Os seus romances antes de impressos são corrigidos e refundidos a instâncias do famigerado escritor, por algum mestre da língua, que, entediado das baboseiras que ali se enfeixam, não chega a escoimá-lo por completo, devolvendo-o com asco às mãos mumificadas do autor.

Um de seus primeiros contos (se não estou enganado, o seu livro de estréia) deve um trabalhão enorme à dois ilustres conterrâneos que se entregaram à estafante tarefa de expurgá-los dos erros que o enxameavam.

Distinto cavalheiro, que é um dos luzeiros do magistério cearense, chegou ao meio do afanoso mister. Uma comissão de governo fora do país libertou-o da extenuante maçada.

Aflito que não ficasse a sua obra incompleta, o Sr. Rodolfo Teófilo recorreu a outra alma caridosa que se prestou a concluir a empreitada, tocado pelas lamúrias do desengonçado literato. [...]

A violação, todos sabem, e eu particularmente sei, é filha espúria do Sr. Teófilo – o seu pai putativo.

Uma das criaturas melhores que eu tenho conhecido, uma das almas mais puras com que tenho privado na imprensa (infelizmente desaparecido) já na margem do túmulo, remodelou, deu substância e forma à trágica novela do engenho burlesco do exímio vigarista. [...]

E assim são todos os produtos do conhecido homem de tretas, que se como literato é uma vacuidade, como vacinador não passa de um intrujão, cujas artimanhas são continuamente desmascaradas, empestando a cidade com sua linfa nociva. Os próprios correligionários do Sr. Rodolfo Teófilo são os primeiros a soalhar essa verdade. [...]

Patriota de barriga é o que S. Sa. é, enriquecendo à custa das linfas, exportador para o Amazonas, onde enfim, foi descoberta a malandrice do negociante de vacinas impestáveis.

Vacina sem observar os preceitos anti-sépticos, veio confirmar ontem um dos periódicos da capital.

Não sendo médico, nem mesmo ruim veterinário, comete até um crime, servindo-se para suas culturas antivariólicas de vitelos não previamente inspecionados por competentes, podendo acontecer (não digo por má-fé, mas

por ignorância) utilizar-se de animais atacados por moléstias infecciosas como o carbúnculo, a aftosa etc.

Como fabricante de vinho de caju é também admirável o Sr. Rodolfo Teófilo, cujas geropingas, verdadeiros mocosorós, já se notabilizaram pelo mofo branco, que S. Sa. cientificamente denominou zooglia.

Como vêem os leitores, toda a sabedoria do industrioso Rodolfo Teófilo tem consistido, até agora, em procurar engazopar a humanidade com suas histórias de carocha em latraces cassanges, em inocular vírus pútridos, que, em vez de preservar, desenvolvem a varíola e em empurgar afinal seus capilés à guisa de cajuína.

Fantástico esse senhor Rodolfo Teófilo! Um verdadeiro romance!¹⁹⁵

Ataques como esse foram comuns e estavam freqüentemente presentes no periódico governista e na documentação oficial.

Como era de se esperar, o fato despertou a atenção de Teófilo, afinal a morte da criança em 1903, somada à campanha encetada pelo governo difamando suas atividades de vacinação, comprometiam não somente sua obra, mas a memória para a posteridade sobre ela.

¹⁹⁵ *A República*, Fortaleza, 19/07/1910. p. 6.

2.3. VACINAÇÃO E VARÍOLA (1910)

Acusado na imprensa e na documentação oficial (através da pena de Meton de Alencar), Teófilo passaria os anos de 1905 a 1910 dividido entre a tarefa de continuar a campanha de vacinação e redigir uma nova obra para a defesa de seus atos perante os contemporâneos e a posteridade: o livro *Varíola e vacinação no Ceará* (segunda parte), que veio a público em 1910.¹⁹⁶

De acordo com seu autor, o livro tinha o objetivo de “trazer ao público os fatos que se deram nos últimos quatro anos atinentes à minha propaganda”.¹⁹⁷ A exemplo da primeira parte, publicada em 1904, *Varíola e vacinação no Ceará* também seria distribuído gratuitamente, pois, como já foi comentado, seria uma estratégia de Rodolfo Teófilo em busca de realizar a publicidade de seus atos e rebater as acusações sobre sua campanha de vacinação. A primeira parte de *Varíola e vacinação* foi remetida para vários periódicos de importantes estados como São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco, conseguindo críticas positivas e apoio de diversos noticiosos.

A obra de 1910 era precedida por 28 páginas de preâmbulo que, sob título de “O juízo da imprensa”, demonstrava o impacto da divulgação de *Varíola e vacinação* (primeira parte) através da reprodução de editoriais elogiosos ao livro de Rodolfo Teófilo e de sua campanha humanitária. *O País* (RJ) qualifica-o como “homem de ação”, “leigo missionário”. O editorial do *Diário de Pernambuco* define o livro como uma “lição e modelo”, perguntando se após sua leitura ainda haveria alguém que se colocasse contra a vacina obrigatória. *A República*, do Piauí, qualifica sua campanha de “audácia cristã”, enquanto o jornal homônimo do Rio Grande do Norte adjetiva-o de “rude propaganda humanitária” feita por Teófilo e “sua santa esposa”, ambos sempre dispostos a ajudar os pobres. Já *A folha Nova* (SP) elogia os atos do “benemérito, filantropo naturalista e homem de letras” como

¹⁹⁶ TEÓFILO, Rodolfo. *Varíola e vacinação no Ceará* (nos anos de 1905 a 1909). Fortaleza: Tipografia Minerva, 1910.

¹⁹⁷ *Ibid.* p. 4.

um “belo exemplo a ser seguido”, e arremata: “Não era o caso do Ceará erguer um estátua a Rodolfo Teófilo, o seu filantropo filho?”¹⁹⁸

Rodolfo Teófilo procurava convencer os leitores de que a opinião pública do resto do país estava lhe apoiando. Usando a escrita de outrem, Teófilo permite que os elogios à sua campanha e a ele mesmo pudessem ser publicados, sem ser acusado de vaidade pessoal por seus detratores. Garante que praticamente toda a imprensa recebera seu primeiro livro, o que acabou, segundo ele, “Animando-me a prosseguir minha obra”. A obra alimentava a escrita e a escrita alimentava a obra.

Os anos 1905 a 1910 foram marcados pelo acirramento das disputas e do teor das acusações a Teófilo, culminando na condenação de sua vacina no caso da morte da criança em 1903. Possivelmente aturdido e sem ter provas para sua defesa, Teófilo pouco discute o episódio no livro de 1904. Reunindo provas e juízos a seu favor, acrescidos com a força de sua argumentação, tais elementos seriam usados na composição da segunda parte de *Varíola e vacinação* (1910).

O livro é praticamente voltado para as ações de Rodolfo Teófilo na luta para erradicar a varíola em Fortaleza e contra as difamações promovidas por pessoas ligadas ao governo Accioly.

Em toda a obra Teófilo demonstra preocupação em relação aos possíveis efeitos provocados pela “guerra aberta” iniciada pelas autoridades sanitárias do estado contra sua campanha e que ganhava as páginas da imprensa, conforme visto. Deste modo, a função do livro seria dupla: “Um meio de mais divulgar o precioso preservativo da varíola, como desfazer as inverdades deixadas aos pósteros nos arquivos oficiais”.¹⁹⁹

Mesmo usando as páginas do *Jornal do Ceará* para sua defesa, Teófilo resolveu publicar um livro para demolir as acusações, muitas das quais foram por ele transcritas, como o ataque infligido pela folha governista em 19 de março de 1905, quando Teófilo é chamado de “histrião da Pajuçara”, bem como “ignorante e pretensioso fármaco”. Além disso, no mesmo artigo é solicitado um inquérito

¹⁹⁸ Ibid. p. viii.

¹⁹⁹ Ibid. p. 31.

contra ele. Foi chamado de “infeliz romancista” e “desacreditado fabricante de geropingas”, que realizava suas “excursões vacinogênicas” como um “esguio e enfatuado coveiro” que “atira-se de lanceta em riste”, “umedecida no pus do embuste” e, portanto, “reconhecidamente nociva”. Sobre os boletins mensais publicados por Teófilo, não seriam mais do que “um agregado de burlas [...] de um espírito alvar acometido pelas bexigas indiscretas da mais estulta vaidade”.²⁰⁰

As disputas sobre os dados da saúde pública continuariam, pois a Inspetoria de Higiene relatava a incidência de casos de varíola pelo interior do estado, fato contestado por Teófilo. Criava-se assim o confronto: o “Sr. Meton de Alencar, inspetor de Saúde” com “o irritadiço comerciante de linfa vacínica”.²⁰¹

A evocação do lugar social de seu opositor – a Inspetoria de Higiene, portanto um cargo oficial – deixou Rodolfo Teófilo preocupado, pois ele sabia do poder de verdade que era atribuído à documentação oficial:

No futuro, quem ler o meu livro e a mensagem dirá [...] que eu soneguei informações de varíola pela vaidade [...] porque não se acredita que haja governo que invente epidemias para seu estado.

Envidarei todo esforço para que fique provado que a falsidade foi do governo e não minha [...] O documento oficial passa por verdadeiro [...]

Quem acreditará que o poder público falseasse os fatos? Serei eu o falsário.²⁰²

Como já comentado, Rodolfo Teófilo encontrava-se em uma situação delicada e contraditória, afinal ele mesmo enquanto historiador não prescindia do uso de farta documentação oficial como instrumento de credibilidade para suas obras e agora se via obrigado a criticar a natureza precisa das fontes que tantas vezes usara, uma situação que ameaçava a memória de seus atos perante a posteridade.

Sabendo da superior aceitabilidade da documentação oficial, ele recorre aos párocos de diversas localidades para atestar a verdade de seus

²⁰⁰ Ibid. p. 10-11.

²⁰¹ Ibid. p. 24. Alusão irônica ao periódico oposicionista *Jornal do Ceará*.

²⁰² Ibid. p. 25.

dados, pronunciando-se os clérigos “*in fide parochi*”. Procurava assim se contrapor à autoridade governamental com a sacerdotal.

Teófilo relembra os diversos ataques que sofrera, destacando mais uma vez um documento oficial, desta feita um relatório da Inspetoria de Higiene, assinado por Meton de Alencar, datado de maio de 1906. O referido relatório afirmava que o serviço de Rodolfo Teófilo não era autorizado pelo governo, e sem a devida fiscalização oferecia risco de inocular doenças como tuberculose, erisipela, tétano, entre outras, podendo assim ocasionar centenas de mortes.

O relatório desta vez atacava Teófilo pelo viés técnico, pois afirmava que ele não saberia manusear equipamentos, nem cumpriria especificações técnicas ligadas ao sacrifício dos bezerros e realização de experiências. No final do documento o tom pessoal passa a ganhar corpo, retomando o caso da morte da criança com a meningite, responsabilizando-o diretamente pelo sinistro, além de acusá-lo de explorar financeiramente a vacina e de ser um defraudador.

O relatório representava outro duro golpe na campanha de Teófilo, aumentando ainda mais os obstáculos por ele enfrentados:

Este documento ultrajante eivado de grandes calúnias, eu deixo aqui registrado para memória de uma desgraçada época.

Quero que os vindouros, se tiverem a ventura de viver em um meio menos corrompido do que o atual, possam avaliar os espinhos de meu caminho.²⁰³

Teófilo conta que chegou a procurar médicos, pedindo o parecer sobre a possibilidade de sua vacina ter causado a meningite que vitimou a criança em 1903, porém eles se demonstraram esquivos. Neste ínterim ele aproveita as páginas de seu livro para afirmar que os métodos de seu vacinogênio estariam entre os melhores do mundo, porém “O que valia a minha palavra de vendedor de vacina, de defraudador, diante da palavra autorizada da primeira autoridade sanitária do estado? Nada”.²⁰⁴

²⁰³ Ibid. p. 40.

²⁰⁴ Ibid. p. 58.

Era urgente que Rodolfo Teófilo pudesse demonstrar perante a opinião pública a qualidade de sua vacina, portanto a importância, como já foi pontuado, da publicação dos resultados do relatório do Instituto Manguinhos atestando a boa qualidade de suas linfas vacínicas.

Além de publicar em jornal, o relatório do Instituto Manguinhos aparecia em seu livro *Varíola e Vacinação no Ceará* (1910), juntamente com um abaixo-assinado com dezenas de assinaturas, referendando a qualidade dos serviços de Rodolfo Teófilo na vacinação antivariólica. A maior parte das assinaturas era de comerciantes, atestando a ligação de Teófilo com o setor de serviços em Fortaleza. Chama a atenção a assinatura do conhecido médico Guilherme Studart.²⁰⁵

A primeira parte da obra demonstra a preocupação de Teófilo em preservar a memória de seus feitos para a posteridade, livre de falsas acusações que poderiam alterar o estatuto de sua biografia no futuro – um desafio hercúleo, visto o poder retórico da documentação oficial, razão pela qual Teófilo colocaria uma máquina escriturária a seu serviço, materializada nas páginas do *Jornal do Ceará* e principalmente na forma de livros.

O restante do livro procura narrar os principais episódios da campanha de vacinação por ele realizada, ressaltando sua sagacidade, perseverança e tenacidade em meio a vários desafios.

De acordo com a obra, em 1906 Rodolfo Teófilo empreendeu a vacinação no Arraial Moura Brasil, habitado, segundo ele, por “ínfima gente, pescadores e catraieiros em sua maioria”, onde acabou sendo mal recebido, pois a população fazia coro ao afirmar que a vacina “podia empestar”. A negativa da população possivelmente irritou Teófilo; ele que outrora recorrera a lendas fantásticas para convencer pessoas a darem o braço à lanceta, após o incidente retornou ao arraial na companhia de um policial:

²⁰⁵ Ibid. p. 63. O assim intitulado barão de Studart era reconhecidamente atuante nos meios intelectuais da cidade, com ótimo trânsito em setores da Igreja e do governo. Embora desenvolvesse várias atividades de pesquisa e publicação de livros sobre a história do Ceará, aparentemente não desenvolveu laços de sociabilidade intelectual com Teófilo.

Para completar a obra era preciso vacinar as pessoas que haviam recusado. A autoridade levada por mim até ali para isto, obrigou os obstinados a receberem o preservativo de Jenner.

A mulher entregou-me o braço zurrando como uma jumenta.

O taverneiro protestou contra a violência, mas deixou-se vacinar. As duas crianças assombradas com o berreiro da mãe gritaram desesperadamente e no ato de serem vacinadas estrebucharam como se estivessem endemoniadas.²⁰⁶

Rodolfo afirma que durante um mês fiscalizou a evolução da vacina na comunidade, enquanto os relatórios oficiais continuavam a atribuir à Inspetoria de Higiene os êxitos no combate à varíola.

Outro ponto crítico da cidade era o Morro do Moinho. Se quisesse manter sua palavra em erradicar a varíola, seria lá o próximo passo de suas atividades de vacinação.

Nesse bairro encontraria uma resistência ainda maior do que topara no Arraial Moura Brasil, pois “o povo recusou-se obstinadamente” a aceitar a vacina. Os rogos de Teófilo foram inúteis: “A nada os brutos se moveram”, “responderam-me com evasivas” e diante da insistência “trataram-me mal”. Novamente Teófilo indignara-se, retirara-se do morro “convencido a nunca mais voltar”.²⁰⁷

Abandonar a empreitada era admitir a derrota perante os detratores e adversários da vacina, sem falar que equivaleria a uma confissão velada de Rodolfo diante das acusações. Retornou ao Morro do Moinho, desta feita na companhia do médico João Guilherme Studart, que também não conseguiu convencê-los, situação em que Teófilo atribuía a culpa como sendo “daquela gente estúpida” e da inépcia de “um governo mau”.

Rodolfo Teófilo afirma que pela segunda vez cogitara desistir da vacinação, pensamento logo abandonado, pois ele continuaria no que qualificou como “penosa via-sacra”.²⁰⁸

²⁰⁶ Ibid. p. 81.

²⁰⁷ Ibid. p. 86.

²⁰⁸ Ibid. p. 87.

Nesse momento do livro passa a concentrar o foco da narrativa em seu esforço pessoal e nas diversas táticas adotadas por ele para conseguir realizar a vacinação naquela comunidade.

Em 1907, ao conseguir acesso a um casebre onde havia uma criança variolosa, Teófilo afirmara em tom solene à dona da casa que “Deus quis que sua filha tivesse a varíola”, dizendo ser uma forma de expiar a culpa pela recusa à vacinação. Dias depois a própria mãe da criança adoecera e Teófilo assim pronunciou-se: “Deus quis que você tivesse bexiga pela segunda vez; favor este que não concede a todos”. Como resultado de semelhante retórica, Rodolfo afirma ter conseguido vacinar outras três meninas da casa:

Os dois casos de bexiga e o meu modo de proceder para com aqueles infelizes impressionaram aquela gente estúpida.

Achei-a mais humana e aproveitando o momento mostrei o erro em que estavam recusando a vacina e os sofrimentos que a todos esperavam quando aquela terrível moléstia os atacasse.²⁰⁹

A experiência de Rodolfo durante a epidemia de 1878 fez que ele se acostumassem a ouvir dos retirantes que só contrai a peste “quem Deus quer”. Familiarizado com esse fatalismo, mais uma vez ele usaria um expediente retórico específico para aproximar-se das sensibilidades populares em relação à doença, adotando um tom profético em suas admoestações que fazem alusão a temas como a revelação e o castigo divinos como forma de conseguir a anuência para a vacinação.

Todavia, como já foi frisado, muitas vezes a firme recusa da terapêutica oficial pelas camadas populares acabava levando ao estabelecimento de um campo de negociações.

Não faltaram episódios nesse sentido. O próprio Rodolfo Teófilo afirma ter negociado a vacinação de uma mulher alcoólatra pelo preço de dois mil-réis, prevendo que ela não resistiria à oferta de conseguir dinheiro para comprar aguardente (como de fato fez). Em outro episódio, afirma que pagou do próprio

²⁰⁹ Ibid. p. 93.

bolso uma casa nova para substituir um casebre que destruiu para fins de desinfecção, alcunhando o acontecimento de “auto-de-fé”.

Procurando isolar uma mulher acometida de varíola, negociara a transferência da enferma para outra parte do morro, comprometendo-se em sustentá-la durante a convalescença.

Ainda assim as resistências continuavam. Cada novo caso de varíola que aparecia comprometia o projeto de Teófilo de erradicar a doença da cidade e possivelmente seu estatuto de benemérito perante a sociedade. Diante de um novo caso da doença no sopé do morro, Teófilo afirma ter sido recebido no local com “uma saraivada de desaforos”, situação na qual duas mulheres esbravejaram contra ele, dizendo que “Não metiam a peste no corpo porque Deus não havia de ser servido disso e que não havia quem as obrigasse”. O desânimo mais uma vez tomou conta do farmacêutico: “O que mais me fazia sofrer era o amor-próprio ofendido. Eu que afirmara nunca mais a varíola se propagar no Ceará, enquanto Deus me conceder vida [...] Senti-me humilhado”.²¹⁰

Teófilo relembra o quanto se sentiu tolhido em encontrar um meio de convencer os renitentes e impedir uma nova disseminação da varíola pela cidade: “Procurava um meio de convencer o povo da existência do micróbio, da realidade do contágio. Como eu me faria compreender? Era necessário falar que me entendessem, corporizar o abstrato”. Ele narra como explicou que a varíola era como “bichinhos” minúsculos, semelhantes “aos piolhos de galinha”, que atacavam as pessoas não vacinadas, pois essas teriam o sangue “doce”, daí a importância da vacinação. Conta que sua narrativa foi ouvida com “religiosa atenção” de modo que “essa pequena história ao alcance dos conhecimentos deles valeu mais do que todas as minhas recomendações”.²¹¹

Rodolfo Teófilo estendera o período de suas visitas ao Morro do Moinho. Agora já se passavam várias semanas, período no qual aquela figura de pele branca, soturna e bem vestida se tornaria conhecida na comunidade, o que em certa medida o aproximou de seus habitantes, facilitando o estabelecimento

²¹⁰ Ibid. p. 99, 100.

²¹¹ Ibid. p. 102-104.

do campo de negociação entre ele e a população local. Teófilo conta que chegou a ser procurado por uma senhora cuja filha estava acamada com a varíola. Prontamente o farmacêutico ofereceu a vacina ao restante das filhas ainda não contagiadas, a senhora cedeu e:

Concordou comigo e vacinei as crianças, mas não esqueceu com toda a aflição de cobrar-me cinco mil-réis pelas cinco vacinações que eu tinha feito, alegando que eu tinha dado também aos outros no Moinho. Paguei.²¹²

Este episódio sugere que a população passou a aproveitar a negociação para auferir vantagens materiais diante da luta obsessiva de Rodolfo Teófilo em efetuar a vacinação a qualquer custo. O farmacêutico alega ter realizado visitas quase diárias ao arraial durante um período de noventa dias, tempo no qual ele provavelmente conseguiu um maior envolvimento no cotidiano da comunidade. Em outra ocasião Teófilo conseguira a destruição da habitação em troca de providenciar uma casa nova para a família; o fato, porém, acabou irritando-o:

A futura proprietária exigiu diversos melhoramentos e entre eles portas com chaves e iam me exasperando. Dar uma morada dez vezes melhor do que a vil palhoça, cuja porta era um pedaço de estopa e querer mais! Quase despropostei, mas conteve-me a lembrança da estrebaria do meu cavalo.²¹³

A cruzada vacinatória de Rodolfo Teófilo no Morro do Moinho, apesar dos estorvos, acabara tendo um saldo bastante positivo, afinal ele ganhara uma profunda experiência clínica, pois “Nunca eu tinha acompanhado de perto a marcha de tão terrível doença”. Teófilo fechou o ano de 1907 com 765 pessoas

²¹² Ibid. p. 105. Teófilo aproveitou o caso da criança enferma para disseminar o pânico na população das redondezas e assim conseguir realizar a vacinação: “A notícia de achar-se uma criança doente de bexigas naquela rua alarmou os seus habitantes e eu aumentava-lhes o medo espalhando boatos aterradores. Assim consegui fazer uma vacinação geral” (Ibid. p. 106). Novamente Rodolfo Teófilo revela a seus leitores outra de suas estratégias empregadas para conseguir realizar a vacinação.

²¹³ Ibid. p. 110.

vacinadas e uma convicção: sua atuação evitara a eclosão de uma nova epidemia de varíola na cidade!²¹⁴

Rodolfo Teófilo afirma que os três meses em que atuou no Moinho contribuíram para o estreitamento dos laços com a população local, inicialmente hostil e arredia, tanto que no ano seguinte afirma que, ao retornar à comunidade após meses ausente, assim foi recebido:

Fazia meses que lá não se ia. Chegando-se ali, aquela mesma gente que já me havia repellido meses antes saiu de suas casas e recebeu-me alegremente.

Muitas mulheres traziam nos braços os filhos recém-nascidos e me convidavam para padrinho das crianças e para vaciná-las. Acedi ao que me pediam marcando o dia do batizado e vacinando os pequeninos.²¹⁵

A catequese da ciência humanitária triunfara: Teófilo consagrou muitas páginas de seu livro para narrar os nove anos em que se dedicou à cruzada pela vacinação, trazendo a público as dificuldades e, sobretudo, suas estratégias (coaçoão, boatos, narrativas lendárias, uso da religião, bens materiais etc) para empreender a vacinação e conseguir, sozinho, salvar a cidade de uma nova epidemia.²¹⁶

Considero este livro, *Varíola e vacinação no Ceará* (1910), a obra mais detalhada de Teófilo na defesa de seu papel como intelectual humanitário e da perenização desta imagem para a posteridade. Isso é perceptível não somente na

²¹⁴ Ibid. p. 106, 110.

²¹⁵ Ibid. p. 113. Teófilo afirmou sobre o episódio que “Essa manifestação me alentou porque nela vi a germinação da semente que eu havia plantado. Aquele sentir do povo tão diferente então me encorajou e eu continuei o meu caminho contente de mim mesmo”.

²¹⁶ Roger Chartier reconhece no afastamento e desinteresse materiais um dos traços mais marcantes do homem de letras das Luzes, realçando o caráter reformador e profético dos intelectuais do século XIX: “O homem de letras é como um clérigo laico votado ao celibato (‘as preocupações e os pensamentos inevitáveis do matrimônio combinam-se mal com aquela indiferença tão necessária ao exercício do espírito’), desinteressado da prática das ciências e das artes. [...] Se não reconhece uma autoridade superior à da razão, evita contudo a atividade crítica que, segundo a definição voltairiniana, constitui a sua identidade e a sua missão específica”. (CHARTIER, Roger. O homem de letras. In: *O homem iluminista*. Lisboa: Editorial Presença, 1991. p. 144).

descrição que Teófilo faz dos desafios enfrentados, mas também no próprio modo como se refere ao seu empreendimento.

Ao publicar os relatórios mensais de vacinação, ele fazia questão de separar os números conseguidos por ele dos numerários obtidos por colaboradores. Além disso, reclamou ter sofrido maus-tratos pelo povo ferindo seu “amor-próprio” e afirmava ter salvado a cidade de uma nova epidemia. Após tantos feitos, em 1908 ele escreveu que os anos de vacinação e a idade esmoreciam sua força de vontade:

Eu ia me sentindo tíbio. Compreendi então o valor do estímulo, do incentivo. Conheci que fazer o bem por amor somente do bem era tão seleta virtude que não era para mim aspirá-la. O que me estimulava até então era a guerra à minha propaganda. Envidava-me vê-los nulos diante de minha obra.²¹⁷

Considero que as narrativas dos episódios ocorridos na campanha de vacinação (1901-1910) e que foram apresentadas por Rodolfo Teófilo em seus dois livros dedicados ao assunto, foram fundamentais para a construção de sua imagem de benemérito humanitário. Ao mesmo tempo, tais narrativas foram constituindo-se como relatos de uma sólida experiência clínica, servindo também como uma espécie de escrita autorizada sobre assuntos atinentes à saúde pública. Este aspecto de sua atuação social exigiu de Teófilo um grande esforço através da escrita para alcançar publicidade. Neste ínterim, acredito que a redação de uma carta sua ao conhecido sanitaria Oswaldo Cruz (na época o diretor de Higiene Pública do Brasil) tenha sido emblemática dessa tentativa de Rodolfo pelo reconhecimento de sua atuação.

Embora alegasse ter enviado a carta para solicitar um “espaço de isolamento” para os variolosos, nela fica claro o esforço de Teófilo em demarcar seu lugar social de membro ativo da saúde pública (ainda que nas fímbrias do poder constituído) perante nada mais nada menos que a maior autoridade brasileira sobre o assunto.

²¹⁷ TEÓFILO, *Varíola e vacinação no Ceará* (nos anos de 1905 a 1909). p. 112 (grifos meus).

A missiva, datada de maio de 1908, foi publicada no jornal *Imprensa*, e jamais respondida pelo sanitarista.²¹⁸ Além da imprensa, Teófilo fez questão de publicar em seu livro a carta endereçada a Oswaldo Cruz; nela é possível perceber mais uma vez o quanto Teófilo atribuía a si mesmo os méritos das melhoras nosológicas da cidade. A carta lamentava a incúria governamental ao mesmo tempo em que laudava o desempenho da “iniciativa particular” na propagação da vacina antivariólica nos subúrbios de Fortaleza: “O Ceará é o único estado do Brasil que goza de semelhante prerrogativa”.²¹⁹

Rodolfo explica a Oswaldo Cruz (e demais leitores do jornal onde a carta fora publicada) como por várias vezes pagara a quantia de mil-réis para comprar o consentimento para vacinar, relata as vacinações e expõe a história do “piolho de galinha” como forma de alcançar o entendimento dos ignorantes sobre o contágio da varíola. Prossegue expondo seus conhecimentos higienistas, dissertando sobre uma variada gama de temas ligados à saúde pública no Ceará, como: a topografia de Fortaleza, a evolução da nosologia após a seca de 1878, a irrupção de várias epidemias, a estrutura deficitária de saneamento etc. Ele lamenta o fato de que, além da falta de recursos, os cargos na Saúde Pública local estivessem destinados à politicagem e passa a tecer elogios a Oswaldo Cruz na erradicação da febre amarela, lamentando que no Ceará a doença fosse endêmica.

O esforço de Rodolfo Teófilo em dirigir-se a Oswaldo Cruz como um de seus pares chega em seu momento alto ao evocar a guerra à propaganda da vacina e sua “via-sacra” como eventos também vivenciados por Cruz, comparando seus esforços e experiência aos do jovem sanitarista:

Conhece V. Exa., por experiência própria, o ataque dos nulos, dos ignorantes, a miséria da imprensa venal e mercenária. [...]

²¹⁸ Ibid. p. 113. Por conta desse episódio, Teófilo confessou que embora “velho” ainda era capaz de “criancices”, como a de supor que seus apelos fossem atendidos pela autoridade sanitária nacional.

²¹⁹ Ibid. p. 115.

A minha obra, entretanto, está incompleta. Não posso ultimá-la, não porque me faleça o ânimo, mas porque temo uma violência daqueles que deviam ser a garantia dos direitos de liberdades dos cidadãos.²²⁰

Teófilo garantia a Oswaldo Cruz que, se não fosse a “iniciativa particular” (leia-se: Rodolfo Teófilo), a varíola facilmente tornaria a grassar em Fortaleza, afirmando que a criação de uma casa de isolamento seria um complemento de “sua obra”:

Se me fosse dado pedir uma recompensa pelo que tenho feito pediria que, sem delonga, se fizesse um isolamento para recolher os variolosos que aqui aportarem, ficando assim o Ceará para sempre livre da varíola, uma Alemanha na América do Sul.²²¹

Percebe-se como Teófilo atribui à “iniciativa particular” os méritos da campanha da vacinação, para depois acunhá-la de “minha obra”. A carta é finalizada solicitando que Oswaldo Cruz fosse confirmar as informações de Teófilo junto à Inspetoria de Saúde do Porto ou olhasse as fotos que foram enviadas por ele e que “corporificam a verdade”. A carta é concluída e assinada por Rodolfo Teófilo, um “admirador sincero”.²²²

O silêncio de Oswaldo Cruz desapontou Rodolfo Teófilo, que supôs sequer tivesse sido lida a carta, reclamando que a atuação da imprensa carioca fazia que as epidemias de outros estados fossem eclipsadas pela varíola na Capital Federal.

Entrementes, a saga de Teófilo seguia em frente. Ele conta que em 1908 vacinara 839 pessoas, um volume de trabalho que, somado às pressões sofridas, causou-lhe outra vez uma sensação de desânimo, como ele confessara em seu livro: “Vou me sentindo tíbio. Aquele ardor com que trabalhava nos

²²⁰ Ibid. p. 126. Ao apresentar as dificuldades, calúnias e perseguições, Teófilo tentava provavelmente equiparar-se a Oswaldo Cruz, que, salvo as proporções, enfrentara forte oposição (popular, sobretudo), precipitando uma revolta urbana conhecida por “Revolta da vacina”, ocorrida em 1904.

²²¹ Ibid. p. 129 (grifo meu).

²²² Ibid. p. 128.

primeiros tempos está arrefecendo. São cousas do espírito humano”. Afirma que a ausência da varíola na cidade teria causado uma certa negligência na população: “Desleixo que me tem contaminado também. Estou velho e já me é penoso andar a cavalo todos os dias”.²²³

Em 1909 a quantidade de vacinados caíra para 241 pessoas. A varíola estava erradicada (pelo menos por hora) da cidade, salvo possíveis casos importados. Este dado levou Teófilo a finalizar seu livro, justificando a necessidade do mesmo:

A publicação deste livro com todos os fatos, provados com documentos, esmagará as calúnias editadas contra mim [...] Publicado para ser distribuído gratuitamente, como meio de mais propagar a idéia da vacinação antivariólica, pretendo espalhá-lo por todas as localidades do estado e depois reorganizar as comissões vacinadoras.

[...] A iniciativa particular, bem orientada, tudo pode. O Ceará é um exemplo disso.²²⁴

Rodolfo Teófilo tornava a referir-se à campanha de vacinação como fruto da “iniciativa particular”, embora todo o livro seja voltado para seus atos e para aquilo que ele mesmo chamava de “minha obra”, evidenciando uma contradição presente na produção de seu escrita – fruto de uma tensão para a qual convergia o seu livro: a obra deveria enfatizar as ações de Teófilo e sua memória como benemérito e evitar que os críticos pudessem acusá-lo (como de fato faziam) de vaidoso.

No apêndice da obra Teófilo reproduz diversos ataques do inspetor de Higiene, Meton de Alencar, assim como suas réplicas às acusações. Além das corriqueiras dúvidas sobre a qualidade da vacina de Teófilo, Meton de Alencar afirmava que Teófilo usava a vacina como um negócio lucrativo feito com outros estados, acusando também sua falta de conhecimentos científicos, além de ser

²²³ Ibid. p. 134.

²²⁴ Ibid. p. 134, 136.

um homem reconhecidamente “orgulhoso”, “vaidoso”, “inclinado a si próprio” e contumaz na busca por “elogios de encomenda”.²²⁵

Não à toa Rodolfo Teófilo publicaria estes ataques em seu livro. Ele pretendia colocar o leitor a par da polêmica de modo que sua argumentação de defesa pudesse ter maior efeito. Admitiu o recebimento de “modestas retribuições” das vacinas remetidas à outros estados e rebateu as acusações de ignorância acerca de princípios científicos.

Meton de Alencar insistia nas críticas, destarte colocando em xeque as afirmações de Teófilo sobre a erradicação da varíola no Ceará através de sua campanha de vacinação, afinal como seria possível tal feito, sendo a população do Ceará de um milhão de pessoas? Além disso, ele aproveitara para criticar a mordacidade de Teófilo. Quando por ocasião da morte de sua filha, vítima de disenteria, Rodolfo Teófilo teria se referido ao fato como “uma ironia do destino”.²²⁶

O fim de sua campanha de vacinação pelos subúrbios de Fortaleza e a publicação de dois livros sobre o tema não encerrariam as polêmicas e as críticas a Rodolfo Teófilo. O governo Accioly continuaria suas hostilidades a qualquer forma de organização oposicionista. Contudo, as tensões entre o governo e os setores médios da cidade recrudesceriam, não tardando para que atingissem o paroxismo na forma de uma confrontação militar direta, um combate travado pela força das armas por uns e pelo poder da escrita por outros, como no caso de Rodolfo Teófilo.

²²⁵ Ibid. Apêndice. p. vi-x.

²²⁶ Id. Na verdade essa referência à morte da filha de Meton de Alencar inseria-se no âmbito de uma crítica geral das condições nosológicas do Ceará, diante da inépcia das autoridades sanitária, cuja omissão teria vitimado a filha do próprio inspetor de higiene. O fato mostra como Rodolfo Teófilo, constantemente acuado pelos ataques e críticas, conseguia ser extremamente ácido, para não dizer, cruel em suas críticas aos detratores.

CAPÍTULO 3: A PRODUÇÃO DA MEMÓRIA EXEMPLAR

3.1. EM TORNO DA BENEMERÊNCIA

Em 1905 o governo do estado realizou uma série de mudanças nos quadros docentes do Liceu do Ceará, que logo recebeu o epíteto de “reforma”; na prática, um remanejamento de professores de várias disciplinas, além de transferências e uma demissão.

Em meio às mudanças Teófilo sentiu-se surpreendido com seu remanejamento da cadeira de História Natural (de que era o docente titular) para a disciplina de Lógica, para a qual admitia não ter qualquer qualificação. Como o regulamento previa que a não-aceitação de disciplinas implicaria a demissão sumária da instituição, Rodolfo Teófilo, recusando lecionar a citada disciplina de Lógica, percebeu na reforma um instrumento de perseguição aos críticos do governo e favorecimento de seus apaniguados. Sem aceitar a nova cátedra, estaria privado dos proventos que há cerca de vinte anos recebia pelo exercício do magistério no Liceu.

É provável que o governo pretendesse reduzir as receitas de Teófilo e conseqüentemente comprometer a continuação de sua campanha de vacinação. Mas, o farmacêutico não calaria diante do que considerou um ato de “violência” do governo e resolveu publicar uma série de artigos a partir de setembro de 1905 no *Jornal do Ceará*, denunciando o caráter despótico da “pseudo-reforma” do Liceu. No mesmo ano as páginas publicadas na imprensa ganhariam o formato de livro, o décimo sexto de Teófilo: *Violência*.

Trazendo a lume mais uma publicação, Teófilo reforçava sua posição intelectual dotando sua letra de um status superior, perenizada no códice, citando suas outras obras publicadas e anunciando as que já estavam no “prelo”.

Nas páginas de *Violência* acusa o caráter pessoal das mudanças realizadas no Liceu, segundo ele, feitas a fim de favorecer parentes de membros do governo com sinecuras, escrevendo em tom combativo e documental.

A obra transformava o caso de sua saída do Liceu em um exemplo representativo das violências de um poder público que age à revelia dos interesses cívicos que deviam nortear suas ações e opta pela vileza da mesquinhez política e do aviltamento da cidadania.²²⁷

Portanto, este episódio, publicado em seu livro, deveria servir como denúncia e exemplo para que outras arbitrariedades do gênero não mais se repetissem, pois “se vingar esse atentado à justiça ficaremos sem garantias e, portanto, em pleno governo ditatorial”.²²⁸

Evocando a razão comum e as leis, Teófilo demonstra toda a injustiça sofrida, após décadas de bons serviços àquela instituição de ensino:

Ao reclamante é que não fica bem, já velho, depois de vinte anos de magistério, depois de ter mais ou menos honrado o corpo docente do Liceu do Ceará, voltar ali àquele estabelecimento, porém como uma nulidade, uma negação do que foi, aumentando o número de alguns professores que lá estão inocentes na disciplina para que foram nomeados.

A serem por V. Ex. desprezadas as alegações do peticionário e cumprido o art. 99 do novo regulamento, artigo que pela primeira vez aparece, ficará o reclamante sem vencimentos e portanto demitido do Liceu do Ceará, se não de direito ao menos de fato.

²²⁷ Tais práticas eram expedientes comuns dentro do cenário da educação cearense entre o final do século XIX e início do século XX, de acordo com Adelaide Gonçalves: “Remoções e transferências de cidades para pequenas vilas e perseguições são práticas correntes no modo oligárquico de fazer política. Na outra ponta, favorecimentos, distribuição de cargos de professor como sinecuras, nomeações indevidas e promoções injustificadas”. (GONÇALVES, Adelaide. Muitos typos na educação dos pobres: imprensa e instrução no Ceará de fins do século XIX aos anos 1920. *Documentos* – Revista do Arquivo Público do Ceará, Fortaleza, vol. 2, 2006. p. 70-71).

²²⁸ TEÓFILO, Rodolfo. *Violência: Liceu do Ceará*. [1905]. Apresentação de Adelaide Gonçalves. Ed fac-sim. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2005. p. 15.

O reclamante não acredita que uma simples disposição de regulamento revogue leis e desrespeite direitos adquiridos. Não crê, que depois de vinte anos de magistério, sem uma nota, depôs de ter dado os melhores tempos de sua vida às letras pátrias, V. Ex. tire os vencimentos do requerente, o seu patrimônio pela constituição do estado em toda sua plenitude.²²⁹

Vitimado pela violência dos poderes públicos, Rodolfo Teófilo não só constrói uma escrita-denúncia, inflamada pelo calor da hora, como procura dotá-la de um caráter autêntico-documental, capaz de produzir credibilidade.

Narra a indiferença do poder público diante da violação de seus direitos adquiridos perante a lei, causando profundo sentimento de consternação e estranheza, afinal o desprezo votado pelo governo às leis fazia que Teófilo se sentisse um desterrado num reino amoral onde reinava a politicagem mais vil:

Sei que nas sociedades, em decomposição, qualquer sentimento de honra, de pudor, é considerado doidice.

Daí o desprezo à lei, à verdade e à justiça.

As violências praticadas pelo poder executivo, pelo chefe do estado, não revoltam o povo, porque este não quer, empenhado com está na acérrima luta pela vida na terra das secas, congrega elementos que enfraqueçam o seu esforço, a sua energia.

Raros os que se revoltam que não sejam esmagados pela violência.

Sou um exemplo dos insubmissos, dos perseguidos.

Pensei que não me filiando à politicagem da terra, vivendo exclusivamente para meus livros e no meu laboratório farmacêutico, dando uma parcela do meu tempo ao bem público, escapar[ia] do garrote do governo e enganei-me.

O meu crime vem da publicação a meu livro *Secas do Ceará* em que tratando das administrações que tem tido o estado durante as secas, tive o atrevimento de criticar, com muita benevolência, é verdade, a passada administração do atual presidente do estado.

²²⁹ Ibid. p. 28, 29.

Acredito que o sr. presidente do estado nunca leu este livro, o conhece apenas pela boca de seus amigos. Avalie-se o que disseram os engrossadores ao depositário do cofre das graças. Agora mesmo falando-se sobre a violência de que fui vítima, disse uma das figuras mais salientes da política atual, quase presidente.

--O que queria o Rodolfo Teófilo depois de ter injuriado tanto no seu livro "Secas do Ceará", o governo do estado?

Este simples conceito basta para avaliar a prevenção conta mim. Nunca ofendi o sr. presidente do estado, o que provarei. Mas admitindo-se, somente por hipótese, que eu fosse seu mais figadal inimigo, devia esse magistrado lembrar-se que entre mim e ele havia a lei e devia haver também o respeito a sua própria pessoa.

Violar a lei para tomar uma vindicta não é só um crime, é uma iniquidade! [...]

Se eu fosse um cronista apaixonado, parcial, se tivesse má vontade ao atual governo do estado, me estenderia em considerações, diria coisas bem tristes e bem feias do caso das pontes e das empleitadas do telégrafo.²³⁰

Calei tudo o que não podia provar, que não fosse uma verdade inconcussa. [...]

Acostumado às louvaminhas dos que vivem do orçamento do estado, não suportou que dentro de seus domínios houvesse um homem capaz de dizer que ele havia sido um mau governo. Foi por ter tido a coragem de dizer, essa verdade suprema, que fui condenado a perder a cadeira de professor do Liceu do Ceará.

Não hesitou o sr. presidente do estado em cometer o grande atentado contra a lei demitindo um funcionário vitalício. Esqueceu-se de que a violência é a norma de conduta dos governos fracos. [...]

O sr. presidente do estado com seu ato arbitrário não atentou somente contra meu direito, mas contra os direitos de todos os cearenses. [...] Querer governar pelo terror é tarefa inglória e que tem tido algumas vezes resultados funestos. [...]

²³⁰ Obras públicas feitas na primeira gestão de Nogueira Accioly, sob as quais pairavam suspeitas de improbidade administrativa e desvio de verbas.

Concluindo, declaro ao sr. presidente do estado que acima de sua vontade está a lei; que defenderei os meus direitos enquanto me animar uma esperança e me restar um alento.²³¹

Em 1912 o livro *Memórias de um engrossador* chegou ao público. Era o décimo sétimo livro publicado por Rodolfo Teófilo e o primeiro que o literato fazia publicar em uma tipografia no exterior (no caso, em Lisboa).²³² O recrudescimento das tensões políticas entre o governo da oligarquia Accioly e os setores médios da capital cearense fazia que fosse prudente recorrer a tipografias no exterior para obras deste cunho. Afinal, as *Memórias* inaugurariam o que historiadores consideram a “trilogia” clássica de Teófilo na crítica contra a oligarquia Accioly.²³³

Embora não fizesse referências diretas a membros do governo, o livro, narrado em primeira pessoa, aborda a trajetória política e traça o perfil psicológico de um advogado arrivista que se converte em um “engrossador” (bajulador) a serviço de um governo inepto e reconhecidamente corrupto, e que através de um auto-exame de consciência vai revelando os desmandos e os abusos da oligarquia e de seus apaniguados, desvirtuando severamente o papel do Estado. Seria quase impossível, durante sua leitura, não se remeter à situação política do estado do Ceará.

Ao narrar detalhes de sua degradante experiência moral, o “engrossador” aos poucos demonstra arrependimento (até tenta manipular as forças políticas de modo a conseguir uma revolta para a derrubada da oligarquia, no entanto sem êxito). No livro uma profunda reforma política encetada pelo poder central é a responsável pelo fim da tirania oligárquica e pelo exílio do engrossador.

Contudo, neste caso a vida não imitaria a arte. A derrubada do oligarca Nogueira Accioly não se daria pela via reformista, mas por uma sublevação

²³¹ Ibid. p. 55-67.

²³² TEÓFILO, Rodolfo. *Memórias de um engrossador* (homens e coisas do meu tempo). Lisboa: Tipografia A Editora, 1912.

²³³ PONTE, Sebastião Rogério. **Páginas de fogo e flores**. IN Prefácio de TEÓFILO, Rodolfo *Libertação do Ceará: a queda da oligarquia Accioly*. Edição fac-sim.- Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001, 2001. Op. Cit. Os outros seriam, na seqüência, *Libertação do Ceará* (1914) e *A sedição de Juazeiro* (1915). Discordo desta opinião, esposada por Sebastião Rogério Ponte, pois não leva em conta a importância da obra *Violência*, que, como foi aventado, constituiu um poderoso libelo contra os desmandos da oligarquia de Nogueira Accioly e seus apaniguados.

popular, nos idos de janeiro de 1912. A raiz do problema residia na exacerbação dos ânimos de boa parte da população com a possibilidade da eleição de Domingues Carneiro, amigo e pretense continuador de Accioly, situação que levou à adesão em massa ao nome do militar Franco Rabelo como candidato da oposição.²³⁴

Rodolfo Teófilo acompanhou com vivo interesse as crescentes manifestações de apoio à candidatura de Rabelo, ora entusiasmado com o que chamou de “romaria cívica”, ora preocupado com o fenômeno que qualificou como “nevrose”. Em meio a este cenário tenso ele publicou as *Memórias de um engrossador*. Teófilo, que já era conhecido por ser um crítico contumaz de Accioly através de várias de suas obras, um símbolo da luta contra a oligarquia através de sua campanha vacinatória, um famoso polemista contra os desmandos e abusos de Accioly, tornar-se-ia também o cronista de sua queda através do livro *Libertação do Ceará* (1914).²³⁵

Este livro enumera a trajetória da oligarquia aciolina com viva indignação, narrando como “o povo exasperado com as suas violências, pegou em armas e fê-lo renunciar”.²³⁶ Rodolfo não deixou de estar presente em seu mais novo livro (ainda que em menor escala comparando com seus livros sobre a

²³⁴ “A candidatura Franco Rabello parecia interessar aos vários grupos que se opunham, à oligarquia do Ceará, pois significava o apoio dos militares adversários de Pinheiro Machado, ao movimento anti-Accioly. No referente à dissidência oligárquica dos Paula Pessoa em especial, a vitória de tal candidato traria grandes proveitos políticos devido à longa e estreita relação existente entre o líder desta dissidência, Francisco de Paula Rodrigues, e a família Clarindo de Queiroz, da qual Rabello fazia parte. Para João Brígido, por sua vez a eliminação de Accioly por si já representaria grande vantagem, pois não se sentia favorecido em nada por este governo, nem mesmo quando era correligionário do oligarca, sendo esta a principal razão do rompimento com seu compadre ainda em 1904. A campanha em prol da candidatura de Franco Rabello consegue mobilizar a população de Fortaleza em torno das eleições do Governador do Estado, como em nenhum outro momento anterior da curta existência do voto universal”. (PORTO, Eymard. *Babaquara, chefetes e cabroeira*. Fortaleza do início do século XX. Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto, 1993. p. 87).

²³⁵ TEÓFILO, Rodolfo. *Libertação do Ceará: queda da oligarquia Accioly*. [1914]. Ed. fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001.

²³⁶ Ibid. p. 5. A sublevação foi precipitada pela violenta repressão da cavalaria policial a uma passeata infantil organizada pela Liga Feminista Pró-Rabelo. A truculência policial culminou na morte de uma criança e deflagrou o movimento armado encabeçado, sobretudo, pelos setores comerciais de Fortaleza. Rodolfo Teófilo passou a compor, nas palavras de Sebastião Rogério Ponte, “Um livro urgente, tecido no calor dos acontecimentos e também agônico, dramático e apaixonado, porque quem o escreveu estava lá, viu e sofreu com a oligarquia, viu, apoiou e vibrou com a derrota”. (PONTE, op. cit. p.02)

campanha de vacinação, por exemplo). Ele recorre ao artifício de escrever uma obra bifronte: narra os feitos que testemunhara ao mesmo tempo em que ressalta seus próprios atos.

Asseverando o valor do livro pela sua veracidade testemunhal e pela precisão documental que dava suporte à obra, por vezes ele enumerou os episódios presenciados *de visu*, como gostava de se referir, e revela ao leitor sua parcela de protagonismo. As páginas exibem um escritor que acompanhara de perto a movimentação política do período: era procurado pelos sediciosos, averiguava documentos, lia telegramas oficiais e entrevistava políticos – uma mobilidade de investigação que sugere a influência e o respeito nutridos em relação a ele pelos revoltosos.

Embora empolgado com a derrubada de Accioly, freqüentemente Teófilo censura o comportamento violento das multidões bem como o caráter messiânico que fora dado a Franco Rabelo no governo do estado. Ligado à chamada “Política das Salvações” encetada pelo presidente Hermes da Fonseca, a derrubada de Accioly e a ascensão de Franco Rabelo ao governo estadual estariam sujeitas aos dissabores dos arranjos políticos, especialmente na esfera federal. Uma certa dose de inabilidade política de Franco Rabelo selaria o destino do novo governo, pois, ao compor uma coligação de estados que exigia meios mais democráticos para a indicação do candidato à presidência da República, atrairia a indisposição do governo federal. Ao mesmo tempo, a oposição local já se alinhava em torno da união entre João Brígido e Accioly, além de Aurélio Lavor, Floro Bartolomeu e o padre Cícero, sob a batuta do senador gaúcho Pinheiro Machado.²³⁷

As hostilidades seguiam: em Juazeiro do Norte a polícia estadual é desarmada e Floro Bartolomeu é declarado presidente do estado; em reação, Rabelo envia tropas à região do Cariri no início de dezembro de 1913. Após semanas de combates as tropas legalistas começam a sofrer com o apoio tácito do governo federal aos insurgentes: sem munições e com militares pró-Rabelo transferidos de Fortaleza, iniciava-se assim uma severa contra-ofensiva dos

²³⁷ PORTO, op. cit. p. 102-111.

revoltosos. As tropas de “jagunços” iniciaram uma marcha vitoriosa saqueando as cidades à margem da estrada de ferro de Baturité e promovendo violências contra rabelistas, de Quixeramobim a Baturité, até Maranguape, de onde os sediciosos rumaram à capital cearense. Politicamente isolado e padecendo com a indiferença do governo federal, Franco Rabelo evitava um confronto entre a população da capital e os sediciosos, renunciando à presidência do estado. O interventor Setembrino de Carvalho assumia o cargo em março de 1914.

Nos meses seguintes ao desfecho da revolta, Rodolfo Teófilo retirou-se para o Alto da Bonança, onde passou a refletir sobre os últimos acontecimentos e mais uma vez deixaria um livro-monumento sobre o que testemunhara e investigara: *A sedição de Juazeiro* (Crimes do governo da República) seria publicado em 1915.

Já na apresentação da obra ele especifica o valor de memória de seu livro, afinal fora dedicado “aos pósteros”, afirmando que “Deus” lhe deu forças para escrever sobre a “luta fratricida” que “aos vindouros parecerá inverossímil”.²³⁸ A intenção de memória é justificada pelo autor, quando afirma que na temporalidade futura a obra poderia ser melhor compreendida:

Este livro será mal recebido pelos que ensangüentaram esta infeliz terra. Será taxado de falso, de injusto, de parcial. A mim que me importa a injustiça?

Fui sempre no meio que tenho vivido um incompreendido. A injustiça portanto perdôo como tenho perdoado no correr da vida a todos que me têm ofendido.²³⁹

A frustração e desânimo de Rodolfo Teófilo são evidentes em praticamente toda a obra. Além da decepção com os rumos políticos locais, ele possivelmente se ressentia das notícias da Primeira Guerra Mundial, o que ajuda a compreender seu tom pessimista e resignado, mas ainda assim consegue afirmar sua especificidade no cenário intelectual do estado:

²³⁸ TEÓFILO, Rodolfo. *A sedição de Juazeiro* (Crimes do governo da República). São Paulo: Monteiro Lobato & Co., 1922.

²³⁹ *Ibid.* p. 6.

Coube-me a tarefa de ser o cronista dos infortúnios do Ceará nesse meio século, tive de contar todas as secas naquele período. [...] Vivi até hoje para os meus livros, para a família e para os infelizes que me pediram proteção. Envelheci sem ódios e sem ódios espero morrer. Penso que este será meu derradeiro livro, escrito ao pôr-do-sol da vida. O meu espírito não tem ilusões nem desejos.

O culto à verdade e à justiça fortalecem em mim a idade.²⁴⁰

Demonstrando pragmatismo político, a obra narra os principais lances que culminaram na renúncia de Franco Rabelo, aproveitando para criticar a não-prisão de Floro Bartolomeu, a desmedida ambição política de João Brígido, a indiferença criminosa do governo federal e, sobretudo, a figura do Padre Cícero, acusado de ser malicioso, oportunista e até psicopata. A exemplo da obra anterior, Teófilo revela ao leitor os “bastidores” do livro, explicando como conseguiu alcançar precisão factual mediante entrevistas (governantes e militares), consultas a documentos e telegramas e até mesmo com a utilização de fotografias publicadas na obra como um modo para dotar de credibilidade sua escrita, se não aos contemporâneos, pelo menos aos leitores do futuro:

Assim eu não podia mentir à geração que vem, falsear a verdade ao sabor dos ódios e afeições. Aos meus que ainda forem crianças, deixo estas páginas tristíssimas da história de nossa terra para que meditem em nossas aflições e tirem dela ensinamentos e se aparelhem para resistir melhor do que nós, à dissolução do meio, à tentação do mal.

Que às gerações futuras fortaleça melhor educação cívica, mais sã moral impedindo assim que voltem os dias atribulados como os da Sedição de Juazeiro, são os meus votos.²⁴¹

²⁴⁰ Id.

²⁴¹ Id. Admitindo que a substância primordial da disciplina histórica é o tempo, especialmente enquanto percebido como matéria-prima básica para o estabelecimento de uma “consciência histórica”, onde, não obstante a clivagem passado-presente, subsiste uma terceira dimensão temporal, como afirma Jacques Le Goff : “De fato, a realidade da percepção e divisão do tempo em função de um antes e um depois não se limita a nível individual ou coletivo, à oposição

Como já foi pontuado, a prática historiográfica de Teófilo é intelectualmente filiada à tradição oitocentista na qual o passado serviria de arquétipo para o futuro, um balizador da coesão social no presente, enfatizando a dimensão pedagógica da disciplina histórica para o futuro do Estado-nação.²⁴²

Rodolfo Teófilo não constrói um passado modelar, mas investiga, seleciona e testemunha fatos do presente, transformando-os em matéria-prima para o futuro; ou seja, historia um presente ontologicamente fadado a virar passado e, por isso mesmo, preenche de futuro.

Esta obra consagraria o papel de Teófilo para os opositores da oligarquia aciolina, afinal mediante seus atos e sua escrita o farmacêutico enfrentara a máquina estadual e, apesar da desigualdade do embate, não capitulara.²⁴³ Essa militância não passaria incólume aos antigos aliados de Nogueira Accioly, que, protegidos pelo anonimato (escrita particularmente repudiada por Teófilo) ou não, atacavam aquele intelectual através dos periódicos governistas. Essas invectivas não cessariam nem mesmo com a deposição e a posterior morte do oligarca. Um desses ataques partiu da pena de um respeitado intelectual cearense, o advogado e professor da Faculdade de Direito do Ceará, Raimundo Gomes de Matos.

Gomes de Matos era casado com uma das sobrinhas de Accioly, era também advogado e amigo pessoal de padre Cícero, figura que Teófilo freqüentemente colocava nas antípodas da humildade e do altruísmo cristão. Para Gomes de Matos, a escrita da história de Rodolfo Teófilo era baseada na leviandade e na malícia a serviço da calúnia contra o grande estadista que teria

presente/passado: devemos acrescentar-lhe uma terceira dimensão, o futuro. Santo Agostinho exprimiu com profundidade o sistema das três visões temporais ao dizer que só vivemos no presente, mas este presente tem várias dimensões, 'o presente das coisas passadas, o presente das coisas presentes, o presente das coisas futuras'". (LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 4. ed. Campinas: Edunicamp, 1996. p. 205).

²⁴² Cf. CATROGA, Fernando. *Memória, história e historiografia*. Coimbra: Quarteto, 2001; e GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. A cultura histórica oitocentista: a constituição de uma história disciplinar. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.) *História cultural: experiências de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da Universidade – UFRGS, 2003.

²⁴³ De acordo com Eymard Porto, a fama de benemérito de Teófilo teria sido um fator que contribuía para a ausência de violência física em relação ao farmacêutico, prática usual em relação aos opositores do oligarca. (PORTO, op. cit.).

sido Nogueira Accioly. Em 1921, por ocasião do trigésimo dia do falecimento de Nogueira Accioly, o célebre advogado publicava uma *Poliantéia*, na qual a defesa da memória do ex-presidente do estado passava necessariamente pelos ataques a Teófilo e a sua produção historiográfica.

Boa parte das acusações seria reproduzida por Teófilo em 1924, por ocasião da publicação do livro *Os meus zoilos*:

O senhor Rodolfo Teófilo portado na linha de frente dos seus maiores inimigos, homem que escreve livros de história no próprio dia em que o fato se dá, sem conhecer os antecedentes deste e muito menos as conseqüências, sem, portanto penetrar na psicologia do ocorrido. Na obra *Libertação do Ceará*, pretendia inutilmente implantar essa inverdade (o gênio sanguinário do Dr. Accioly).

Não se apercebe o escritor que a pressa é inimiga da perfeição, sem compreender tampouco que a nenhum contemporâneo era dado, como ainda não é, dizer a verdade pura sobre os acontecimentos de ontem.²⁴⁴

Para Gomes de Matos, a maior falha de Rodolfo Teófilo estaria na falta de distanciamento dos fatos que historiava, causando, na opinião do ilustre advogado, severos prejuízos à qualidade de sua interpretação histórica.

A defesa encetada por Teófilo seria marcada pela serenidade: “O tempo passa e vai destruindo tudo: ódios e afeições” – tempo este capaz de alterar o frágil estatuto da memória coletiva, afinal “quem dirá que no amanhã, Accioly não seja perpetuado no bronze da estátua e incluído na ladainha dos santos mártires?”²⁴⁵

Na seqüência, assevera para o leitor os custos de sua militância:

Resisti à adaptação e lutei contra o meio.

Eu podia ter vivido como você tem vivido, somente para mim e para a minha ninhada. Que me importava a mim, o desgoverno do Ceará se este diretamente não me prejudicava? Se eu fosse um homem prático, tomaria a

²⁴⁴ TEÓFILO, Rodolfo. *Os meus zoilos*. Fortaleza: Tipografia de Carlos Jataí, 1924. p. 115.

²⁴⁵ *Ibid.* p. 113.

máscara da hipocrisia. Preferi viver de rosto descoberto entre homens mascarados.

De tão grande imprevidência resultam as minhas decepções grandes e sem conta.²⁴⁶

Ao continuar sua defesa, Teófilo acaba insinuando uma espécie de “teoria da história” presente em suas obras:

Penso o contrário, a história registra a verdade dos fatos. [...]

Neste caso o historiador que fica sendo? Não podendo dizer a verdade pura, integral sobre os acontecimentos passados o que seria ele? Supus em meu humilde pensar que não se podia dizer mentiras sobre os acontecimentos quer de ontem, quer de hoje e sim verdades.²⁴⁷

Combatendo o ceticismo histórico de Gomes de Matos, Teófilo reafirma a capacidade do fazer historiográfico em obter um conhecimento verdadeiro acerca do passado, fosse ele mais remoto ou mais imediato. Para ele, tal certeza provinha do uso correto da documentação, embora com as ressalvas sobre possíveis deformações causadas pelo poder da documentação oficial, uma situação que, conforme visto, Rodolfo Teófilo passara.

Sua apologia é finalizada assinalando a injustiça do artigo, pois Teófilo nega o título de maior inimigo de Accioly, citando inclusive os nomes que deveriam receber o epíteto, tais como: João Brígido, Frota Pessoa, Agapito dos Santos, Waldemiro Cavalcante, entre outros:

Sabe V. quais foram os maiores inimigos do governo Accioly? Foram os parentes mais próximos e os amigos ursos. Os engrossadores na presença dele aprovavam tudo o que ele dizia e na sua ausência o malsinavam. Ele teve a prova na hora do perigo. Quando rebentou a revolução, ele se viu só.²⁴⁸

²⁴⁶ Ibid. p. 114.

²⁴⁷ Ibid. p. 114, 115.

²⁴⁸ Ibid. p. 118.

Por último, Teófilo pede que Gomes de Matos procure combater os fatos apresentados em seus livros somente através de documentos: “se isto conseguir, eu lhe prometo penitenciar-me em público, pedindo perdão à memória do morto, à família dele, e quebrar para sempre a pena”.²⁴⁹

A derrubada de Accioly representou um ponto de considerável inflexão no processo de construção da memória de Rodolfo Teófilo como benemérito, pois alterou a configuração das forças políticas que exerciam controle sobre importantes centros de produção de memória da época: os jornais e a documentação oficial. Se durante a oligarquia aciolina os ataques governistas comprometiam o estatuto da memória de Rodolfo Teófilo enquanto abnegado altruísta, com a sua derrocada observa-se a formação de uma “massa de memória” dentro da qual vai se impondo uma visão naturalizada da atuação de Rodolfo Teófilo como benemérito.

No curto governo de Franco Rabelo (julho de 1912-março de 1914) inicia-se esta modulação na documentação oficial sobre o farmacêutico. Se em relatórios anteriores²⁵⁰ a atuação humanitária de Teófilo na saúde pública é omitida, quando não criticada e combatida, doravante os arquivos oficiais reconheceriam seu papel e tentariam compor sua imagem para a posteridade, como admite Franco Rabelo ao comentar no relatório oficial de seu governo a situação da saúde pública:

Não posso encerrar esse parágrafo sem aludir à grande obra executada, em favor da Higiene Pública do Ceará, por esse abnegado e persistente conterrâneo, o sr. Farmacêutico Rodolfo Marcos Teófilo.

Quando os poderes públicos deixavam a população do Ceará entregue às mais devastadoras epidemias, sem dar nenhuma providência, o sr. Rodolfo Teófilo por sua própria iniciativa, sem subvenção, nem estímulo do governo, empreendeu a obra apostolar de extinguir a varíola no Ceará dando início à sua humanitária tarefa em dezembro de 1900.

²⁴⁹ Ibid. p. 121.

²⁵⁰ *Relatórios da Inspeção de Higiene, 1904-1910.*

A terrível epidemia que, durante quinze anos consecutivos arrebatara tantas vidas foi debelada em Fortaleza, após três anos de trabalho infatigável e sereno, que, além, ele não interrompeu de então até hoje.

O ilustre patriota não só preparava a linfa, como fazia pessoalmente a vacinação domiciliar nesta cidade e subúrbios. Além disso, tinha em todo o centro do estado um corpo de comissários, a quem remetia vacina e que se incumbiam de dar combate à epidemia.

Assim em 1904, não se deu em Fortaleza, um só caso de varíola. O Sr. Rodolfo Teófilo vacinava nesses quatro anos oito mil pessoas, não se falando da vacinação do interior.

Ele tem feito a obra complexa de um excelente instituto vacínico, por simples amor à humanidade despendendo nessa gloriosa campanha dinheiro e energia.²⁵¹

O relatório do presidente Franco Rabelo repetia praticamente todas as afirmações do próprio Teófilo a respeito da campanha vacinatória narrada nos seus dois livros sobre a temática (*Varíola e Vacina no Ceará*, partes I e II, publicados em 1904 e 1910, respectivamente); dos dados fornecidos às motivações e aos desdobramentos da empresa, o documento oficial praticamente chancela de modo enfático a veracidade das informações contidas nas referidas obras.

A saída de Rabelo no início de 1914 acirraria as disputas partidárias no estado, contrapondo políticos remanescentes do acioloismo, liderados por Francisco Sá, aos chamados “marretas”, sob os auspícios de Tomás Cavalcanti. Entrementes, na administração de Benjamim Barroso (1914-1916), a importância de Rodolfo Teófilo na história da saúde pública não era olvidada:

Era de se esperar, pois que as moléstias epidêmicas se manifestassem logo. Até agora, porém, nenhuma foi constatada, nem mesmo a varíola, graças ao

²⁵¹ *Relatório do presidente do estado Franco Rabelo apresentado à Assembléia Legislativa em 01/07/1913.*

benemérito cearense senhor Rodolfo Teófilo, que às suas expensas mantém um laboratório vacínico e faz da vacinação um verdadeiro apostolado.²⁵²

Nos anos seguintes os arquivos governamentais continuaram a produzir menções elogiosas a Teófilo. No governo do engenheiro João Tomé (1916-1920), em meio a uma certa estabilidade política, o relatório da inspetoria de Higiene enfatizava que:

É dever lembrar mais uma vez que foi o abnegado cidadão farmacêutico Rodolfo Teófilo o mais esforçado lutador na campanha contra a varíola, tendo dedicado a esse “desideratum”, desde muitos anos, toda a sua atividade e proficiência, e vendo afinal coroados de êxito os esforços que por tanto tempo despendera.²⁵³

No decorrer dos anos 1920 as alusões à atuação de Teófilo se esvaem dos arquivos públicos; possivelmente tornaram-se óbvias e redundantes. Ao mesmo tempo homenagens pontuais de diversos governantes ajudaram a plasmar ainda mais a memória de Rodolfo Teófilo na saúde pública cearense. Em 1925, no governo de Justiniano de Serpa, uma lancha da defesa sanitária é batizada com seu nome, e em 1930, durante o mandato de Matos Peixoto, é inaugurado o Vacinogênio Público do Estado levando o nome do farmacêutico.²⁵⁴

Embora também homenageado duas vezes pelo governo central (oficialato da Rosa e título de Varão Benemérito da Pátria) por várias vezes, Rodolfo Teófilo necessitou combater, em nome de sua memória, os poderes públicos que forjavam ou falseavam documentos e construía, através destes artifícios, estratégias de legitimação de memórias. Ironicamente, a mesma

²⁵² *Relatório do presidente do estado Benjamim Liberato Barroso apresentado à Assembléia Legislativa em 01/07/1915.*

²⁵³ *Relatório do presidente do estado João Tomé Saboya e Silva apresentado à Assembléia Legislativa em 01/07/1917.*

²⁵⁴ Tais investimentos toponímicos, além de representarem um exercício de poder, possuem uma estratégia para a instauração de uma memória oficial. “O fato de mudarem de nomes (todo poder é toponímico e instaura sua ordem de lugares dando nomes) nada tira a essa força múltipla, insidiosa, móvel. Ela sobrevive aos avatares da grande história que os desbatiza e rebatiza”. (CERTEAU. Michel de. *A invenção do cotidiano*: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 216).

máquina governamental deixava para a posteridade uma massa documental que contribuiria para a consolidação do estado cearense como um dos centros de produção de memória por excelência sobre Rodolfo Teófilo.²⁵⁵

Contudo, a produção da memória da “santa benemerência leiga de Rodolfo Teófilo” não se confinava aos arquivos públicos, então se torna pertinente perguntar: quais as outras fontes produtoras de memória sobre Rodolfo Teófilo?

Em 1923 o médico Meton de Alencar trazia a público um livro de 128 páginas intitulado *O Sr. Rodolfo Teófilo e a sua obra*, segundo o autor com o objetivo de analisar os livros do farmacêutico “pelo prisma da verdade, mostrando seus erros, o seu desamor à verdade, o seu apego às pornografias e a sua inconsciência no próprio exercício profissional”.²⁵⁶

Conforme já foi visto, a rusga entre Teófilo e Alencar remontava ao ano de 1906, precipitada pela troca de insultos e acusações, especialmente aquela envolvendo a morte de uma criança recém vacinada por Rodolfo Teófilo, vitimada pela meningite. Os ânimos tornaram a se exacerbar em 1920 quando, de acordo com Meton de Alencar, Teófilo o teria provocado através da imprensa.

A obra de Meton de Alencar pode ser dividida em três pontos centrais. Primeiramente, a crítica da qualidade intelectual de Rodolfo Teófilo enquanto literato, apontando seus erros mais crassos e apresentando críticas contundentes às suas obras, feitas por nomes como Adolfo Caminha, José Veríssimo e Osório Duque Estrada. Em seguida enumera a deficiência da formação acadêmica de Teófilo no que diz respeito ao seu ofício de farmacêutico e por último questiona o estatuto de benemérito humanitário a ele atribuído.

²⁵⁵ Conforme veremos adiante, este movimento se relaciona ao progressivo estabelecimento nas sociedades ocidentais laicizadas daquilo que Fernando Catroga chamou de “políticas de memória”, cujos desdobramentos homogeneizariam festas e ritos cívicos, elegendo biografias de determinados “vultos” nacionais perante as massas: “Mas esta ênfase do *novo* em país velho obrigou ao diálogo entre o presente e o passado, sobretudo quando o novo foi igualmente historicizado. [...] Com os ritos cívicos, produzia-se um suplemento simbólico capaz de levar as consciências a interiorizarem, como imperativos éticos-cívicos, os direitos e deveres para com a sociedade”. (CATROGA, Fernando. *Nação, mito e rito*. Religião civil e comemoracionismo (EUA, França e Portugal). Fortaleza: Nudoc – UFC; Museu do Ceará, 2005. p. 91-93).

²⁵⁶ ALENCAR, Meton de. *O Sr. Rodolfo Teófilo e a sua obra*. Um estudo crítico pelo Dr. Meton de Alencar. Fortaleza: Tipografia Gadelha, 1923. p. 3.

Para Meton de Alencar, Teófilo se especializara na produção de obras cuja grande função seria a de “dizer bem de si e mal dos outros”, usando uma linguagem jocosa para a “conquista da benemerência que se diz credor”. Um sintoma da importância social de Teófilo enquanto benemérito na época é visível no fato de que Meton teve suas críticas rejeitadas por vários jornais da capital: “Recusados que foram meus artigos por um sentimento de piedosa amizade para com o Sr. Rodolfo Teófilo, não mais recorri a outros jornais e resolvi reuni-los no presente folheto”.

Iniciando as invectivas, retoma antigas acusações como a de que Teófilo explorava financeiramente a produção das linfas vacínicas, informação que na época atingia “seu altruísmo”, afinal “ninguém ousaria supor, de leve, a existência de tal comércio”.²⁵⁷

Outra acusação que já rendera dissabores ao farmacêutico é novamente trazida a lume: a já referida morte da criança em 1903 quando, de acordo com Meton, “vacinado a torto e a direito sem o menor escrúpulo esquecendo ou ignorante dos mais rudimentares preceitos da higiene, viu morrer desastrosamente uma criancinha por S. Sa. vacinada”. Meton de Alencar recorre à literatura médica internacional e tenta demonstrar como a campanha vacinatória pode ter tido conseqüências funestas, devido seus descuidos, pois, segundo alega, Teófilo não desinfetava a lanceta, não higienizava as pessoas, vacinando em massa sem recorrer a água ou sabão e ainda encontrava tempo para “bater fotos”:

Passaram-se anos e o Sr. Rodolfo Teófilo sempre descuidado ou ignorante das praxes profiláticas, invulnerável como se julga continua na faina de benemérito a vacinar desabrada e inconscientemente, proclamando o feito heróico sem atender o quanto malefício possa causar a sua incúria.²⁵⁸

Meton de Alencar justifica as críticas feitas a Teófilo durante o ano de 1906, segundo ele no intuito de alertar o farmacêutico para

²⁵⁷ Ibid. p. 6.

²⁵⁸ Ibid. p. 59.

Evitar que S. Sa. continuasse a praticar sua benemerência com tamanho menosprezo pela vida do próximo [...]

Poderíamos citar centenas de fatos que servissem ao menos para moderar o entusiasmo do Sr. Rodolfo Teófilo abrindo-lhe ao mesmo tempo os olhos para que não continuasse a vacinar sem o menos preceito de assepsia [...] Não o fazemos porém por lhe conhecermos obstinadamente retrógrado e vaidoso dos seus conhecimentos científicos.²⁵⁹

Nos trechos acima percebe-se o quanto Alencar se insurgia contra o esforço do próprio Teófilo em construir sua imagem altruísta, explorando habilmente o quanto sua cruzada humanitária pode ter sido prejudicial à população.

Após desqualificar a qualidade dos serviços vacinatórios de Teófilo, Meton de Alencar passa a desnudar como o próprio Rodolfo estaria envolvido na construção de sua representação de benemérito, desmentindo-o em todas as vezes que afirmava em suas obras quão abnegados e desinteressados eram seus préstimos à saúde pública.

Meton de Alencar finaliza seu “estudo”, concentrando investidas na parte final da obra, intitulada “Filantropia”:

É essa uma qualidade que muita gente empresta ao Sr. Rodolfo Teófilo pelo que tem incensado a imprensa ao sabor de amigos cumulados por mil gentilezas suas, deixando vê-lo circuncidado de glórias, empavonado de benemerências. Em que pese aos seus engrossadores somos forçados, por amor à verdade, aos comentários abaixo. [...] Que o Sr. Rodolfo Teófilo se não fez fabricante de linfa vacínica por mero gesto de benemerência, por simples amor ao próximo como freqüentemente vive apregoando, sabe-o ele muito bem.²⁶⁰

²⁵⁹ Ibid. p. 66, 70.

²⁶⁰ Ibid. p. 71.

Meton afirma conhecer as verdadeiras razões que levaram o empreendimento de Rodolfo à testa da vacinação em Fortaleza. Ele conta que durante esse período o presidente do estado do Amazonas, Porfírio Nogueira, teria realizado uma vultosa proposta financeira pelas linfas, que, no entanto teriam que ser testadas – situação pela qual Alencar explica a obsessão de Teófilo em realizar a vacinação: “esta história que os íntimos não ignoram corre por aí em surdina, embora”. Completa sua argumentação afirmando que, após decair tal comércio, tentou passá-lo desesperadamente adiante, tendo há pouco tempo (1921) oferecido-o ao Instituto Pasteur.

A tentativa de desconstrução da benemerência de Teófilo estava longe de terminar. Meton afirma que em plena epidemia de varíola o farmacêutico teria por repetidas vezes negado o fornecimento do profilático ao então inspetor de Higiene, Carlos Ribeiro:

Releva notar que o magnânimo Sr. Rodolfo quando deixava o diretor de Higiene deste estado sem a linfa que fabricava de bezerros de empréstimos [...] mandava oferecê-la ao governo do Pará por 2\$ o tubo, prevendo desta sorte grandes lucros.

O gesto filantrópico do Sr. Rodolfo Teófilo exatamente no momento mais angustioso que a população de Fortaleza atravessava e quando pressurosos corriam todos em busca da vacina com que deveria premunir contra a varíola que assustadoramente desenvolvia-se no Ceará, foi não há dúvida mais do que um desastre, revela desamor ao próximo, orça pelas raias de cruel indiferentismo se não do crime [...]

Não queremos negar que o Sr. Rodolfo Teófilo tenha fornecido gratuitamente sua vacina ao estado do Ceará, e que nos tenha presenteado com as sobras, as aparas de seu negócio, pois é sabido de toda gente o grande comércio que tem feito com outros estados. [...]

Dando as sobras de seu negócio não deixa o Sr. Rodolfo Teófilo de ser generoso. Não há dúvida, mas há nessa sua generosidade alguma compensação, de forma que se torna difícil saber qual o mais abnegado, se o

Sr. Rodolfo Teófilo para o estado do Ceará, ou o estado do Ceará para com o magnânimo Sr. Rodolfo Teófilo.²⁶¹

Meton de Alencar relata que entre 1918 e 1920 mais de vinte mil tubos para vacinas teriam sido doados pelo governo ao farmacêutico. Afirma ainda que durante a administração de Franco Rabelo Teófilo teria recebido uma significativa soma em dinheiro pelos anos posteriores à sua demissão do Liceu (1907-1913) e que a repartição de Higiene do Estado teria colocado à sua disposição um automóvel, constantemente estacionado em frente à sua residência; sem falar que nunca teria pagado nada ao fisco: “Essas coisas lembramos não para desmerecer os serviços de S. Sa., mas com intuito de lhe mostrar que o Ceará não lhe tem sido tão desfavorável, S. Sa. nunca se lembrou de dizê-lo, mostrando-se, pois, ingrato”.

Após criticar a recente adesão de Teófilo à campanha contra o álcool (em sua casa era fabricada uma aguardente de laranja, produto que Rodolfo afirmava ser de responsabilidade de seu sobrinho Raul Teófilo²⁶²), arremata contra seu caráter combativo e panfletário e seu notório esforço em coroar-se como filantropo e benemérito:

O benemérito nasce, não se faz por isso que, em seu coração dadivoso, se não aninham ódios nem paixões; S. Sa. não é de tal feitio.

Sabe toda a gente o rancor em que consome e que o faz de quando em quando explodir em arremetidas e injustas grosserias. [...]

Não se cansa o Sr. Rodolfo Teófilo de repetir em seus numerosos artigos e livros, que vive perseguido pelos governos, desajudado de tudo e de todos, numa verdadeira luta titânica. Essas como outras balelas têm ganho

²⁶¹ Ibid. p. 73-75.

²⁶² Em sua defesa Teófilo habilmente teria se referido ao “R. Teófilo”, estampado no rótulo da aguardente apelidada de “laranjinha”, como sendo de Raul Teófilo. Tal argumento não convenceu a Meton de Alencar, pois o endereço do fabricante era o mesmo de Rodolfo e de seu sobrinho e outros produtos de seu fabrico estariam registrados na Junta Comercial com esta mesma nomenclatura.

foros de verdade e vão sendo continuamente transcritas por todos os jornais, chegando algumas delas à Câmara Federal.²⁶³

Teófilo é ainda acusado de ter adulterado a carta de um médico consultado em 1903 (o próprio clínico criticara a adulteração feita por Rodolfo) para dar um parecer sobre o já referido episódio do falecimento da criança por ele vacinada, e forjado uma legenda para a fotografia de um casebre usado como local de isolamento de variolosos; ambas as forjicações foram publicadas em obras de Teófilo.

Meton de Alencar consegue fôlego para novos ataques: acusa de pornográficas várias obras de Teófilo, apontando erros químicos em vários produtos de seu fabrico, como o tradicional xarope de urucu, que alegando propriedades antiasmáticas teria precipitado a morte de outra criança, mas por fim acaba retomando a temática do auto-elogio que obsedava Rodolfo Teófilo:

Assim o Sr. Rodolfo Teófilo que é mais experiente do que sábio, entendeu que mais de dois quintos deste país que sabem ler, o ficarão incensando pelo mérito de seus trabalhos e que dois quintos de analfabetos repetirão o que ouvem dos outros e um quinto restante que dispõe de conhecimentos bastante para destacarão a aluvião de sua insulsa prosa, os seus erros científicos, será uma pequena fração que pela tolerância habitual deixará correr mundo seus palanfrórios.²⁶⁴

A derradeira série de ataques perpetrados pela pena de Alencar recai sobre o perfil psicológico de Rodolfo Teófilo, delineado como uma personalidade patológica afeita a pornografias e voltada para uma paranóia de desmedida vaidade pessoal:

No exagero do amor-próprio o paranóico sabe conter seus surtos de grandeza nos limites do possível para a satisfação completa de sua vaidade

²⁶³ Ibid. p. 76.

²⁶⁴ Ibid. p. 98.

incentivada por contida egofilia; outro tanto faz nas manifestações de perseguição que executa por amor a qualidades e prerrogativas invioláveis [...]

O Sr. Rodolfo Teófilo é um caso concreto de paranóico avassalador por três dons, por cuja posse se considera superior ao resto da humanidade: a literatura, a abolição de escravos e a vacina.²⁶⁵

Aproveitando o ensejo, Meton de Alencar realiza suas invectivas finais contra Rodolfo Teófilo:

É que para o Sr. Rodolfo Teófilo só há nesta terra um romancista que é ele próprio, um cientista que é ainda ele próprio, quando vacina de cócoras pelas areias no morro do Moinho e quando fabrica os seus xaropes e suas laranjinhas e vinhos de caju, com e sem álcool: só há um benemérito que, finalmente é ele próprio, por todas essas coisas e mais algumas. [...]

Nas páginas precedentes [...] sem preocupações literárias, cremos que fica o Sr. Rodolfo Teófilo reduzido às suas justas proporções sob diversos aspectos com que se pretende impor a admiração e a gratidão do povo cearense.²⁶⁶

Fica evidente que Meton de Alencar se insurge contra a imagem cristalizada de Rodolfo Teófilo como benemérito e humanitário cearense, revelando o quanto esta fama era resultado de um trabalho proposital do próprio Teófilo.

Em que se pese a necessidade premente de autodefesa diante das acusações governamentais, seus livros *Variola e vacinação no Ceará* possuem claramente uma dimensão de libelos a serviço da própria imagem de Teófilo, por vezes esmaecendo as diferenças entre a propaganda pela vacinação e a propaganda de seus atos, conforme já comentado.

Não seria a primeira nem a derradeira vez que Teófilo entranhava à narrativa dos livros sua própria atuação. Em suas obras sobre as secas de 1915 e

²⁶⁵ Ibid. p. 126. Posteriormente retomarei as acusações de Alencar sobre o papel de Teófilo no processo de abolição do elemento servil no Ceará.

²⁶⁶ Ibid. p. 128.

1919, a análise de variados aspectos presentes nas referidas estiagens é permeada pelo protagonismo do escritor.

Publicada em 1922, *A seca de 1915*²⁶⁷ reafirma o papel didático e magistral dos livros de Teófilo sobre a temática, disparando farpas contra os poderes públicos e a imprevidência do povo cearense. Ao descrever a chegada dos primeiros retirantes à capital, Teófilo afirma ter ido pessoalmente procurado o presidente do estado, Benjamim Barroso, clamando para que não os confinasse em abarracamentos, pois seria fatal aos mesmos. Sem ter seu pedido atendido, passa a percorrer os abarracamentos, entrevistando os retirantes, indignando-se com sua situação, defendendo inclusive que “se revoltassem e pela força fizessem valer seus direitos, embora fossem esmagados pelo poder público”, afinal “devem reagir enquanto podem, antes que a fome lhes imobilize os braços”, pois, “para salvar a vida, todos os meios são lícitos”.²⁶⁸

Compadecido e consciente de sua responsabilidade missionária diante daquela população à mercê da própria sorte, Teófilo resolve iniciar o serviço de vacinação nos “campos de concentração”, revelando ao leitor suas angústias naquele momento:

Se eu apanhasse uma doença e dela me acabasse, seria para mim uma grande decepção que não era morrer, era morrer no começo de uma batalha, para a qual vinha reunindo forças há dezessete anos, tantos fazem que abri o vacinôgênio e prometi exterminar a varíola em Fortaleza.²⁶⁹

A obstinação de Teófilo em realizar esta nova campanha vacinatória tinha motivações claras: “O meu ideal era assistir a uma seca sem varíola,

²⁶⁷ TEÓFILO, Rodolfo. *A seca de 1915*. Fortaleza: Tipografia Moderna, 1919. A obra é prefaciada por uma biografia de Teófilo publicada em um jornal local em 1917. Esta biografia, não obstante Rodolfo ter nascido na Bahia, afirma que ele “nasceu no Ceará em 1853” (Teófilo era ironicamente chamado de “ilustre baiano” por seus opositores, fato que trazia dissabores ao farmacêutico que teria afirmado: “sou cearense porque quero!”), ressaltando o quanto após uma situação de extrema pobreza conseguiu mediante seus próprios esforços conduzir seus estudos e a vida de trabalho (temas sobre os quais Teófilo deixaria suas próprias memórias), tornando-se então farmacêutico diplomado. O texto elogia sua atuação humanitária e seus dotes de escritor, citando diversas resenhas favoráveis sobre algumas de suas obras.

²⁶⁸ Ibid. p. 35.

²⁶⁹ Ibid. p. 7.

morrendo, quem sabe se isso teria acontecido? Vi, afinal, realizado meu sonho”. As benesses da atuação de Teófilo não se restringiriam à capital cearense; ele afirma ter enviado gratuitamente duzentos tubos de vacinas para Iguatu, evitando uma epidemia naquela cidade.

A escrita auto-referente de Teófilo continuava. Para solicitar uma estrada de ferro ligando a capital a Uruburetma, afirma ter saído “da penumbra que me apraz viver” e “ousado” telegrafar ao presidente da República e ao ministro da Viação. Mais uma vez, sua sugestão não foi acatada.

Orgulhando-se de ser um dos farmacêuticos mais antigos da cidade, Teófilo diz não estar receoso de uma nova epidemia nos moldes daquela ocorrida de 1878, “devido ao intenso trabalho de vacinação na capital e estado pela iniciativa particular”. Novamente o uso do termo “iniciativa particular” é confundido com sua própria atuação, evidenciado por ocasião de uma proposta do governo em auxiliar o farmacêutico em sua faina:

Agradei a oferta, queria levar ao fim a minha obra sem auxílio dos governos. Havia começado perseguido injustamente pelo Governo Accioly. Vencera. Estava no fim da jornada. Para que receber agora um auxílio, se podia dispensá-lo?

Já é tempo de o governo do estado fundar um vacinogênio e me aliviar deste trabalho. Estou velho e não desejava morrer sem que visse funcionar o Instituto do Estado, continuando assim a minha obra, se é vaidade minha, perdoem-me, mas é uma vaidade que só redundo no bem.²⁷⁰

Rodolfo Teófilo, ao mesmo tempo em que rejeita a ajuda governamental, evoca sua cruzada vitoriosa para justificar a recusa e afirmar que “sua obra” teria que ser continuada pelo governo.

O escritor permaneceria usando seus livros sobre as secas para confirmar o papel de benemérito em meio às estiagens. Sua obra *A seca de 1919*, conforme já aventado, revela um autor que escreve com a firmeza e a segurança de quem se considerava um intelectual consagrado para a tarefa. Na folha de

²⁷⁰ Ibid. p. 98, 99.

rosto deste livro, sua fotografia junto à escrivaninha, acompanhada de uma legenda identificando seu pertencimento ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, evidenciava como o próprio Rodolfo Teófilo se sentia e como desejava ser lembrado dentro do cenário intelectual:²⁷¹



²⁷¹ Régis Lopes identificou nessa fotografia a vontade de memória do homem de letras que escolhe no suporte fotográfico uma figuração da lembrança de si que desejava perpetuar, pois: “O sentido apresentado na composição figurativa enreda-se na imagem com a qual ele se delineava e pela qual procurava ser (re)conhecido. Para um homem cuja vida passava pelo ato de ler e escrever nada melhor do que a memória cujo enquadramento contém um braço escorado na escrivaninha e o corpo cercado de livros”. (LOPES, Régis. Rodolpho Theóphilo no Museu do Ceará. In: TEÓFILO, Rodolfo. *O caixeiro* (Reminiscências). [1927]. Apresentação de Adelaide Gonçalves e Eurípedes Funes. Ed. fac-sim. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2003. p. 7).

Rodolfo Teófilo veiculava em seus livros várias fotografias, segundo ele como forma de “corporificar a verdade”. De acordo com Regina Abreu, o uso da fotografia se converteria no início do século XX em um poderoso instrumento de imortalização biográfica: “As fotografias ocupam um lugar de destaque nessa paisagem. Com a invenção deste instrumento de registro torna-se possível documentar a trajetória dos indivíduos e, principalmente suas realizações. Numa coleção biográfica as fotografias formam um conjunto altamente revelador. Elas contam histórias, revelam o ambiente, falam sobre a atmosfera que cercava o personagem principal de nossa trama. É preciso desvendá-las em seu conjunto e dissecar cada uma em sua arquitetura interior. Tal como os objetos tridimensionais, elas, também, são semióforos, pontes entre um mundo visível e um outro, invisível, sobre o qual repousam os significados. [...] São elas que possibilitarão, que atestarão, melhor dizendo, a imortalização definitiva do biografado”. (ABREU, Regina. *A fabricação do imortal*. Memória, história e estratégia de consagração no Brasil. Rio de Janeiro: Lapa; Rocco, 1996. p. 100, 101).

Em meio a mais uma intempérie climática, Teófilo novamente descreve como pensava e atuava, revelando aos leitores como, diante do risco de uma nova epidemia de varíola em 1920, quando contava quase setenta anos de idade, participara “à medida de minhas forças e de minha saúde” do serviço de vacinação da população retirante. Afirma também que teria oferecido 4.150 tubos de vacina “gratuitamente” ao Departamento de Higiene: “digo gratuitamente porque já houve um diretor de Higiene, uma desalmada criatura, que disse em documento público que eu estava rico vendendo vacina”.²⁷²

Esforçando-se para esmaecer qualquer dúvida sobre sua benemerência, relata sua atuação em meio aos retirantes, auxiliando no retorno a seus lares mediante pagamento de passagens, roupas e alimentos: “A casa de minha residência era a repartição de internação” – um período, segundo ele, de exaustiva labuta: “uma das maiores que tenho na minha vida”.²⁷³

O livro é concluído com nova polemização sobre os atos de altruísmo de Teófilo, que passa a se defender da acusação de que sua campanha vacinatória não haveria sido mais que propaganda contra o governo Accioly. Rodolfo assegura que seu vacinogênico funcionava desde 1909 até aquela data (1922), convocando cotidianamente através do jornal a população, pois afirmava sem cerimônia:

Que quando a população se descuidava da vacinação eu, pela imprensa, a alarmava dando falsas notícias da varíola pelo interior. Que poucas não foram as vezes que a avisei da varíola no vizinho estado do Rio Grande do Norte e pedi que se viesse vacinar. [...]

²⁷² TEÓFILO, Rodolfo. *A seca de 1919*. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922. p. 84. O acusador em questão era sem dúvida Meton de Alencar.

²⁷³ *Ibid.* p. 89.

Que de fato dizia que a varíola não se propagaria porque eu não queria, porque três vezes no governo Accioly tínhamos importado variolosos e três vezes eu tinha impedido a propagação da varíola.

Que nunca contei em prosa quanto mais em verso meus serviços à profilaxia da varíola no Ceará e tampouco apregoei a minha benemerência, porque sou infenso aos reclamos.²⁷⁴

Pode-se inferir o quanto tais acusações sensibilizaram Rodolfo Teófilo, que dedicava várias páginas para justificar sua importância para a história da saúde pública cearense. Nesse sentido, um dos seus maiores investimentos escriturários ocorrera em 1919, com a publicação de *Cenas e tipos*, seu primeiro grande trabalho memorialístico,²⁷⁵ traçando para o público leitor a trajetória familiar de um órfão que se tornaria um benemérito.

²⁷⁴ Ibid. p. 91, 92.

²⁷⁵ De acordo com Sérgio Miceli, o uso literário do gênero memorial geralmente constitui uma estratégia de reverência biográfica usada por “intelectuais dominados”, salvo nos casos “Em que as memórias são escritas por intelectuais já reconhecidos cuja trajetória esteja em declínio, verifica-se que os intelectuais consagrados costumam recorrer ao gênero em suas variantes mais idealizadas e eufemizadas, e ainda com frequência quando as circunstâncias numa dada conjuntura de campo lhes são desfavoráveis”. (MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das letras. 2001. p. 19, 20).

Teófilo possivelmente recorreria ao expediente memorial como uma forma de defesa perante as críticas sobre sua campanha vacinatória, bem como para deixar sua biografia como “matéria-prima” para a reflexão dos leitores.

3.2. O NASCIMENTO E O DESTINO TRAÇADO

Como exercício de rememoração, as lembranças de Teófilo constroem-se simultaneamente nos campos histórico e autobiográfico, salientando as peculiaridades do indivíduo que lembra.²⁷⁶

No livro *Cenas e tipos* (1919) Rodolfo Teófilo remonta os leitores à linhagem de beneméritos de sua família, no caso o avô Manoel Gaspar de Oliveira e o pai Marcos José Teófilo (ambos médicos). Rememorando sua infância, narra os sofrimentos de uma família extensa. Com mulher e seis filhos, os recursos financeiros da família se esvaíam, de modo que em 1864, já morando em Pacatuba, Marcos Teófilo estava à beira da falência, deixando a família em uma difícil situação ao morrer em dezembro daquele mesmo ano. Sobre aquela época Rodolfo Teófilo deixou no papel suas lembranças:

Eu tinha herdado do meu pai um nome imaculado, mas também uma grande pobreza. Ele havia morrido aos quarenta e três anos, deixando seis crianças na orfandade. Eu era o mais velho. Cobia-me o dever de ser homem e velar pela sorte de meus irmãos.²⁷⁷

Nesta lembrança publicada em 1919 Teófilo reitera o desafio que tinha em mãos, ao ter que velar pelo destino da família (como já ocorrera durante a epidemia de cólera em 1862). Perdera o pai e agora deveria exercer os direitos e

²⁷⁶ “Como conseqüência, as recordações radicam na subjetividade, embora cada eu só ganhe consciência de si em comunicação com os outros, pelo que a evocação do que lhe é próprio tem ínsitas as condições que a socializam. A memória individual é formada pela coexistência tensional e nem sempre pacífica, de várias memórias (pessoais, familiares, grupais, regionais, nacionais, etc.) em permanente construção devido à incessante mudança do presente em passado e as conseqüentes alterações ocorridas no campo das *re-presentações* do pretérito. Significa isto que a anamnese, enquanto presente-passado, é a experiência interior na qual a identidade do eu unifica a complexidade dos tempos sociais em que cada vida individual comparticipa”. (CATROGA, *Memória, história e historiografia*. p. 16).

²⁷⁷ TEÓFILO, Rodolfo. *Cenas e tipos*. Fortaleza: Tipografia Minerva. 1919. p. 68.

os deveres paternos advindos da primogenitura, vendo-se solitário e tendo que assumir o papel de provedor da casa.

Ao tentar interpretar a formação do quadro de intelectuais no início da República Velha, Sérgio Miceli relacionou a escolha da carreira intelectual a diversos fatores sociais presentes na biografia desses indivíduos, tais como posição social, sexo, linhagem familiar, falência material da família, morte precoce do pai, doença, estigmas físicos etc.²⁷⁸ Suas interpretações fornecem componentes interessantes para a compreensão deste momento da vida de Rodolfo Teófilo. Diante de sua própria situação, o farmacêutico afirma ter se indagado: “Mas como sair da obscuridade e colocar-me? Só o livro podia livrar-me daquele cativoiro”.²⁷⁹

Desde as décadas finais do século XIX a educação formal passaria a encampar discursos que a consagravam como instrumento por excelência para a ascensão social das camadas populares, repercutindo nos meios governamentais (principalmente republicanos) e intelectuais da cidade.²⁸⁰

Os anos em que seu pai clinicara em Maranguape e Pacatuba contribuíram para a construção de uma imagem razoável. Afinal, diante da escassez de profissionais médicos diplomados, a presença e a atuação de Marcos Teófilo em regiões tão intensamente atacadas por epidemias, como a de cólera,

²⁷⁸ Em casos semelhantes ao de Teófilo esta opção era relativamente comum, afinal “Essas formas de mutilação social parecem substituíveis do ponto de vista dos efeitos que provocam sobre a trajetória social na medida em que todas elas tendem a bloquear o acesso às carreiras que orientam o preenchimento das posições dominantes no âmbito das frações dirigentes e, por esta razão determinam, ainda que de maneira negativa, uma inclinação para a carreira de intelectual. [...] Em outras palavras, as profissões intelectuais constituem um terreno de refúgio reservado aos herdeiros das famílias pertencentes à fração intelectual e, em particular, aos filhos das famílias em declínio. Esses últimos, tendo podido se livrar das ameaças de rebaixamento social, que rondavam os seus, tiveram a oportunidade de se desgarrar do ambiente de origem e, ao mesmo tempo, de objetivar com seus escritos essa experiência peculiar de distanciamento em relação à sua classe” (MICELI, op. cit. p. 22, 82).

²⁷⁹ TEÓFILO, *Cenas e tipos*. p. 68.

²⁸⁰ “O debate sobre a educação, iniciado no meado do século XIX, é intensificado no fim do século, como parte do ideário republicano. A discussão sobre o tema, informada pelas concepções liberais e pelo fervor ideológico, acentuava o entusiasmo pela educação como panacéia, na ignorância como responsável pelos males do país, na instrução popular como chave de solução para todos os problemas do país, na instrução para homens úteis”. (GONÇALVES, Adelaide. Muitos typos na educação dos pobres: imprensa e instrução no Ceará de fins do século XIX aos anos 1920. *Documentos – Revista do Arquivo Público do Ceará*, Fortaleza, vol. 2, 2006. p. 70).

deve ter contribuído para o estreitamento de laços com pessoas importantes nessas localidades.

Com efeito, o gerenciamento da imagem herdada do patriarca dos Teófilos começaria a ser usado em 1865, pouco tempo depois da morte de Marcos José Teófilo. Naquele ano, o padrinho de Rodolfo, José Antônio da Costa e Silva (casado com a irmã de Marcos Teófilo), resolve pagar sua matrícula em uma instituição particular de ensino, o Ateneu.

Teófilo segue narrando suas lembranças e relata como ainda na profissão de “caixeiro” experimentara, no ano de 1871, uma forte bronquite. Com o agravamento da doença, obteve a permissão para tentar recuperar-se em Pacatuba, na casa de Guilhermina Sarmiento, sua mãe adotiva.

A estada em Pacatuba só foi possível graças à intervenção de Henrique da Justa, homem abastado, primeiro presidente da Câmara Municipal de Pacatuba (1869), cuja sogra havia sido vizinha de Marcos Teófilo e provavelmente tinha usufruído seus préstimos como médico no período em que clinicara em Pacatuba.²⁸¹

O fato é que Henrique da Justa foi decisivo no sustento material da família Teófilo, e em outros momentos para o próprio Rodolfo, afinal interveio a fim de que este pudesse obter permissão para realizar os preparatórios para o Curso de Farmácia (subvencionados a partir de um empréstimo junto ao governo, conseguido pelo próprio Justa); bem como auxiliou Teófilo na montagem e instalação de seu próprio negócio – uma farmácia em Pacatuba –, de modo que o intelectual se referia a Henrique da Justa como “O meu maior amigo a quem devo em parte o que sou e também a formação de meu caráter”.²⁸²

Sobre o período de convalescença em Pacatuba, escrevera: “A entrada naquele abençoado lar, onde havia muita virtude ao lado de muita pobreza,

²⁸¹ “A aproximação entre Rodolfo Teófilo e Henrique da Justa deu-se graças à gratidão que Engrácia de Paula Justa, esposa deste fazendeiro, tinha para com o pai de Teófilo, seu vizinho em Pacatuba no tempo de solteira e que tinha ajudado muito sua família”. (PORTO, op. cit. p. 42).

²⁸² TEÓFILO, *Cenas e tipos*. p. 71. O papel desempenhado por Henrique da Justa acaba exemplificando os modos como a trajetória de vários intelectuais no período da República Velha seria marcada pelo gerenciamento dos capitais sociais, diante da dilapidação material das famílias destes intelectuais. Ao publicar o livro *A fome*, em 1890, Teófilo dedicou-o à memória “De seu muito prezado amigo Henrique Gonçalves da Justa, muita amizade, respeito e gratidão”.

despertou-me, acordou-me a consciência e chamou-me ao cumprimento do dever”.²⁸³

Como é sugerido pelo trecho citado acima, Rodolfo Teófilo narra os episódios que teriam lançado as bases para seu altruísmo e benemerência. Escreveria que ele mesmo teria colhido os frutos dos atos abnegados do pai, pois, de acordo com tia Guilhermina, a “mãe” de Rodolfo Teófilo, o esforço de Henrique da Justa e de sua esposa em prol dele era “feito em memória do amigo, de seu médico, de seu benfeitor. As palavras de minha mãe me fizeram refletir no caso”.²⁸⁴

O livro *Cenas e tipos*, uma obra de crônicas e memórias, teria a função de explicar as origens de sua benemerência. Os outros livros tinham sido escritos no calor dos eventos que envolveram a deposição da oligarquia Accioly e a Sedição de Juazeiro. No novo livro Teófilo abdica da escrita-denúncia para realizar um investimento memorialístico de nítida consagração autobiográfica.

Quando hospedado durante uma viagem a Pacatuba em 1871, recusou-se a dizer quem era, pois na verdade “Era um desclassificado, um ninguém”, e quando indagado acabou dizendo de quem era filho. Para sua surpresa, o tratamento recebido melhorou consideravelmente, e de acordo com sua narrativa a família que o hospedara teria justificado a hospitalidade: “Agradeça a seu pai. No tempo do cólera em Maranguape, ele foi nosso médico. Morreu meu marido e ficamos muito pobres. Ele continuou a ser o médico de nossa casa, a nos dar remédios, e até dinheiro nas nossas precisões”.

Mais na frente, durante seu trajeto, ele conta que obteve a ajuda de um caboclo para desatolar seu burrico. Após o obséquio o “mestiço” justificou-se: “A alma de seu dotô seu pai foi quem lhe fez o favor, ele era bom para a pobreza e me curou de uma pleuriz”.²⁸⁵

Rodolfo Teófilo escreve que, por duas vezes, colheu os “frutos da semente plantada” pelo próprio pai, sobre quem escreve ter sido uma pessoa

²⁸³ Ibid. p. 70.

²⁸⁴ Ibid. p. 71.

²⁸⁵ Ibid. p. 76.

sempre de fisionomia alegre, em contraste com a taciturnidade de sua mãe. Ao mesmo tempo, ele afirma ter chegado a uma conclusão:

O altruísta é um grande egoísta, pensava. Os benefícios que ele espalha são em seu próprio proveito. É preciso não confundir egoísmo com avareza [...] O altruísta vai plantando a semente do bem a torto e a direito, não pelo amor do bem, mas para colher frutos, que alimentem o seu egoísmo, crente dessa doutrina espalhei e espalho benefícios, seguindo o velho adágio: fazes o bem e não olhe a quem. O meu egoísmo que é grande, muito tem ganhado com isso.²⁸⁶

Deste modo, a escrita de Teófilo constrói a gênese de seu altruísmo, vinculado à reverência biográfica do próprio pai, aproveitando ainda para valorizar a luta para ser reconhecido, o que provavelmente serviria para realçar sua própria posição social no momento em que escrevera a obra.

O rememorar destes episódios buscava construir, com os leitores do presente e do futuro, a legitimação social de Rodolfo Teófilo em meio a um contexto onde possivelmente o próprio autor estivesse inseguro quanto ao estatuto atribuído à sua biografia. Nesta mesma obra ele aproveita para orgulhar-se:

Entrei na vida sofrendo. À custa de um esforço supremo consegui sair do rol dos desclassificados, o que mais temi na vida foi ser um inútil.

Logo que deixei de ser um anônimo vinguei-me dos homens trabalhando pelos que sofrem.²⁸⁷

²⁸⁶ Ibid. p. 82. Este trecho denota uma possível influência do pensamento evolucionista de Spencer, com o qual Rodolfo tomara contato em sua estada no Recife e em Salvador. O evolucionista inglês ressaltou a importância dos sentimentos e idéias que vão se impondo gradativamente às sociedades até que determinado ciclo de experiências conferisse à mesma o grau de maturidade. O filósofo abordou a temática da passagem do egoísmo para o altruísmo em seu *Study of sociology*. Sobre as idéias de Spencer, cf. MONTENEGRO, João Alfredo de Sousa. *História das idéias filosóficas da Faculdade de Direito do Ceará*. Fortaleza: EUFC, 1996.

²⁸⁷ TEÓFILO, *Cenas e tipos*. p. 130-131. Este tipo de depoimento evidencia o caráter teleológico da lembrança, cuja construção ajuda a tecer os fios da identidade pessoal em meio ao fluxo temporal da experiência vivida, ao mesmo tempo em que busca conferir unidade a um passado re-presentificado em função direta da evocação feita a partir das experiências do presente de quem lembra: "Todavia, a mesmidade do eu tende a preencher os vazios da amnésia, como se o

Teófilo afirma que a falta de recursos financeiros o atormentava, pois fatalmente traria a limitação de suas atividades humanitárias, reiterando que: “Eu queria dinheiro para fundar asilos e hospitais, laboratórios em que se preparassem os antídotos da raiva, difteria, do veneno ofídico, o profilático da varíola. Para realizar meu sonho fiz-me industrial”.²⁸⁸

Esta afirmação era importante, afinal ele sofrera a acusação de atuar na esfera da saúde pública com interesses de locupletar-se financeiramente. Portanto, consagra uma obra às suas memórias mais remotas e familiares, de modo a criar vínculos afetivos com o leitor, que através de seu livro pode acompanhar o interesse abnegado de Teófilo em ajudar o próximo, desde a juventude, expondo inclusive suas dificuldades financeiras e emocionais.

Para reiterar o caráter vitorioso de suas empreitadas, assevera que lutou contra vários obstáculos, como a perseguição governamental e a ignorância da população:

Eu ficava de pé, na minha terra, prosseguindo minha obra de amor e caridade. Nesta cruzada, o meu espírito havia sentido impressões diferentes: o amor ao próximo, a vaidade, o capricho [...] Depois de tão estranhas sensações tornei-me um apóstolo [...] Efetivamente eu me sentia muito feliz, embevecido num contentamento íntimo como jamais havia experimentado na vida.²⁸⁹

Rodolfo Teófilo continuaria a usar o expediente memorial. Obras como *Os meus zoilos* (1924), *O caixeiro* (1927) e *Coberta de tacos* (1931) são exemplos

percurso autobiográfico fosse um *continuum*, cuja coerência existencial unifica os buracos negros da caminhada, isto é, como se, desde as suas primícias, cada indivíduo transportasse em si o cumprimento de uma vocação específica. Daí o cariz totalizador e teleológico da recordação, pois a retrospectiva urde um enredo finalístico que domestica o aleatório, o casual, os efeitos perversos e descontínuos do real-passado quando este foi presente [...] Portanto, compreende-se que, na anamnese, a história e a ficção se misturem, a verdade factual se miscigene com conotações estéticas e éticas [...] cujos pontos de partida e de chegada são escolhidos pelo próprio evocador. [...] Os seus nexos são ditados por afinidades eletivas, e estas determinam que cada presente construa a sua própria história, não só em função da onticidade do que ocorreu, mas também das necessidades e lutas do presente”. (CATROGA, *Memória, história e historiografia*. p. 21, 22).

²⁸⁸ TEÓFILO, *Cenas e tipos*. p. 131.

²⁸⁹ *Ibid.* p. 136-137.

de como se valia de sua escrita para apresentar ao leitor a trajetória biográfica de um obstinado. Em sua escrita de si ele rememora e consagra seu próprio passado considerando-o como a fonte para compreensão de sua personalidade, e como ele se relacionava com questões como a benemerência e a auto-estima pessoal, entranhando-se nas narrativas acerca de sua infância penosa, de sua adolescência humilhante e de seu trajeto pessoal em busca do reconhecimento.

A figura do obstinado era constantemente construída pela escrita de Rodolfo Teófilo, ao mesmo tempo em que justificava sua vocação para a benemerência e altruísmo – uma construção sujeita a várias re-visitações, obedecendo às circunstâncias que motivavam as necessidades desta escrita. É neste sentido que credito aos livros de Teófilo a pretensão de constituir-se como “lugar de memória”, entendido como uma reação à celeridade das experiências e do processo de desritualização do mundo que lhe traziam insegurança quanto ao estatuto de sua biografia no futuro.

Escrita baseada na lembrança, sempre entrecortada pelo histórico e o privado, no qual o rememorar individual une a capacidade de estabelecer coerência da trajetória do indivíduo que lembra ao mesmo tempo em que se reveste de um cariz pedagógico e exemplar.²⁹⁰ Deste modo, a vontade de memória de Rodolfo Teófilo emerge no ato da escrita encarregada de colocar em âmbar o fluxo temporal, imobilizando-o no papel e vencendo assim a morte em um movimento que conjuga simultaneamente memória e história na construção de obras exemplares de cunho nitidamente pedagógico, especialmente em relação às secas no Ceará e ao seu altruísmo..

Em 24 de abril de 1923 endereçou uma carta ao bibliógrafo Afonso Costa, reiterando sua “cearensidade”. Na missiva Teófilo narra como cresceu

²⁹⁰ “Porque a coerção da memória pesa definitivamente sobre o indivíduo e somente sobre o indivíduo, como sua revitalização possível repousa sobre sua relação pessoal com seu próprio passado. A atomização de uma memória geral em memória privada dá à lei da lembrança um intenso poder de coesão interior. Ela obriga cada um a se lembrar e reencontrar o pertencimento, princípio e segredo da identidade. Esse pertencimento, em troca, o engaja inteiramente. Quando a memória não está mais em todo lugar, ela não estaria em lugar nenhum se uma consciência individual, numa decisão solitária, não decidisse se encarregar. Menos a memória é vivida coletivamente, mais ela tem necessidade de homens particulares que fazem de si mesmos homens-memória”. (NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, 1993. p. 18).

ignorando sua naturalidade baiana, até iniciar os estudos de farmácia, o que não impediu de considerar-se um filho legítimo das plagas cearenses:

O fim de sua missiva é saber de mim se nasci na Bahia ou no Ceará.

Não sei como esta terra, grande na extensão de seu riquíssimo território e maior ainda pela mentalidade, pelo saber de seus eminentes homens, os maiores de nossa pátria, me enxergou aqui, neste recanto do Nordeste e disputa a minha oriundez.

Se não me conhecesse, era o caso de envidar-me.

Ao Ceará, que amo perdidamente, penso que será indiferente ter-me como filho, tanto que o ilustre historiador Barão de Studart, cidadão inglês, me excluiu de seu dicionário biobliográfico, alegando ser eu baiano, quando a minha certidão de idade, único documento existente para provar a minha naturalidade, nada diz do lugar em que nasci. [...]

Estou identificado com esta terra mártir. A ela dei toda a minha mocidade, os melhores dias da minha vida e continuo a dar os dias cansados de minha velhice. Conteí as suas glórias e chorei as suas desventuras... Nos meus livros reflete-se o desmedido amor que lhe voto. Todos falam nela. Quanto mais infeliz mais a amo.

Eu podia mentir-lhe optando pela Bahia, o berço adorado de minha mãe, terra opulenta e abandonar o Ceará que é paupérrimo.

O meu caso é o do filho que foi separado de sua mãe ao nascer e criado por outra mulher. Adulto, soube que sua verdadeira mãe era opulenta e o chamava. Preferiu ficar com a sua mãe de criação, paupérrima e infeliz. Como arrancar as profundas raízes do amor à terra que o criou? [...]

Nasci baiano por um acidente; mas de coração sou todo cearense, como nenhum será mais do que eu.²⁹¹

O esforço de Teófilo transformava-se perante a opinião pública em mais dividendos simbólicos. No início dos anos 1920 ele teria seu nome incluído em uma obra que reunia uma coletânea de criações dos principais poetas do Ceará,

²⁹¹ Apud SOMBRA, Waldy. *Rodolfo Teófilo, varão benemérito da pátria*. Fortaleza: Prefeitura Municipal de Maracanáu, 1997. p. 20-23. Esta emocionada declaração de amor ao Ceará seria publicada em seu livro *Coberta de tacos* (1931).

organizada a mando do presidente do estado Justiniano de Serpa. Além disso, em 1925 um concurso promovido pela revista *Ceará ilustrado* perguntava quem seria o “príncipe dos prosadores do Ceará”. No final de 1925 o resultado apontava Rodolfo Teófilo em terceiro lugar (oito votos), atrás apenas de Gustavo Barroso (76 votos) e Antônio Sales (49 votos).²⁹²

Uma certa unanimidade reinava na imprensa. O valor intelectual e moral de Teófilo jamais seria posto novamente à prova – guinada na qual ele próprio, conforme vimos, teve participação ativa. Um exemplo disto pode ser visto na visita do presidente Washington Luís ao Ceará e em seu encontro com Rodolfo Teófilo.

Desmentindo rumores de que o presidente teria ficado “mal impressionado” com alguns artigos do farmacêutico, o *Diário do Ceará* afirmava que “Nada disso aconteceu”, garantindo que Washington Luís recebera Teófilo em “audiência especial” – ocasião em que foi apresentado ao “grande benfeitor do Ceará”:

Rodolfo Teófilo nessa ocasião ofereceu ao Dr. Washington Luís dez volumes de sua lavra, cinco livros sobre as secas, um sobre varíola e vacinação, *Reino de Kiato*, *Sedição de Juazeiro*, *Memórias de um engrossador* e *Libertação do Ceará*.

Por sinal, neste último uma dedicatória mais ou menos assim: “Ofereço este livro pra que nele conheça a nefanda oligarquia que durante vinte anos prejudicou o Ceará”.

Antes de retirar-se, o Dr. Washington Luís fez expressiva carta a Rodolfo Teófilo agradecendo pela oferta dos livros.²⁹³

O referido episódio levou-me a refletir sobre como Teófilo traçava estratégias para a divulgação de suas obras (e por conseguinte dos próprios feitos) mediante a imprensa e pela criação de laços de sociabilidade com outros

²⁹² *O Povo*, Fortaleza, 14/11/1928. No mesmo ano a revista *Fanfarra* exibia uma caricatura de Teófilo perfilado junto a várias de suas obras e uma garrafa de cajuína, acompanhada da seguinte legenda: “mestre Rodolfo afamado e valente publicista que hoje faz o apostolado da campanha anti-alcoolista. Se lhe permitisse o fado seu Rodolfo intemerato transformaria esse estado no feliz Reino de Kiato”. (apud SOMBRA, op. cit. p. 227).

²⁹³ *Diário do Ceará*, Fortaleza, 10/08/1925. p. 2.

intelectuais, além do trânsito político entre autoridades. Afora procurar diretamente tais pessoas, Teófilo também usava a própria pena na confecção de várias cartas. Como notou Waldy Sombra, sua atividade epistolar envolvia ministros, autoridades, desafetos, familiares, entre outros, o que, em meu juízo, acabou constituindo importante ponto de compreensão para a consolidação de sua memória social em vida.²⁹⁴

Conferindo o caráter de produtor de memória aos jornais da época é que pude perceber sua importância enquanto “plasmadores” de uma determinada memória sobre Rodolfo Teófilo,²⁹⁵ contribuindo para a naturalização de sua biografia e de sua produção escrita, como fica patente no artigo “Alma de santo”, publicado em setembro de 1926 por ocasião de seu retorno ao sítio na Pajuçara:

Grande e proveitosa vida a desse homem notável, cidadão benemérito da pátria como foi denominado em lei pelo Congresso Nacional. Desde muito moço o desejo de fazer o bem ao próximo meteu-lhe na cabeça com intensidade tal que ele mesmo explica como uma verdadeira doença, a qual lhe obriga a minorar o infortúnio alheio obedecendo a mesma força inelutável que faz que outros furem, joguem ou bebam! Bendita doença aquela!

E quantas canseiras, desgostos e prejuízos através da vida lhe têm custado essa nevrose do bem que o empolga? Perseguições mesquinhas, invejas revoltantes, ingratidões dolorosas [...] ele sempre impávido a caminhar como um herói.

Volta a Pajuçara Rodolfo a gozar seu merecido repouso na vida do campo que ele se apraz. E sabem os leitores quantas vidas salvou este homem apóstolo do bem, sozinho, desajudado e às vezes combatido, desde a

²⁹⁴ Apud SOMBRA, op. cit. p. 120.

²⁹⁵ A imprensa continuava a exercer importante papel no sentido de consolidar determinada memória social de Teófilo para seus contemporâneos, revelando o quanto este tipo de problemática deve enfatizar “disputas e lutas que marcam a produção social da memória considerando a imprensa um dos lugares privilegiados para a construção de práticas de memorização do acontecer social [...] Estes são aspectos importantes a considerar quando lançamos mão sobre o passado e esquecemos de investigar os significados dos silêncios e omissões ou sua loquacidade sobre algumas temáticas. Ou seja, é preciso indagar sobre o modo como os jornais constituem formas de olhar o acontecido e fixar uma versão entre outras possíveis”. (FENELON, Déa Ribeiro. Introdução—Muitas memórias, outras histórias. In: _____ et al (Orgs.) *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d’Água, 2004. p. 16, 26).

sua mocidade até hoje, a sua lanceta imunizou da varíola? Para mais de 50 mil pessoas registradas nos seus arquivos.²⁹⁶

Convencido de que a própria trajetória biográfica pudesse servir como material para reflexão intelectual e moral, Teófilo inicia a escrita em 1926 de seu segundo grande trabalho memorialístico: o livro *O caixeiro*, publicado no ano seguinte. A obra rememora as vivências do jovem Rodolfo, enaltecendo sua obstinação em suplantar a obscuridade social mediante o letramento – esforço que vai conduzindo o leitor à reverência do caixeiro que se tornou um profissional diplomado e orgulho das letras locais.

O Caixeiro foi escrito em 1926, oportunamente em meio aos festejos e celebrações pelos 35 anos de fundação da associação Fênix Caixeiral²⁹⁷ – instituição que o homenageara em 1908 com o título de sócio benemérito e cujos antecedentes teriam sido testemunhados pelo próprio Rodolfo. Ao final desta obra Teófilo descreve a classe caixeiral como “uma classe de escravos que o tempo redimiu no espaço de meio século”, e que se consolidava como:

Uma associação que impõe leis, querendo. O caixeiro hoje, o antigo criado de servir, com as mesmas regalias das praças do pret do nosso glorioso exército nacional faz parte do governo da cidade e tem seu feriado nacional. Tem férias marcadas por lei. O dia em que nasceu a Fênix também é feriado. Tem um banco comercial e funciona a sociedade em um palácio. Além disto, recebe uma subvenção do governo federal, que é muito bem aplicada, mantendo para seus associados aulas de preparatórios e uma escola de comércio, que dá anualmente alguns guarda-livros. A Fênix hoje é uma potência! Seus sócios, mais de mil, sabem manejar as armas e quem seria capaz de fazê-los passar pelas humilhações que nós passamos! São os tempos que se vingam uns dos outros.²⁹⁸

²⁹⁶ Diário do Ceará, Fortaleza, 06/09/1926. p. 3.

²⁹⁷ Cf. GONÇALVES, Adelaide; FUNES, Eurípedes. No tempo em que Rodolpho Theóphilo era caixeiro. In: TEÓFILO, *O caixeiro*.

²⁹⁸ TEÓFILO, *O caixeiro*. p. 67-68.

Habilmente Teófilo aproveita as comemorações do aniversário da associação de caixeiros para vincular seu passado de modo honroso à profissão caixeiral que havia conquistado notoriedade e respeito dentro da sociedade. De certa maneira, a narrativa de seu livro *O caixeiro* faz um paralelo entre a sua trajetória vitoriosa e a de uma categoria que também conquistara respeitabilidade. Além disso, de certa forma ele permaneceu ligado à categoria caixeiral através do exercício de sua profissão de farmacêutico; portanto, ao mesmo tempo em que relembra, suas reminiscências constroem relatos que ganham contornos de rituais de passagem.

Além do valor desta obra enquanto testemunho da experiência de um sujeito socialmente localizado, importante para fornecer indícios sobre as vivências de outros indivíduos dentro das relações de trabalho em Fortaleza no final do século XIX, penso que mais uma vez Teófilo procura através de sua escrita memorialista consagrar sua história de obstinação e superação de percalços; espécie de “preparação” para o maior de todos os desafios, a campanha de vacinação contra a varíola; caminho para edificação de seu caráter e anunciador profético das provações que enfrentaria.

Teófilo narra as dificuldades de uma rotina extenuante: trabalhar de dia e estudar a noite, um cotidiano que o jovem caixeiro levaria ainda por cerca de dois anos.

De acordo com suas próprias memórias Rodolfo Teófilo entrou na profissão de caixeiro aos 16 anos; nada de estranhar, observando os vários anúncios em jornais que solicitavam “caixeiro de menor idade” com prática em comércio, sendo a faixa etária exigida em torno de 12 a 14 anos.²⁹⁹ Como já foi dito, Teófilo rememora este período de modo peculiar: tratando-o como uma espécie de “purgatório” onde vivenciara várias sensações como vaidade, egoísmo e altivez, numa narrativa que ruma para a consagração biográfica.

Nas lembranças de Rodolfo o “criado de servir”, ou seja, o caixeiro aparece numa posição subalterna da sociedade. Teófilo chega a compará-lo depreciativamente com o escravo, de modo que este rebaixamento apenas serve

²⁹⁹ *O Cearense*, Fortaleza, 19/08/1865. p.03

para realçar a projeção social alcançada pelo autor no momento em que exerce a lembrança e a escrita.

A rotina exaustiva de caixeiro começava às cinco horas da manhã e englobava da limpeza da loja à pesagem de fardos de algodão, até serviços de pagamentos dos outros empregados. Esta experiência teria servido, lembra Teófilo, para aumentar o sofrimento de seu “altivo gênio de adolescente”. Este ferimento em seu “ego” teria sido levado ao paroxismo durante uma recepção ao governador Diogo Velho, na qual Teófilo ficaria encarregado de vigiar a mesa dos doces – tarefa que diante, das circunstâncias, ele afirma ter gerado uma miscelânea de pensamentos:

Nesta fatiota me senti revoltado e, sobretudo, ridículo. Tive ímpetos de abandonar a casa; mas o meu gênio afetivo, o meu grande amor à família, de quem eu era o único amparo, pois meu pai morrera e nos deixara paupérrimos, prenderam-me àquele posto de sacrifício. Era uma provação dura aquela. [...] Lembrei-me de meu pai e de minha mãe, ambos mortos na flor dos anos! Se do além se vê o que se passa neste mundo, se os espíritos têm consciência do que se passa aqui, meus pobres pais deviam estar consternados com minha humilhação.³⁰⁰

A escrita passa a assumir feições heróicas, a exemplo do que havia acontecido em Maranguape anos antes, durante a epidemia. Rodolfo Teófilo teve que superar grandes dificuldades em nome do altruísmo, com um diferencial – ele agora remete a outros fatores de motivação: a vaidade e o amor-próprio. Valores que possivelmente foram inculcados pela educação familiar, mas que Teófilo durante o decorrer de sua vida passou a cultivar, como veremos adiante.

Voltemos à narrativa de Rodolfo Teófilo. Em meio aos pensamentos que traziam tantas emoções perturbadoras, ele relata que a sensação de mal-estar aumentaria com a chegada de alguns ex-colegas de Ateneu:

³⁰⁰ TEÓFILO, *O caixeiro*. p. 12, 16.

Vendo-os baixei os olhos rasos de lágrimas. Não era inveja que sentia; tal sentimento nunca achou guarida em meu espírito. Um desconforto me aniquilava, um sentir estranho que não sei definir. Comparei-me aos meus antigos colegas e vi-me em plano tão inferior a eles pela injustiça dos homens.³⁰¹

Em um momento posterior Sales Campos, um dos colegas, teria reconhecido Teófilo e lhe dado um afetuoso abraço, causando uma emocionada reação: “Não sei o que senti recebendo aquela prova de fraternal estima! Minha mágoa parecia serenar. Já não estava tão desamparado. Havia ali corações amigos que pulsavam por mim!”.

Este tipo de matriz discursiva apresenta-se freqüentemente em várias obras de Rodolfo Teófilo: o homem que luta contra todas as dificuldades, valendo-se do amor-próprio como instrumento gerador de perseverança, traduzindo uma busca incessante pelo seu reconhecimento perante os seus contemporâneos, ou, conforme foi visto, perante a posteridade.

É diante deste cenário que Teófilo afirmou perceber no livro a sua libertação, mesmo com a oposição dos patrões que não desejavam ter em seus quadros um “caixeiro-doutor”. A oposição dos patrões teria levado Rodolfo a ser inclusive penalizado pelos mesmos, fato que provocou sua pronta reação, pois: “Os fatos conspiravam contra mim; mas eu os venceria. Espírito combativo desde os verdes anos, meti-me na luta sem esmorecimentos”. Novamente a escrita da memória aponta para os leitores a origem da vocação de Rodolfo Teófilo para superar os grandes desafios.

Ainda como caixeiro Rodolfo narra o tratamento recebido pela filha do presidente da província, pela qual ele havia se apaixonado. Teria sido um novo golpe no jovem, a ponto de sacudir-lhe “os nervos”, chegando a desacatar a senhorita em questão, sendo inclusive ameaçado com a convocação para a Guerra do Paraguai.

³⁰¹ Ibid. p. 17.

Por ocasião de uma viagem a Pacatuba, promovida pela firma que o empregava, ele percebeu que fazer parte desta comitiva poderia ser útil à sua “ vaidade de adolescente e anônimo ”.

Contudo, a realização da viagem não traria melhores dias a Teófilo. Sentiu-se desprezado durante o trajeto, pois “ Todos montaram sem se lembrarem do desclassificado companheiro que ficava ”. Além disso, Rodolfo reclamaria do fato de que, embora o ilustre Dr. José Lourenço (presente na comitiva) tivesse sido amigo de seu pai, ele precisou se comportar como um anônimo, chegando inclusive a contornar desaforos: “ Acostumei-me desde moço a dominar-me, eduquei minha vontade ”. Rodolfo revelava a profunda insatisfação com a falta de reconhecimento e com seu anonimato social.

Não obstante a frustração causada pela viagem, ele afirmava que estava “ cada vez mais convencido sobre o valor do estudo: “ só o livro me libertaria ”.

De acordo com seu relato, a renda como caixeiro aumentava sensivelmente a cada ano, de modo que no sexto e último ano, na função de empregado nas compras de algodão, teria chegado a faturar quinhentos mil-réis. Ainda assim ele não estaria satisfeito e em nome de suas necessidades financeiras ousaria uma nova empreitada: uma fábrica de tintas para marcar as sacas de algodão.

De acordo com Teófilo, a empreitada foi um sucesso. A fábrica concorrente que funcionava no bairro Outeiros faliu, enquanto os proventos por ele alcançados variavam entre cinquenta e sessenta mil-réis por mês. Tal êxito, no entanto, não apagou a idéia de procurar na vida letrada uma projeção social que pudesse satisfazer suas necessidades de auto-estima e vaidade, afinal “ desde moço tive uma opinião – só escrever debaixo de meu nome ”.³⁰²

Rodolfo Teófilo utiliza-se de sua escrita para apresentar ao leitor a trajetória biográfica de um obstinado. Em sua escrita de si ele rememora e

³⁰² Ibid. p. 61. A referência citada é importante, pois evidencia o repúdio de Rodolfo Teófilo pela escrita anônima, já comum na época em que ele era caixeiro. O desprezo devotado por ele a este tipo de escrita era uma crítica direta aos pasquins ligados à oligarquia Accioly, recorrentemente utilizados para atacar oposicionistas.

consagra o próprio passado, considerando-o como a fonte para compreensão de sua personalidade e de sua benemerência. A sua infância penosa, a sua adolescência humilhante e seu trajeto pessoal em busca do reconhecimento são revelados pelo próprio Teófilo em vários trechos de suas memórias.³⁰³

Rodolfo chegou a escrever, que se continuasse na vida de caixeiro, estaria “completamente aniquilado” e,

Se ficasse ali perderia no correr do tempo até o nome da família e teria o nome da casa em que estava alugado. Casar-me-ia não com a filha do patrão, mas com uma desclassificada como eu, e hoje, vegetariana, talvez carregado de filhos em uma humilde casinha!

Grandes seriam as revoltas que teria a minha índole altiva mergulhando nesse triste anonimato!

Assim bendigo hoje no meu plácido retiro, no gozo inefável da consciência de não ter sido um inútil, de ter dado os melhores dias a esta minha muito amada terra, bendizendo os que procuravam humilhar-me, elevaram-me até onde podia chegar a minha capacidade intelectual.

Eu os perdôo pelo bem que fizeram a mim e indiretamente ao meu Ceará.³⁰⁴

³⁰³ Como asseverou Elias: “Para se compreender alguém, é preciso conhecer os anseios primordiais que este deseja satisfazer. A vida faz sentido ou não para as pessoas, dependendo da medida em que elas conseguem realizar tais aspirações. Mas os anseios não estão definidos antes de todas as experiências. Desde os primeiros anos de vida, os desejos vão evoluindo, através do convívio com outras pessoas, e vão sendo definidos gradualmente, ao longo dos anos, na forma determinada pelo curso da vida; algumas vezes porém, isto ocorre de repente, associado a uma experiência especialmente grave. Sem dúvida alguma, é comum não se ter consciência do papel dominante destes desejos. E nem sempre cabe à pessoa decidir se seus desejos serão satisfeitos, ou até que ponto o serão, já que eles sempre são dirigidos para outros, para o meio social. Quase todos têm desejos mais profundos impossíveis de ser satisfeitos, pelo menos no presente estágio de conhecimento”. (ELIAS, Norbert. *Mozart: sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995. p. 13).

³⁰⁴ TEÓFILO, Rodolfo. *O caixeiro*. Edição fac-sim Fortaleza: Museu do Ceará/secretaria da cultura, 2002. p. 70. “Ouviste o que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem” (MATEUS 8, 43-44). “Contudo Jesus dizia: Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem”. (LUCAS 33, 34). Assim como nesta passagem, várias outras presentes na escrita de Rodolfo Teófilo sugerem que a leitura da Bíblia pode ter fornecido certos *topoi* presentes nas matrizes discursivas de suas narrativas. Além disso, estas narrativas adquirem, por vezes, feições muito próximas de uma escrita hagiográfica.

Geralmente a anamnese serve para confirmar uma vocação específica; no caso de Rodolfo Teófilo, a do obstinado que suplanta todos os estorvos rumo à consagração social, ressaltando assim o caráter seletivo destas recordações.³⁰⁵

Esta operação de seleção que medeia os processos mnésicos ajuda a compreender os silêncios do sujeito que recorda: se por um lado Teófilo lembra de seu passado de estudante e caixeiro, não deixou nenhuma reminiscência sobre sua vida acadêmica, dificultando, ainda que não impedindo, a obtenção de informações sobre suas leituras e sua formação intelectual, conforme comentado anteriormente.

³⁰⁵ CATROGA, *Memória, história e historiografia*.

3.3. HOMENAGENS, ANIVERSÁRIOS E ESTÁTUAS

Além da documentação oficial e dos próprios livros, existia uma outra importante máquina escriturária que servia como fonte produtora de memória sobre Rodolfo Teófilo: a imprensa da época.³⁰⁶

O próprio Meton de Alencar lamentou que vários periódicos houvessem rejeitado seus artigos contra o “benemérito”, evidenciando o quanto a imprensa local, salvo exceções pontuais, estava em comunhão com uma imagem naturalizada do altruísmo de Teófilo: “Recusados que foram meus artigos por um sentimento todo piedoso de amizade para com o Sr. Rodolfo Teófilo, não mais recorri a outros jornais e resolvi reuni-los no presente folheto”.³⁰⁷

Findaram-se os tempos em que jornais governistas como *A República* e *O Tempo* bramiam contra os dotes humanitários e intelectuais do farmacêutico. Em movimento contrário, por anos a fio, os noticiosos contribuiriam para ratificar as próprias memórias do farmacêutico, constituindo assim uma outra fonte para a produção da memória de Rodolfo Teófilo como benemérito.

Fundado no início dos anos 1920 o jornal *Diário do Ceará* era vinculado a elementos do Partido Republicano Democrata (antigo Partido Republicano Liberal), o que não impediu de manter em seus quadros editoriais uma equipe eclética formada por nomes como Manoel Sátiro, Sebastião Azevedo, Hermenegildo Firmeza, entre outros. O periódico foi durante anos um dos mais importantes cristalizadores da benemerência de Teófilo, além de espaço para artigos e poemas do farmacêutico.

Em 1925 o *Diário do Ceará* encarregou Antônio Sales (ex-padeiro e amigo pessoal de Rodolfo) de realizar uma breve biografia de Teófilo, sob o título “Um jubileu” em alusão ao cinquentenário de sua formatura. O poeta afirmara que:

³⁰⁶ A imprensa enquanto fonte para o historiador deve ser problematizada como um “Discurso plástico produtor de memória e conseqüentemente, constituinte / instituinte do viver contemporâneo: a considerar a imprensa espaço articulador de projetos políticos e formador de opinião, e também que desnudar sua pretensa universalidade passa decifrar o jogo de linguagem por meio do qual produz memória”. (RIBEIRO, op. cit. p. 10).

³⁰⁷ ALENCAR, op. cit p. 5.

“Tendo revelado desde a infância notáveis aptidões intelectuais, não lhe foi possível, contudo, dedicar-se regularmente aos estudos por falta de recursos pecuniários e foi obrigado a ganhar a vida como empregado do comércio”. O trecho enfatiza o duplo aspecto da obstinação de Rodolfo Teófilo, que suplantara as limitações financeiras e intelectuais tornando-se um referencial das letras nativas. Tal tematização reapareceria na própria escrita de Teófilo através de um livro escrito no ano seguinte: *O caixeiro*.(1926).

Após saudar a fecunda produção literária de Teófilo, Sales esclarece que Teófilo sempre foi:

Estranho às lutas partidárias. Mas nunca diferente à sorte de seus conterrâneos, foi um dos mais prestimosos e ferozes combatentes da odiosa tirania que por longos anos espoliou nossa terra.

Ultimamente velho e alquebrado, mas com cérebro ainda ardente e coração cheio de bondade está fazendo intensa propaganda contra o alcoolismo e outros males que infelicitam nossa população.³⁰⁸

Evocando o passado de uma militância política apartidária exercida mediante a letra, o jornal revela que, não obstante tantos feitos incorporados à trajetória pessoal, o nome de Teófilo ainda era alvo de ignominiosas calúnias:

A despeito dos invejosos e dos perversos que têm tentado inutilmente conspurcar suas glórias, cerca-o a admiração, o respeito e a gratidão dos seus conterrâneos e fora daqui seu nome é pronunciado com maior respeito e animação, tendo o Congresso Nacional, na lei que manda dar seu nome a um vacinogênio a fundar-se em Fortaleza, o denominando de Cidadão benemérito da Pátria.³⁰⁹

Os “perversos” em questão podem ser identificados na figura de Meton de Alencar (que publicara poucos meses antes sua obra contra Teófilo) e outros remanescentes do acioloismo agrupados principalmente no *Jornal do Comércio*. A

³⁰⁸ *Diário do Ceará*, Fortaleza, 20/12/1925. p. 3.

³⁰⁹ Id.

ofensiva de Meton de Alencar fora publicada em 1923, enquanto alguns meses depois a dita folha disparava contra livros científicos da lavra do farmacêutico:

Rodolfo Teófilo só faz jus a figurar em uma campanha que se faça contra os milagreiros e curandeiros em conjunto destruindo a todos em bloco, demolindo esses ídolos de barro alicerçados na incultura e incredulidade das multidões sertanejas.

Só por este lado como trabalho de profilaxia mental se pode ver a utilidade no presente escrito, porém representa norma demasiada à desinteressante personalidade, cujo autor nos oferece nas suas palavras.

Como pseudocientista, Rodolfo Teófilo é um caso de polícia sanitária e como beletrista é um ignorante.³¹⁰

À revelia destes ataques esparsos, o início da década de 1920 testemunhava que, não obstante a idade avançada, Teófilo seguia envolvendo-se em projetos intelectuais e sociais que acabaram contribuindo para solidificar sua reputação de benemérito cearense.

A imprensa cearense tentou construir certos campos de memória sobre a benemerência de Rodolfo, como ficou patente em janeiro de 1927, quando a notícia da existência de um varioloso na capital serviu como mote para a crítica do Serviço de Profilaxia e encômios para Teófilo:

O Ceará sempre teve um nome titular a protegê-lo contra a terrível bexiga – Rodolfo Teófilo, esse homem glorioso que resume em si uma grande obra de benemerência à humanidade e amor ao Ceará. [...]

O velho lutador hoje não poderá mais tomar parte no combate. A sua idade avançada obriga-o a um repouso merecidíssimo, para quem, como ele, levou uma vida inteira de lutas e trabalhos.

Quando no ano passado a varíola entrou em Fortaleza, Rodolfo Teófilo num grande esforço abandonou o seu retiro e veio vacinar o povo, desenvolvendo o trabalho de que todos foram testemunhas [...]

³¹⁰ *Jornal do Comércio*, Fortaleza, 04/08/1924. p. 2

Os relatórios oficiais consignam que o trabalho foi daquele a quem cabia o dever de dirigi-lo e executá-lo, mas não faz mal que o pavão se enfeite com as penas dos outros, pois só para isso ele há de servir.³¹¹

A defesa apaixonada de Rodolfo Teófilo pela imprensa, em especial pelo *Diário do Ceará*, não se limitava às querelas humanitárias envolvendo o farmacêutico, mas englobava também linhas de apologia sobre seu valor literário e intelectual:

Quando o homem tem em realidade muito do seu, de nada valem as arremetidas capciosas e de nada o bisturi enferrujado com que se compreenda cortar-lhe o mérito.

Não será o apego desproporcionado às corriqueiras regras da gramática, apego tão intenso que chega a ser ridículo, de críticas gratuitas, que empane o brilho das inteligências privilegiadas, o fulgor de um talento posto ao serviço do berço que o viu nascer.

Os grandes homens são grandes, sobretudo pela imaginação construtora de seu espírito e tornam-se maiores se bem dedicam aos altos problemas da raça: já procurando aperfeiçoar-se nos embates agônicos contra as abruptas epidemias já retratando no seu estoicismo ingênito, na coragem férrea dos tempos adversos. [...]

Evocando o nome venerando de Rodolfo Teófilo ninguém sabe o que mais admire: se a filantropia imensa que o caracteriza, se o valor intelectual indígena de suas obras.³¹²

O artigo segue enaltecendo o patriotismo de Teófilo, seja na tarefa de “imunizar seus patrícios” ou na escrita de sua “literatura-denúncia”, obras que revelam-no:

Infenso a esse purismo exagerado da língua que de tão puro aparta às vezes pelo meio a espontaneidade de uma frase no desejo tão e só de deixar à

³¹¹ *Diário do Ceará*, Fortaleza, 28/01/1927. p. 3.

³¹² *Diário do Ceará*, Fortaleza, 17/09/1928. p. 2.

humanidade, de deixar aos povos daqui e d'além daqui com os recursos de seu talento a cópia fiel de uma gleba castigada pelas intempéries das estações, mas onde habita uma gente indômita, capaz de arcar com a própria natureza.³¹³

O articulista encerra sua argumentação revelando que o escritor norte-americano Charles Evens teria pedido autorização para traduzir para o inglês o livro *História da seca do Ceará*, confirmando o brilho intelectual de Teófilo, alcunhado “Operário de São Patriotismo” cuja memória seria “indelével no coração de todas as futuras gerações”.³¹⁴

Semanas depois o jornal *Gazeta de Notícias* tornava a publicar linhas laudatórias ao farmacêutico:

Rodolfo Teófilo não é um vulto que precise das armas dos cabotinos para se fazer admirado.

Os seus livros receberam as melhores críticas e outra coisa não se podia esperar de quem foi movido tão-somente pelo patriotismo. A sua ação, incansável e filantrópica, ao tempo das terríveis secas que assolaram o Ceará, é um padrão de glórias que poucos podem orgulhar-se de ter obtido.

Tipo do verdadeiro herói sem estardalhaços e sem chamar as atenções para a sua pessoa, Rodolfo Teófilo fez obra de um grande amigo dos seus conterrâneos vitimados pela varíola.³¹⁵

O artigo prossegue citando os elogios que o pedagogo paulista Lourenço Filho teria feito a Teófilo através da imprensa carioca, reiterando que “Rodolfo Teófilo tem valor e aquele que possui não deixará jamais de receber as homenagens a que faz jus”.

Ainda no mês de junho daquele ano de 1929, outro jornal, *A Razão*, publicava a seção “Florilégio”, criada para “justas homenagens” a pessoas que se

³¹³ Id.

³¹⁴ Id. Em janeiro do mesmo ano o periódico *O Ceará* publicava a caricatura de Rodolfo Teófilo (surgida em 1925) na seção “Figuras cearenses”.

³¹⁵ *Gazeta de Notícias*, Fortaleza, 21/05/1929. p. 4.

notabilizaram nas mais diversas áreas e prestando os mais variados serviços à gleba cearense, assim referindo-se ao farmacêutico:

É assim que seus atos traem um grande coração guiado por uma luz sobrenatural que não é mais do que “a presença de Deus na consciência” segundo a opinião do emotivo e delicado Rubens Dario.

É o Tolstoi cearense, vejamo-lo agora como escritor. [...]

O nome de Rodolfo Teófilo está consagrado para sempre em livros admiráveis como *Os brilhantes*, *Violação*, *No reino de Kiato*, *Maria Rita*, *A fome* e tantos outros, é enormíssima a sua bagagem literária.

la me esquecendo de dizer que nenhum homem de poucos recursos como ele o terá sobrepujado na prática da caridade.³¹⁶

Lamentando a ausência de sentimentos de gratidão e afetividade para com os grandes homens no Ceará, o articulista Euclides César afirma que em sua terra a inveja se propagava como uma epidemia:

O que predomina é o regime dos petardos e da lapidação em vida dos mais valiosos elementos de nosso meio social. Só mesmo no Ceará um homem da enfiatura de Rodolfo Teófilo permaneceria no ocaso da vida, no leito de enfermo seus derradeiros dias sem ter à sua porta cotidianamente uma romaria de admiradores desinteressados.

Felizmente esse triste exemplo não pegou em outros estados da Federação. Não se alastrou por outras regiões onde existem o cooperativo e a solidariedade, e onde se procura render culto aos homens bons.

Só no Ceará.³¹⁷

No final dos anos 1920 um último esforço de memória pareceu mobilizar a escrita de Rodolfo Teófilo. Durante décadas ele tinha dedicado muitas e muitas linhas a respeito de sua atuação como benemérito e literato, cronista das secas e ícone da literatura regionalista; mas por outro lado não havia deixado nenhum livro

³¹⁶ *A Razão*, Fortaleza, 26/06/1929. p. 5.

³¹⁷ *Id.*

sobre seu papel na campanha abolicionista cearense, na qual, de acordo com várias fontes, ele teria tomado parte ativa. O próprio governo imperial na época lhe concedeu uma importante comenda, homenageando-o por seus préstimos humanitários. A participação na abolição do elemento servil no Ceará teria lhe rendido importante reconhecimento social que, não obstante, tinha sido posta em dúvida em 1923 por seu desafeto Meton de Alencar:

Já vimos longamente a manifestação de paranóia do ilustre escritor com relação às letras e à vacina. Vejamo-la agora como abolicionista. Esta última feição é recente.

Longos anos se passaram sobre essa cruzada santa sem que o Sr. Rodolfo Teófilo reclamasse a mínima parcela de glória [...] é que ele esperava prudentemente que desaparecesse a geração coeva daquele brilhante movimento para depois poder apresentar-se como credor da gratidão pública sem ter quem lhe opusesse embargos.³¹⁸

Meton afirma ainda que teria pesquisado em vários jornais e verificado que Teófilo aparece uma única vez como autor de um poema sobre a abolição, mas que ainda assim o farmacêutico se colocava como pioneiro, chegando do alto de sua vaidade a negar até mesmo a importância do “Dragão do Mar”: “Creio mesmo que este [isto é, Rodolfo Teófilo] nunca fez outra coisa pela abolição dos escravos sem contar em versos ruins, que ele desprezou, os feitos grandiosos dos abolicionistas cearenses”.³¹⁹

O tema da abolição no Ceará, ou melhor, das disputas de memória acerca dela parecem ter encontrado terreno fértil nesse período, não apenas pelas acusações de Meton de Alencar, mas por vários debates travados na imprensa neste período, colóquios que iriam mobilizar a pena de Teófilo.

No início de abril de 1929 um artigo assinado por Júlio César da Fonseca Filho era publicado na *Gazeta de Notícias*. Intitulado “Uma resposta ao Sr. Rodolfo Teófilo”, o artigo rebate acusações de Teófilo a respeito de sua

³¹⁸ ALENCAR, op. cit. p. 127.

³¹⁹ Id.

participação no movimento, aproveitando para disparar contra uma possível autopromoção do farmacêutico:

Não sei explicar o seu modo peculiar e engenhoso de medir as alturas.

Sei e muitos sabem que às vezes olhando para seus atos é macroscópico, tudo é grande e para os outros é microscópico, tudo é pequeno.

Quero mostrar ao Sr. Rodolfo Teófilo eu ele cometeu a máxima injustiça – uma inverdade. Pondo-me fora das falanges abolicionistas, como um indesejável dando assim provas de um historiador às avessas ou de um narrador pouco escrupuloso. [...] sem o devido exame confundindo a imparcialidade indefectível e o discernimento austero do historiador com as burlas do historiador de conversa fiada [...]

Feriu-me profundamente a alma, magoou-me em extremo a carta aberta do Sr. Rodolfo Teófilo, agressiva, pungente e filauciosa, desentoando assim a missão augusta e apostolar da história, erário de verdades e jamais de mendigos de favores e benemerências. [...]

Não desejo ser abolicionista à laia de Psaphon com seus papagaios.

Psaphon desejava ter honras divinas para merecê-las e ensinou um grande número de papagaios a dizerem: Psaphon é um deus. E um dia foram soltos por todas as partes repetindo: Psaphon é um deus. E realizou seu desejo.

É mitologia, não há dúvida. Mas em nossa sociedade não são raros os Psaphons de diferentes espécies e os papagaios são legiões.

Formam-se assim reputações geniais, poetas, tribunos, jurisconsultos, estadistas, historiadores, cientistas [...]

Ponto final e silencio. Imobilizo a minha pena há muito enferrujada e derramo a minha tinta já muito diluída. Volto à minha caverna de anacoreta para entregar-me à meditação tristíssima sobre os nossos homens e as nossas coisas que não podem fugir do terrível juízo final da história.³²⁰

³²⁰ *Gazeta de Notícias*, Fortaleza, 06/04/1929. p. 1, 2.

O mesmo jornal dias depois publicava outra carta aberta, desta vez reclamando do esquecimento social a que estavam relegados os heróis da cruzada abolicionista (reiterando as queixas de Teófilo realizadas anos antes): “Mergulhados num silêncio quase igual ao que pesa sobre seus companheiros que ainda vivem, quem se lembrará de visitar hoje e como homenagem ao seu grande feito levar-lhes flores para enfeitar as lápides? Ninguém”. O articulista enumera entre vários batalhadores da causa abolicionista o nome de Rodolfo Teófilo.

Teófilo continuava a defender seu papel de ativo abolicionista histórico, escrevendo nos jornais e polemizando com outros intelectuais. Ele querelou com Eusébio de Sousa e o Instituto do Ceará acerca do pioneirismo de Pacatuba no processo abolicionista cearense, como revela um ata do referido Instituto do dia 5 de fevereiro de 1930:

A seguir Eusébio de Sousa levou ao conhecimento da casa que recebera uma carta do conhecido escritor, farmacêutico, Rodolfo Teófilo, sócio honorário do Instituto opondo contestação à afirmativa que fizera em seu artigo intitulado “A primeira cidade livre do Império”, inserto na *Gazeta de Notícias* de janeiro de 1930 de ter sido o Icó a primeira cidade do Ceará a declarar libertos seus escravos, pois o fizera em 25 de março de 1883. Dizia a carta que a prioridade do fato cabia a Pacatuba que redimira seus cativos no dia 2 de fevereiro do citado ano. A contestação não é cabível, prosseguiu o Dr. Eusébio de Sousa.

Toda gente sabe que Pacatuba era vila em 1883 e só pela lei provincial n. 2.167 de 17 de agosto de 1889, foi erigida em cidade. Nem mesmo como vila cabe a Pacatuba a prerrogativa de encabeçar o movimento abolicionista porque a primeira vila da então província do Ceará a abolir a o cativo foi Acarape que o fez em 10 de janeiro de 1883, colhendo desse modo para si a glória imorredoura de ter sido a primeira localidade do Império brasileiro a redimir o opróbrio da escravidão os filhos da raça negra.

O Barão de Studart tomou a palavra e disse na qualidade de representante do Centro Abolicionista, de que fora um de seus diretores,

tomara parte nos festejos com que o entusiasmo popular solenizara, em Pacatuba, o dia de 2 de fevereiro de 1883.³²¹

Fica evidenciado que as polêmicas entre os letrados sobre a memória do movimento abolicionista no Ceará também mobilizaram a escrita de Teófilo perante a opinião pública e seus pares intelectuais, afinal, como já foi dito, ao contrário de outros eventos em que tomara parte, ele não deixara nenhum livro escrito sobre este assunto, ele que tomara parte ativa no processo abolicionista em Pacatuba.

A imprensa cearense não hesitava em colocar o nome de Teófilo ao lado dos grandes abolicionistas, como fica evidente no artigo “Preito aos heróis”, divulgado em março de 1930. O texto noticia a iniciativa da Instrução Pública do Ceará de organizar visitas de estudantes (“futuros homens”) aos “Sobreviventes daquela grande e inesquecível cruzada que valeu para o Ceará o glorioso cognome de terra da luz”, servindo para “suavizar os dias que restam a esses varões denodados”. O jornal relata uma dessas visitas estudantis:

Em casa de Rodolfo Teófilo, aquela alma de santo em corpo de guerreiro incansável que agora ainda escreve mais um livro, trava-se animada palestra e aos jovens foi mostrado o quanto de admirável houve na conquista de 1884 com descrição de cenas de intensa emoção, que eles ouviam plenos de admiração por aqueles que lhe deram todo o denodo de sua coragem e a cooperação de suas forças.³²²

Esse reconhecimento de Teófilo como abolicionista histórico, somado a suas vivências, dava-lhe o poder de deliberação devidamente autorizado sobre a temática, especialmente quando ele passa a evocar sua presença testemunhal como referencial para pronunciar-se sobre o assunto.

Embora não tivesse nenhuma obra publicada sobre o assunto, Teófilo anunciava que uma história da abolição estava a caminho. Enquanto essa obra

³²¹ Atas das sessões do Instituto do Ceará. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, t. 45, 1931. p. 243-245.

³²² *Diário do Ceará*, Fortaleza, 26/03/1930. p. 2.

não fosse concluída (tal livro, no entanto, nunca seria publicado), ele usava as páginas dos jornais para defender sua posição nesses embates. No dia 4 de maio de 1930 um artigo de sua pena abordava o tema: intitulado “Abolição no Ceará: um herói esquecido”, apresentava um Teófilo cujas lembranças lúcidas serviriam como brado contra o esquecimento dos heróis da cruzada abolicionista:

É preciso enquanto são vivos os grandes generais da abolição do elemento servil no Ceará, João Cordeiro, João de Amaral, João Carlos Jatahy, Isaac Amaral cujo testemunho será insuspeito tratar-se de algumas figuras que tomaram parte no movimento, umas que o tempo vai dando que não tiveram outras que de todo apagou.

Entre as figuras esquecidas vou ocupar-me do Liberto José Napoleão.³²³

Teófilo celebra a memória dos abolicionistas (entre os quais ele está implicitamente incluído) e passa a rememorar diversos episódios envolvendo a atuação do abolicionista José Napoleão perante a opinião pública e os escravos, a ponto de despertar em sua vontade de memória, fazendo-o escrever solicitando ao governo providências neste sentido:

A nossa Câmara Municipal podia relembrar o nome de José Napoleão em uma de nossas ruas, substituir pelo dele o nome de uns tantos políticos que sem o menor serviço ao Ceará e a sociedade figuram nas placas de algumas ruas.

Este pedido é contra as minhas idéias, mas está de acordo com os protocolos das mentiras convencionais. [...]

O nome das ruas e praças obedece à vontade do prefeito e não ao valor do indivíduo.

A rua Formosa que é mesmo formosa foi chamada D. Luiz, nosso primeiro bispo, depois Rio Branco, nosso ministro. [...]

Acabemos com o mau costume de batizar ruas e praças, isto nada vale. Se o indivíduo tem valor intrínseco passará à posteridade.

³²³ *Gazeta de Notícias*, Fortaleza, 04/05/1930. p. 3

Se não tem acabará a sua memória com a morte de seus contemporâneos.

O homem se imortaliza pelos seus atos de benemerência e pelos seus livros.

Quando escrevi este artigo ainda eram vivos José do Amaral e Jatahy, dois grandes fatores da abolição no Ceará.³²⁴

O artigo de Rodolfo enaltece os heróis abolicionistas, lamentando o mau uso que as autoridades fazem da celebração destes varões, mediante a nomeação de logradouros. Além disso, ele arremata com precisão as características necessárias para a eternização da memória de um grande homem: livros e atos de benemerência. Não por acaso Teófilo demonstrava consciência deste poder de memória, pois possuía larga experiência em ambas as instâncias destacadas, de modo que a escrita celebrativa do artigo era uma espécie de auto-elogio velado.

Pelos motivos explanados ao longo deste capítulo, no início dos anos 1930 a imagem de Teófilo como benemérito abolicionista, sanitarista ou literato estava consolidada perante os arquivos públicos e a imprensa local e, quiçá, nacional. Neste ínterim acredito que a tríade livros-documentação oficial-imprensa articulou a defesa da memória de Teófilo em temporalidades simultaneamente distintas e interligadas: os dois primeiros principalmente perante os leitores futuros e o último perante os seus contemporâneos. Neste sentido, a atuação da imprensa foi fundamental devido sua capacidade de catalisar a memória do acontecer social do presente, engendrando também a memória para o futuro, como ressalta Laura Antunes Maciel:

A escolha de palavras, associações e cronologia construída não são aleatórias e os modos de narrar e informar produzem relatos posicionados sobre os acontecimentos que criam novas realidades sociais. Nesse sentido, permitem-nos pensar sobre o papel dos jornais diários como forças ativas na elaboração de construções históricas e na formação da opinião pública

³²⁴ Id.

naquele presente, no momento em que os acontecimentos se desenrolavam [...]

O esforço da análise histórica passa, portanto, pelos desvendamentos dos mecanismos e operações que, na conjuntura estudada, permitem ao texto jornalístico se construir como memória social hegemônica que “aprisiona” a explicação do presente a partir de seus argumentos e interpretações, obscurecendo a correlação de forças sociais nas quais esse texto é forjado. [...]

O jornal, como uma força social que atua no presente, seleciona e fatia aspectos da realidade que constituirão a pauta do debate público, disputando com outras forças sociais a direção a ser dada aos acontecimentos enquanto eles se desenrolam. Definindo e dando visibilidade a interpretações, argumentos, comportamentos, sujeitos e experiências consideradas válidas, normais, memoráveis e silenciando sobre outras que não ganham a chancela do jornal, e, portanto, não chegam até a opinião pública/leitores.³²⁵

Como foi visto, se por um lado a maior parte dos jornais cearenses rejeitava textos contendo ataques pessoais a Rodolfo Teófilo, pululavam artigos enaltecendo seus feitos (tais quais ele narrava nos livros) e impondo uma memória hegemônica do farmacêutico entre seus contemporâneos e potencialmente à posteridade.

O próprio Teófilo seguia se utilizando da imprensa para confirmar suas memórias e sensibilizar a opinião pública. No mesmo ano de 1930 ele utilizava as páginas do *Correio do Ceará* para ressaltar a obstinação que marcava sua biografia:

Não se compreende como um homem velho, pobre, gaste vinte e cinco anos, repudiado pela ignorância do povo, perseguido pelo governo do estado, insultado, injuriado diariamente pela folha oficial, gastando tempo e dinheiro, resiste à luta sem ser um doente, um anormal! [...]

³²⁵ MACIEL, Laura Antunes. *Produzindo notícias e histórias: algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa—1880/1920*. In: FENELON et al, op. cit. p. 39, 40.

Benjamim Barroso, temendo que a varíola viesse da terra do Pe. Cícero, onde era endêmica, propôs dar uma gorda subvenção ao meu modesto instituto com a condição de eu fornecer a vacina animal de que o estado precisasse.

Devia eu ter aceito, e com o dinheiro recebido fazer um vacinogênio e um lazareto. Não quis, para não dizerem que eu trabalhava por dinheiro e, no entanto, não me livreí de afirmarem alguns maldizentes que eu estava rico de vender vacinas. Deixemos isto, que águas passadas não movem moinhos. Ah! Se a mocidade soubesse e se a velhice pudesse.³²⁶

Rodolfo continuava a defender-se de antigas acusações e pode-se dizer que nesse sentido ele já mobilizava sua pena regularmente há pelo menos quinze anos, adotando aos poucos um tom mais incisivo a respeito do seu próprio valor moral e intelectual, como afirma no referido artigo:

Criei a literatura regionalista por aqui. Quase sozinho, ou bem ou mal, neste meio século tenho sustentado as letras no Ceará, publicando algumas dezenas de livros.

Alguns deles ficarão pela importância do assunto. A história das secas, por exemplo, viverá porque o flagelo não se acaba. Publicando-os tive em vista tornar conhecida a calamidade no Sul e impressionar os governos. Consegui que o sulista conhecesse o que é uma seca. Epitácio Pessoa, quando presidente da República, mandou editar e reeditar os meus livros sobre a calamidade para que não se extinguissem.³²⁷

Por seu turno o governo do estado anunciava em meados de 1930 um dos maiores momentos na consagração da memória de Teófilo perante seus contemporâneos:

A fundação de um instituto vacinogênico em Fortaleza foi mais do que um ideal, do que um sonho, foi uma obsessão a que se dedicou esse homem

³²⁶ Apud SOMBRA, op. cit. p. 157.

³²⁷ Apud SOMBRA, op. cit. p. 198.

abnegado – Rodolfo Teófilo que chegou a realizá-lo em sua própria residência, até quando sua idade avançada o impediu de continuar.

Quis a providência que ele ainda pudesse em vida – pois conta hoje 73 anos de idade – ver realizado esse ardente sonho desde a mocidade [...]

Por uma homenagem justíssima o novo departamento sanitário denominar-se-á “Vacinogênio Rodolfo Teófilo” e será instalado no prédio próximo ao parque da Independência.

Nos congratulamos com o nosso querido e venerando amigo Rodolfo Teófilo que nessa ocasião terá exultante um dos dias mais cheios de sua benemérita existência.³²⁸

Embora programado para ser entregue em agosto de 1930, a obra só seria concluída em novembro. A cerimônia de inauguração contou com a presença de várias autoridades, médicos, imprensa, além do interventor federal Fernandes Távora, embora o próprio Rodolfo Teófilo não se fizesse presente.³²⁹ Tomando a palavra, o diretor de Higiene do Estado, Waldery Uchôa, enfatizou a necessidade premente dos serviços do novo departamento, sem esquecer de glorificar a vida daquele que doava seu nome ao empreendimento:

De fato, senhores, temos o dever de ligar o vulto do venerando filantropo a este departamento de profilaxia. É que quando os poderes públicos estaduais antes dos acordos de saneamento com o governo federal não combatiam a varíola, ou por descuido ou por falta de elementos, uma figura singular querida do povo percorria Fortaleza do palácio dos abastados aos albergues dos pescadores, das praças urbanas às dunas litorâneas, no afan de vacinar, de prevenir, de imunizar. Era Rodolfo Teófilo.

Prestou um serviço incalculável, uma obra de benemerência tornando-se uma dessas individualidades providenciais, querida de todos os homens.

³²⁸ Diário do Ceará, Fortaleza, 07/07/1930. p. 8.

³²⁹ Pela segunda vez Rodolfo Teófilo deixava de comparecer a um evento oficial em sua homenagem. A primeira em 1925, por conta do batismo da lancha do Departamento de Saúde dos Portos com seu nome, e agora na inauguração do vacinogênio.

Não venho me referir ao escritor em cujos livros o Ceará se retrata, nem ao combatente, ao jornalista, ao pensador: esses atributos impõem horas consagradas em outros centros apropriados.

Rendo a mais pura das homenagens o homem de ciência, ao amigo devotado dos cearenses, ao que pobre e auxiliado apenas de suas economias, realizou uma obra evangelizadora que ninguém nas horas atuais ousa negar. Sobre Rodolfo Teófilo choveram de há muito as bênçãos coletivas, e o seu nome voando nas asas de criações fortes engrandece o patrimônio mental do país. [...]

Rendamos nossas homenagens aos vultos superiores do Ceará e do Brasil que proporcionam bem ao povo assegurando-lhe meios para defender-se conta males tremendos e à glória puríssima de Rodolfo Teófilo, um benfeitor, um coração feito de bondade e amor.³³⁰

Nesse mesmo ano o periódico *Folha do Povo* publicaria uma interessante entrevista com o “autor de *Maria Rita*” sobre “alguns de seus romances”. O entrevistador afirma que o livro *História da seca do Ceará* (1883) teria sido publicado no intuito de “impressionar o Sul”, tendo rapidamente esgotado as suas cinco mil cópias – situação que levou a uma segunda edição sob os auspícios do presidente Epitácio Pessoa.

Sobre *A fome*, enfatiza que “é o grande livro da seca, hoje de leitura difícil, mas que é preciso levar a cabo para se fazer idéia do nosso martírio. Foi o primeiro que se escreveu e parece que ficou nele”.

Admitindo que seus versos “são muito fracos”, o articulista revela uma história contada pelo próprio Teófilo:

Ouvindo-o falar com tanto desdém e modéstia de seus versos animou-se a contar uma história dita por João Cordeiro quando na época de Pudente de Moraes, no cárcere entusiasmou-se lendo *Os brilhantes* e teria dito: – Que imaginação! É pena este moço não saiba português.

Riu-se e disse que escreve ao “correr da pena” e não se preocupa com o estudo. A colocação de pronomes não ligou nunca.

³³⁰ *O Povo*, Fortaleza, 22/11/1930. p. 3-4.

Trabalhando sempre para sustentar a família. Só mui raramente lia alguma obra literária que lhe mandava o autor. Nestes últimos tempos é que obrigado a descansar tem lido bastante. Veio a conhecer Eça de Queiroz há poucos meses.

Quando escreve só tem em mira uma coisa: “sacudir os nervos do leitor”. E consegue-o.³³¹

O depoimento de Teófilo revela um escritor bem menos agelasto do que o de costume, cuja serenidade e confiança faziam-no admitir certos atributos negativos em suas obras, outrora defendidos com veemência, como a qualidade gramatical. Além disso, a entrevista expõe pela primeira vez como suas atividades profissionais interferiam na qualidade de seus trabalhos intelectuais e em sua formação.

Celebrações e encômios à parte, Rodolfo Teófilo sentia as condições de saúde piorarem. Familiares e amigos mais próximos revelavam que desde a morte de Dona Raimundinha (1928) o vigor de Teófilo se esvaía levando consigo a saúde, agora cada vez mais abalada, tanto que em 1930, recebendo a visita do jornalista Demócrito Rocha e do escritor Paulo Duarte, teria confidenciado melancólico: “Estas pernas estão pedindo cova”.³³²

Em novembro de 1931 era lançado o *Álbum de Fortaleza*, reunindo textos sobre atividades e personagens de destaque na vida da cidade. Um dos artigos era dedicado a Rodolfo Teófilo: assinado pela escritora Rachel de Queiroz, vinha acompanhado de uma foto do farmacêutico e do vacinogênio que levava seu nome. Na comovente homenagem a escritora acaba transparecendo a impressão de que Teófilo estava no ocaso da sua existência:

Nas suas barbas brancas de apóstolo, no seu recolhimento e na sua tristeza é uma das mais belas figuras venerandas do Ceará.

³³¹ *Folha do Povo*, Fortaleza, 19/12/1931. p. 1.

³³² *O Povo*, Fortaleza, 04/07/1932.p. 2.

Toda uma longa vida de trabalho, de fé e de coragem está naqueles setenta anos fatigados que parecem mais velhos, no esgotamento do seu grandioso serviço.

Vinte livros já saíram de suas mãos trêmulas, mãos que fizeram tanto bem e espalharam tanta luz – mãos que hoje só se exercitam nos dois grandes gestos do amor: a esmola, que socorre, que alimenta, e que conforta; a bênção que eleva, que purifica e que perdoa.

Vinte livros. Toda a história dolorosa das secas e a tragédia nostálgica dos êxodos, nas páginas atormentadas de *Fome*, do *Paroara*. Os grandes dramas de sangue, as velhas lendas heróicas do banditismo e sertão n'Os brilhantes, no *Conduru*, em *Maria Rita*. E a irônica vergastada de *Memórias de um engrossador*, a encantadora utopia do *Reino de Kiato* e o doce lirismo intelectual de *Telésias* e o sombrio satanismo de *Violação...*

E toda uma obra de paciente saber, de apaixonado estudo, na grande bagagem dispersa copiosamente em meio da produção artística.

Hoje, o dono da alma heróica que venceu a peste negra naquela luta gigantesca em que ia procurar lá dentro da sua cidadela de casebres a praça forte da miséria e da morte hoje como uma grande relíquia preciosa, é que vive braneo e trêmulo, luz cansada que invoca a grande noite, desejoso do doce sono que o venha libertar do peso amargo da vida, da saudade da velha e amada companheira que se foi, saudade que é seu único mal e sua única e infinita tortura.

Mas é preciso que não se vá. Velho avô bem-querido, que nos ensinou a chorar nossas dores e curar nos males, velho avô, carecemos demais do muito que aprendeu, do muito que sabe dedicar-se, do muito que sabe amar...

E se a inveja e a ignorância conseguissem fazer apagar e esquecer o que a sua mão escreveu, nas cicatrizes benfeitoras que cada cearense traz nos braços, está gravada a marca da sua ciência generosa, velho avô...³³³

Sentindo a vida definhar, Rodolfo Teófilo passaria a refletir de modo mais curado sobre a celebração da memória dos grandes homens, temática presente em seu último livro, *Coberta de tacos*, publicado em 1931. Reunindo

³³³ QUEIROZ, Rachel de. *Rodolfo Teófilo.* [s.p.] In: BEZERRA, Paulo (Org.). *Álbum de Fortaleza*. Fortaleza: Tipografia Meton e Gadelha, 1931.

vários artigos publicados por ele no decorrer dos anos 1920, a obra apresenta um escritor mais sereno e menos combativo, desenvolvendo suas próprias concepções sobre a relação memória-homenagem.

Fruto da emergência do pensamento moderno, que laicizou a religião e devolveu ao homem um culto à própria dignidade dos seres humanos, o estabelecimento da noção do “eu” individual foi correlato ao desenvolvimento das chamadas “preocupações póstumas”, especialmente no que diz respeito à eternização dos feitos individuais nas lembranças de outrem.³³⁴

As observações sobre a preservação de lembranças em torno de certas personalidades não eram inéditas na obra de Rodolfo Teófilo. Elas foram sendo cotejadas embrionariamente em vários de seus livros e alcançam maturação no período final da vida.

Ainda em 1883, em seu primeiro livro, Teófilo passa a advogar sobre os fatos que deveriam pertencer à memória social da população, sobre aqueles que consagraram parte de suas vidas à realização de grandes feitos e que não deveriam cair no esquecimento.

Nesta mesma obra lamenta o destino dos retirantes, muitos dos quais, não obstante terem participado do Exército na Guerra do Paraguai (1865-1870), estavam sendo esquecidos pelo governo:

Esquecia-se de que muitos dos que morriam à fome na praça pública eram heróis, eram soldados [...] Esquece-se de que os braços que a inanição imobilizava, haviam brandido com valor a espada, quando se viam vingadas as afrontas feitas à honra da nação.³³⁵

³³⁴ “O longo processo que redundou na socialização do indivíduo relaciona-se intimamente com a invenção da memória individual. Para o culto do eu, a memória é vital. É preciso salvar do esquecimento, do esfumaçamento provocado pela morte, individualidades tão ricamente elaboradas. O sujeito busca então sua eternização na memória dos outros sujeitos, guardando e arquivando testemunhos evocativos de suas obras e realizações”. (ABREU, op. cit. p. 100). Portanto, o suporte material escolhido por Teófilo para perpetuar seus feitos através do tempo teria sido mediante a publicação de seus próprios livros.

³³⁵ TEÓFILO, Rodolfo. *História da seca do Ceará (1877-1880)*. [1883]. 2. ed. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922. p. 388.

Novamente sua escrita se coloca como ferramenta para lutar contra o esquecimento. Dessa vez não seria a amnésia das lições do passado, mas o olvido de pessoas que, por seus feitos, deveriam ser lembradas perenemente. Na mesma obra afirma que “os serviços prestados por muitos cearenses ilustres à causa da humanidade eram esquecidos”.³³⁶

Esta convicção sobre o dever da memória conduzia Rodolfo Teófilo a lutar através da escrita contra o esquecimento dos grandes feitos e dos grandes homens.

Em 1912 Rodolfo assistiu, durante a deposição de Nogueira Accioly da presidência do estado, a várias manifestações de celebração patriótica, sobretudo envolvendo a figura do candidato opositorista Franco Rabelo. Em seu livro *Libertação do Ceará* demonstrou apoio à candidatura Rabelo, mas censurava o comportamento das massas, para quem a atitude seria uma espécie de “nevrose”, levando-o a escrever: “Tenho medo dos exageros do povo. A história da humanidade está cheia de incoerências da multidão. [...] Tenho medo da glorificação das multidões”.³³⁷

Ainda nesta obra ele lamenta o esquecimento de grandes cidadãos como Waldemiro Cavalcanti,³³⁸ defendendo que certos momentos envolvendo a derrubada de Accioly fossem lembrados à posteridade: “Um fato digno de menção que não deve ser nunca esquecido, é a felicidade inigualável desta gente, combatendo três dias sem a perda de uma só vida! É um fato este estupendo”.³³⁹

Em seu livro *A sedição de Juazeiro*, publicado em 1915, Rodolfo Teófilo enaltece a atitude de 28 oficiais do Exército que mediante documento escrito opõem-se formalmente à intervenção de Setembrino de Carvalho na presidência

³³⁶ Ibid. p. 389.

³³⁷ TEÓFILO, *Libertação do Ceará*. p. 183, 270.

³³⁸ “Waldemiro Cavalcanti viu-se sem recursos, e por cúmulo da infelicidade, foi acometido de uma moléstia cruel que de todo o impossibilitou de ganhar a vida e trabalhar pela libertação de sua terra. Vive hoje inutilizado, esquecido, sofrendo com uma resignação evangélica a sua enfermidade”. (Ibid. p. 51).

Em outro livro, *Coberta de tacos*, publicado em 1931, Rodolfo Teófilo lamenta o destino de olvido que coube a outros dois grandes cidadãos: Felino Barroso (pai do escritor Gustavo Barroso) e Vicente Victorino Soares Dantas, consagrando várias páginas a narrar a vida de ambos e mostrando o injusto esquecimento do qual foram vítimas. (TEÓFILO, *Coberta de tacos*. p. 111-114, 169, 170).

³³⁹ TEÓFILO, *Libertação do Ceará*. p. 268.

do estado: “Este honroso documento e os nomes dos que assinaram registro aqui, para honra destes bravos soldados, para que nunca se apague da memória, para que os vindouros lhes sejam agradecidos”.³⁴⁰

Portanto, para Teófilo a relação entre memória e celebração estaria relacionada à relevância dos feitos das pessoas diante de seus contemporâneos, fato que porém não era suficiente para garantir a memória desses feitos – lacuna na qual a escrita de Teófilo assumia mais uma vez o papel do dever de lembrar.

Ao longo de algumas de suas obras Rodolfo Teófilo lamentava ora o esquecimento do passado (e dos grandes feitos e cidadãos), ora a má evocação desse passado para intuítos de celebração. Em *Cenas e tipos*, publicado em 1919, ele escreve: “Somos indiferentes à vinda do fertilizador da terra, e, no entanto por qualquer futilidade engalana-se a nossa capital festejando uma data sem importância”.³⁴¹

Embora publicado em 1931, *Coberta de tacos* é um livro formado principalmente por diversos textos que Teófilo escrevera durante os primeiros cinco anos da década de 1920, muitos dos quais então publicados na imprensa. Nesta obra ele expõe de maneira mais consistente seus pensamentos a respeito das funções celebrativas da memória.

Nesta época, embora fosse uma pessoa relativamente consagrada na sociedade cearense, Rodolfo Teófilo revela o peso de uma velhice cansada e marcada pela convivência com manifestações de apoio, elogios e virulentas críticas e oposições, o que não impediu que sua existência fosse celebrada e comemorada várias vezes durante o ano, mas especialmente na data de seu aniversário.

Em 1924 um jornal assim referia-se sobre o natalício de Teófilo:

Passou ontem a data natalícia de nosso venerado e mui prezado amigo Sr. Rodolfo Marcos Teófilo, uma das figuras mais representativas e autorizadas no meio intelectual cearense.

³⁴⁰ TEÓFILO, *A sedição de Juazeiro*. p. 134.

³⁴¹ TEÓFILO, *Cenas e tipos*. p. 22. Rodolfo cita como exemplo os festejos pela vinda dos monarcas belgas e as festividades em alusão à chegada de um vaso de guerra da Marinha a Fortaleza.

Espírito de grande combatividade, servido de invulgar cultura literária, Rodolfo Teófilo tem seu glorioso nome ligado a tentames de elevada significância moral e aos quais emprestou o melhor de suas energias.

Intelectual de extraordinária valia, as suas obras estão para atestar de modo brilhante o seu espírito eminentemente criador e dotado de verdadeira capacidade artística.

De resto não há em nossa terra quem desconheça o mérito que encerra o nome de Rodolfo Teófilo, já como escritor, já como homem cujas qualidades de filantropia são pouco comuns.

O *Diário do Ceará* rende ao respeitável amigo sincero preito de amizade fazendo ainda ardentes votos por sua completa felicidade pessoal.³⁴²

Os encômios tornar-se-iam constantes, não só a cada aniversário do escritor nas chamadas “notas sociais”, mas em artigos que aproveitavam as ocasiões para parabenizá-lo e tecer elogios ao seu gênio e caráter. Assim ocorrera em maio de 1925, quando o jornal referia-se jubiloso ao “nome consagrado das letras brasileiras” e que “no retiro do Alto da Bonança [...] vive sua velhice honrada e ainda laboriosa” de onde seguia recebendo “as justas homenagens a que tem direito seu nome”.³⁴³

Por sua vez, Rodolfo Teófilo retirava-se cada vez mais da vida social da cidade. A velhice lhe trouxe a debilidade das condições físicas, enquanto sua esposa, Dona Raimundinha, falecia na véspera do Natal de 1928. Esses fatores o impediam de continuar se encontrando com políticos, vacinar doentes ou participar de cerimônias públicas. Agora, quando muito, ele recebia a visita de amigos e estudantes em sua casa. Mas a pena de Teófilo não deixaria de correr. Do Alto da Bonança ele seguia escrevendo artigos para alguns jornais e organizando a publicação de novos livros.

³⁴² *Diário do Ceará*, Fortaleza, 07/05/1924. p. 3. No mesmo ano o periódico noticiaria a solenidade na qual a Diretoria de Higiene batizaria a lancha da repartição com o nome de Teófilo, enfatizando a presença de Raul Teófilo, seu sobrinho, Ildefonso Albano, presidente do estado, além de autoridades sanitárias e deputados, uma homenagem autorizada pelo presidente da República ao “filantropo e individualidade cearense que é Rodolfo Teófilo”. (*Diário do Ceará*, Fortaleza, 22/06/1926. p. 2.

³⁴³ *Diário do Ceará*, Fortaleza, 06/05/1925. p. 3.

Sua condição de anacoreta não impediu que a imprensa continuasse a lembrar seus feitos e caráter. Em alusão a outro aniversário do escritor, a folha *Gazeta de Notícias* assim comemorou:

Rodolfo Teófilo, um nome ligado gloriosamente às grandes lutas sociais do Ceará, fez anos ontem.

A data não é de um desses fatos comuns do mundanismo provinciano. Rodolfo Teófilo, pelo seu talento, pela projeção de seu espírito na sociedade de nossa terra, é hoje com sua velhice coroada pelos fulgores de sua inteligência, uma relíquia veneranda do Ceará.

A *Gazeta* carinhosamente cumprimenta o ilustre escritor patricio.³⁴⁴

Em junho de 1929 era a vez de o *Diário do Ceará* publicar um artigo intitulado “Rodolfo Teófilo e a imprensa paulista”, publicado no jornal *A Capital* e transcrito para os leitores cearenses:

Completa hoje 76 anos de vida a um tempo laboriosa e profícua o romancista ilustre e grande cientista cearense Dr. Rodolfo Teófilo.

A sua existência é um exemplo de tenacidade e de labor, de que o Brasil pode envaidecer-se.

No movimento abolicionista [...] a sua atuação foi das mais benéficas. Foi um dos fundadores da “Sociedade Libertadora” a qual deve o Ceará a extinção da escravidão desde 24 de maio de 1883.

[...] sobre a botânica de que é um profundo conhecedor escreveu várias obras de assinalado valor. [...] Fundou a “Padaria Espiritual” de que foi padeiro-mor prestando relevantes serviços aos leitores brasileiros propagados pela revista *O Pão*.

[...] Aos 76 anos Rodolfo Teófilo faz parte do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, ainda se dedica às letras produzindo muito e brilhantemente.

³⁴⁴ *Gazeta de Notícias*, Fortaleza, 07/05/1929. p. 3.

A academia Paulista de Letras, recentemente saída do marasmo em que caíra, envia hoje um telegrama de felicitações ao venerando escritor cearense que tanto tem feito pelo engrandecimento da literatura brasileira.³⁴⁵

A cada ano as referências elogiosas a Rodolfo Teófilo continuavam, como no artigo publicado pelo *Diário do Ceará* por ocasião de seu aniversário de 77 anos:

Não é um acontecimento banal desde que se trata de um cidadão por muitos títulos notável pelo seu espírito de escol servido de uma inteligência cintilante e pelo seu coração largo à generosidade e profundamente afetivo [...]

O título de cidadão benemérito que lhe foi reconhecido e atribuído pela mais alta corporação científica do país e pelo governo federal inscrito em ato público numa homenagem recebida pelos seus esforços muito embora este os empregasse ele, cercado desse desprendimento natural de sua índole profundamente modesta, desinteressado de glórias ou proventos. [...]

Se pratica o bem é por amor ao bem exclusivamente porque é este essencial em sua vida, o único ar para seu espírito inesgotável de ação.³⁴⁶

Ao completar 78 anos o jornal *Correio do Ceará* referia-se ao “Eminente conterrâneo Rodolfo Teófilo, escritor notável e abolicionista dos mais destacados” e “um dos grandes benfeitores da humanidade, valendo recordar os inestimáveis serviços que prestou à coletividade cearense na profilaxia da varíola”.³⁴⁷

O historiador Fernando Catroga observou que tais tipos de evocações coadunavam-se com os intuitos celebrativos de várias sociedades ocidentais nas quais se desenvolveu o que chamou de “religião cívica”. Diante do advento da

³⁴⁵ *Diário do Ceará*, Fortaleza, 20/06/1929. p. 2.

³⁴⁶ *Diário do Ceará*, Fortaleza, 06/05/1930. p. 2.

³⁴⁷ *Correio do Ceará*, Fortaleza, 05/05/1931.p. 2. Em 25 de junho do mesmo ano se publicava também um artigo sobre a primazia de Acarape, Pacatuba e Uruburetama no processo abolicionista cearense, enaltecendo os feitos daqueles que “Conquistando os louros da vitória da obra de empolgante fruto, aliás de edificante tenacidade de seus obreiros Rodolfo Teófilo e Felipe de Araújo Sampaio, que dirigem esses combates com patriotismo invulgar e abnegação épica”. Em meio a tantas polêmicas e acusações, a imprensa consagrara o papel de Rodolfo Teófilo como pioneiro abolicionista cearense.

modernidade e conseqüente dessacralização das relações sociais, a religião cívica encetaria (rel)ações políticas capazes de refundar o contrato social dentro de uma perspectiva de sacralidade leiga e oficial, estabelecendo laços de coesão social e fidelidade política dentro de um viés patriótico.³⁴⁸

As alusões ao aniversário de Teófilo devem ser percebidas como práticas sacralizadoras de um passado previamente selecionado, no qual se constituíam em signos específicos de forte conteúdo moral, principalmente porque biografias como as de Rodolfo Teófilo serviriam como exemplo de altruísmo cívico e um antídoto ao atomismo social.³⁴⁹

Construindo uma espécie de galeria hagiográfica nacional, a religião cívica promovia a sacralização do tempo e do espaço no qual os “grandes homens” viveram, e, embora a data da morte fosse comumente evocada para fins comemorativos, os imperativos ligados ao “tempo útil” abriam exceção para a celebração da data do nascimento destes homens (como fica bem patente no caso de Rodolfo Teófilo).

A celebração de aniversários (“lições vivas de civismo”) seria capaz de mobilizar os sentimentos populares; uma hagiografia cívica na qual se constata “o empenho na edificação de uma galeria hagiográfica de grandes homens e sua colocação ao serviço do reforço de um novo consenso social e nacional”.³⁵⁰

³⁴⁸ “Por sua vez, contra o universalismo da religião do homem, a religião do cidadão relevava, sobretudo, a religação de um determinado povo à sua pátria. Deste modo, os seus dogmas seriam diretamente ditados pelo Estado, tendo em vista socializar o respeito pela instância política, que consubstanciava o contrato social, e pela lei civil dela emanada. [...] Sendo a religião civil justificada, não pela sua maior ou menor verdade, mas pelas conseqüências sociais e patrióticas, compreende-se que a propugnada interiorização dos deveres sociais se materializasse numa *Paidéia*, e que esta desse relevo à dimensão lúdica, ou melhor, à celebração de festas cívicas em espaço público”. (CATROGA, *Nação, mito e rito*. p. 14, 18).

³⁴⁹ “Em certo sentido, pode igualmente defender-se que a festa revolucionária encontrou no historicismo romântico de Oitocentos a sua justificação domesticadora; o que se compreende, pois ela atualizava uma visão *linear e acumulativa do tempo*, rio no seio do qual o ‘grande homem’ e o ‘grande acontecimento’ emergiam aureados de uma capacidade precursora e profética. Sombras exemplares, as suas evocações (e invocações) caucionavam a ação dos vivos, inscreviam-na numa tradição, e consubstanciavam uma vocação nacional, ligando-a, porém, ao universal. Simultaneamente este trabalho de glorificação pessoal aparecia como uma prova ontológica de que, agindo-se de acordo com ideais altruístas e patrióticos (mormente, aceitando-se o sacrifício maior: o ‘morrer pela pátria’), a conquista da imortalidade não era uma quimera”. (Ibid. p. 100-101).

³⁵⁰ Ibid. p. 107. “Afiml, o passado não é simplesmente aquilo que passou e sim um saber que se faz nas disputas de posições conflitantes e interessadas em criar certas legitimidades no presente e a partir do presente, compondo seleções que pretendem seduzir o futuro, e, como se sabe a sedução sempre usa artifícios inconfessáveis, insondáveis até mesmo para o sedutor”. (LOPES,

Rodolfo Teófilo escrevera de modo crítico: “Atravessamos o período ridículo das estátuas. Há uma monomania de sagrar os heróis, como se os heróis não se sagrassem a si próprios, fosse preciso sagrá-los”.³⁵¹ Durante sua vida ele presenciara a inauguração de várias estátuas e monumentos na capital cearense: o monumento ao general Tibúrcio (1883), ao general Sampaio (1900), a D. Pedro II (1913), a J. da Penha (1919), a N. S. da Paz (1921), ao Cristo Redentor (1922), a Justiniano de Serpa (1924), a José de Alencar (1929), e em Juazeiro do Norte ao padre Cícero (1924) – esta última, de acordo com Eusébio de Sousa, a primeira feita no Ceará para homenagear uma personalidade ainda viva.³⁵²

Além desses monumentos erigidos, Teófilo possivelmente acompanhava as acaloradas discussões que ganhavam espaço na imprensa a respeito de novas estátuas que deveriam ser levantadas, como por exemplo a de João Brígido e até mesmo uma para o próprio Rodolfo Teófilo, de modo que esta questão despertava a atenção do farmacêutico, pois tocava em um tema que acabava o envolvendo diretamente.

A emergência do tema alinhada à experiência de vida de Rodolfo Teófilo fez que ele discorresse sobre o tema com um maior rigor do que havia feito em sua utopia *Reino de Kiato* (1919).

No livro *Coberta de tacos* (1931) Rodolfo Teófilo continuava a defender a memória a partir dos grandes feitos, aludindo constantemente como referência ao cientista Pasteur, para quem a descoberta da vacina anti-rábica já bastaria para conduzi-lo à imortalidade:

Régis. Esquecer para lembrar, lembrar para esquecer. In: SOUSA, Eusébio de. *Os monumentos do estado do Ceará* (Referência histórico-descritiva). Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006. p. 17).

³⁵¹ TEÓFILO, *Coberta de tacos*. p. 43.

³⁵² SOUSA, Eusébio de. Os monumentos do estado do Ceará (Referência histórico-descritiva). *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, t. 56, 1932. “Mas a memória não é simplesmente aquilo que preenche o passado com fatos e sim uma trama sem fim, que sempre denuncia o esquecimento, dizendo que somente o ato de lembrar pode preencher. Antes de tudo, a memória identifica a ausência com a promessa de preenchê-la, mas esse enchimento está vinculado a interesses de quem lembra. Ainda mais: ao encher o passado, pretende-se tampar possíveis buracos do futuro”. (LOPES, *Esquecer para lembrar...* p. 12).

Temos uma idéia muito falsa das homenagens prestadas aos benfeitores da humanidade. Perpetuar os grandes homens na pedra ou no bronze é desconhecer o poder do tempo, que tudo consome, o demolidor eterno.

A memória do benemérito, daquele que viveu para os seus semelhantes, perpetua-se por si mesma nos contemporâneos, que por sua vez a irão transmitindo às gerações que se sucedem até a consumação dos séculos.³⁵³

Embora admitisse a celeridade impiedosa do tempo, para Rodolfo Teófilo a memória dos grandes homens, em especial a dos beneméritos, seria perpetuada de um modo natural no seio da memória coletiva de seus contemporâneos, que a propagariam à posteridade.

Este tipo de memória prescindia de monumentos que lhe servissem de suporte material, visto que o próprio corpo social em que vivera teria este papel. Ao referir-se à memória dos grandes feitos e dos beneméritos, não estaria ele argumentando e aludindo de uma forma indireta à sua própria memória?

Rodolfo Teófilo segue elogiando o ilustre cientista francês, confirmando suas teses sobre a inscrição da memória do benemérito na memória coletiva:

A glorificação de Pasteur está feita, não no bronze ou na pedra, que é efêmera – o transcorrer dos séculos decompõe ou corrói – mas no coração da humanidade.

A estátua de Pasteur é espiritual; ergueu-a a gratidão do gênero humano: passará de geração em geração até que deixe de pulsar o coração do derradeiro homem.

Do meu retiro venho lembrar a data mais gloriosa da história de todos os povos; o nascimento de Louis Pasteur.

A ele nós elevemos o espírito e bendigamos sua passagem por este vale de lágrimas, alheio a todos os gozos da vida, preocupado somente em aliviar os sofrimentos de seus semelhantes.³⁵⁴

³⁵³ TEÓFILO, *Coberta de tacos*. p. 42.

³⁵⁴ Id.

A defesa da memória dos grandes beneméritos partia de um homem cuja biografia estava identificada com as lutas pela abolição do elemento servil e pela campanha voluntária para a erradicação da varíola no meio dos habitantes mais pobres da cidade. Os argumentos na defesa de Pasteur não seriam aplicáveis ao próprio Rodolfo?

Além de Pasteur, Rodolfo Teófilo escreveu que os feitos do presidente Epitácio Pessoa teriam também lhe consagrado lugar na memória social da coletividade. Como já apresentado, o presidente paraibano inaugurou um amplo projeto de várias obras que visavam dotar a região Nordeste de real capacidade para enfrentar os efeitos das secas, trazendo incomensuráveis benefícios à população sertaneja:

Vinde assistir à glorificação de vosso nome, não no bronze da estátua, mas no coração do povo.

A vossa estátua está na consciência nacional: o tempo não tem ação contra ela.

O bronze decompõe-se, desaparece com o transcorrer dos séculos.

As gerações se sucederão. Todas as vezes que as secas voltarem, o habitante do Nordeste impávido, aparelhado por vós, para resistir a seus efeitos terribilíssimos, evocará o vosso nome, a vossa memória, e essa evocação irá repercutindo como um eco, de geração em geração até cair o derradeiro grão de areia da ampulheta do tempo. O vosso nome não se apagará jamais da memória do nordestino.³⁵⁵

As críticas de Teófilo às homenagens através das estátuas se baseavam em sua concepção de que a memória dos verdadeiros beneméritos seria naturalmente incrustada na consciência social da população. Em oposição estaria a memória artificialmente instituída; esta se corporificava nas estátuas e monumentos, bem como na nomeação de ruas e logradouros.

³⁵⁵ Ibid. p. 54-55. Convém lembrar que Epitácio Pessoa patrocinou a segunda edição do livro *História da seca do Ceará*, de Rodolfo Teófilo.

A respeito das primeiras Teófilo reiterava que estariam sujeitas à celeridade do tempo e às vicissitudes das gerações, que poderiam facilmente reverter-lhes o significado, como aconteceu com o monumento de um médico inglês chamado Paterson, cuja longa atuação clínica em terras baianas fez que o povo daquele estado erigisse um monumento em sua homenagem. A mesma população baiana insurgiu-se violentamente contra o monumento, quando eclodiu o litígio entre Brasil e Inglaterra por conta da ilha de Trindade.³⁵⁶ Citava ainda o caso de uma estátua que, perdendo seu valor de uso público, acabou indo para o museu:

Se o homem que perpetuam no bronze não está livre de cassarem a benemerência, como há pouco fizeram com um nosso almirante, trancafiando-lhe a estátua em um museu, quanto mais um simples nome em uma placa de rua ou praça.³⁵⁷

Teófilo continuava a argumentação:

Há, como já disse no Brasil, um prurido de levantar estátuas. Os jornais anunciam projetos apresentados às Câmaras, pedindo crédito para perpetuar no bronze Pinheiro Machado e outros.

Insurjo-me contra o que não representa a verdade.³⁵⁸

Rodolfo Teófilo criticou veementemente o levantamento de uma estátua do padre Cícero. Além de caso espúrio de uma pseudolegitimação social da

³⁵⁶ Posteriormente, fato semelhante ocorreria na cidade de Aracati, envolvendo o monumento levantado em memória dos aviadores alemães que sofreram acidente fatal naquela cidade em 1923. (Cf. SOUSA, Os monumentos do estado do Ceará). Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial este mesmo monumento sofreu depredação devido a onda de violentas manifestações antigermânicas ocorridas no Brasil após o afundamento de navios brasileiros por submarinos alemães. Uma possibilidade de interpretação destes episódios relacionar-se-ia às considerações de E. P. Thompson sobre a realização social da cultura enquanto sistema e, sobretudo, enquanto potência. (Cf. THOMPSON, Edward. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998).

³⁵⁷ TEÓFILO, *Coberta de tacos*. p. 172.

³⁵⁸ *Ibid.* p. 44.

memória de um benemérito, este tipo de obra serviria para estimular o fanatismo das populações sertanejas:

O padre Cícero, consciente ou inconscientemente, alimenta o fanatismo do povo consentindo que o adorem. O fato de aquiescer no fazimento de sua imagem a ser exposta à adoração de seus fanáticos é uma prova cabal de desmedida vaidade ou demência.³⁵⁹

Parece claro que Rodolfo Teófilo rejeitava a inutilidade e ineficiência das memórias artificialmente constituídas; contudo, na mesma obra ele ameniza o tom de seu discurso, ao comentar o esquecimento de vários pioneiros da educação cearense, como João de Araújo, Manoel Teófilo e José Caracas, admitindo a necessidade de implementar homenagem a grandes figuras que se destacaram na luta em prol de seus semelhantes:

Estes bons educadores, os primeiros que o Ceará teve, estão esquecidos. Muitos de seus discípulos já ocuparam lugares importantes na governança e nenhum deles se lembrou de render uma homenagem pública a tão ilustres mestres. Mortos, mas não deviam ser esquecidos. Há tantas ruas aí de nomes inexpressíveis! Por que não as crismam com os nomes de João de Araújo e Manoel Teófilo? Isto, bem sei, nada vale, mas o mundo vive destas futilidades. Hoje, uma rua tem um nome, amanhã terá outro, ao sabor do prefeito. A rua hoje Barão do Rio Branco, já foi Formosa e depois D. Luiz.³⁶⁰

Rodolfo ainda escreveria a respeito da conveniência de levantarem-se estátuas:

³⁵⁹ Ibid. p. 46.

³⁶⁰ Ibid. p. 172. A respeito da relação entre poder e nomeação toponímica na nomenclatura de ruas e logradouros públicos, o historiador Antonio Luiz Filho assim referiu: “O vocabulário comum consagra a possibilidade de interação comunicativa, mas se presta também ao processo histórico de orientação geográfica e qualificação simbólica. Afinal, o espaço se constitui e se institui pela força semântica da linguagem. Há um papel central dos relatos e práticas narrativas na fundação de sentido dos lugares. É por meio de uma linguagem que as configurações espaciais se tornam apreensíveis, adquirem significações coletivamente partilhadas”. (SILVA FILHO, Antonio Luiz Macêdo e. *Fortaleza: imagens da cidade*. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2001. p. 48).

A estátua para lembrar aos pósteros a gratidão a um homem, que se dedicou de corpo e alma à salvação do gênero humano, como Pasteur, isto depois da morte, ainda se admite; em vida nunca.

Estamos barateando a maior homenagem que se pode fazer a um homem. As estátuas que temos, nenhuma merecia ser levantada. Sampaio e Tibúrcio foram dois grandes soldados, bateram-se como bravos na defesa da pátria. Sampaio morreu no campo de batalha. Ambos foram heróis no cumprimento do dever. Ambos destruíram e não criaram. Se o cumprimento do dever faz jus a uma estátua, encham-se as praças de figuras de bronze. [...] Dirão os que comigo não concordam, que a época é de tamanha dissolução moral que o homem que cumpre seu dever é figura tão rara que merece uma estátua.

Que as levantem!...³⁶¹

Pode-se perceber uma contradição na escrita de Teófilo: ele critica a validade das estátuas alegando que o verdadeiro monumento à memória está no coração da sociedade, porém chega a afirmar que elas são grandes formas de homenagear a memória de alguém, exclusivamente após a morte.

Poucos meses após ter publicado essas reflexões, Rodolfo Teófilo chegara ao seu outono em julho de 1932. De forma surda suas condições de saúde degradingaram de modo irreversível no dia 2 daquele mês. O sol inclemente reduzia sua força, quando por volta das 3:45 h da tarde Rodolfo Teófilo passou a ter convulsões seguidas de secreções orais. Seu sobrinho Dr. Antônio da Justa prestou os derradeiros socorros médicos. A rede onde agonizava o escritor não estava em seu retiro na Pajuçara, mas na residência do Benfica. O drama do vetusto benemérito fora acompanhado também por seu grande amigo Antônio Sales e a esposa. Sem demonstrar grandes dores, Teófilo recebera os últimos cuidados médicos enquanto sucumbia em meio a um estertor silenciosamente agudo. Eram quatro horas da tarde. Ao longo de seus 79 anos de idade, inúmeras polêmicas envolveram-no em vida, mobilizando de modo tão rude suas energias,

³⁶¹ TEÓFILO, *Coberta de tacos*. p. 172.

usadas sem parcimônia e de modo apaixonado; paixão tão intensa quanto aquelas presentes nas atividades profissionais e humanitárias a que se dedicara ou naquelas que pululam nas linhas deixadas em seus 28 livros publicados.

No domingo de 3 de julho de 1932, por volta de oito horas da manhã, uma pequena multidão disputava espaço no cemitério São João Batista: tratava-se da despedida do farmacêutico e literato Rodolfo Teófilo (1853-1932), falecido no dia anterior. Apesar de ter demorado a tomar conhecimento do fato (afinal ele morreria pela madrugada, sem nenhum tipo de agravamento em suas condições de saúde), a população da cidade parecia ter se sensibilizado com o fato. Pouco antes da descida do féretro, um grupo de oitenta maçons compareceu à cerimônia, cada um deles depositando uma rosa branca sob o caixão de Teófilo. No dia seguinte ao enterro, o jornal *O Povo* noticiava: “O Ceará vê desaparecer um de seus maiores filhos”.³⁶²

Muitas homenagens se seguiram após o enterro. O mesmo jornal *O Povo*, dois dias depois, sugeria que o bairro da Pajuçara fosse rebatizado com o nome de Teófilo, afinal, defendia o articulista, “Quem for cearense, mesmo que não seja pobre, há de concordar que o nome de Rodolfo Teófilo deve ser perpetuado”. O nome desse “baiano por acidente” já estava “imortalizado” em diversos logradouros e prédios da capital cearense, sendo constantes as homenagens, que se iniciaram ainda em vida e prosseguiram após sua morte.³⁶³

Em vida Teófilo se defendera praticamente até os últimos momentos, uma defesa exercida pela – e em nome da – memória, seja a das lições do passado ou de sua própria memória. Talvez tenha levado consigo maior dose de dúvidas do que de certezas quanto ao estatuto de sua biografia para a posteridade, afinal o esquecimento era “próprio do ser humano”, dizia ele. Esta dúvida o acompanhara por décadas a fio, entranhando-se à carne de seus livros,

³⁶² *O Povo*, Fortaleza, 04/08/1932. p. 3.

³⁶³ Sobre tudo durante o final dos anos 1920, quando solenidades públicas conferiram o nome do farmacêutico, por exemplo, a uma lancha da Defesa Sanitária Marítima (1925) e principalmente ao Instituto Vacinogênico (1927). Atualmente logradouros (uma rua e uma praça) e um bairro da capital cearense passaram a levar nome de Teófilo. O bairro da Pajuçara continuou com seu topônimo, enquanto a prefeitura de Maracanaú desenvolve há alguns anos a idéia de transformar a residência do farmacêutico em um centro cultural.

no sangue das penas que tanto correram para apologia de sua memória. Escrita agônica e combativa, talvez Teófilo tenha morrido sem esmaecer essa incerteza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, qual a implantação da memória num lugar que já forma um conjunto? Este é o momento equilibrista e tático, o instante da arte.

Michel de Certeau, *A invenção do cotidiano*: 1. Artes de fazer

Rodolfo Teófilo teve uma vida tão pródiga quanto sua produção escrita: 79 anos de idade e 28 livros, muitos deles escritos e publicados em meio a inúmeras polêmicas envolvendo suas atividades intelectuais e humanitárias.

Buscando superar a visão naturalizada sobre a relação entre a biografia de Rodolfo Teófilo e sua produção escrita, este trabalho procurou enfatizar a historicidade de sua experiência de sujeito que memorava e escrevia, realçando as circunstâncias históricas que envolviam estas duas operações.

Busquei compreender as obras de Teófilo a partir de alguns aspectos importantes. Por um lado, interpretei muitos de seus livros inserindo-os em suas lutas mais imediatas, especialmente aquelas travadas na arena intelectual. Neste sentido, fez-se necessário para ele o uso da palavra escrita como defesa e ataque perante seus críticos-concorrentes. Este aspecto apologético também se fez presente nas obras a respeito de suas atividades humanitárias cujo símbolo-mor foi a campanha pela vacinação da população de Fortaleza entre os anos de 1901-1910.

Um segundo aspecto abordado pela pesquisa diz respeito à sua vontade de memória, legando sua autobiografia aos contemporâneos e especialmente perante a posteridade.

Tal empreitada era instrumentalizada mediante suas memórias e narrativas historiográficas, freqüentemente protagonizadas pelo próprio Rodolfo Teófilo. Não obstante, essas características não impediriam que seus livros se tornassem fontes verazes de verdade histórica, gerando a compreensão do passado, a reflexão no presente e a transformação no futuro.

Teófilo escrevia pela transformação social que acreditava ser possível a partir da leitura de suas obras, defendendo-se de acusações e legando ao futuro sua versão sobre a participação nos eventos que narrava; do contrário, por que escrever sobre o que fazia?

Perceber essa dimensão da escrita de Rodolfo Teófilo é uma forma de conferir a ela um caráter de militância, em nome da justiça, da transformação social, mas também de sua própria memória e de seus feitos. As obras eram especialmente planejadas para atingir uma temporalidade que ele sabia não poder controlar; afinal, o que Rodolfo Teófilo quer que o futuro pense dele? Esta questão o inquietava e perpassa grande parte de seus livros.

As constantes críticas e ataques geralmente partiam de inimigos cujo lugar social lhe era superior, portanto ele se via perante o desafio de garantir que sua imagem não fosse deteriorada nem no presente, nem no futuro – ocasiões que tornavam sua escrita uma experiência intensa, quase mística, como fica claro em um episódio narrado pelo próprio Teófilo:

Uma noite, de onze para doze horas, senti que meu corpo crescia. Pouco caso fiz, continuei. Em minutos eu fiquei de um tamanho descomunal. As idéias atropelavam-se, a pena corria sobre o papel não dando vazão a elas. Apavorado com o aumento imaginário de meu corpo, saí da mesa e fui, a montanha que era eu, em rumo do quarto, que ficava a poucos passos até cair na rede. Uma vez deitado, fui diminuindo aos poucos de tamanho até ficar reduzido ao volume normal. O fenômeno ainda se reproduziu duas vezes,

intimidando-me a tal ponto que deixei para sempre de escrever fora de horas.³⁶⁴

Escrita no limiar da mística, quase hagiográfica, este trecho metaforiza seu autor: a escrita agigantava Rodolfo Teófilo diante de seus detratores e diante do tempo, defendendo e perenizando suas memórias para o futuro.

³⁶⁴ TEÓFILO, Rodolfo. *Coberta de tacos*. Fortaleza: Tipografia Moderna, 1932. p. 119.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

*Obras de Rodolfo Teófilo:

TEÓFILO, Rodolfo. *O caixeiro* (Reminiscências) [1927]. Apresentação de Adelaide Gonçalves e Eurípedes Funes. Ed. fac-sim. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2003.

_____. *Cenas e tipos*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1919.

_____. *Coberta de tacos*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1932.

_____. *A fome*. [1890]. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2002.

_____. *História da seca do Ceará (1877-1880)*. [1883]. 2. ed. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922.

_____. *Libertação do Ceará: queda da oligarquia Accioly*. [1914]. Ed. fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001.

_____. *Memórias de um engrossador* (homens e coisas do meu tempo). Lisboa: Tipografia A Editora, 1912.

_____. *Os meus zoilos*. Fortaleza: Tipografia de Carlos Jataí, 1924.

_____. *Reino de Kiato*. São Paulo: Monteiro Lobato & Co., 1922.

_____. *A seca de 1915*. Fortaleza: Tipografia Moderna, 1919.

_____. *A seca de 1919*. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922.

_____. *Secas do Ceará* (segunda metade do século XIX). Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1901.

_____. *A sedição de Juazeiro* (Crimes do governo da República). São Paulo: Monteiro Lobato & Co., 1915.

_____. *Varíola e vacinação no Ceará*. [1904]. Ed. fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997.

_____. *Varíola e vacinação no Ceará* (nos anos de 1905 a 1909). Fortaleza: Tipografia Minerva, 1910.

_____. *Violação*. Fortaleza: Biblioteca da Padaria Espiritual, 1898.

_____. *Violência: Liceu do Ceará*. [1905]. Apresentação de Adelaide Gonçalves. Ed. fac-sim. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.

***Documentos oficiais:**

- *Relatório do presidente da província do Ceará*, Conselheiro Barão de Taquary em 4 de julho de 1871.
- *Relatório do presidente da província do Ceará*, Desembargador Caetano Estellita Cavalcanti Pessoa em 4 de julho de 1877.
- *Relatório do presidente da província do Ceará*, Sr. Dr. José Julio de Albuquerque Barros em 1 de novembro de 1878.
- *Relatório do presidente do estado do Ceará*, Dr. João Tomé Saboya de Silva em 1 de julho de 1917
- *Relatório do inspetor de Higiene Pública*, Dr. João marinho de Andrade, ao presidente do estado Coronel Dr. José Freire Bizerril Fontenelle, em 1894.
- *Ofícios da Câmara Municipal de Ipu*, 1862, 1877.
- *Ofícios da Câmara Municipal de Aracati*, 1873, 1878, 1879.
- *Ofícios da Câmara Municipal de Sobral*, 1855, 1856, 1873.
- *Ofícios da Câmara Municipal de Canindé*, 1856.
- *Ofícios da Câmara Municipal de Crato*, 1856.
- *Ofícios da Câmara Municipal de Russas*, 1856.
- *Ofícios da Câmara Municipal de Saboeiro*, 1856.
- *Ofícios da Câmara Municipal de Milagres*, 1856.
- *Ofícios da Câmara Municipal de Fortaleza*, 1878.

***Jornais de Época:**

O Cearense (1862-1881)

A República (1889-1911)

Jornal do Ceará (1904-1907)

Diário do Ceará (1924, 1926, 1929)

Jornal do Comércio (1924)

O Povo (1928-1932)

***REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

ABREU, Regina. *A fabricação do imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil*. Rio de Janeiro: Lapa; Rocco, 1996.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

ALENCAR, Manuel Carlos Fonseca de. *Adolfo Caminha e Rodolfo Teófilo: a cidade e o campo na literatura naturalista cearense*. Dissertação de mestrado em História – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2002.

ALENCAR, Meton de. *O Sr. Rodolfo Teófilo e a sua obra*. Um estudo crítico pelo Dr. Meton de Alencar. Fortaleza: Tipografia Gadelha, 1923.

ALVES, Joaquim. *História das secas* (séculos XVIII e XIX). [1953]. Ed. fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2003.

Atas das sessões do Instituto do Ceará. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, t. 45, 1931.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec; Brasília: EdUnB, 1993.

BANN, Stephen. *As invenções da história: ensaios sobre a representação do passado*. São Paulo: Edunesp, 1994.

BARBOSA, José Policarpo. *História da saúde pública no Ceará*. Fortaleza: EUFC, 1994.

BARBOSA, Francisco Carlos Jacinto. *Caminhos da cura: a experiência dos moradores de Fortaleza com a saúde e a doença (1850-1880)*. Tese de doutorado em História – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2002.

BEZERRA, Paulo (Org.). *Álbum de Fortaleza*. Fortaleza: Tipografia Meton e Gadelha, 1931.

BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

_____. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). *Uso e abuso da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Os deuses do povo: um estudo sobre a religião popular*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

BRASIL [Filho], Thomaz Pompeu de Sousa. *O Ceará no centenário da Independência do Brasil*. Vol. 2. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1926.

BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Edunicamp, 2004.

BURGUIÈRE, André. Antropologia histórica. In: LE GOFF, Jacques (Org.). *A história nova*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

CAMINHA, Adolfo. *Cartas literárias*. Fortaleza: EUFC, 1999.

CAMPOS, Eduardo. A autenticidade do romance *A fome*, de Rodolfo Teófilo. *Revista Cultura-MEC*, Brasília, a. 10, n. 37, 1981.

_____. *A medicina popular (superstições, credices e mezinhas)*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1955.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARDOSO, Gleudson Passos. *A República das Letras cearenses: literatura, imprensa e política (1873-1904)*. Dissertação de mestrado em História – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2000.

_____. *Padaria Espiritual: biscoito fino e travoso*. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2002.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 11. ed. São Paulo: Global, 2001.

CASTELLO, José Aderaldo. *A literatura brasileira. Origens e unidades*. Vol. 1. São Paulo: Edusp, 2004.

CASTRO, José Liberal de. A cidade: cartografia urbana fortalezense na Colônia e no Império e outros comentários. In: *Fortaleza: a administração Lúcio Alcântara*. Fortaleza: Prefeitura Municipal de Fortaleza, 1982.

CATROGA, Fernando. *Memória, história e historiografia*. Coimbra: Quarteto, 2001.

_____. *Nação, mito e rito. Religião civil e comemoracionismo (EUA, França e Portugal)*. Fortaleza: Nudoc – UFC; Museu do Ceará, 2005.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1982.

_____. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, São Paulo, n. 5, 1991.

_____. O homem de letras. In: *O homem iluminista*. Lisboa: Editorial Presença, 1991.

_____. *A ordem dos livros*. Brasília: EdUnB, 1999.

DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente (1300-1800)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *A interiorização da metrópole e outros estudos*. São Paulo: Alameda, 2005.

ELIAS, Norbert. *Mozart: sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

_____. *O processo civilizador*: vol. 1: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FARGE, Arlette. Do sofrimento. *Lugares para a história*. Lisboa: Teorema, 1999.

FENELON, Déa Ribeiro. *Introdução—Muitas memórias, outras histórias*. In: _____ et al (Orgs.) *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d'Água, 2004.

FERNANDES, Ana Carla Sabino. *A imprensa em pauta: entre as contendas e paixões partidárias dos jornais Cearense, Pedro II e Constituição na segunda metade do século XIX*. Dissertação de mestrado em História – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). *Uso e abuso da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

FIGUEIREDO FILHO, J. de. *Meu mundo é uma farmácia*. Fortaleza: Casa de José de Alencar – UFC, 1996.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

_____. *O nascimento da clínica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

_____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.

GADAMER, Hans-Georg. *O problema da consciência histórica*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. *Relações de força: história, retórica, prova*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GIRÃO, Raimundo. *Geografia estética de Fortaleza*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1959.

GOMES, Ângela de Castro. *Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo* In: _____ (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

GONÇALVES, Adelaide. Muitos typos na educação dos pobres: imprensa e instrução no Ceará de fins do século XIX aos anos 1920. *Documentos – Revista do Arquivo Público do Ceará*, Fortaleza, vol. 2, 2006.

_____. Rodolpho Theóphilo: o protesto da palavra. In: TEÓFILO, Rodolfo. *Violência*. [1905]. Ed. fac-sim. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2005.

_____; SILVA, Jorge E. (Orgs.). *A imprensa libertária no Ceará (1908-1922)*. São Paulo: Imaginário, 2000.

GUAZELLI César Augusto B. (Org.). *Questões de teoria e metodologia da história*. Porto Alegre: Editora da Universidade – UFRGS, 2000.

GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. A cultura histórica oitocentista: a constituição de uma história disciplinar. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.) *História cultural: experiências de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da Universidade – UFRGS, 2003.

HUNT, Lynn (Org.). *A nova história cultural*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LAPLANTINE, François. *Antropologia da doença*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

LAQUEUR, Thomas. Corpos, detalhes e a narrativa humanitária. In: HUNT, Lynn (Org.). *A nova história cultural*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 4. ed. Campinas: Edunicamp, 1996.

_____. (Org.). *A história nova*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. *São Luís: biografia*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

LEMENHE, Maria Auxiliadora. *As razões de uma cidade: conflito de hegemonias*. Fortaleza: Stylus Comunicações, 1991.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). *Uso e abuso da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

LIRA NETO. *O poder e a peste*. A vida de Rodolfo Teófilo. Fortaleza: Demócrito Rocha, 1999.

LOPES, Régis. Esquecer para lembrar, lembrar para esquecer. In: SOUSA, Eusébio de. *Os monumentos do estado do Ceará* (Referência histórico-descritiva). Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.

_____. Rodolpho Theóphilo no Museu do Ceará. In: TEÓFILO, Rodolfo. *O caixeiro* (Reminiscências). [1927]. Apresentação de Adelaide Gonçalves e Eurípedes Funes. Ed. fac-sim. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2003.

MACIEL, Laura Antunes. *Produzindo notícias e histórias: algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa—1880/1920*. In: FENELON, Déa Ribeiro et al (Orgs.) *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d'Água, 2004.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das letras. 2001.

MONTENEGRO, Abelardo F. *Soriano de Albuquerque, um pioneiro da sociologia no Brasil*. 2. ed. Fortaleza: EUFC, 1977.

MONTENEGRO, João Alfredo de Sousa. *História das idéias filosóficas da Faculdade de Direito do Ceará*. Fortaleza: EUFC, 1996.

NOGUEIRA, Alcântara. *O pensamento cearense na segunda metade do século XIX* (em torno do centenário da morte de Rocha Lima). Fortaleza: Instituto Brasileiro de Filosofia – Seção do Ceará; Sociedade Cearense de Geografia e História; Casa de Juvenal Galeno, 1978.

NOGUEIRA, João. *Fortaleza velha: crônicas*. 2. ed. Fortaleza: EUFC; Prefeitura Municipal de Fortaleza, 1980.

NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, 1993.

OLIVEIRA, Caterina Maria de Saboya. *Fortaleza: seis romances, seis visões*. Fortaleza: EUFC, 2000.

OLIVEIRA, Claudia Freitas de. As idéias científicas do século XIX no discurso do Club Literário. In: SOUZA, Simone de; NEVES, Frederico de Castro (Orgs.). *Intelectuais*. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2002.

PASSIANI, Enio. *Na trilha do Jeca: Monteiro Lobato e a formação do campo literário brasileiro*. Bauru: Edusc, 2003.

PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.) *História cultural: experiências de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da Universidade – UFRGS, 2003.

PETER, Jean-Pierre; REVEL, Jacques. O corpo doente e sua história. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Orgs.). *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza Belle Époque: reformas urbanas e controle social (1860-1930)*. 2. ed. Fortaleza: Demócrito Rocha, 1999.

_____. Páginas de fogo e flores. In: TEÓFILO, Rodolfo. *Libertação do Ceará: queda da oligarquia Accioly*. [1914]. Ed. fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001.

PORTO, Eymard. *Babaquara, chefetes e cabroeira*. Fortaleza do início do século XX. Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto, 1993.

QUEIROZ, Rachel de. *Rodolfo Teófilo*. In: BEZERRA, Paulo (Org.). *Álbum de Fortaleza*. Fortaleza: Tipografia Meton e Gadelha, 1931.

REIS, Edilberto Cavalcante. *“Pro animarum salute”*. O Ceará como “vitrine” da romanização no Brasil (1853-1912). Dissertação de mestrado em História – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

REVEL Jacques (Org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

REZENDE, Antonio Paulo. Freyre: as travessias de um diário e as expectativas da volta. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

RIOS, Kênia de Sousa. *Campos de concentração no Ceará: isolamento e poder na seca de 1932*. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2001.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SCHMIDT, Benito Bisso. Biografia histórica e o “retorno” do gênero e a noção de contexto. In: GUAZELLI, César Augusto B. (Org.). *Questões de teoria e metodologia da história*. Porto Alegre: Editora da Universidade – UFRGS, 2000.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Ítala Byanca Morais da. *Tristão de Alencar Araripe e a história do Ceará*. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura do Estado do Ceará. 2006.

SILVA FILHO, Antonio Luiz Macêdo e. *Fortaleza: Imagens da cidade*. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2001.

SOMBRA, Waldy. *A guerra dos panfletos: maloqueiros e cafifins*. Fortaleza: EUFC, 1998.

_____. *Rodolfo Teófilo, varão benemérito da pátria*. Fortaleza: Prefeitura Municipal de Maracanáu, 1997.

SOUSA, Eusébio de. Os monumentos do estado do Ceará (Referência histórico-descritiva). *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, t. 56, 1932.

_____. *Os monumentos do Estado do Ceará* (Referência histórico-descritiva). Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria de Cultura do Ceará, 2006.

STUDART, Guilherme (barão de). *Climatologia, epidemias e endemias no Ceará*: memória apresentada ao 4º Congresso Médico Latino-Americano do Rio de Janeiro. [1909]. Ed. fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997.

_____. *Datas e fatos para a história do Ceará*. Tomo 2. [1896]. Ed. fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001.

_____. *Dicionário biobibliográfico cearense*. Fortaleza: Tipo-litografia a vapor, 1915.

THOMPSON, Edward. *Costumes em comum*: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *Miséria da teoria ou um planetário de erros*: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

VIGARELLO, Georges. *O limpo e o sujo*: a higiene do corpo desde a Idade Média. Lisboa: Editorial Fragmentos, 1988.

XAVIER, Regina Célia Lima. O desafio do trabalho biográfico. In: GUAZELLI, César Augusto B. (Org). *Questões de teoria e metodologia da história*. Porto Alegre: Editora da Universidade – UFRGS, 2000.

Os zigzagues do Dr. Capanema: ciência, cultura e política no século XIX. Estudo introdutório e notas de Maria Sylvia Porto Alegre. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.